

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

NAÍRA CORRÊA DAUBERMANN

**PRÁTICAS DE ESCRITA ORDINÁRIAS DE MULHERES NEGRAS:
MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE SI**



**PORTO ALEGRE
2020**

NAÍRA CORRÊA DAUBERMANN

**PRÁTICAS DE ESCRITA ORDINÁRIAS DE MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS
NARRATIVAS DE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Stephanou

Linha de pesquisa: História, Memória e Educação.

Porto Alegre
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Daubermann, Naira Corrêa
Práticas de escrita ordinárias de mulheres negras:
memórias e narrativas de si / Naira Corrêa Daubermann.
-- 2020.
322 f.
Orientadora: Maria Stephanou.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. práticas de escrita ordinárias. 2. escrita de
mulheres negras. 3. escrita de mulheres quilombolas.
4. memória e narrativa. 5. alfabetização. I.
Stephanou, Maria, orient. II. Título.

NAÍRA CORRÊA DAUBERMANN

**PRÁTICAS DE ESCRITA ORDINÁRIAS DE MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS
NARRATIVAS DE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Profa. Dra. Maria Stephanou – Orientadora

Profa. Dra. Zita Possamai

Profa Dra. Leni Vieira Dornelles

Profa Dra. Carolina Monteiro



Ilustração digital de Magnólia Dobrovolski, 2018

[...] uma escrita desse tipo ultrapassa o momento em que se escreve: ela trabalha dentro de nós durante o dia. Não é mais uma “técnica”, mas se torna uma maneira de viver, uma ética E é preciso que se diga também, um prazer. (LEJEUNE, 2014, p. 333)

AGRADECIMENTOS

Tantas pessoas têm abençoado meus passos, com suas palavras, gestos, afetos, paciência, respeito, gentilezas, enfim, a arte de conviver, que é difícil mencionar todas em uma página. Por isso quero começar agradecendo de forma geral, a todos com quem já partilhei estórias, histórias, tempo, trabalho, lazer, estudo, aprendizados... enfim, um pouco da composição de quem sou hoje, é graças a todos estes encontros.

Agradeço especialmente às pessoas que coloriram minha vida nos últimos dois anos e meio. À professora Maria Stephanou, pelo privilegio de ser sua orientanda. Pela generosidade de partilha, pelo convívio nas aulas, na orientação e na vida. Pelo seu conhecimento, dedicação, motivação e compromisso com a pesquisa. Também pela sua afetividade, respeito, incentivo e sabedoria, que me fizeram uma pessoa melhor.

Agradeço às professoras Carolina Monteiro, Leni Dornelles e Zita Possamai, pela leitura dedicada e as contribuições realizadas ao projeto de pesquisa e ao texto final da dissertação.

Agradeço ao grupo de orientação da linha História, Memória e Educação, que fizeram a vida acadêmica mais prazerosa, pela oportunidade de compartilhar mais que o tempo das aulas, aprendizados e leituras, a acolhida, incentivo, respeito e carinho.

À UFRGS, instituição que me acolheu desde minha chegada em Porto Alegre, e ao PPGEdU, onde fui aluna PEC antes de ser mestranda. Agradeço a todos os professores do PPGEdU com quem cursei disciplinas e que de alguma forma contribuíram para meu aprimoramento teórico e metodológico quanto à pesquisa acadêmica. Agradeço de forma geral a todos os funcionários que compõem esta instituição em sua excelência.

Agradeço especialmente às mulheres que participam aqui da pesquisa: Maria Joaquina, Marilene, Maria, Fênix e Maria Emília.

Agradeço aos colegas de trabalho do INCRA/RS, especialmente do Setor Quilombola, pelo respeito, compreensão, incentivo e amorosidade em muitos momentos.

Agradeço aos meus pais Elvira e Dorli pelo amor incondicional, e às minhas irmãs Daiane, Elaine e Elayre pela paciência e generosidade em aceitarem minhas escolhas permanecendo do meu lado, por mais que eu tenha mudado de direções ao longo da minha vida. Por fim, agradeço ao companheiro Dionísio, que acolhe tantos sonhos meus e compreendeu os momentos de renúncia familiar para a minha realização como pesquisadora. E então, à filha Clara, motivação de minha vida ordinária.

RESUMO

Esta dissertação apresenta as práticas de escrita ordinárias realizadas por cinco mulheres negras ou quilombolas, da capital e interior do estado do Rio Grande do Sul, nascidas entre as décadas de 1940 e 1970. A partir de seus manuscritos, problematizo os conceitos de escrita de si e práticas de escrita ordinárias. Para tanto, esta pesquisa filia-se no campo da História Cultural e História da Cultura escrita, relacionando-se também com a História da Educação. Como aporte teórico, inspira-se especialmente em Roger Chartier, Antonio Castillo Gómez e Philippe Lejeune. O processo de pesquisa convidou-me a pensar nas reminiscências da memória, que de forma não controlada, podem vir à tona quando se pergunta sobre o passado. Das reminiscências de lembrança, com as quais produzimos nossas identidades, participam também silêncios e esquecimentos. Assim, a empiria é composta por materialidades e gêneros textuais diversificados, realizados no período de 1970 a 2019. Escrevem em busca de uma escuta? Um pedido de ajuda? Um desejo de lembrança para o futuro? Uma função social? A análise aqui realizada permite dizer as especificidades de sua produção material guardam relações com o grupo social de pertencimento, o grau de escolaridade e a relação pessoal com as práticas de leitura e escrita. Não se pode dizer que representam todas as práticas de escrita realizadas pelas mulheres da pesquisa ao longo de suas vidas. Mas o *corpus* empírico convida a refletir sobre o desejo de narrar-se, o gesto de produção, os significados de guardar... a produção de uma memória do cotidiano.

Palavras-chave: práticas de escrita ordinárias; escrita de mulheres negras; escrita de mulheres quilombolas; memória e narrativa; alfabetização.

ABSTRACT

This dissertation presents the common writing practices performed by five black or quilombola women, from the capital and interior of the state of Rio Grande do Sul, born between the decades of 1940s and 1970s. From their manuscripts, I problematizo the concepts of writing themselves and ordinary writing practices. For that, this research is affiliated in the field of Cultural History and History of Written Culture, also relating to the History of Education. As a theoretical contribution, it is especially inspired by Roger Chartier, Antonio Castillo and Philippe Lejeune. The research process invited me to think about the reminiscences of memory, which in an uncontrolled way, can come to the fore when asked about the past. From the reminiscences of remembrance, with which we produce our identities, are presents also silences and forgetfulness. Thus, empiria is composed of diversified texts materialities and genres, performed from 1970 to 2019. Do they write in search of a wiretap? A request for help? A desire for remembrance for the future? A social function? The analysis here allows us to say the specificities of its material production have relationships with the social group of belonging, the degree of education and personal relationship with reading and writing practices. It cannot be said that they represent all writing practices performed by the women of the research throughout their lives. But the empirical corpus invites us to reflect on the desire to narrate, the gesture of production, the meanings of saving... the production of a memory of everyday life.

Keywords: writing practices ordinary; writing of black women; writing of quilombola women; memory and narrative; literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Textos espiritualistas e contos (s/d) de Kina.....	82
Figura 2 – Acróstico Liberdade (s/d) de Kina.....	83
Figura 3 – Alguns textos de expressões populares (s/d) de Kina	85
Figura 4 – Culinária, Crendices e Simpatias (s/d) de Kina	87
Figura 5 – Parte do texto “O escuro do futuro”	90
Figura 6 – Parte do texto “Medo, disciplina, União – amor e liberdade”	91
Figura 7 – Parte do texto “O som e o silêncio”	92
Figura 8 – Registros da escrita de si, de Kina	96
Figura 9 – Páginas 5 e 6 do conjunto de 21 páginas	99
Figura 10 – Páginas 13 e 14 do conjunto de 21 páginas	100
Figura 11 - Páginas 19 e 20 do conjunto de 21 páginas	101
Figura 12 – Página 21 – final do conjunto de 21 páginas	102
Figura 13 – Os suportes materiais que acolheram as práticas de escrita de Marilene	108
Figura 14 – Amostra dos manuscritos de Marilene	109
Figura 15 – Calendário de mesa, tipo bloco de notas(1979-1980), de Marilene	110
Figura 16 – Cartões, adesivos e papéis de carta enviados à L.	116
Figura 17 – Capas dos Cadernos Vida I, Vida II e Vida III	120
Figura 18 – Contracapas dos Cadernos Vida I, Vida II e Vida III	120
Figura 19 – Interior da Capa e Primeira página dos Cadernos Vida II	121
Figura 20 – Os carimbos do Movimento Negro em destaque nos cadernos Marilene 1993..	124
Figura 21 – Caderno “Vida I” (1993) de Marilene - Página de abertura	126
Figura 22 - Caderno Vida I (1993) de Marilene – página 1: O início de uma seqüência	129
Figura 23 – Caderno Vida I (1993) de Marilene – Página: Datas, livros e sinais	130
Figura 24 – Os cadernos IV e V (1993 e 1994) de Marilene – Capas	132
Figura 25 – Cadernos IV (1993) de Marilene - A primeira página	134
Figura 26 – Mensagem sobre a confiança	135
Figura 27 – Mensagem: a paz esteja comigo	135
Figura 28 – Caderno V (1994) de Marilene - registros a lápis	136
Figura 29 – Caderno V (1994) de Marilene - Poucas rasuras	138
Figura 30 – Caderno IV (1993) de Marilene – Anexo: um desenho	139
Figura 31 – Capa e contracapa do Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene	142
Figura 32 – Caderno VI (1996-1999) de Marilene - A conservação de um bilhete recebido	143

Figura 33 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene - registros de inspiração religiosa	144
Figura 34 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene - Santos, astros e lembranças	145
Figura 35 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene - registros de um sonho	146
Figura 36 – Agenda 1992 de Marilene – Capa	147
Figura 37 – Agenda de 1992 de Marilene - a presença de uma filha, em declaração (17/07/1992)	150
Figura 38 – Agenda 1992 de Marilene – desejo de ir na mostra de arte (30/06/1992)	151
Figura 39 – Agenda 1992 de Marilene – referência a Zumbi dos Palmares (20/11/1992) ...	151
Figura 40 – Agenda 1992 de Marilene – <i>Feedback</i> de seus projetos para si (24//11/1992)...	151
Figura 41 – Agenda 1992 de Marilene – Sem medo de ser feliz (14/12/1992)	152
Figura 42 – Agenda 1992 de Marilene – Reflexão de um livro de espiritualidade (19/12/1992).....	152
Figura 43 – Capas dos suportes de escrita para os registros de Maria (1972; 2015; 2017)...	159
Figura 44 – Agenda 2015 de Maria – Ano novo (01/01/2015)	164
Figura 45 – Agenda 2015 de Maria – Registro de um sonho (04/12/2015)	164
Figura 46 – Agenda 2015 de Maria – Versículos bíblicos (12 e 13 /01/2015)	165
Figura 47 – Agenda 2015 de Maria – Jejum com um objetivo: pela obra (03/08/2015)	165
Figura 48 – Agenda 2015 de Maria – “Estudei” (25/02/2015)	166
Figura 49 – Agenda 2015 de Maria – “Estudar” (26/03/2015)	166
Figura 50 – Agenda 2015 de Maria – Jejum e Almoço (15 e 16/08/2015)	168
Figura 51 – Agenda 2015 de Maria – Certificação (10/12/2015)	168
Figura 52 – Agenda 2017 de Maria – Página de identificação	172
Figura 53 – Agenda 2017 de Maria – Tabelas e Planejamento Mensal	172
Figura 54 – Agenda 2017 de Maria – “para a dor passar” (16/02/2017)	173
Figura 55 – Agenda 2017 de Maria – Pedido pelas enfermidades (17/03/2017)	173
Figura 56 – Agenda 2017 Maria – Bilhetes avulsos no interior da contracapa	176
Figura 57 – Agenda 2017 de Maria – Uma das páginas de dados telefônicos	176
Figura 58 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Capa	179
Figura 59 - Caderno de músicas (1972) de Maria – nome e data	180
Figura 60 - Caderno de músicas (1972) de Maria – A primeira página, a primeira música...181	
Figura 61 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Espaços para um novo nome.....	182
Figura 62 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Sem título ou nome de intérprete, mas com espaço para adicionar	185
Figura 63 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Uso misto de canetas	186
Figura 64 – Caderno de músicas (1972) de Maria - O uso de clips – seria um destaque?....	187

Figura 65 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Presença de Roberto Carlos	188
Figura 66 – Exemplos de agendas escolares, encontradas no Google.....	200
Figura 67 – Agenda 2008 de Fênix – Capa e contracapa	201
Figura 68 – Agenda 2008 de Fênix – Desenhos e escrita de si (página de 14-15/10/2008)...	205
Figura 69 – Capa e contracapa da Agenda 2012 de Fênix	209
Figura 70 – Agenda 2012 de Fênix – Lista de UBSs e Datas de aniversários	209
Figura 71 – Agenda 2012 de Fênix – O lugar de um sonho	210
Figura 72 – Agenda 2012 de Fênix – Agendando uma programação	210
Figura 73 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Capa e contracapa	212
Figura 74 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Folha de identificação	212
Figura 75 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Criar grupo Ministério das Comunidades Negras, Quilombolas e Estudantes Africanas e Verso do panfleto	215
Figura 76 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Mensagem motivacional	215
Figura 77 – Capa e contracapa da Agenda Devocional (2015) de Fênix	219
Figura 78 – Agenda Devocional (2015) de Fênix – Desenhos infantis (três páginas no mês de fevereiro 2015 e em duas páginas no mês de setembro 2015).....	219
Figura 79 – Agenda Devocional (2015) de Fênix – Metas para o ano novo	224
Figura 80 – Agenda Devocional (2015) de Fênix – Esperanças para 2016	224
Figura 81 – A capa das agendas e um caderno de Fênix – tamanho pequeno	226
Figura 82 – Caderno “Atrevida” (2011) de Fênix – “em oração de graça”	227
Figura 83 – Conjunto de sete cadernos de Fênix – Capas	230
Figura 84 – Caderno 1 (2003) de Fênix – Retrospectiva 2001 e 2002	231
Figura 85 – Caderno 1 (2003) de Fênix – Desenhos e receita de cuca	232
Figura 86 – Caderno 2 (2018) de Fênix – Página com poema	234
Figura 87 – Caderno 3 (2000) de Fênix – Conjunto de desenhos	238
Figura 88 – Caderno 4 (2008) de Fênix – Conjunto de seis desenhos	242
Figura 89 – Caderno 4 (2008) de Fênix – O contexto de um dos desenhos	243
Figura 90 – Caderno 5 (2017) de Fênix – desenhos para EBD Juniores	245
Figura 91 – Caderno 5 (2017) de Fênix – desenhos durante as aulas de EBD	246
Figura 92 – Caderno 5 (2017) de Fênix – Lista de atividades pessoais	246
Figura 93 – Caderno 5 (2017) de Fênix – Atividade com as crianças	247
Figura 94 – Caderno 6 (2015) de Fênix – “Orando”	251
Figura 95 – Caderno 6 (2015) de Fênix – aula de crioulo	251
Figura 96 – Caderno 6 (2015) de Fênix – Desenhos diversos durante as aulas	252

Figura 97 – Caderno 7 (2011) de Fênix – “Não vou escrever minha biografia”	258
Figura 98 – Painel de atividades no salão da Associação Comunitária Quilombola de pertencimento de Emília, no interior em Piratini/RS	263
Figura 99 – Registros nos armários da Associação Quilombola de M. Emília	264
Figura 100 – Fitas e escritas nos armários da Associação Quilombola de M. Emília	264
Figura 101 – O conjunto dos suportes de escrita de Maria Emília	267
Figura 102 – Caderno questionário (1985) de Marília Emília – Capa e contracapa	269
Figura 103 – Caderno questionário (1985) de Maria Emília: Primeira página	270
Figura 104 – Caderno questionário (1985) de M. Emília: A imagem de si, pelo outro	274
Figura 105 – Caderno questionário (1985) de Marília Emília – Deixe aqui sua mensagem..275	
Figura 106 – Caderno questionário (1985) de Marília Emília:Sua homenagem aos amigos.276	
Figura 107 – Caderno questionário (1985) de M. Emília:Homenagem de amigos fs.12-13..279	
Figura 108 – Caderno questionário (1985) de M. Emília – Homenagem de amigos, fl. 09...280	
Figura 109 – Caderno questionário (1985) de M. Emília – Homenagem de amigos, fl.20.. 281	
Figura 110 – Caderno questionário (1985) de M. Emília – Homenagem de amigos, fl. 25..282	
Figura 111 – Caderno questionário (1985) de M. Emília – Última página	283
Figura 112 – Caderno de receitas 1 (s/d) de Maria Emília – desenhos infantis	286
Figura 113 – Caderno de receitas 1 (s/d) de Maria Emília – outra caligrafia no título	286
Figura 114 – Caderno de receitas 1 (s/d) de Maria Emília – espaço adaptado e letra infantil	287
Figura 115 – Caderno de receitas 2 (s/d) de Maria Emília – Receitas	289
Figura 116 – Caderno de receitas 2 (s/d) de Maria Emília – O último registro	289
Figura 117 – Caderno de receitas 2 (s/d) de Maria Emília – Algumas receitas “avulsas” ...	291
Figura 118 – Caderno de receitas 3 (s/d) de Maria Emília – Primeira página	293
Figura 119 – Caderno de receitas 3 (s/d) de Maria Emília – Páginas com receitas	293
Figura 120 – Coleção de receitas (s/d) de Maria Emília – Manuscritas	294
Figura 121 – Capa da agenda de 1954, da mãe de Úlima	318
Figura 122 – Anotações no interior da agenda de 1954, da mãe de Úlima	319
Figura 123 – Outros registros na Agenda de 1954 que pertenceu à mãe de Úlima	320
Figura 124 – Cartilha “Dadá e seus amiguinhos”, produzida por Úlima em 1972	321
Figura 125 – Excertos da poesia “Axé”, de autora de Carolina (pseudônimo), publicada em Rocha (2016, p. 30)	322

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de dissertações e teses inspiradoras à dissertação	49
Quadro 2 – As mulheres convidadas à pesquisa	50
Quadro 3 – Registros de Kina em nove folhas pautadas	81
Quadro 4 – Registros de Kina em folhas pautadas (agenda 2015)	84
Quadro 5 – Registros de Kina realizados em folhas A4 – Diversos temas	86
Quadro 6 – Contos e reflexões de Kina: seis conjuntos	88
Quadro 7 – Escrita de si e escritas do eu, de Kina	93
Quadro 8 – Escritas de si, de Kina.....	63
Quadro 9 – Os manuscritos de Marilene	107
Quadro 10 – As correspondências de Marilene para a primogênita (1988-1993)	114
Quadro 11 – Os cadernos para “registro das ajudas do Alto de Marilene	127
Quadro 12 – Outros cadernos para registros de leituras e escritas de Marilene	132
Quadro 13 - Quantidade de dias dos meses com registros na Agenda 2015 de Maria	161
Quadro 14 – Quantidade de dias dos meses com registros na Agenda 2017 de Maria	170
Quadro 15 - Os suportes de escrita de Fênix	199
Quadro 16 – Manuscritos analisados	314

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

FCP – Fundação Cultural Palmares

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PPGEDU – Programa de Pós-graduação em Educação

RS – Rio Grande do Sul

RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos

UFPEl – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	19
POR QUE AS ESCRITAS ORDINÁRIAS?	29
As escritas ordinárias das pessoas comuns	35
Reflexões sobre Memória e narrativa	40
APONTAMENTOS DA LITERATURA ACADÊMICA	43
PERCURSOS INICIAIS DA PESQUISA	50
Primeiro vieram os silêncios	52
Oportunidades, Recusas, Possibilidades e Confirmações	54
MULHERES NEGRAS E SUAS PRÁTICAS DE ESCRITA: MARCAS DO TEMPO, MEMÓRIAS E RASTROS DE SI	73
Tempos e pensamentos de Maria Joaquina (Kina)	74
Mil e uma frações de Marilene	105
Composições da vida de Maria	154
Linhas de esperança de Fênix	193
Ingredientes escolhidos por Maria Emília	259
Fragmentos, lembranças, traços de vidas: reflexões sobre as escritas	296
CONSIDERAÇÕES FINAIS	301
REFERÊNCIAS	305
APÊNDICE A – Quadro-resumo dos manuscritos cedidos à pesquisadora	314
ANEXO A – Termo de Consentimento	317
ANEXO B – Registros que não compuseram a empiria	318

APRESENTAÇÃO

Início a tessitura da dissertação com algumas linhas sobre minha trajetória pessoal e profissional com o objetivo de permitir ao leitor aproximar-se do lugar de pesquisadora que ocupo neste texto.

Começo apresentando minha formação acadêmica. Sou graduada em Ciências Sociais (2006) e Pedagogia (2013). Cursei duas especializações, uma na área de “História, memória e educação” (2009), e outra na área de “Arqueologia e Patrimônio” (2017). Ingressei no curso de Mestrado em Educação no segundo semestre de 2017, na linha de pesquisa “História, Memória e Educação”. Não possuía um projeto definido, mas o anseio de trabalhar sobre a vida e memórias de comunidades quilombolas, tema relacionado à minha prática profissional como servidora do INCRA/RS desde 2014, onde atuo no Serviço de Regularização Fundiária de territórios quilombolas.

No primeiro semestre do curso de mestrado, fui aluna da disciplina “Pesquisa em História e Educação: objetos e questões na contemporaneidade”. Um dos textos de referência foi o artigo “Arquivar a própria vida”, de Philippe Artières (1998), que capturou minha atenção para pensar a construção da identidade individual através dos documentos reunidos ao longo da vida. Desde o nascimento e para uma certa “defesa” da própria existência, diversos documentos formais nos acompanham, como documentos de registro civil, comprovantes de endereço, atestados escolares, carteira de trabalho, documentos bancários, fichas médicas, etc. Além destes, ressalta Artières (Ibid.), no banal do cotidiano produzimos documentos para consumo próprio, como diários, cadernos de memórias, cadernos de viagens, agendas pessoais, cadernetas de telefones, entre outros. Segundo Artières (1998), estes documentos também têm muito a dizer sobre nós, quem fomos e o que somos, e não somente os documentos oficiais.

Senti-me especialmente identificada com uma passagem de texto do autor em que é referido ao hábito de presentear os adolescentes com diários, no intuito de estimular a escrita reflexiva dos próprios gestos. Ganhei um diário aos 15 anos, que me acompanhou durante a adolescência e os primeiros anos da faculdade, quando foi “preterido” em nome dos trabalhos acadêmicos. Mas não foi esquecido, conservo-o intacto mesmo após muitas mudanças de residência. Após ler o artigo de Artières (1998), busquei este diário e ao relê-lo ativei lembranças da ansiedade por escrever, especialmente para esparecer meu temperamento colérico na época. Este artefato preserva bilhetes trocados em festas, traz à tona

pensamentos sobre algumas relações que travei, aflições e muitas dúvidas da adolescência. Em minha experiência, foi um confidente importante – ainda que sem chave – que muito apoiou a formação da minha identidade.

A prática de escrita de um diário pessoal foi importante para mim e provavelmente para muitas pessoas. Lejeune (2014) se tornou um pesquisador referência sobre o tema, como abordarei ao longo da dissertação. Mas as práticas de escrita presentes no cotidiano não se resumem aos diários. Bilhetes, correspondências, álbuns de família, livros de contas, cadernos de receitas, também recebem marcas das nossas existências.

Realizar esta dissertação permitiu-me ampliar ricamente o olhar sobre este tema. Conservar as materialidades de nossos registros ordinários, produzidos no cotidiano, pode ser uma forma de constituir um acervo que no futuro possibilitará a narração sobre as escolhas feitas na vida. Através da pesquisa que aqui apresento, tive oportunidade de conhecer as “coleções de si” realizadas por cinco mulheres que, de formas diversas – atravessadas por suas relações pessoais, profissionais, grupos de pertencimento, oportunidades de estudo, condições materiais e outros – realizaram uma produção de si.

Diversos suportes em papel – hoje muito mais acessível do que no passado – podem recepcionar confidências, sonhos e projetos pessoais. Na relação epistolar, estes “passos” podem ser ampliados, a partir da leitura atenta de outrem. Lembro agora da minha relação epistolar mais duradora, com uma tia paterna, Dulce, que durou aproximadamente cerca de quinze anos, tendo iniciado por volta dos onze anos. Acredito que esta relação pessoal, além de constituir minha identidade, influenciou também o afeto que tive ao trabalhar sobre as práticas de escrita ordinárias de mulheres nesta dissertação. Abaixo exponho um pouco mais sobre esta minha relação pessoal.

Meus pais gaúchos migraram sozinhos para o interior de São Paulo na década de 1970. Cresci longe de tios e primos, e a troca de correspondências com a tia antes evocada, foi muito importante para estabelecer vínculos com aqueles que eu não conhecia pessoalmente. Minha tia escrevia sobre os acontecimentos na vida dos filhos, o trabalho como professora, os cuidados com a casa, os irmãos (meus tios paternos) e pedia notícias de minha mãe, pai e irmãs. Esta relação epistolar levou-me a considerá-la minha tia mais querida. Além de palavras, ela remetia também pequenos mimos, como terço, livros de bolso, fotografias e lembrancinhas de aniversários. Numa época em que o telefone era um veículo de comunicação de custo mais elevado, antes da virada do século XXI, nossas cartas eram aguardadas de forma mútua. Foram também um elo para enviar notícias aos dois lados da família. As mensagens trocadas eram mais que palavras, pois vinham acompanhadas de

muitos gestos e escolhas. Lembro de colecionar os aerogramas dos Correios, que a cada ano possuíam novas imagens temáticas no período de Natal. Recordo ainda de continuar escrevendo para minha tia, mesmo quando mudávamos de cidade. Ela, muitas vezes, foi minha confidente. Estava aberta a quaisquer perguntas. Estimulava os estudos, a oração e o cuidado com a família. Se por vezes me sentia sozinha, carente ou chateada, dedicar-me a responder as cartas era um excelente pretexto para pensar em outros temas. E nesta “brincadeira”, interessante e despropositadamente, ia formando também meus traços de personalidade.

O curso de mestrado me trouxe acesso a muitos textos em que fui costurando esta narrativa sobre as práticas de escrita ordinárias e a história da cultura escrita. A temática da dissertação se abriu a partir da orientação da professora Maria Stephanou. Com seu *feeling* de pesquisadora, apresentou-me textos de Antonio Castillo Gómez e José Ignacio Robledo, que problematizam as práticas de escrita para diferentes grupos sociais. Indicou também a leitura de Ângela de Castro Gomes, Maria Teresa Santos Cunha, Lilian Maria de Lacerda e Michelle Perrot, que estimularam o desejo de trabalhar a produção escrita das mulheres. Pouco a pouco os temas foram se entrelaçando com minha experiência profissional, com as comunidades quilombolas e a população negra, que ainda não usufruí dos mesmos espaços e oportunidades de narração de suas histórias. Esta dissertação pode, ainda, alargar as vozes destes grupos sociais.

Acredito que estas primeiras palavras possibilitam aos que vão se dedicar às próximas páginas, compreender um pouco como foi especial para mim pesquisar sobre as práticas de escrita ordinárias e suas incidências sobre o processo de formação identitária, em especial das mulheres negras. Minha pesquisa, em certa medida, focaliza também a história de nosso país, construído e entrelaçado pelas mãos de origem africana.

INTRODUÇÃO

Lembrar-se. Construir-se. Partes de um passado que se reúnem inexatas. Somos um pouco como os outros lembram-se de nós. Somos um pouco como nós lembramo-nos de nós mesmos num tempo que já foi. Somos um pouco nós; somos um pouco os outros. Contornos, esboços imprecisos. (ANGELINI, 2017, p. 192).

Abordarei nesta seção algumas das motivações desta dissertação. Como citado na epígrafe, são “partes de um passado” que se sobressaem na superfície de um mar de lembranças e que se modificam com a própria caminhada da pesquisa. “Somos um pouco nós; somos um pouco os outros”.

Entre as primeiras motivações para esta pesquisa, destaco o interesse em trabalhar com os temas de história e memória das comunidades remanescentes de quilombos¹ – doravante referidas somente comunidades quilombolas – no Rio Grande do Sul, público com o qual trabalho desde janeiro de 2014, quando assumi, por concurso, o cargo de Analista do INCRA/RS². Nas políticas públicas voltadas às comunidades quilombolas, é central a relação entre autorreconhecimento, identidade, memória e territorialidade. As memórias ressaltadas pelas comunidades têm relação com a escravização brasileira. Assim, é imprescindível a relação com a história, de onde decorre meu interesse pela linha de pesquisa “História, Memória e Educação”, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS.

Nas comunidades quilombolas, o acesso à escolarização é um pleito³ do passado e do presente. É frequente nos relatórios antropológicos⁴ a menção aos esforços e às

¹ O governo brasileiro estabeleceu, através do Decreto nº 4887/2003 as normativas para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o artigo 68 dos Atos Disposições Constitucionais Transitórias. Na esfera federal, atribuiu esta função ao INCRA, sem prejuízo da competência concorrente dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2º traz: “Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.” (BRASIL, 2003, p. 1)

² Esta autarquia federal possui 30 superintendências regionais em todo o país, no mínimo uma nos 27 estados brasileiros. Apesar de trabalhar com uma política pública nacional, minha experiência até o momento abrange a unidade do Rio Grande do Sul, razão pela qual utilizo INCRA/RS em vários momentos.

³ Entre as lutas pela ampliação do acesso à educação, destaco duas conquistas: a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, pelo Parecer CNE/CEB nº 16, de 5 de junho de 2012 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, aprovada pela Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Destarte as dificuldades de acompanhamento quanto à aplicação das legislações educacionais – como ocorre com as leis nºs 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e 11.645, de 10 de março de 2008, que incluíram a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena –, destaco que são normativas aprovadas no século XXI, um indício de que as representações do passado, impressas nas legislações, estão sendo tensionadas por outros atores no tempo presente.

⁴ O Relatório Antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural, neste trabalho nominado apenas “relatório antropológico”, constitui a primeira peça técnica para a elaboração do Relatório

dificuldades vividas pelas famílias quilombolas para manterem seus filhos na escola, das quais destaco: a distância geográfica – que, especialmente no passado, representava longas caminhadas a pé, sujeitas às condições do tempo –, a priorização do trabalho em detrimento dos estudos e as situações de racismo vivenciadas no ambiente escolar.

Por outro lado, quando os relatórios antropológicos mencionam o “pouco estudo” das famílias quilombolas no estado do Rio Grande do Sul, outros dados podem ser subtendidos: a) que algumas crianças frequentaram a escola, mesmo num tempo em que o acesso à escola era mais restrito, antes da década de 1960; e b) o reconhecimento das famílias quilombolas quanto à importância da formação escolar.

Um dos aprendizados mais significativos da formação escolar é a alfabetização e a habilitação para a comunicação escrita. Segundo Goody (1986, p. 54), “Em diferentes sociedades a escrita é utilizada para fins muito diferentes.” . Nas sociedades gráficas, ser alfabetizado é essencial para gozar de outras oportunidades na vida. Ao examinar a expansão da alfabetização ocorrida no século XVIII, no território hoje conhecido como a França, Daniel Roche demonstra que os aprendizados da leitura e escrita simbolizam uma transformação social, onde “[...] a posse do impresso e o ingresso na escrita fazem-se acompanhar, quase sempre, dos sinais de uma cultura que se individualiza e de melhores maneiras de viver.” (ROCHE, 1996, p. 199). Por ampliar o acesso a outras relações de aprendizados, o conhecimento letrado é também um instrumento de poder.

O conhecimento das letras pode ampliar os aprendizados sobre o mundo exterior aos indivíduos, mas também sobre o próprio mundo interior. Este conhecimento do mundo interior, explica Foucault, era uma busca dos homens gregos na antiguidade clássica, que o faziam a partir de diferentes práticas de cuidados de si, entre elas, a escrita. Nessa premissa, um caminho para o autoconhecimento é “pôr-se por escrito”. A escrita de si funcionava, para os homens gregos, como um exercício autocontrole, do corpo e do espírito, de forma individual: “o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; [...]” (1992, p. 130). No ensaio *A escrita de si*, Foucault deixa ver a convivência entre as práticas de escrita e os diferentes suportes, por exemplo: a correspondência, os livros de contabilidade, os registros notariais, os cadernos pessoais. Embora diferentes materialidades, relacionadas a diferentes motivações de registro – cultivar amizades, acompanhamento contábil, familiar ou da vida pública –, a prática de

escrita era um convite ao exercício de reflexão da consciência de si.

Este exercício sobre a consciência de si, que requer disciplina e constância, constitui uma possibilidade de criar, inventar e narrar a própria vida, “fugindo” ou ficcionalizando um espaço diferente das histórias que os outros narram de nós. Eugenio Tries reflete que “somos sujeitos de narração, e sujeitos referidos pelas narrações que outros contam de nós. Nossas vidas são relatos.” (TRIES, 2003, p. 156 *apud* BOLIVAR, 2018, p. 18). Assim, escrever a própria narrativa pode ser uma forma de se relacionar com a história que os outros narram sobre nós. Nas palavras de Foucault, a escrita por si e para si seria uma “arte da verdade contrastiva” (FOUCAULT, 1992, p. 141).

Esta “verdade contrastiva” com a história que outros narram sobre nós pode ser um território de criação, um espaço de autoria. Não ocorre apenas nos livros de memórias e autobiográficos. Defendo que as práticas de escrita ordinárias, cotidianas, propiciam que deixemos rastros de um possível espaço para narração e invenção de si. Práticas de escrita preenchem a vida ordinária, embora sejam vistas como “ação menor”. Uma lista de supermercado, o bloco de anotações, a agenda de compromissos, o álbum de fotografias da família, o caderno de contas domésticas, o livro de receitas, o caderno de música, etc, podem oferecer superfícies para, entre outros registros, depositarmos registros de memórias, manuscritos de oração ou de reflexão envolvendo o si mesmo, as preces e súplicas, os exames de consciência, as anotações de sentimentos, sonhos e desejos. Ordinários, intercalados a outros temas preponderantes, em geral nos passam despercebidos.

Alinhada à minha perspectiva profissional junto às comunidades quilombolas, meu interesse foi pensar as práticas de escrita ordinárias realizadas pelas mulheres quilombolas, com atenção àquelas práticas de escrita relacionadas à esfera do privado, que não estão – nem são - dadas a ver com facilidade.

Houve um processo, um itinerário de avanços, recuos, paradas, esperas e respostas. Iniciei a pesquisa exploratória em abril de 2018. Busquei as práticas de escrita através de três contatos, de forma mais direta: a) pessoalmente, durante as atividades profissionais, com as mulheres⁵ de algumas comunidades quilombolas; b) por telefone, com uma liderança da comunidade de Rincão da Faxina, em Piratini/RS; e c) através da troca de e-

⁵ Pela minha experiência profissional, afirmo que majoritariamente são as mulheres que lideram as atividades das comunidades quilombolas. Frequentemente elas são a maioria dos presentes em reuniões, e talvez por isso me vi, neste primeiro momento, abordando as mulheres e não os homens. Sobre a atuação feminina nas comunidades quilombolas, destaco três pontos da pesquisa de Heron Lisboa de Oliveira (2014): a) maior presença nas atividades da comunidade (p. 31); b) protagonismo na formação e continuidade das comunidades (p. 41; 52); c) a descendência matrifocal quanto às lideranças (p. 55; 57).

mails com a professora da UFPel Rosane Rubert, que desenvolve pesquisa junto às comunidades quilombolas há mais de uma década. A resposta de todas essas interlocuções foi, de início, negativa quanto à existência de registros escritos. Tal resposta pareceu-me insuficiente, justamente porque havia indícios indiretos e singelos do convívio com a cultura escrita, tal como a existência de uma biblioteca no espaço de socialização da comunidade de Peixoto Botinhas, para evocar um breve exemplo.

Insisti pensar sobre a existência de práticas de escrita ordinárias realizadas pelas mulheres quilombolas. Havia, a partir das recusas recebidas, novas questões: será que algumas práticas de escrita, competência geralmente aprendida na escola, como o registro de bilhetes, a troca de cartas e postais, os cadernos transformados em agendas, e até diários, o caderno de músicas, os questionários, e outros, foram objetos de uso apenas das classes médias e altas? Foram objetos apenas do meio urbano, não alcançando as comunidades rurais? Foram objetos que não se expandiram além das esferas do privilegiado lazer intelectual? Quais teriam sido as possibilidades materiais para o acesso a suportes de escrita pelas mulheres das camadas populares, como das comunidades quilombolas?

A exemplo da existência de uma pequena biblioteca na comunidade quilombola, acreditei que outras práticas da cultura escrita pudessem ter se iniciado na escola e conquistando espaço e significados fora dela, com sentidos não só na vida social, mas também pessoal. Persisti na busca pelas práticas de escrita ordinárias produzidas pelas mulheres quilombolas. Não soube compreender, de início, que estas práticas e seus registros não se colocariam facilmente aos olhos para pesquisa – e rapidamente nas mãos da pesquisadora. Dois entraves principais para isso podem ser o apagamento da história das mulheres e o não reconhecimento das práticas de escrita ordinárias.

Sobre o primeiro, é importante lembrar Michelle Perrot (2005, p. 31): “Entre fugacidade dos traços e oceano do esquecimento, os caminhos da memória das mulheres são estreitos”. A autora explica que a dificuldade de realizar uma história das mulheres “deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados” (PERROT, 2005, p. 29). Endossa a observação de Simone de Beauvoir de que a história das mulheres foi predominantemente elaborada pelos homens (PERROT, 2005, p. 14). Na tradição historiográfica, segundo Perrot, até o século XIX, havia uma nítida delimitação entre a esfera do público e do privado. No espaço público, somente os homens tinham atuação, isto é, na Bolsa, no banco, no mercado de negócios, nas delegacias e até na Biblioteca. Os acontecimentos da esfera privada eram vistos com uma importância menor e convenientemente ligados ao papel social da mulher. Na historiografia, continua a autora, a

existência das mulheres do povo só recebeu notas quando reclamavam por algo e faziam barulho, como por exemplo frente ao preço do pão e nas greves, registradas como um incômodo das mulheres à ordem do espaço público. (PERROT, 2005, p. 34). Com esta tradição histórica, construída sob o “olhar de homens sobre homens, os arquivos públicos calam as mulheres.” (PERROT, 2005, p. 35). Em entrevista na década de 1990, Perrot relata que foi o início das pesquisas sobre gênero, na década de 1970, que permitiram levantar perguntas como “As mulheres têm uma história?” , “Não foi sempre assim?” (PERROT, 1993, p. 126).

Sobre o segundo entrave, a principal contribuição vem da virada linguística dos anos 1970 e da Escola dos Annales⁶. Ambos os movimentos, especialmente da terceira geração da Escola dos Annales, contribuíram para questionar a tradição historiográfica pautada na história política e econômica das sociedades e abriram espaço para a corrente teórica da história cultural, que destaca as experiências individuais como cruciais à análise das transformações históricas: “[...] Todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo.” (HUNT, 1992, p. 25). A partir desta compreensão, reconhece as ações dos sujeitos como relevantes para a produção historiográfica e suas práticas sociais e culturais ganham terreno para serem analisadas não mais como “produtos” determinados mecanicamente pela instância econômica, mas como produções históricas, abrindo novas possibilidades de pesquisa. Sob uma nova abordagem historiográfica, que busca compreender os sentidos atribuídos pelas individualidades, tem-se espaço para experimentar novas teorias e metodologias de pesquisa no campo da história. Ocorre também uma aproximação desta ciência com outras áreas de conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a literatura, a arqueologia, entre outras. Esta virada epistemológica na produção historiográfica foi fundamental para a afirmação de novos campos de pesquisas, como o gênero, a sexualidade, as práticas sociais das camadas populares, as festas populares, entre outros. A inclusão de outros sujeitos na pesquisa histórica, permitiu a elaboração de novas questões e uso de ferramentas diversas, contexto no qual emergem os estudos acerca das práticas de escrita ordinárias.

No âmbito da pesquisa em Ciências Humanas, as práticas de escrita ordinárias também são um campo recente. Um dos motivos para seu desenvolvimento “tardio”, talvez

⁶ A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico iniciado na França, constituído em torno da Revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Esta Revista foi fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch. Fala-se em primeira geração da época de sua fundação até aproximadamente os anos 1950; uma segunda geração dos anos 1950 até aproximadamente final dos anos 1960; terceira geração teve bastante atuação nos anos 1970 e 1980 e uma quarta geração está vigente, desde aproximadamente o final dos anos 1980.

seja a observação de Daniel Fabre (2008) de que a partir da ampliação da expansão da alfabetização, o conhecimento da escrita parece estar disseminado, “*la escritura ya no tiene espacio reservado, parece no pertenecer a nadie en particular pues sirve para todo.*” (FABRE, 2008, p. 3-4). A imagem de que o conhecimento da escrita “serve a todos e está em todos os espaços” não contribui a elaborar questões sobre as distinções de uso entre as camadas sociais, a existência de diferentes processos de apropriação e as diferenças de *status* conferidas aos autores que publicam que, segundo Lejeune (2014) muito pode dizer sobre o tipo de sociedade. Assim, há diversos fatores que corroboram para as invisibilidades das práticas de escritas ordinárias. Ao longo desta dissertação, discutirei a produção destas práticas como um elemento de produção de sentido à vida das mulheres participantes da pesquisa.

A invisibilidade das mulheres na história, ganha, infelizmente, um “ponto” a mais quando se fala de comunidades quilombolas e da história brasileira. Pela experiência profissional, vejo com frequência o questionamento da Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID), contestados sob a alegação, entre outras, de que ali nunca houve segregação ou preconceito racial, especialmente porque a população brasileira é majoritariamente miscigenada e existem oportunidades iguais para todos, como prevê a Carta Magna de 1988. Embora a teoria da democracia racial no contexto acadêmico já seja analisada como um “mito”, insustentável para a sociedade brasileira – e que inclusive deve ser combatida –, muitos contestantes tentam reafirmá-la, visando defender que, se somos todos iguais, não haveria necessidade de políticas reparatórias pelo Estado brasileiro ao período de quatro séculos em que permitiu e fomentou a escravatura.

A história brasileira confere uma continuidade de práticas sociais e culturais que corroboram para que a população negra viva, na atualidade, continue enfrentando dificuldades de acesso a diversos direitos sociais. Segundo Nunes e Wanderer (2019), pesquisas do IPEA e IBGE da última década, mostram que:

Mesmo apresentando alguns avanços importantes, há um abismo social entre brancos e negros, sendo que para estes as condições de educação, saúde e moradia são mais difíceis de alcançar do que para aqueles. Na área de Educação, indicadores do IBGE expressam que, em um período de dez anos (2005-2015), mesmo tendo dobrado o número de negros cursando o ensino superior, somente 12,8% dessa parte da população frequentou esse nível, enquanto que entre os brancos o índice é de 26,5%. Essa diferença explica-se, em parte, pelas altas taxas de evasão e repetência dos alunos negros no Ensino fundamental e Médio. (NUNES; WANDERER, 2019, p. 277)

As desigualdades apresentadas acima por Nunes e Wanderer (2019, p. 279) foram

problematizadas no contexto do Rio Grande do Sul, estado frequentemente lembrado por sua colonização alemã e italiana. Apoiadas em outros estudos, refletem sobre a presença de alunos negros nas escolas durante o período da Campanha de Nacionalização (1937 a 1945) numa escola rural no município de Estrela/RS.

A pesquisa mostra que as discriminações raciais impediam o acesso das crianças negras à escola antes do período da Campanha de Nacionalização. Porém, a partir do final da década de 30, com a efetivação dos decretos da Campanha, as crianças negras passaram a frequentar a escola, mas, a todo instante, eram posicionadas como ‘burras’ ou ‘causadoras de pequenos furtos’. [...] operava na escola um mecanismo de inclusão diferenciada: todas as crianças (brancas e negras) entravam na escola, no entanto, as relações entre elas, bem como o trabalho pedagógico realizado, posicionavam de diferentes formas brancos e negros. (NUNES; WANDERER, 2019, p. 279)

Apresenta-se, na sociedade brasileira, um problema histórico de olhar e reconhecer a população negra como sujeito de direitos. Retrocedendo mais algumas décadas, antes da instauração da República, Guacira Lopes Louro (2004) reflete as oportunidades de acesso à educação para a população negra:

Para a população africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. As sucessivas leis, que foram lentamente *afrouxando* os laços do escravismo, não trouxeram como consequência direta ou imediata, oportunidades de ensino para os negros. São registradas como de caráter excepcional e cunho filantrópico as iniciativas que propunham a aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas – o que vai ocorrer no final do século [XIX] (LOURO, 2004, p. 445)

Cabe lembrar que, no Brasil, o direito à educação para todos é uma conquista recente, cujos primeiros passos de sua estruturação aconteceram há menos de cem anos: o Ministério da Educação e Saúde Pública foi criado em 1930, e em 1931, com a Reforma Francisco Campos, o Sistema Nacional de Educação (ROSA [et. all.], 2015, p. 165). Mas isso não representou um direito de acesso público. A Reforma educacional de 1931 “[...] deixou marginalizados o ensino primário, o Curso Normal (formação de professores para atuar no primário) e os vários ramos do ensino profissional, salvo o comercial” (BITTAR; BITTAR, 2012, p. 158-159).

Em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁷, defendia a universalização do acesso à educação, com a instituição de uma escola pública, laica,

⁷ Conhecido como Manifesto de 1932, de título *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*, foi uma carta assinada por vinte e seis (26) intelectuais liberais brasileiros, dentre eles Anísio Teixeira, Cecília Meirelles, Fernando de Azevedo e Roquete Pinto, que, entre outros, “[...] representou a influência dos ideais da

obrigatória e gratuita a todas as classes sociais. No cenário macrossocial, era o início da industrialização do país, das migrações do campo para as cidades, do crescimento da população urbana, e da crescente demanda por reformas constitucionais, muitas delas empreendidas no primeiro governo de Getúlio Vargas. Em 1934 foi instituída a Constituição que ampliou direitos sociais, políticos e civis, além da primeira legislação de direitos trabalhistas. Também instituiu o voto feminino – mantendo a exclusão do voto para os analfabetos (art. 108).

No que tange à Educação, a Carta constitucional de 1934 instituiu a obrigatoriedade do ensino primário, integral e gratuito, extensivo aos adultos (art. 150), direito de todos, de obrigatoriedade da família e poderes públicos, (art. 149), havendo também a responsabilidade empresarial, quando houvesse dez pessoas ou mais analfabetas, num quadro mínimo de cinquenta funcionários (art. 139). Nessa época, era altíssima a taxa de analfabetismo, como é possível visualizar pelos dados apresentados por Rosa [et all.] (2015, p. 172) quanto ao percentual da população brasileira analfabeta, entre pessoas com 15 anos de idade ou mais, com base em estudos do IBGE: 1900: 65,3% ;1920: 65,0%; 1940: 56,1%; 1950: 50,6%; 1960: 39,7%; 1970: 33,7%; 1980: 25,9%; 1990: 19,7%; 2000: 13,6%; 2004: 11,5%; 2012: 8,7%.

Assim, a educação, por muitos anos, foi um direito social de acesso limitado, excluindo as camadas populares. Aqueles que tiveram acesso ao ensino primário, destacavam-se, até a década de 1950, entre o menor percentual de brasileiros. Não quero deixar de reconhecer as dificuldades existentes hoje, com desafios múltiplos, mas refletir como as mulheres que foco na pesquisa, acessaram ao ensino. Somadas às restrições da não oferta pública e gratuita de acesso às primeiras letras, as mulheres enfrentavam resistências culturais, e muitas vezes familiares, de que não precisavam deste conhecimento.

Em 2017, a Revista Carta Capital publicou a matéria “Escritores negros buscam espaço em mercado dominado por brancos. *Temática e autores ganharam representatividade em eventos e feiras, mas ainda estão distantes das grandes livrarias*” (OLIVEIRA, 2017). Entre outros pontos apresentados na reportagem, destaca-se que, no campo da publicação literária, predominam os autores brancos, não pela inexistência de autores negros, mas por um racismo institucional que antecede a publicação de seus trabalhos. Essa desigualdade de

oportunidades é acirrada quando se analisa o espaço ocupado por autoras mulheres negras, e aparece também na construção dos personagens da literatura publicada:

[...] Após analisar 258 romances publicados por três grandes editoras entre 1990 e 2004, o estudo *Literatura Brasileira Contemporânea - Um Território Contestado* (Editora Horizonte/UERJ) revelou que 93,9% dos autores publicados eram brancos, 72% do sexo masculino e 68% residiam em São Paulo ou no Rio de Janeiro
O perfil médio dos personagens dos romances é bastante semelhante: 7,9% dos personagens eram negros e só 5,8% desses protagonistas. [...] (OLIVEIRA, 2017)

Pelos pontos apresentados acima, e refletindo sobre as negativas recebidas durante a pesquisa exploratória, ampliei o universo de pesquisa sobre as práticas de escritas ordinárias de modo a abranger mulheres negras e mulheres quilombolas, do estado do Rio Grande do Sul. O interesse da pesquisa, assim, volta-se a versar sobre as temáticas:

- a) Da etnia negra, pois o enfrentamento do preconceito racial é uma causa relacionada à minha atuação profissional e que acredito cada vez mais necessária, frente às crescentes manifestações de intolerância e discriminação.
- b) Das mulheres, que na escrita da História foram relegadas ao esquecimento, havendo “[...] muitas vozes mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória [...]” (PERROT, 2005, p. 9).
- c) Dos sentidos de narrar-se e produzir uma memória através de práticas de escrita ordinárias, isto é, atuar e pesquisar no campo da história cultural.

Busquei inicialmente trabalhar com mulheres de sessenta (60) anos ou mais, para refletir sobre suas experiências associadas ao processo de expansão da escola como um direito de todos, gratuita, pública, que ampliou as oportunidades de acesso das classes populares. No decorrer da pesquisa, contudo, foi ressaltada a necessidade de conferir espaço àquelas práticas de escrita ordinárias de mulheres negras e quilombolas que efetivamente se apresentaram à pesquisadora.

Como afirma Castillo Gómez (2003a), as práticas de escrita realizadas pelas pessoas comuns, estão diretamente relacionadas à expansão da escola pública e da alfabetização em massa (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 233). Contudo, não é frequente que sejam pesquisadas pela academia, embora sejam de grande contribuição para a compreensão do processo histórico (CASTILLO GÓMEZ, 2003a) Visando combater a situação de “memoricídio” a que estão submetidas as produções manuscritas das pessoas comuns

(CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 245), o *corpus* empírico da dissertação é composto por artefatos diversos eleitos pelas próprias participantes da pesquisa e confiadas à pesquisadora: Cinco mulheres negras ou quilombolas, nascidas na capital e interior do estado do Rio Grande do Sul, nas décadas de 1940 a 1970. Mulheres com diferentes graus de escolaridade e que cederam uma diversidade de suportes, manifestando distintos tempos e motivações de escrita. Foi respeitada a identificação conforme assinado no Termo de Consentimento de cada uma delas.

Assim, esta dissertação está estruturada em seis capítulos, incluindo a Introdução. No segundo capítulo verso sobre as práticas de escrita ordinárias e os conceitos utilizados como ferramentas de análise do *corpus* empírico. No terceiro, narro sobre a busca pela literatura acadêmica, que corrobora para pensar a importância da presente dissertação. Na sequência, apresento os *Percursos iniciais da pesquisa*, onde narro a trajetória de pesquisa antes do encontro com a empiria aqui analisada. No quinto capítulo, compartilho as reflexões suscitadas pela empiria, conjuntamente aos conceitos apresentados. Mais que respostas, a empiria trouxe muitas questões e o leitor está convidado a preparar-se para elas, para um trabalho conjunto de acréscimos, novas reflexões e, quem sabe, uma futura produção escrita. Por último, teço algumas *Considerações Finais* que, antes de serem ponto de encerramento, abrem o convite para novas páginas.

POR QUE AS ESCRITAS ORDINÁRIAS?

[...] o desenvolvimento da alfabetização e a difusão da leitura [...] constituem, com diferenças e variantes, um dos fatos principais que contribuem para modificar a ideia que o homem ocidental tem de si mesmo e de sua relação com os outros.” (CHARTIER, 1991, p. 122)

No campo da ciência histórica, o advento da história cultural, durante a segunda metade do século XX, possibilitou a produção de conhecimento a partir da ótica dos atores sociais. Essa corrente historiográfica lançou novas questões ao passado e aportou à ciência histórica outras ferramentas metodológicas. Segundo Maria Teresa Santos Cunha (1999), a história cultural abriu espaço para novos centros de interesse à pesquisa histórica “em áreas tidas antes como marginais, como por exemplo, questões de gênero, práticas de leitura, memória, imaginário” (1999, p. 41). Desse ponto se desdobra a pesquisa sobre as práticas de escrita ordinárias.

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. [...] É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso. (GOMES, 2004, p. 13)

O excerto acima contribui a pensar que a vida comum, ordinária – em oposição àquela extraordinária, de fama ou prestígio social – pode ser vista nos registros produzidos pelos sujeitos no decorrer de suas vidas. Assim, as práticas de escrita ordinárias propiciam pensar os gestos comuns, por vezes cotidianos, relacionados à cultura escrita, tais como anotar tarefas do dia a dia, elaborar uma lista de compras, registrar em uma agenda telefônica, escrever bilhetes para as pessoas da família, transcrever receitas culinárias, escrever em um álbum de bebê, trocar cartas, entre outras. Em geral, estes gestos são realizados para o próprio consumo e com frequência desfrutam da espontaneidade do autor no momento em que acontecem.

Daniel Fabre (1996) demonstra interesse pelo universo das “[...] ‘migalhas’ de lembrança [...]” (1996, p. 46) encontradas nas narrativas autobiográficas, e destaca algumas nebulosidades do campo de estudos sobre os registros ordinários, isto é, da ordem do cotidiano. Segundo o autor, este tipo de pesquisa constitui um campo ainda enigmático, de gêneses variáveis e contraditórias em muitos aspectos. Isso talvez contribua para pensar o “esquecimento” da academia a este tipo de pesquisa (CASTILLO GÓMEZ, 2003a).

Cunha (2007) pesquisa o tema das escritas ordinárias e destaca a potencialidade destes registros como testemunhos das memórias e experiências de vida de seus autores:

Mergulhar nos papéis ‘ordinários/miúdos’ guardados por pessoas

comuns/anônimas, permite apreender saberes, crenças, valores e práticas [...]. Esses papéis, contêm o acontecer de vidas comuns e, ao transcender a fragilidade do presente, materializam uma memória. (CUNHA, 2007, p. 58)

A experiência de pesquisa da autora instiga a buscar os registros “ordinários/miúdos”. O que teriam produzidos as mulheres quilombolas e as mulheres negras das camadas populares, cujo acesso à escola tem uma longa trajetória antes de se constituir um direito possível e real?

Peço licença aqui para lembrar que o processo de alfabetização que hoje pode parecer natural, foi heterogêneo e desigual ao longo de sua história. Antes de pensar o Brasil, apresento, de forma resumida, este processo na sociedade ocidental moderna, em especial na Europa. A primeira observação é de que o aprendizado da leitura e da escrita não era simultâneo, habilidades hoje condicionalmente necessárias para a definição de “alfabetizado”.

Durante o Antigo Regime francês, o aprendizado da escrita estava vinculado ao tipo de ofício, enquanto o ensino da leitura alcançava um público um pouco mais amplo. Para Roger Chartier (1996), não é possível inferir a quantidade de pessoas alfabetizadas durante o Antigo Regime considerando apenas as assinaturas contidas em documentos, por exemplo, em lavraturas de casamentos, pois “se todos os que assinam o nome sabem ler, nem todos os que lêem sabem assinar o nome. É claro também que entre os que sabem assinar nem todos escrevem [...]” (CHARTIER, 2009, p. 114).

Chartier (2009) defende que a quantidade de assinaturas em documentos do tipo paroquiais ou notariais, fiscais ou judiciários, sobretudo durante os séculos XVI a XVIII, podem dizer algo sobre aspectos importantes do crescimento das taxas de alfabetização nas sociedades ocidentais, mas que não abrange as discontinuidades e diversidades dos costumes da época e da expansão dos processos de alfabetização. Para o autor, a competência da escrita, a partir dos processos de alfabetização, torna-se mais frequente a partir do século XIX, embora a afirmação não possa ser generalizada:

[...] Com efeito, existe em todas as sociedades do Antigo Regime e ainda no século XIX, uma alfabetização feminina reduzida apenas à leitura, de acordo com uma representação comum, que não é unicamente popular, do que deve ser a educação das moças. [...] (CHARTIER, 1996, p. 80-81)

No excerto acima, Chartier demonstra que a condição de alfabetização, que hoje pode parecer universal, está historicamente imbricada a um processo de conquista, especialmente para as mulheres. As relações sociais com as práticas da escrita foram e são variáveis ao longo do tempo, como o são as relações de leitura. Em diálogo com Pierre

Bourdieu, Chartier afirma que “é preciso tentar evitar a constante tentação da posição universalizante dos **lectores** que somos.” (BOURDIEU; CHARTIER, 1996, p. 233, grifo do original)

O autor afirma que já existiram outros conjuntos de relações sociais em torno da leitura e do próprio manuseio do texto, muito diferentes dos que predominam na atualidade. Se hoje a prática de leitura apresenta-se constantemente como um ato de foro privado, nas sociedades dos séculos XVI ao XVIII, a leitura coletiva era mais frequente, “leituras que manipulam o texto, decifrado por uns e por outros, por vezes elaborado em comum, o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura. [...]” (BOURDIEU; CHARTIER, 1996, p. 233)

Ao referir-se à história da leitura e da escrita, Chartier (2009) ressalta que as práticas de leitura coletiva, na Europa dos séculos XVI a XVIII, modificaram as relações sociais, estimulando o convívio entre diferentes grupos sociais e uma relação mais frequente com a cultura escrita:

[...] A leitura em voz alta feita por quem sabe ler para os que sabem menos bem ou nada constitui uma prática habitual, na cidade e no campo, por trabalho ou por lazer, ao acaso da rua ou entre companheiros de labuta. Os objetos de tais leituras são variados, indo dos "livres de pourtraicture" — coletâneas de modelos e padrões manejados nas oficinas do século XVI — aos cartazes afixados nos muros da cidade, dos textos religiosos (na Suábia, em fins do século XVIII, os camponeses se reúnem para ler juntos a Sagrada Escritura) aos livros de ampla circulação, como na França os títulos da "Bibliothèque bleue" [Biblioteca azul], lidos não nos serões familiares, em que não se lê, e sim nas assembléias dos que partilham a mesma existência. [...] (CHARTIER, 2009, p. 154-155)

As práticas de escrita individuais, realizadas no foro privado e mais frequentes a partir do século XVIII, têm relação direta com as transformações das práticas de leitura ocorridas nos séculos anteriores. A maior presença da cultura escrita também contribuiu para a expansão do processo de alfabetização nas sociedades ocidentais, impactando a produção de novos gestos e práticas sociais.

Chartier (2009) ressalta a importância de se compreender com mais detalhes o processo histórico da ampliação das habilidades da leitura e da escrita, antes de ser consagrado, no século XVIII, um “novo modo de ser em sociedade instaurado pela privatização das condutas e dos pensamentos [...]” (CHARTIER, 2009, p. 120). Assim, alguns pontos destacados pelo autor, visando demonstrar as desigualdades do processo de alfabetização nas sociedades ocidentais, são quanto:

- a) ao gênero: “[...] Por toda parte, os homens sempre assinam mais que as mulheres e muitas vezes com uma vantagem que pode chegar a 25% ou 30%. [...]”, sendo que a educação feminina, quando ocorria, incluía “[...] a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino.” (CHARTIER, 2009, p. 118);
- b) aos ofícios e às condições sociais dos diferentes grupos: quase 100% dos clérigos e grandes comerciantes assinavam; aproximadamente 70% assinavam entre o grupo de artesãos qualificados (ourives, seleiros, fabricantes de tecidos) enquanto este percentual era de 50% na maioria das profissões, em especial no ramo têxtil ou de vestuário; entre comerciantes e artesãos de aldeia (ferreiros, carpinteiros, moleiros, açougueiros etc), entre 30% a 40% sabem assinar o nome; e na base da escala estavam os operários da construção, pescadores, pastores, pequenos meeiros, trabalhadores agrícolas, em que a habilidade de assinar abrangia cerca de 25% do grupo. Embora os dados se refiram à Inglaterra do século XVII, Chartier afirma serem similares a quase toda Europa rural (CHARTIER, 2009, p. 118-119);
- c) à localidade urbana e rural: inferindo o dobro de homens e quádruplo de mulheres assinam na primeira região em relação à segunda (CHARTIER, 2009, p. 119);
- d) à opção religiosa: a Igreja luterana empreendeu, em alguns lugares com apoio do Estado, já no século XVI, uma ampla campanha de ensino da leitura para que todos os fiéis pudessem fazer a leitura direta da “Palavra sagrada” (CHARTIER, 2009, p. 121). Esse contato com a cultura escrita, por exemplo, pode ser visto no século XVIII, quando “[...] a frente da Europa que possui livros estão incontestavelmente as cidades dos países protestantes.” (CHARTIER, 2009, p. 132)

Com os pontos acima, Chartier (2009) demonstra que o acesso à leitura – e à sua materialidade – esteve marcado pelas diferenças econômicas entre os grupos sociais, mas este não foi um fator exclusivo. O autor indica que a Igreja buscou retardar o processo de difusão da alfabetização, e que o temia: “[...] A difusão da capacidade de ler e escrever, a multiplicação dos objetos impressos aflige os clérigos, eclesiásticos ou seculares, que pretendem monopolizar a produção ou a discussão do conhecimento.” (CHARTIER, 2009, p. 128).

Castillo Gómez (2010, p. 16-17) explica que a expansão dos processos de alfabetização exigiu profundas transformações e rupturas com as antigas estruturas que regiam a ordem social. Segundo o autor, há uma estreita relação entre a concepção do conhecimento da escrita como algo sagrado, que por isso deveria ser administrada e guardada pelas castas “eleita” pela vontade divina, e a alfabetização limitada durante a antiguidade e a Alta Idade Média na Europa, que junto com outros ingredientes da ordem política e social,

determinou a inacessibilidade geral do conhecimento (da sabedoria) da escrita. A resistência do clero à expansão da alfabetização contribuiu para que a relação com a cultura escrita se desenvolvesse em diferentes ritmos, e com maiores obstruções às mulheres. Destaco um caso narrado por Castillo Gómez (2006), ocorrido na Espanha do século XVI, sob as leis da Inquisição. O autor apresenta que Isabel Ortiz escreveu e mandou imprimir um livreto de manuscritos sobre suas formas pessoais de orar num tempo em que era julgado “pecado” qualquer forma de publicação por uma mulher. Castillo Gómez explica que, neste tempo, ninguém imprimia – nenhum impressor o faria – com a assinatura de uma mulher. No caso do livro de Isabel Ortiz, o nome do autor foi suprimido. Apesar disso, ao ser descoberta, teve seu gesto punido pela moral religiosa. Ela foi investigada e julgada pela Inquisição espanhola, na segunda metade dos anos de 1500, sob o argumento de ousadia, por “fazer uso público da palavra” (CASTILLO GÓMEZ, 2006, p. 158).

Esta repressão se perpetuou por muitas práticas e gestos, não sendo específica e restrita à Espanha do século XVI. Os silêncios impostos à manifestação feminina podem ser encontrados ao longo da história, não só sob alegações de perigo do conhecimento da escrita, mas também sobre o adiamento da concessão dos direitos civis e políticos às mulheres. Durante muito tempo, ciência e religião se aliaram neste cerceamento: nas mulheres, o desregramento estava fundado na fisiologia, como atestava o saber médico do século XVI, assim, se propagava o pensamento de fraqueza e histeria das mulheres e: “[...] Se a Virgem Maria estava livre de tal fraqueza, é porque era o vaso sagrado do Senhor. Mas nenhuma outra mulher tinha sido concebida sem pecado [...]” (DAVIS, 1990, p. 107).

Essas ideias corroboram com a observação de que o silêncio das mulheres “[...] convém à posição secundária e subordinada” (PERROT, 2005, p. 9). Quantos ecos dessa concepção ressoam no tempo presente? Quantas mulheres ainda são cobradas pela ousadia de “fazerem uso público da palavra”?

No final do século XVIII, o início de uma importante ruptura que impactou bruscamente o modo de vida: a separação entre vida pública e vida privada. A conquista de um espaço para o exercício à individualidade, porém, foi um processo gradual, que encontrou entraves antes de ser plenamente desfrutado – como parece no final do século XX, quando “o indivíduo afirma-se em seu valor político, científico e sobretudo existencial” (PERROT, 1991, p. 417). Este processo requereu o usufruto de direitos civis e políticos, que não chegaram “prontos”. Na sociedade ocidental moderna, explana Perrot (1991, p. 415) “o segredo do voto não é garantido até 1913 [...] [e] os progressos jurídicos do século XIX titubeiam diante do poder estatal ou familiar. O direito ao segredo da correspondência é

reconhecido tardiamente”. Para Corbin (1991, p. 419), “o sentimento de identidade individual” difundiu-se no decorrer do século XIX, à vista também do “definhar das virtudes hereditárias e ao mesmo tempo vaticinadoras do prenome”, e outras práticas sociais antes exclusivas à aristocracia.

Segundo Perrot (1991, p. 416), “na prática, as pessoas insurgem-se cada vez mais contra as disciplinas das coletividades e as servidões familiares, expondo sua necessidade de um tempo e um espaço para si”. A partir da “libertação” da vigilância dos olhos da comunidade e do Estado, o indivíduo conquistava momentos e territórios de “refúgio do eu”.

Os jardins secretos, o gabinete ou o oratório são espaços referidos por Orest Ranum para “recensar as intimidades sob três rubricas: a dos lugares privilegiados [...]; a dos objetos-relíquia [...]; e a dos registros da existência íntima conservados pela imagem ou pela escrita” (RANUM, 2009, p. 214). A descrição feita por Ranum incita a pensar o exercício da individualidade como acessível apenas àqueles de condição econômica mais elevada, que podiam usufruir de jardins, oratórios e gabinete privados em sua casa. Mas será que só à elite estava reservado o privilegio da escrita de si? Adoto, como será visto na sequência deste texto, a proposta de Castillo Gómez sobre os registros das pessoas comuns.

Por ora, destaco que a conquista da individualização foi importante para acolher vozes silenciadas no espaço público, que no ambiente privado desfrutavam de um encontro consigo. Este refúgio propiciou muitas vezes a produção de suas existências, por meio dos quais se vê também um conjunto de relações interpessoais e de práticas sociais e culturais de um tempo histórico. Muitos começaram como confidências:

São escritos sobre si e o mais das vezes para si apenas. Nem sempre se procura publicá-los. Mesmo quando não são destruídos, sobrevivem apenas por acaso, no fundo de um baú ou de um sótão. Portanto, são textos redigidos somente por prazer. [...] (ARIÈS, 2009, p. 15)

Assim, os conhecimentos da leitura e da escrita servem não só à vida pública, mas também pessoal e íntima. A alfabetização permite outras formas de apropriação de si e da própria vida. Pode-se falar de uma alfabetização massiva na Europa no final do século XIX, mas ainda com desigualdades de regiões. E no Brasil, a alfabetização só se tornará uma conquista na segunda metade do século XX.

A partir do censo educacional, Alceu Ferraro (2002, p. 34) demonstra que o percentual de analfabetos em 1950 era de 50,6% para a população brasileira com 15 anos ou mais. Em 1960, este percentual caiu para 39%; em 1970, para 33,7%; em 1980, 25%, e sucessivamente nas décadas seguintes, mas a marca de um dígito percentual só foi alcançada

em 2012: 8,7%. Isso permite refletir que enquanto um direito social, o lema “educação para todos” é uma conquista bastante recente na sociedade brasileira. Na década de 1960, como indicam os números de Ferraro (2002), quase 40% da população brasileira com 15 anos ou mais era analfabeta. Quanto aos números com a população de cinco anos ou mais, Ferraro (2002, p. 34) apresenta estavam na condição de analfabetos: 61,2% em 1940, 57,2% em 1950; 46,7% em 1960; 38,7% em 1970; 31,9% em 1980, 24,2% em 1990 e 16,7% em 2000.

Os dados acima contribuem a pensar que uma parte significativa da população conquistou a efetivação do direito de acesso à escola a partir da década de 1960. Estar fora da escola representava não alcançar a autonomia aferida a partir da alfabetização. Para pensar um exemplo das limitações vividas, cabe lembrar que o voto aos analfabetos era proibido, sendo conquistado apenas em 1985, por meio da Emenda Constitucional nº 25.

[...] Com efeito, a alfabetização, mesmo nesse sentido restrito, representa, de um lado, a libertação das múltiplas formas de preconceito, rotulação e estigmatização ainda vigentes em relação ao analfabeto, como se viu acima, e, de outro, a superação da barreira e a efetivação do primeiro passo no caminho da alfabetização e do letramento. [...] (FERRARO, 2002, p. 30)

Numa sociedade grafocêntrica como a nossa, estar alfabetizado é condição para o exercício pleno de suas habilidades na vida civil, política e social. Segundo Ferraro (2005, p. 76): “[...] analfabetismo e pauperismo são duas faces do mesmo problema. [...]” Não de forma trivial, devido à condição socioeconômica, as camadas populares foram e são as mais penalizadas quando excluídas do acesso aos aprendizados escolares. Ferraro (2002) denomina de alfabetização funcional o domínio de saberes que possibilitam operar, na vida cotidiana, a leitura, a escrita e o cálculo “mesmo antes do ingresso no mercado de trabalho e independentemente da função que cada um(a) nele venha a exercer.” (2002, p. 42). Assim, a tecnologia da escrita é, para o sujeito, uma conquista, e lhe permite ocupar diferentes espaços, em momentos diversos de sua vida.

As escritas ordinárias das pessoas comuns

Por todo o exposto, os primeiros a usufruírem, na sociedade moderna, do espaço da vida privada para a produção de uma escrita de si, foram as camadas econômicas de maior prestígio social. Para Castillo Gómez (2003a), a expressão “escritas ordinárias” é muitas vezes identificada às práticas da classe aristocrática, mas não quando se trata de examinar as classes populares. Para ele, isso é uma expressão da desigualdade social presente nos módulos da análise histórica (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p 226-227). Segundo Castillo Gómez, os

testemunhos das práticas de escrita mais abundantes das camadas populares são encontrados nos séculos XIX e XX, “mas isso não quer dizer que não existiu produção escrita das classes subalternas no período oitocentista” (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 224). Entre os principais fatores para haver maior número de registros manuscritos produzidos nos séculos XIX e XX, o autor destaca: a) a conquista massiva da alfabetização e da capacidade de escrever – que tem status diferentes, como abordei nas páginas anteriores, com os estudos de Chartier; b) que foi um período de grandes conflitos – tais como guerras, emigrações, serviços militares, campos de concentração – o que redundou em situações de tensão e sofrimento, sentimentos relacionados às motivações para a produção das escritas pessoais.

A escrita motivada por questões pessoais geralmente ocorre no espaço reservado à esfera privada, quando a pessoa tem oportunidade de encontro consigo mesma, livre dos olhares alheios. Por isso, a privatização das práticas de leitura, principalmente a partir do século XVIII, convergiu para a conformação de um espaço de “privatização do eu” no contexto da sociedade da época, dos grupos e da própria família.

Sozinhas, as pessoas podiam escrever sobre sua

[...] vida de dentro, mas também vida de fora; gestos do interior, mas também gestos do exterior que pertencem igualmente à vida privada [...] ocorre com o diário do médico, preocupado com a higiene e a saúde, e com o diário do doméstico, dedicado ao serviço do patrão. (FOISIL, 2009, p. 326-327)

É importante a citação acima para evidenciar a existência dos registros de escrita ordinários em várias camadas sociais, dos médicos aos domésticos, ainda que estes pudessem ser mais raros. Pela situação desigual do processo de alfabetização nas sociedades ocidentais, é possível afirmar que a prática da escrita correspondeu a uma postura de resistência ao que se esperava das camadas populares. Como afirma Castillo Gómez, o analfabetismo não explica suficientemente a ausência de registros, pois poderiam ser múltiplas e variadas as suas formas (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 225), mesclando, junto a documentos oficiais, cuidadosamente guardados em pastas, os registros de livros de família e as delicadezas possíveis de se confiar e imprimir em correspondências pessoais.

Assim, nesta diversidade, o autor acredita que a quantidade de escrituras produzidas, e eventualmente conservadas, “[...] *sugiere la posibilidad de que con ellas si pretendiera constituir y transmitir una certa memoria individual y familiar.* [...]” (CASTILLO GÓMEZ, 2006, p. 59).

Estes documentos pessoais foram localizados guardados em baús ou gavetas de escritórios, junto a outros documentos notariais, como testamentos e atos matrimoniais

(CASTILLO GÓMEZ, 2006, p. 59). A individualização ocorrida nas sociedades ocidentais a partir do século XVIII “libertou” as pessoas da esfera de vigilância da comunidade e do Estado, propiciando momentos de refúgio, nos aposentos mais íntimos, mais isolados, com uma disposição espacial diferente. Os jardins secretos, o gabinete ou o oratório são exemplos referidos por O. Ranum para “recensear as intimidades sob três rubricas: a dos lugares privilegiados [...]; a dos objetos-relíquia [...]; e a dos registros da existência íntima conservados pela imagem ou pela escrita.” (RANUM, 2009, p. 214).

A descrição feita por Ranum permite refletir sobre as classes sociais que podiam usufruir de jardins, oratórios e gabinete privados em sua casa. Mas será que só à elite estava reservado o privilegio da escrita de si?

A existência íntima conservada pela escrita, como aborda Ranum (2009), relaciona-se com a pouca conservação destes escritos. Compreendidos hoje como elementos de testemunho pessoal, que falam de si – mas também de um conjunto de relações interpessoais e de práticas sociais e culturais de um tempo histórico –, muitos começaram como confidências:

São escritos sobre si e o mais das vezes para si apenas. Nem sempre se procura publicá-los. Mesmo quando não são destruídos, sobrevivem apenas por acaso, no fundo de um baú ou de um sótão. Portanto, são textos redigidos somente por prazer. [...] (ARIÈS, 2009, p. 15)

O prazer da escrita, ou a motivação pessoal, é o principal critério utilizado por Castillo Gómez para definir a expressão “escrituras de pessoas comuns”. Esta expressão é, sobretudo, uma distinção quanto a pessoas que escrevem de forma profissional, por razões administrativas, acadêmicas, publicitárias ou mesmo literárias. A relação das pessoas comuns com a cultura escrita é de natureza distinta, marcada por razões estritamente pessoais (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 228).

Castillo Gómez destaca refletir que as produções e as práticas de escrita das pessoas comuns são, com frequência, tratadas como marginais, isso é, não ocupam o centro da atenção das pesquisas acadêmicas. Para o autor, a marginalidade ocorre especialmente em três condições: a) porque frequentemente essas pessoas estão à margem da sociedade; b) pelas peculiaridades da sua competência escrita, geralmente relacionadas à competência oral; c) porque é ponto de confluência de diferentes análises teóricas e metodológicas (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 227)

Castillo Gómez (2003a), defende que as escritas das pessoas comuns, ao mesmo tempo em que são testemunhos, se constituem “quase uma prática necessária”, com função

terapêutica, buscando aliviar sofrimentos pessoais. Nesse sentido, são mais que pequenos grafismos ou simples reflexos de um alfabetismo mais difuso (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 238), pois “dichos testimonios sacan a la luz otras experiencias, otras visiones, otros maneras de entender la realidad; otras vidas, que, conformes o no con los usos oficiales, ayudan a democratizar la historia. Con ellos se hace historia y se hace vida [...]” (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 248).

Estudar as escrituras ordinárias de pessoas comuns representa caminhar por trilhas que tem trajetória bastante recente. Gomes (2004) apresenta que a história cultural trouxe à tona a pesquisa a partir das produções pessoais dos sujeitos e suas práticas de escrita e assim muitas pesquisas sobre correspondências, diários pessoais e outros documentos elaborados no espaço privado tiveram espaço a partir da década de 1980 no Brasil. Contudo, o espaço de visibilidade ocorreu primeiro face à produção realizada por intelectuais, políticos, escritores, artistas – majoritariamente homens.

A afirmação de mais de duas décadas de Lejeune (2014, p. 31) parece encontrar espaço nos dias atuais: por muito tempo, escrever e publicar textos autobiográficos foi, “e ainda continua sendo, em grande medida, um privilegio reservado aos membros das classes dominantes”. Mas isso não significa a inexistência de práticas de escrita de pessoas comuns, ainda que muitas vezes as condições sejam adversas a isso. Mesmo quando o papel era um item inacessível, outras materialidades serviram a essas práticas de escrita. Segundo Castillo Gómez, um dos suportes pelos quais as pessoas comuns buscaram se expressar foram as paredes:

[...] En cualquiera de las épocas, las escrituras murales han estado motivadas por las razones más diversas: unas de contenido crítico y contestario; otras más ligadas a la manifestación de un sentimiento personal; algunas para insultar o difamar; otras, en fin, seguramente sin más trascendencia que la de pasar un rato. Pero cualquiera que sea el motivo, lo destacable es que asumanos la necesidad de mirar las paredes y dar cuenta de lo que en ellas se ha escrito, máxime cuando se trata de sacar a la superficie las maneras, los gestos y los espacios donde se ha manifestado la palabra escrita de las clases subalternas. (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 244)

No excerto acima, o autor problematiza que as escrituras das camadas populares ocorreram não apenas nas folhas de papel, mas manifestaram-se – e manifestam-se – em outros lugares, por exemplo os muros, os grafites, as paredes; e por diferentes motivos, como sentimentos pessoais, mas também conteúdos críticos e contestatórios. Assim, destaca a importância da atuação social das pesquisas acadêmicas em investigar as escrituras populares, que se encontram na posição de duplamente exiladas:

[...] este conjunto de prácticas de escritura es, sin duda, su condición de exiliadas, víctimas de una doble incomprensión: por un lado, la de sus autores y tenedores, que no siempre han sabido comprender su valor como testimonios del avatar escrito e histórico; y por otro, la de los historiadores, lingüistas, paleógrafos, antropólogos y demás estudiosos de la escritura que sólo muy recientemente han comenzado a rastrear sus pistas y a escuchar sus voces. (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 244)

Este “esquecimento” quanto às práticas sociais e culturais realizadas pelas camadas populares é problematizado por Arlette Farge (2011), em sua crítica à historiografia tradicional. Segundo a autora, na intenção de construir-se como narrativa absoluta, a história tradicional optou pelo caminho de uniformizar a leitura do tempo, buscando “reconciliar e tornar liso o que de fato não é” (2011, p. 10). A autora apresenta-se convencida da importância de um novo lugar para a história, disposta a incluir as “numerosas leituras” e vidas que não foram narradas.

[...] é preciso saber voltar, pois eis aqui: a história pode ser dita rápido demais e o homem, emudecido. Felizmente, a atualidade da história (aquela que sobrevém em nossos dias) obriga o historiador a novas interrogações colocadas na urgência. [...] desde há pouco, o singular, portanto o acontecimento da fala, vem bater à porta do relato histórico. (FARGE, 2011, p. 61)

Farge (2011) argumenta que um dos lugares da história é também a escrita sobre as vidas singulares. Assim, propõe que a historiografia dedique atenção aos fragmentos, às vidas das pessoas comuns, seu cotidiano e sofrimentos, que por muitas vezes encontraram espaço na literatura, mas foram silenciadas pela ciência. Assim, trabalhar com as práticas das pessoas ordinárias, pessoas de camadas populares, é muito diferente de tratá-las como “espetáculo”, algo pitoresco, que merece espanto por ser exótico ou “selvagem”. Trabalhar com as escrituras ordinárias de pessoas comuns requer este cuidado, somando-se aos desafios:

- de autorreconhecimento de sua produção e de suas práticas ordinárias;
- de preservação material desta produção;
- de reconhecimento, pela historiografia, sobre a produção das pessoas comuns.

Por todo o exposto, busquei explicar que a pesquisa acerca das práticas de escrita de mulheres negras e quilombolas visa contribuir com a produção historiográfica, incluindo a heterogeneidade na narrativa histórica e inscrevendo as narrativas destas mulheres, não raro relegadas ao esquecimento. Para realizar esta tarefa adoto, além das reflexões sobre a escrita de si, aquelas acerca da memória e da narrativa, que descrevo a seguir.

Reflexões sobre Memória e narrativa

Cabe destacar que para esta dissertação não realizei entrevistas gravadas. Minha intenção foi desenvolver uma relação de abertura, empatia e confiança com as mulheres, para que participassem da pesquisa. Dentre as doze mulheres que contatei, cinco confiaram-me materialidades com seus registros de escrita. Com algumas mulheres, tive apenas um encontro, de modo que chegar com um gravador poderia ser intimidador, em oposição à empatia desejada. Acerca disso, inspiro-me nas palavras de Alistair Thomson para quem seu relacionamento com os participantes da pesquisa foi primordial para o reencontro com eles alguns anos depois e a proposição de uma nova abordagem de trabalho (THOMSON, 1997, p. 59). Os conceitos de memória e de narrativa atravessaram minhas reflexões sobre os encontros com as mulheres. Nutri essas reflexões com as aproximações aos autores da história oral, como Alistair Thomson e Antoinette Errante, além da historiadora Janice Theodoro da Silva.

Para Thomson (1997), cada um de nós tem o desejo de construir uma história pessoal que faça sentido para nossa existência e isso impacta as escolhas do que arquivar e também do que esquecer quando nos referimos às nossas lembranças, incessantemente reinventadas.

Janice Theodoro da Silva defende que memória e esquecimento são temas indissociáveis e “lembramos e esquecemos em função de nossa história de vida” (SILVA, 1990, p. 65). Nossas memórias têm significados conforme nossas trajetórias pessoais. Ela menciona que moradores da área rural costumam ter um contato mais estável com a natureza, e que possivelmente esse cenário de continuidade não incita a preocupação de guardar:

Se tudo na minha vida se repete, eu não preciso reter cronologias, porque o passado e o presente se fundem. A mudança não é um dado na vida destes indivíduos que, frequentemente, se perdem no tempo. A repetição, portanto, auxilia o esquecimento. (SILVA, 1990, p. 63)

Estaria a vida das mulheres de minha pesquisa pautada por esta continuidade apresentada por Silva? Ou, diversamente, o movimento de mudança de endereço pode ter sido um estímulo para fazer registros de memórias, manuscritas ou por imagens? É possível relacionar a produção de registros manuscritos a um mapa de estabilidade e/ou mudanças de endereço ao longo da vida das mulheres que participam da pesquisa?

A memória jamais pode ser fixada, ela não é um guardado que vem à tona, mas é constantemente reinventada no presente pelo que somos e pelo que pensamos ter sido, ter

sentido no passado. A todo tempo, “construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social” (THOMSON, 1997, p. 57).

Esta é uma questão possível de problematizar também nesta dissertação relacionando-a ao tema das práticas de escrita: as mulheres presentes nesta pesquisa se valem, ou se valeram da escrita como um processo para contar histórias sobre si mesmas e para si mesmas? Não é uma questão simples. Narrar-se é um processo contínuo, as reminiscências, os fragmentos de lembranças constantemente reelaborados, podem fornecer indícios sobre mulheres e suas práticas culturais, o que inclui a escrita.

[...] Assim como as histórias baseadas nas reminiscências revelam a maneira específica como uma pessoa compôs seu passado, esses significados podem revelar experiências e sentimentos que foram silenciados porque não se ajustavam às normas usuais ou à própria identidade da pessoa. (THOMSON, 1997, p. 58)

Nesta dissertação, busquei refletir sobre os sentidos que as mulheres negras aqui apresentadas conferem às suas práticas de escrita e as narrativas acerca de si que estas suscitam. Narrativas que, segundo Thomson (op. cit.), se transformam e transformam as lembranças em relação às vivências de outrora. O convite desta pesquisa propiciou o exercício da memória sobre suas práticas de escrita, sobre o valor conferido a estas práticas, sobre o espaço de conservação destes registros. Memórias e narrativas são parcialmente visíveis, e o movimento a que foram provocadas durante as conversas sobre o passado, suscitaram reflexões acerca de suas práticas culturais e seu relacionamento com o mundo. Sobre este último tema, Antoinette Errante afirma:

Narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, idéias, e símbolos através dos quais eles externalizam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos. Narrativas também revelam as dissociações dos narradores com ‘outros’ indivíduos, grupos, idéias, e símbolos através dos quais eles externalizam as partes menos favoráveis de si mesmos. [...] (ERRANTE, 2000, p. 142)

As narrativas orais podem, como explica a autora, deixar pistas sobre os elementos presentes e ausentes do mundo de relações das mulheres que participam desta pesquisa, e esses aspectos se relacionam com os registros manuscritos por elas produzidos no decorrer de suas vidas, em diferentes momentos. De forma similar, as narrativas produzidas através das práticas de escrita ordinárias, cotidianas, são portadoras de sensibilidades, práticas sociais e simbologias do contexto histórico em que foram produzidas.

Em vias de conclusão desta seção, concentro-me na noção de narrativa e seu processo, que está intimamente ligado ao quanto as mulheres desejam e podem lidar com seu passado. Silva (1990) afirma que, para as classes menos favorecidas, a memória é ritual e não material, e que muitas vezes as perdas sofridas por esta população não “puderam ser trabalhadas e, assim, permanecem mergulhadas mais no esquecimento do que na memória.” (SILVA, 1990, p. 65-66). Para Thomson (1997), o contato com o passado, suscitado pelo encontro com o outro – no caso, o pesquisador – pode ser o catalisador de um processo terapêutico. Ao compartilhar sua experiência de pesquisa com soldados australianos que serviram à II Guerra Mundial, descreve:

A entrevista os ajudara a superar o silêncio e fora um acontecimento importante em termos de verbalização e afirmação de suas memórias dos tempos de guerra. A natureza da aceitação que pode ocorrer durante uma entrevista de história oral tem um efeito importante sobre o tipo das reminiscências trazidas à tona. (THOMSON, 1997, p. 59)

O excerto acima foi uma espécie de bússola durante todo o tempo de minha pesquisa, desde o contato com as primeiras mulheres, o momento de confiança de seus manuscritos e o tempo de cuidado e análise que resultam nesta dissertação. Inspirada por Thomson (1997), procurei observar as múltiplas lembranças e silêncios que poderiam ter sido acionados junto a cada uma das mulheres que entrei em contato, estar atenta aos possíveis efeitos que cada encontro poderia suscitar às suas narrativas, e preparar-me para acolher lembranças e marcas que poderiam vir à tona durante o processo de elaboração das reminiscências do passado. Refletir sobre a complexa relação que entrelaça memória e narrativa me ajuda a compreender as recusas de algumas mulheres a participarem no início, e mantive isso como premissa para aquelas que aceitaram meu convite. De forma análoga, nem todos os registros manuscritos puderam ser partilhados pelas escreventes que participam da pesquisa,

[...] afinal, há memórias e vozes que eu não posso coletar. Historiador e narrador podem negociar uma estória, mas algumas estórias ficam além do evento da história oral porque seja o historiador seja o narrador podem acabar por não fazer parte do contexto de rememoração no qual uma estória particular é contada. [...] (ERRANTE, 2000, p. 144).

Encerro, aqui, ressaltando a ideia de que há múltiplas formas de lembrar (ERRANTE, 2000, p. 143), razão pela qual as reflexões realizadas no próximo capítulo, a partir do corpus empírico, constituem uma possibilidade, que persiste inacabada.

APONTAMENTOS DA LITERATURA ACADÊMICA

Nesta seção, apresento a pesquisa por outros estudos acerca das temáticas concernentes na dissertação. A pesquisa foi realizada no período de agosto a outubro de 2018, para a argumentação acerca da pertinência e validade da pesquisa, que foi defendida como projeto de dissertação. Busquei em especial teses e dissertações já concluídas e que tenham examinado. Os descritores de busca foram: “Práticas de escrita de mulheres”, “Escritas femininas”, “Escritas ordinárias”, “Escrita de si” e “mulheres negras”.

O objetivo não é apresentar um “estado da arte”, visto que não houve um esgotamento do levantamento de pesquisas já realizadas. A intenção é situar a dissertação num conjunto de outras pesquisas que podem contribuir ao aprofundamento, diálogos e *insights* contributivos a este tema de pesquisa.

Iniciei o levantamento a partir do *site* Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que possibilita acesso aos títulos, autores, instituições, modalidades (mestrado ou doutorado) e resumos. Quando o resumo não estava disponível ou havia o resumo mas não o trabalho completo, empreendi buscas em mais três endereços eletrônicos: no *site* www.dominiopublico.gov.br, no *site* de repositório de teses e dissertações da universidade ou faculdade vinculada e, por último, no repositório Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT) ou pelo portal do *google*, que mais rapidamente direcionava ao repositório de trabalhos acadêmicos da universidade onde foi defendido. Os elementos que auxiliavam esta busca eram: os títulos ou os nomes dos autores, obtidos inicialmente no portal da CAPES.

Ainda assim, nem todos os resumos de teses e dissertações foram visualizados, se não estiveram presentes nestes quatro bancos de dados. Por outro lado, outras produções acadêmicas foram encontradas, por indicações ou por referências presentes nestas leituras, bem como a partir da leitura de artigos.

Expostas estas explicações iniciais, apresento abaixo breve análise quanto aos resultados identificados no banco de teses e dissertações da CAPES, na busca realizada quanto às produções acadêmicas do período de 2008 a 2018. Somente quando houve a seleção de algum filtro à pesquisa de resultados, tais como área de conhecimento ou ano de conclusão, é que este será mencionado.

Quanto à busca por “Práticas de escrita de mulheres”, identifiquei dois resultados: a dissertação de Thais Surian, *Um estudo das práticas de escrita de mulheres (escritoras ou*

não) (Mestrado em Educação, UNESP/Rio Claro, 2009); e a tese de Charliton José dos Santos Machado, *Práticas de Escrita de Mulheres do Seridó Paraibano (1960-1980)* (Doutorado em Educação, UFRN, 2001).

A partir da leitura do resumo, é possível afirmar que a pesquisa de Surian (2009) trabalhou com cadernos e textos de escritas pessoais de quatro mulheres estudantes do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da cidade de Rio Claro/SP. As mulheres foram contatadas após a aplicação de um questionário sobre práticas de escrita, junto a alunas desta modalidade escolar. O objetivo foi refletir sobre as motivações das práticas da escrita e de leitura e sobre os elementos culturais, materiais e históricos desta produção. Surian também refletiu sobre “[...] o que estas mulheres dizem sobre a própria condição, de mulher [...]” (SURIAN, 2009, p. 7), a partir dos eixos temáticos do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Não houve intenção da autora para a identificação etnicorracial das alunas entrevistadas, mas sua pesquisa se afina com na temática sobre as práticas de escrita ordinárias, de pessoas comuns, com foco em mulheres.

Não encontrei disponível a tese de Charliton Machado, nem seu resumo, mas o ensaio “Zila da Costa Mamede (1928-1985): contribuições literárias e educativas”, referenciado como dos estudos de doutoramento do autor. Neste texto é mencionado o foco de pesquisa e análise sobre a atuação educacional, literária e intelectual feminina no século XX, no que tange às expectativas para a mulher no cenário nordestino brasileiro. Por essas palavras, compreendo que sua pesquisa de doutorado focou em mulheres de algum renome profissional, distanciando-se do interesse para minha pesquisa.

Outros descritores similares foram utilizados como ferramentas de busca: a) para o descritor “Práticas de escrita mulheres”, houve apenas um resultado: a dissertação de Thais Surian, já comentada; b) para o descritor “Práticas de escrita femininas”, nenhum registro.

Para o descritor “Escritas femininas”, foram identificados nove resultados: três da área de Teoria Literária, três da área de História, um da área de Linguística e Letras e dois da área de Educação. Analisando os resumos de todos eles, dois trabalhos acadêmicos se caracterizam como filiados à História cultural. O primeiro é de Priscila Kaufmann Corrêa, *Escritas femininas: trajetórias de vida e literatura infanto-juvenil* (Doutorado em Educação, UNICAMP, 2017), que pesquisou a trajetórias de vida de três mulheres escritoras, portanto, não concerne ao foco da minha pesquisa, mais voltada às pessoas comuns. O segundo é de Isabelle de Luna A. Noronha, *Práticas educativas de normalistas no Cariri Cearense (1923-1971: Cadernos escolares – Escritas femininas)* (Doutorado em Educação, UFPB, 2015), que a partir de cadernos institucionais e cadernos escolares de normalistas, conservados ao longo

do tempo, problematiza as representações sociais e práticas educativas do começo do século XX, na cidade de Crato/CE. A fim de pensar sobre a discussão específica dos cadernos escolares: como chegou até eles, referencial teórico de análise e questões levantadas, listei entre as produções para leitura.

A busca com descritor “Escritas ordinárias” recuperou quatro resultados: uma tese na área de Educação, duas dissertações na área de Educação e uma dissertação na área de História. A tese de Carla Rodrigues Gastaud, *De correspondência e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*, (Doutorado em Educação, UFRGS, 2011) discute as habilidades gráficas e sociais, materialidades do escrito, modos de leitura e escrita, a partir de cartas trocadas entre os integrantes de três famílias, homens e mulheres. O período histórico da pesquisa é do final do século XIX até a primeira metade do século XX, investigando também o impacto da ampliação da alfabetização e dos processos de escolarização na sociedade brasileira desse período. Uma vez que a autora concentra-se na pesquisa epistolar, não foi priorizada sua análise para a dissertação.

Os demais três resultados são: a dissertação de William Rodrigues Barbosa, *Memórias, leituras e escritas comuns de um protagonista anônimo da História: José Luiz da Silva*, (Mestrado em Educação, UERJ, 2015), que apresenta um estudo da vida de um homem comum paraibano, a partir de entrevistas dadas em vida (relatos orais) e com documentos manuscritos de suas “escritas ordinárias”. As palavras-chaves indicam que o foco foi trabalhar com formação de leitores e escritores, narrativas (auto)biográfica; escritas ordinárias, e memórias. Apesar de tratar exclusivamente de um personagem masculino, incluí esta dissertação no rol de leituras para aprofundar a discussão dos temas memória, narrativa e escrita ordinária. A dissertação de Rosa Maria Souza Braga, *Caligrafia em pauta: a legitimação de Ormindia Marques no campo educacional* (Mestrado em Educação, UERJ, 2008) focaliza nos temas da organização da escola primária e do papel da caligrafia na formação dos estudantes. Este tema não foi objeto de discussão na dissertação, por isso não listei entre as leituras. Por último, a dissertação de Pamela Cervelin Grassi, *“Quando nos despedimos, já estava com saudades dele”: amor romântico e casamento nos recônditos femininos (1942-1972, Caxias do Sul/RS)* (Mestrado em História, UDESC, 2016), tem como *corpus* empírico o diário íntimo e cartas de amor escritas por uma mulher de classe média urbana. Os documentos encontram-se no acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJA), em Caxias do Sul, e foram denominados pela pesquisadora de ego-documentos, no âmbito das escritas ordinárias, ponto em que coaduna com a minha pesquisa.

Também considero importante o período histórico de 1946 a 1972, que compreende o intervalo dos anos de nascimento das mulheres participantes da minha pesquisa.

O descritor “Escrita ordinária”, no singular, listou quatro diferentes resultados. O primeiro foi o estudo de Alba Fernanda Oliveira Brito, *O diário de classe e a cultura material escolar do curso técnico regular em mecânica da Escola Técnica Federal de São Paulo (1986-1989)* (Mestrado em Educação, PUCSP, 2016), que se deteve na prática docente acerca do uso do diário de classe, trabalhando também o tema de cultura material, o que se distancia do objetivo desta dissertação. O segundo foi a dissertação de Vania Grim Thies, *Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores* (Mestrado em Educação, UFPel, 2008), que li na época de elaboração do projeto de dissertação e foi bastante inspiradora para pensar a prática de escrita de pessoas comuns. A autora trabalhou com diários de dois agricultores do interior do Rio Grande do Sul, que ali registram não apenas seu cotidiano de trabalho, mas a escrita de si. Destaco três características centrais em sua pesquisa: a) a relação da cultura escrita com moradores da área rural; b) as práticas da cultura escrita de pessoas de baixa escolaridade e c) as práticas de escrita de diários pelo gênero masculino. Estes pontos contribuem a pensar sobre as experiências singulares possíveis – e nem sempre visíveis –, destarte o grupo social ao qual pertencem. Tal como a problemática de pesquisa de Thies (2008), me pareciam pouco visíveis as práticas de escrita realizadas pelos quilombolas. Além da dificuldade de acessar documentos da ordem do privado, outras reflexões surgiam, da ordem dos significados de conservar e descartar os registros manuscritos que pudessem evidenciar uma prática pessoal. Haveria ligação entre esta questão e o lugar de pouca visibilidade social?

O terceiro trabalho a partir do descritor “Escrita ordinária” foi a pesquisa de Ana Cristina Santos Farias, *Escrita privada à margem direita do Rio São Francisco no início do Século XX* (Mestrado na área de Língua e Cultura, UFBA, 2014), sobre a materialidade das práticas de escrita privada de Egydio Lopes d’Almeida, que viveu na cidade de Juazeiro/BA, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A pesquisa se norteou pelos princípios teórico-metodológicos da História Cultural e da História da Cultura Escrita e tem como palavras-chave: memórias; diário de viagem; escrita de si; escrita ordinária, e por isso foi listada para pensar alguns pontos desta dissertação. Por último, o trabalho de Bruna Rajao Frio, em *Fios de memória: rastros do manuscrito da família Rojas no Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula* (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPel, 2015). A pesquisadora aborda as motivações pessoais para a elaboração, o manuseio e a conservação de um manuscrito do começo da década de 1970, cujo conteúdo é o

inventário dos túmulos pertencentes ao Quadro antigo de um cemitério pelotense. O estudo busca compreender o documento como testemunho pessoal, familiar e histórico. Pela harmonia com meu tema, foi listada para a leitura durante a dissertação, onde se destaca a sua ideia de que a memória pode ser salvaguardada pelos objetos pessoais.

A pesquisa com o descritor “Escrita íntima” apresentou vinte e dois (22) resultados, a maioria relacionados a documentos pessoais de escritores. Apenas dois trabalhos têm alguma relação com as práticas de escrita de pessoas comuns. O primeiro é a dissertação de Jocelma Boto Silva, *O eu autobiográfico e suas funções: escrever a vida para que e para quem?* (Mestrado em Linguística, UESB, 2016), que buscou analisar elementos linguísticos e discursivos em três diários manuscritos, de duas moças de 25 e 30 anos. É interessante para minha pesquisa pelo trabalho com diários de pessoas comuns. O segundo é de Suzana Brunet Camacho, *Cadernos de Segredos: marcas da educação católica na escrita íntima* (Mestrado em Educação, UERJ, 2005), que analisa os diários de uma normalista, cuja formação ocorreu na década de 1960, no estado do Rio de Janeiro, buscando compreender práticas da sua formação como professora. A pesquisadora utiliza referenciais teóricos da história da cultura escrita e da história da educação, e por isso foi indicada para a leitura.

Quanto ao descritor “Escritas de si”, existem 107 trabalhos entre dissertações e teses. A maioria deles apresenta, já pelo título, o estudo de obras de literatos, intelectuais ou políticos, ao distanciando-se do tema de escritas ordinárias de pessoas comuns. Após a triagem dos títulos, a leitura dos resumos permitiu uma nova seleção; várias vezes o tema “escrita de si” é evocado, mas para referir-se a narrativas gravadas, textos produzidos para leitura do professor, textos produzidos para blogs, entre outros que não as práticas de escrita ordinárias. Assim, apenas dois trabalhos se aproximam do foco desta dissertação, e por isso indicados à leitura. São as dissertações de Solange de Sampaio Godoy, *O Avô do Tempo: Diário de um meteorologista (1900-1940)* (Mestrado em História, PUCRJ, 2005) e de Caroline Tecchio, *Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925)* (Mestrado em História, UFPel, 2012).

Godoy (2005) pauta-se sobre vinte e oito volumes de diários deixados por [e conservados pela família de] Joaquim de Sampaio Ferraz. A pesquisadora analisa a percepção deste indivíduo sobre sua vida particular e sobre as grandes e rápidas transformações históricas do início do século XX. A partir do sumário, vê-se o tratamento da história-memória a partir da prática de escrita de diários pessoais.

Tecchio (2012) analisou os registros realizados por soldados rasos em seus cadernos de memórias, entre os anos 1924 e 1925, durante o combate à Coluna Paulista no

oeste paranaense. A pesquisadora se propôs a utilizar os aportes teóricos da história cultural e a discussão dos temas de memória, escrita de si e conservação dos documentos pessoais.

Quatro descritores apresentaram resultados semelhantes: “escrita de mulheres negras”, três resultados; “escritas de mulheres negras”, um resultado; “escrita da mulher negra”, três resultados; e “escrita de mulher negra”, um resultado. Os trabalhos acadêmicos listados com estes descritores foram realizados nas áreas de Letras, Estudos Literários, Letras e Linguística, com foco de análise na literatura, isto é, textos publicados, distantes do tema sobre a escrita de pessoas comuns.

Quanto ao descritor “Mulheres negras”, inserido assim, foram listados 615 resultados, sendo 466 dissertações e 131 teses. Na primeira página de resultados na plataforma da CAPES, é possível visualizar as grandes áreas de conhecimento representadas: 173 em Ciências Humanas, 134 em Ciências Humanas⁸; 56 em área multidisciplinar e 47 em Ciências Sociais Aplicadas. É possível verificar um crescimento da presença deste descritor nos últimos anos: em 2017 foram 98 trabalhos, 83 em 2016, 49 em 2015, 45 em 2014, 53 no ano de 2013, 25 no ano de 2012, 29 em 2011, 26 em 2010, 32 em 2009, 26 em 2008. O período de 2008 a 2018, concentra aproximadamente 82% (503) do total de resultados deste descritor, incluindo 37 no ano de 2018. No período de 1987 a 2003, havia menos de dez trabalhos em que a expressão “mulheres negras” estava presente, no seu título ou resumo. Estes dados contribuem a pensar que existe um interesse crescente sobre a temática étnica nas pesquisas acadêmicas.

Finalizando, registro que, para o período de 2009 a 2018, não encontrei trabalhos acadêmicos que tivessem reunido os temas da escrita de si, memórias e narrativas de mulheres negras, o que ressalta a contribuição de pesquisa desta dissertação para as áreas de História Cultural, História da cultura escrita e História da educação.

Apresento abaixo um quadro-resumo com o registro das dissertações e teses identificadas acima com potencial de contribuição à dissertação.

⁸ Após refazer a pesquisa várias vezes, e confirmar a duplicidade do nome “Ciências Humanas”, com quantidades diferentes, realizei o filtro individual desta área do conhecimento. Para o item que indicava “134” trabalhos, observei que só apareciam os anos de 2008 a 2011. E ao realizar o segundo filtro de seleção, para o item com “174” trabalhos, apareceram os anos de 2012 a 2018. Imagino que houve alguma atualização pelos anos 2011 a 2012 que possa ter criado esta divisão dos resultados para “Ciências Humanas” em dois grupos.

Quadro 1 – Levantamento de Dissertações e teses inspiradoras à dissertação

AUTOR/A	TÍTULO	INSTITUIÇÃO/ ANO	FOCO DE LEITURA
Solange de Sampaio Godoy	O Avô do Tempo: Diário de um meteorologista (1900-1940).	PUCRJ, 2005	Memórias e narrativas escritas
Suzana Brunet Camacho	Cadernos de Segredos: marcas da educação católica na escrita íntima.	UERJ, 2005	Escrita íntima
Thais Surian	Um estudo das práticas de escrita de mulheres (escritoras ou não).	UNESP / Rio Claro, 2009.	Práticas de escrita: ordinária, feminina, de pessoas comuns
Caroline Tecchio	Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925).	UFPel, 2012	Memória; escrita de si; história cultural; documentos pessoais
Ana Cristina Santos Farias	Escrita privada à margem direita do Rio São Francisco no início do Século XX.	UFBA, 2014	Memórias; escrita de si; escrita ordinária
Bruna Rajao Frio	Fios de memória: rastros do manuscrito da família Rojas no Quadro Antigo do Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula.	UFPel, 2015	Memória
Isabelle de Luna Alencar Noronha	Práticas educativas de normalistas no Cariri Cearense (1923-1971: Cadernos escolares – Escritas femininas.	UFPB, 2015	Ferramentas metodológicas para os cadernos escolares
William Rodrigues Barbosa	Memórias, leituras e escritas comuns de um protagonista anônimo da História: José Luiz da Silva.	UERJ, 2015	Memória; narrativa; escritas ordinárias
Jocelma Boto Silva	O eu autobiográfico e suas funções: escrever a vida para que e para quem?	UESB, 2016	Escrita de si, escrita de diários
Pamela Cervelin Grassi	“Quando nos despedimos, já estava com saudades dele”: amor romântico e casamento nos recônditos femininos (1942-1972, Caxias do Sul/RS).	UDESC, 2016	Escritas ordinárias; ego-documentos; elementos do período histórico 1942-1972

PERCURSOS INICIAIS DA PESQUISA

Partilho nesta seção as descrições e reflexões quanto à trajetória da pesquisa até o encontro com as práticas de escrita ordinárias das cinco mulheres que aceitaram participar do estudo. Definida a temática de pesquisa, a constituição do *corpus* empírico requereu muitos passos, envolvendo a busca, a abordagem adequada, a exposição, ponderações, ajustes, esperas, persistência, dedicação... Procuro, aqui, explicitar um pouco do percurso que antecedeu à análise da empiria, e com o qual o leitor poderá envolver-se diante da densidade da construção desta dissertação. O encontro com a empiria só se tornou possível a partir dos laços interpessoais estabelecidos com as mulheres contatadas. Houve encontros importantes para o amadurecimento das questões de pesquisa, especialmente no que se refere ao significado do fato de terem conservado a materialidade de suas práticas de escrita.

A seguir, narro de forma breve os encontros com oito mulheres no intuito de compor o campo empírico da dissertação, mas que não prosperaram para tal. Destarte isso, todos produziram muitos aprendizados e de alguma forma reverberaram na produção do texto final. Após este relato, na seção seguinte o leitor encontrará a história de encontros com cada uma das cinco mulheres cujas materialidades compõem a empiria desta dissertação e a reflexão sobre as práticas de escrita ordinárias, as memórias e as narrativas de mulheres negras e quilombolas.

De que forma se constituíram os encontros com cada uma das mulheres? Eu não conhecia pessoalmente a todas elas. Em cada encontro pessoal, tive comigo um caderno de pesquisa, para realizar anotações que considerasse imprescindíveis. Privilegiei estabelecer um vínculo pessoal em cada contato, antes de qualquer anotação. Em um movimento de inspiração etnográfica, dispus-me a uma escuta atenciosa e muito interessada nas conversas com as mulheres. Após cada um dos encontros, no momento em que era possível chegar em casa, buscava registrar as impressões nos “diários da pesquisa” – mais de um para a produção da dissertação. Para as estratégias de busca e eventuais ajustes durante a pesquisa, foram fundamentais as reuniões com a professora orientadora Maria Stephanou.

Em cada encontro, iniciei com a apresentação pessoal, explicitação da atividade profissional, o vínculo como aluna de mestrado da UFRGS e o interesse da pesquisa. Quando era o caso, mencionava se alguém indicara o contato. Logo algumas me dirigiam indagações, outras não. Não realizei qualquer gravação, nem elaborei roteiro pré-estruturado para entrevistas. Estas não foram vislumbradas por não condizerem com o desejado movimento de disponibilidade e empatia, tal como se começa uma amizade.

Nas páginas que seguem, contemplo a descrição desses encontros e acrescento reflexões que emergiram, especialmente quando houve uma recusa à participação na pesquisa. Felizmente, persistir na intuição das potencialidades do tema definido para a investigação permitiu o desenvolvimento da confiança de algumas mulheres que me emprestaram seus artefatos para que viessem a compor o *corpus* empírico analisado nesta dissertação.

Adoto pseudônimos para identificar as mulheres com quem me relacionei em algum momento da pesquisa e que não vieram a dispor de seus escritos para integrarem o *corpus* da dissertação. Entre aquelas cujas práticas de escrita ordinárias foram cedidas à pesquisa, conforme os termos de consentimento individuais, somente Fênix optou pelo uso de pseudônimo. Sobre a opção do uso do nome próprio, destaco que desde os primeiros contatos, Joaquina afirmou: “faço questão que apareça meu nome na pesquisa”; e Maria manifestou: “tem tanta Maria, ninguém vai identificar que sou eu”. Isso contribui a pensar diferentes perspectivas dos elementos que atravessam a expressão de cada uma, e quiçá esses elementos apareçam em seus manuscritos.

Com o propósito de didatizar a compreensão do fluxo da narrativa que segue, apresento o Quadro 2, com algumas informações sobre as mulheres com quem travei contatos durante a elaboração da dissertação. Os primeiros dez nomes referem-se a contatos realizados para a elaboração do projeto de pesquisa, e os últimos três foram contatados após a defesa do projeto, na busca pela ampliação documental da empiria. Com duas mulheres tive encontros fundamentais para o desenvolvimento da dissertação, apesar de não comporem o *corpus* empírico, são elas Úlima e Carolina.

Quadro 2 – As mulheres convidadas à pesquisa

	Nome ou Pseudônimo*	Ano de nasc. (aproximado**)	Aceitação à participação na pesquisa
1	Helena	1948	Não
2	Bárbara	1953	Não
3	Queila	1958	Não
4	Larissa	s.i.***	Não
5	Úlima	1955	Sim
6	Carolina	1966	Sim
7	Maria Joaquina	1941	Sim
8	Marilene	1949	Sim
9	Maria	1958	Sim
10	Fênix	1964	Sim
11	Celina	1946	Não
12	Joana	1980	Não
13	Maria Emília	1971	Sim

* São pseudônimos: Helena, Bárbara, Queila, Larissa, Úlima, Carolina, Fênix, Celina e Joana.

** Trata-se de uma informação aproximada, pois não foi questionada às mulheres que não participam da constituição da empiria.

*** s.i. = sem informação, como será explicitado no texto.

Primeiro vieram os silêncios

A pista para estudar as práticas de escrita ordinárias, ações miúdas do cotidiano que podem conter traços e simbologias de identidades, iniciou em março de 2018 durante uma reunião de orientação com a professora Maria. O foco de interesse de pesquisa estava nas mulheres, em investigar a presença destas práticas entre mulheres quilombolas, que se ampliou para as mulheres negra e seu grupo social de pertencimento. Como exposto na Introdução, as primeiras interrogações acerca de registros e práticas de escrita ordinárias realizadas por mulheres quilombolas não resultaram afirmativas. Era o sinal de que estas práticas não estão facilmente acessíveis ao campo de pesquisa acadêmica.

Ao ampliar a pesquisa para as mulheres negras, pensei primeiro no meu círculo pessoal, e contatei minha amiga L., filha de Marilene. Entre idas e vindas, foram quase dois meses para o seu “sim” à pesquisa, como detalho na seção em que analiso seus manuscritos. Paralelamente à espera por esta resposta, fiz várias reflexões junto com minha orientadora e outros movimentos buscando encontrar mulheres que concordassem em participar da pesquisa e em compartilhar comigo seus artefatos e práticas de escrita, amalhados ao longo de suas vidas. Minha orientadora mencionou uma professora universitária aposentada, que chamarei de Helena, e também uma mulher de militância, que chamarei de Bárbara. Infelizmente, nenhuma delas concordou em participar, como se verá abaixo.

Além dos contatos com Helena e Bárbara, consultei Queila, que está presente nos espaços que frequento, entre universidade e local de trabalho. Procurei Queila algumas vezes, mas sem sucesso inicial à disponibilização de seus registros manuscritos. Contudo, devo muito a ela de forma indireta, pois indicou Larissa, que também declinou, mas que, por sua vez, indicou Úlima, e assim tive o primeiro encontro efetivo quanto às potencialidades do tema de pesquisa que elegi, que se volta a refletir e mostrar algo que pouco está dado a ver: a produção manuscrita de mulheres negras.

Os agendamentos dos primeiros encontros pessoais foram realizados de forma paralela, e se estenderam de modo singular para cada caso. Registro que, frequentemente, houve uma pausa entre o contato por telefone, o encontro presencial e a reflexão das

participantes sobre participarem ou não desta pesquisa. Percebi, como pesquisadora, uma receptividade inicial à apresentação da proposta de pesquisa, mas diversas variáveis atravessaram o estabelecimento das trocas. Ciente da impossibilidade de domínio de todas as variáveis, opto abaixo pelo relato de cada um dos encontros, refletindo sobre possíveis condicionantes temporais, espaciais e presenciais das participantes.

Que elementos podem ser acionados para pensar a pouca ou quase ausente visibilidade das escritas ordinárias dessas mulheres? Seria uma timidez com relação à pesquisa acadêmica? Não acredito ser este o principal motivo, especialmente quando muitas delas se relacionam, ao longo da vida, em diferentes momentos, com a universidade. Seria uma descrença na proposta de pesquisa? Ou, mais que isso, uma dúvida sobre a importância de suas práticas de escrita ordinárias? Seria o fato de não terem conservado a materialidade de seus registros escritos? As perguntas acompanharam todo o processo de elaboração da dissertação, junto a outros atravessamentos por vezes não nomeados.

Como afirmei anteriormente, o contato com Úlima foi deveras importante. Como uma espécie de marco divisor, depois dela sucederam respostas positivas: primeiro, das mulheres quilombolas Maria Joaquina e Maria Emília. Em busca de mais participantes, conheci e encontrei com Carolina, que embora tenha relatado profícua relação com as práticas de escrita, já possui publicados alguns livros. Mas, como quem encontra e aceita presentes inesperados, fui agraciada com o “sim” de Marilene e de Maria.

É importante dizer que, embora eu desejasse desde o começo estabelecer vínculos pessoais com as participantes da pesquisa, existe um contexto geral não verbalizado, mas marcado nas relações. Alguns aspectos desse contexto são: o lugar que ocupo profissionalmente – o INCRA/RS – e o que essa instituição pode representar para as mulheres que contatei; a figura institucional da universidade e a intenção de publicizar os manuscritos – já que se trata de uma produção acadêmica, sujeita à análise, exposição e apresentação a outrem –, e a minha cor da pele, já que também ela é um marcador social, especialmente na sociedade brasileira. Para algumas mulheres, um ou outro desses aspectos, ou suas formas combinadas, podem ter interferido mais durante o estabelecimento de uma ponte interpessoal necessária à pesquisa. Como reflete Errante (2000) acerca das possibilidades de rememorar e contar: “[...] precisamos primeiro compreender o que determinadas memórias significam para as pessoas e os grupos que elas têm em determinados momentos.” (ERRANTE, 2000, p. 169). A quem escuta, essa compreensão é fundamental para “receber” o que é narrado, mas

também o que é silenciado por quem narra. Assim, penso que as oportunidades de pesquisa que não prosperaram têm um sentido para além do que foi verbalizado pelas mulheres, sentido que persiste cifrado para minha leitura. Por outro lado, compreendo que suas recusas participam dos resultados expressos na dissertação.

Começar uma pesquisa em que a pessoa humana é protagonista é aventurar-se por caminhos imprevisos, o que requer escolhas desde o princípio. Ao estabelecer relações, o emocional de cada pessoa é o elemento mais delicado, especialmente quando é acionada a memória. Está a pesquisadora pronta a lidar com os riscos da pesquisa, riscos inerentes a todo trajeto de relações? Para pensar estes temas, busco inspiração nas reflexões do historiador Alistair Thomson. Evoco suas reflexões de pesquisas com história oral para pensar a construção das interações com as mulheres. Durante sua arguição em uma conferência, após explanar sobre as relações entre reminiscências pessoais e memória coletiva, sobre memória e identidade e sobre a relação entre entrevistador e entrevistado, Thomson foi questionado sobre possíveis fronteiras entre história oral e o trabalho terapêutico, e os riscos no desenvolvimento das pesquisas de história oral, ao que manifestou:

Sim, creio que, de certa forma, estamos sempre correndo um risco e não apenas quando trabalhamos com vítimas do Holocausto ou veteranos de guerra. Todos têm lembranças traumáticas de algum tipo; [...] o mais inocente dos assuntos, algo que nem você, nem a pessoa entrevistada esperavam, pode vir à baila. Então, é arriscado. [...] Você pensa acerca da pessoa [...] (THOMSON, 1997, p. 74-75)

Foi buscando constantemente este respeito àquelas que me cederam seu tempo e atenção, escutaram e buscaram compreender a proposta de pesquisa, que procurei não insistir com as recusas que aconteceram. Priorizar as relações, antes dos elementos materiais. E agradeço a todas as mulheres que encontrei nos itinerários desta dissertação, por disporem-se a uma interlocução e por contribuírem, de forma direta ou indireta, para esta experiência de pesquisa.

Oportunidades, Recusas, Possibilidades e Confirmações

Os narradores não somente escolhem o que vão rememorar e contar a você; eles também participam negociando o contexto da rememoração. (ERRANTE, 2000, p. 150)

[...] em nossas lembranças, em quaisquer lembranças, sempre existirá algum tipo de luta ou tensão entre nossas experiências pessoais e essas lembranças [...]. (THOMSON, 1997, p. 79)

Durante as buscas por registros escritos produzidos por mulheres negras, interessei-me por toda forma de manuscrito, de pequenos bilhetes até cadernos maiores, de receitas, letras de músicas, poesias, diários, agendas, escritas esparsas em folhas soltas, pequenas inscrições nas páginas finais de algum livro... havia um desejo de coleta bem amplo. O primeiro recorte de registro previa que fossem produzidos por mulheres negras, entre elas quilombolas, com mais de sessenta anos – como expliquei na seção Introdução. Os registros poderiam ser de diferentes épocas, desde o período da alfabetização até o tempo presente. Mesmo com a diversidade e amplitude temporal proposta, não foi simples a composição do *corpus* empírico. A busca pela empiria estendeu-se até aproximadamente junho de 2019, pois o fortalecimento de vínculos com a pesquisadora propiciou a algumas mulheres o encorajamento para empréstimo de outras materialidades de suas práticas de escrita para a pesquisa.

Abaixo, exponho uma breve narrativa sobre todos os contatos realizados.

HELENA

Helena atuou como professora primária da rede estadual e depois como professora universitária da área de Ciências Humanas. Está aposentada.

Busquei intensamente contatá-la. Sem pistas de seu telefone ou e-mail, identifiquei no *Facebook* informações das associações de cultura negra que existem em Porto Alegre. Uma das páginas anunciava a realização de um evento, um almoço de domingo, para o fim de semana subsequente. Olhando o álbum de fotos que estava disponível na página, vi a professora Helena em uma delas, junto a um grupo. Anotei o telefone do anúncio do evento e fiz contato, perguntando se pessoas externas à agremiação poderiam participar e a resposta foi positiva.

Fui ao evento com minha filha, nesta época com um ano de idade. Fomos muito bem recebidas. A primeira pessoa que encontrei e conheci foi a presidente da associação promotora do evento. Ela me identificou em razão da criança, que eu avisara que levaria. Perguntou sobre mim e tive a oportunidade de contar também do meu interesse de pesquisa. Foi muito receptiva e logo alcançou-me uma folha e uma caneta, indicando que escrevesse sobre o tema da pesquisa, pois ela poderia anunciar posteriormente no microfone. Anotei meus dados, vínculo com a UFRGS e a pesquisa relacionada às práticas de escrita cotidianas

de mulheres negras. Conteí sobre o interesse em conhecer a professora Helena, perguntando se ela estaria na associação neste dia. Sua resposta foi afirmativa.

Enquanto o almoço não estava pronto, pude interagir com os que estavam ali e também caminhei pelo espaço com minha filha. Foi num momento de descontração que conheci a professora Helena, com muita naturalidade, depois de ter andado por toda casa. Assim registrei em diário da pesquisa:

[andei] [...] muito atrás da Clarinha, uma hora eu a apoiei na mesa de bilhar, para eu descansar de correr e deixá-la brincando com as bolinhas, enquanto a mesa estava sem uso. Daí, eu dei a volta para pegar uma bolinha e chegou a profa Helena, logo dizendo: “não faz isso!”, e se aproximou de mim dizendo que é muito perigoso virar de costas, porque as coisas acontecem num instante e quando ela era bem pequena, a mãe dela estava passando roupa, quando a campainha tocou e a mãe foi atender a porta, deixou-a sentada na tábua de passar, mas nisso ela caiu para trás em direção ao chão; ficou um calombo atrás da cabeça “só não morri porque Deus não achou que era a hora ainda” [...]. E aí eu disse: “Você é a profa Helena?” – eu a reconheci pela foto no *Face* [...]. Ela disse: “sou”. [...] aí me apresentei, falei da profa Maria que a referendou como uma pessoa que poderia muito me ajudar na pesquisa. E aí eu pedi os contatos dela, porque hoje tinha que atender mais a Clarinha, mas se ela pudesse me passar os contatos, eu gostaria de ter uma hora juntas. Ela me deu telefone fixo, telefone celular e email...
E aí eu voltei a cuidar da Clarinha, que adorava correr para lá e para cá, conhecendo este novo espaço, interagindo. [...] (DIÁRIO DE PESQUISA, 20/05/2018)

Evoco acima um dos registros do diário para pensar que a relação com Helena começou a partir deste cuidado com a nenê – que aliás motivou muitas das relações com outras mulheres contatadas para a pesquisa.

Depois do almoço, quando observei que as pessoas já estavam servidas e aguardavam nas mesas, comecei a interagir com algumas mulheres. Minha estratégia era: pedir licença, apresentar-me e comentar sobre a pesquisa de mestrado. Não tive sucesso. Recebiam-me bem, também à minha filha, mas percebi um estranhamento quanto à pergunta que lhes dirigia. Talvez fosse algo com a minha abordagem? Talvez uma marca deste momento, quando não mencionei as materialidades de anotações pessoais às margens de livros e leituras? Não sei dizer. Poucas mulheres responderam que um dia tiveram caderno de receitas, e responderam negativamente outras possibilidades de registros manuscritos, como caderno ou álbum de bebê, caderno de poesias ou músicas. Em determinado momento, a presidente da associação foi ao microfone, no centro do salão e, junto a alguns recados, falou da alegria de receber pessoas jovens e crianças na associação. Indicando minha localização, falou da minha presença e do interesse de pesquisa, dizendo que quem tivesse artefatos

relacionados com o tema da pesquisa, por exemplo diários, cadernos de receitas, cadernos de músicas, cadernos de poesias, entre outros, poderia contatá-la, pois ela tinha meu telefone.

Durante este evento, houve outras falas junto ao microfone, dentre as quais destaco duas: a) o convite para participar do Sopapo Poético⁹, que eu ainda não conhecia; b) a fala do jornalista Oscar Cardoso, que se identificou como uma das lideranças que pleitearam a realização de sessão de autógrafos de autoras negras na Feira municipal do Livro de Porto Alegre, uma conquista a partir da edição de 2015. Oscar comentou ser muito baixo o número de publicações de livros de autoria de mulheres negras no Brasil, especialmente quando comparado ao número de publicações literárias advindas de homens brancos.

Após agendar por e-mail, reencontrei pessoalmente Helena num café de Porto Alegre, no dia sete (7) de junho de 2018, quinta-feira, nas horas finais da tarde.

Helena foi muito solícita e logo perguntou como estava minha filha. Faço aqui uma reflexão: foi frequente estar acompanhada da minha filha quando os encontros para a pesquisa ocorreram à noite ou fim de semana. Talvez a presença de uma criança tenha representado o reconhecimento comum às funções múltiplas femininas. Talvez a criança que acompanha a mãe possibilite falar de outras dimensões do “fazer pesquisa” na universidade, em geral silenciado no texto que passa à história.

Helena perguntou sobre as ideias que circunstanciavam a pesquisa e as possibilidades de contribuir. Nesta época, eu estava nas primeiras incursões sobre o tema e sobre o campo, num movimento de arriscar-me na pesquisa, mas ainda sem ter tido a experiência de encontrar os artefatos que procurava, isto é, as materialidades das práticas de escrita ordinárias. Helena informou que não tinha o hábito de conservar seus bilhetes, cartas, cadernos pessoais, cadernos de receitas, nem agendas; que não fizera álbum de bebê para sua filha, que não tivera o hábito de fazer diário pessoal. Manifestou que não via muito como ajudar, senão pensando comigo alguns nomes de outras mulheres que poderiam participar da pesquisa.

Principalmente pela relação de Helena com o ensino, acreditei que ela poderia ter conservado algum rascunho manuscrito de suas palestras, aulas, artigos e livros, e perguntei sobre estas possibilidades. Infelizmente ela respondeu que não, e que possuía muitos registros

⁹ Sopapo poético é um sarau com foco na apresentação de poesias de pessoas negras e música. O evento teve início em março de 2012 e acontece em Porto Alegre na última terça-feira de cada mês. Além do sarau, existem espaços para Feira Afro e para o Sopapinho, trabalho de poesia e brincadeiras com as crianças. O evento atualmente acontece no Centro de Referência do Negro, em Porto Alegre, mas já foi sediado em outros espaços e cidade, quando há convite ou por uma comemoração específica. Outras informações estão disponíveis em: <http://www.nonada.com.br/2015/11/sopapo-poetico-o-tambor-no-peito-da-comunidade-negra-de-porto-alegre/> - Acesso em 20/08/2018.

escritos construídos e conservados apenas em meio digital. Apesar destas recusas iniciais, nossa conversa delineou-se sobre nossas vidas pessoais. Ao falar de mim, em determinado momento, nossas histórias se aproximaram. Helena relatou conhecer a cidade de nascimento de minha mãe e que lá conheceu boas pessoas, guardando bons sentimentos pela cidade. Ela relatou uma viagem que fez a trabalho para a cidade de nascimento de meu pai, e suas lembranças possibilitaram fazer presentes os colegas e experiências daquela época. Contou-me, então, sobre sua trajetória como professora dos anos iniciais do ensino fundamental e outros cargos que ocupou após concluir o curso de graduação, além de algumas viagens que empreendeu ao longo da trajetória profissional, antes de se tornar professora universitária.

Senti então ampliar-se a relação de confiança com Helena, que agora partilhava suas experiências pessoais. Foi assim que explicou sobre um fato ocorrido poucos dias antes de nosso encontro. Enquanto arrumava uma caixa na casa da irmã, encontrou uma carta sua para o pai; viu sua letra de menina, aproximadamente com dez anos. A escrita fora motivada quando o pai morou por três anos em outra cidade e trocaram cartas algumas vezes, especialmente nas datas religiosas ou aniversários. Enquanto falava, em determinado instante fez um movimento de sua mão até a própria bolsa. Imaginei, neste contexto, que ela pegaria esta carta ou uma cópia na bolsa, mas o único objeto “resgatado” foi o celular. Minha esperança se renovou quando a vi manusear o aparelho eletrônico, pois imaginei que mostraria uma foto ou algo relacionado àquela sua carta dos tempos de menina. Infelizmente isso não ocorreu neste encontro e não voltamos a nos encontrar. Neste dia, Helena me indicou duas pistas para a pesquisa: a publicação *Cadernos Negros* e o *Sopapo Poético*. Anotei no caderno que trazia comigo. Quando saímos, agradei pelo encontro. Embora tivesse tido a perspectiva que a encontraria novamente, isso não ocorreu, enquanto me ocupei da relação com outras mulheres e os artefatos por elas apresentados.

BÁRBARA

Bárbara é funcionária pública federal e possui diploma de doutorado. É muito conhecida na cidade de Porto Alegre pela sua atuação junto ao movimento negro.

Agendei um encontro pessoal com Bárbara no dia 22 de maio de 2018, terça-feira, próximo ao seu local de trabalho, no horário de almoço. Apresentei-me: nome, sobrenome, local de trabalho, local de estudo e tema de pesquisa. Seu contato me foi fornecido pela professora Maria, pensando na possibilidade de que ela contribuísse com a pesquisa.

Manifestou interesse pelo meu trabalho com comunidades quilombolas e perguntou com quais eu estava atuando naquele momento. Eu respondi: Costa da Lagoa, Peixoto Botinhas e Cantão das Lombas, e ela me disse que as conhecia. Quanto à minha solicitação, ela respondeu que há cerca de dez anos tomou uma decisão política sobre não conceder mais entrevistas para trabalhos de pesquisa acadêmica, disse que foi uma decisão difícil, que algumas pessoas, muito próximas inclusive, ficaram muito chateadas com ela, mas que era uma decisão política, que envolvia sua vivência na ONG onde atua, que já foi objeto de várias pesquisas e os pesquisadores raramente forneciam devolutivas de suas pesquisas. Em razão disso, ela e outras mulheres desta ONG decidiram não mais participar de pesquisas acadêmicas. Após seu relato, afirmei que compreendia sua explanação e perguntei se o anonimato atenderia sua necessidade. Sua resposta foi negativa, mas também reflexiva. Apresentou que foi uma decisão difícil, pois ela mesma realizou algumas entrevistas para a elaboração de sua tese e se as pessoas não quisessem participar, não teria desenvolvido a pesquisa. Por fim, destacou que vivia um momento particularmente atribulado, com diversos compromissos pessoais e da ONG, e que, por ora, não teria tempo nem disposição de participar. Antes de nos despedirmos, ela pediu meus dados de e-mail e telefone e afirmou que conversaria com algumas pessoas, que talvez tivessem interesse em participar da pesquisa.

Quando pensei que este encontro estava encerrado, ela destacou que os tempos hoje são muito prósperos aos negros como pesquisadores, que estão assumindo espaços que antes não assumiam e que também poderia ser interessante pesquisar a branquitude e como ela produziu tantos males ao povo negro. Manifestei concordância com sua observação e perguntei se ela via algum prejuízo em minha proposta de pesquisa pelo fato de ser uma pesquisadora branca. Bárbara me respondeu que não, mas esta conversa persistiu no meu pensamento. Instalou em mim um contínuo reflexivo sobre o meu lugar de produção desta pesquisa, as instituições de poder que atravessam as relações humanas, especialmente a universidade à qual estou vinculada e o trabalho de produção de conhecimento.

Fiquei a me perguntar se outras mulheres que eu gostaria de encontrar para a pesquisa teriam dúvida similar àquela apresentada por Bárbara. Apesar do questionamento de Bárbara sobre minha pesquisa com mulheres negras, escolhi continuar porque há um emblema maior do que a cor da pele, que é a luta antirracista que o Brasil precisa enfrentar¹⁰. Um dos

¹⁰ Profa Dra Nilma Lino Gomes, professora da UFMG que, entre outras atribuições, foi ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (SEPPPIR) no Brasil (2015-2016) proferiu

intuitos desta dissertação é contribuir nesta luta, apresentando uma dentre as tantas formas de produção intelectual – aqui, através das práticas de escrita –, de um grupo social desigualmente representado no campo das publicações literárias¹¹, de uma população que vive constantemente ameaçada pelo mito da democracia racial¹², por mais que pareça superada esta teoria na atualidade¹³. Assim, acreditando na força de minha pesquisa, continuei com a temática sobre as memórias e narrativas de si em práticas de escrita ordinárias de mulheres negras.

QUEILA

Queila é funcionária pública federal. Concluiu o mestrado em Educação.

Conheço Queila por sua atuação em locais que frequento. Ela recebeu de forma positiva o convite para participação na pesquisa. Demonstrou interesse e entusiasmo pelo tema e contou-me que havia sido escrevente assídua e que produziu muitos cadernos de poesia. “- Mas agora, onde estariam guardados? Não sei nem se guardei [...] Teria que procurar”... E disse que o faria. Autorizou-me a passar em outros momentos em seu local de trabalho e perguntar se encontrara algum de seus manuscritos. Antes que eu sáísse, Queila refletiu se conhecia outras mulheres com o perfil da pesquisa e me passou o contato telefônico de sua amiga Larissa. Eu agradei e confirmei que faria contato.

Cabe aqui uma observação importante. Até este momento da trajetória da pesquisa, não dispunha de nenhum “Sim” para a composição do *corpus* empírico. Queila foi a primeira a confirmar que realizou registros pessoais de escrita, no seu caso, cadernos de

uma aula inaugural no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS no dia 14/08/2018. No início de sua explanação, defendeu que a luta antirracista não é somente dos negros, mas de toda a sociedade brasileira.

¹¹ A reportagem de 24/02/2013 “Pesquisa revela perfil dos escritores e personagens da literatura brasileira contemporânea” apresentou dados de um estudo coordenado por Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, sobre os autores brasileiros dos romances publicados entre 1990 e 2004: 93,9% são brancos, 2,4% não identificaram sua cor e 3,6% se identificaram como não-brancos; quanto ao gênero: 72,7% identifica-se como masculino e 27,3% como feminino; quanto às regiões de residência, destaca-se que 47,3% moram no Rio de Janeiro 47,3% e 21,2% no estado de São Paulo. Estes dados demonstram uma concentração de identidade étnico-racial, de gênero e geográfica da produção literária. Reportagem disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/02/pesquisa-revela-perfil-dos-escritores-e-personagens-da-literatura-brasileira-contemporanea-4054469.html> - Acesso em 03/06/2018.

¹² Refiro-me à experiência profissional enquanto Analista de Reforma e Desenvolvimento Agrário no INCRA/RS, em que é frequente receber este tipo de alegação na contestação aos Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) de um território quilombola. Nas mais diferentes regiões do estado, os contestantes costumam solicitar o cancelamento do pleito quilombola com o argumento de que os negros e brancos ali conviviam e convivem bem, sem a existência de racismo ou preconceito de qualquer tipo.

¹³ Destaco aqui o termo “parece”, porque há muito a transformar. Na atualidade, destaco o caso de racismo entre estudantes do curso de graduação em Direito, no Rio de Janeiro, no evento esportivo denominado Jogos Jurídicos, em junho de 2018. Reportagem “Seppir se reúne com PUC-Rio para apurar casos de racismo” – Disponível em <https://www.portaldominuto.com.br/seppir-se-reune-com-puc-rio-para-apurar-casos-de-racismo/> – Acesso em 20/08/2018.

poesias. Com esta sua afirmação, voltei a procurá-la, buscando saber sobre si e também sobre a procura por seus escritos. Infelizmente, as respostas de Queila denotaram o não encontro com seus manuscritos: falta de tempo para procurar, muito trabalho na vida cotidiana, inclusive demandas familiares de saúde, mas alegando procuraria “- assim que der”. Após perguntar mais algumas vezes, talvez em torno de cinco, compreendi e aceitei que não seria o momento deste encontro. Talvez a pesquisa não tenha lhe atraído, ou que não havia tranquilidade para se expor numa pesquisa acadêmica, ou simplesmente não houve mesmo tempo – ou vontade – de procurar seus escritos. O que o passado poderia suscitar ou evocar? Gostaria de mexer com certas emoções neste período de sua vida? Estas perguntas dialogam com as reflexões de Maria Stephanou (2018):

“O passado sabe muito de nós”, frase que intitula nosso texto, inspira-se na formulação de Arlette Farge (2011). A autora reporta-se à idéia de que, na busca incessante dos laços entre passado e presente, os documentos palpitam os movimentos de outrora. Ou, ainda, neles se encontram os ruídos persistentes dos tempos. Esses ruídos não são evidentes, é preciso tensioná-los [...] (STEPHANOU, 2018, p. 1).

A partir do excerto acima, reflito que o encontro com documentos produzidos no passado nem sempre é desejado, pelo seu potencial de fazer emergir memórias de momentos adormecidos, tensionamentos do presente. De repente, pode existir o desejo de deixar “parado” aquilo que o passado conhece das histórias de vida individuais. A pesquisa com temas do passado depende de disponibilidade pessoal, como afirma Thomson (1997). Assim, o pesquisador precisa priorizar o ser humano, respeitar e aceitar sua escolha, seja qual for.

Outra reflexão sobre a relação passado e presente, é apresentada pela historiadora Sandra Pesavento, quando indaga:

As vozes do passado reescrevem seu próprio depoimento, cada vez que são interpeladas. [...] Além disso, o *gap* da temporalidade transcorrida entre o vivido e o narrado implica, por si só, em reconstrução seletiva, voluntária e involuntária.

[...]

Todas essas questões talvez apresentem mais dúvidas do que certezas... Mas, afinal, se não fosse a permanência da interrogações, das perguntas e dos desafios, como embarcar nessa aventura do conhecimento que representa a história, na sua tentativa de decifrar o passado? (PESAVENTO, 2008, p. 190)

No encontro com documentos antigos que foram conservados, nos deparamos com o passado, não tal qual foi vivido, mas da forma como é possível recordá-lo no tempo

presente. Estamos preparados para o reencontro? Por que, para que, para quem conservar? É possível a mesma emoção? Buscamos ou não, decifrar o passado? Como indica Pesavento (2008), não é possível obter essas respostas. Persistirá a distância entre o vivido e a reconstrução seletiva, que ocorre porque o presente é outro tempo, local e história.

LARISSA

Tive pouquíssimo contato com Larissa, razão pela qual não disponho de seus dados pessoais para apresentá-la.

Larissa foi indicada por Queila, que me forneceu seu número de telefone celular. Meu primeiro contato com Larissa foi por telefone. Como estava ocupada, ela pediu que lhe enviasse um *e-mail*, apresentando-me bem como dos interesses de pesquisa. Enviei-lhe o e-mail no mesmo dia. Conteí de mim, vida profissional e de mestranda, da proposta de pesquisa para a dissertação e terminei solicitando um encontro pessoal, quando poderíamos conversar mais.

Alguns dias depois, Larissa enviou-me o seguinte texto por *e-mail*:

“Querida Naira
Boa Tarde

Eu não tenho hábito de escrever.
Contatei uma amiga que tem material e disponibilidade para contribuir na pesquisa.

Nome: xxxxxxxx xxxxxx
email: xxxx@xxxxxx
fone: xxxx-xxxx

Larissa”
(email recebido dia 27/05/2018, com ocultações de dados pessoais)

Respondi a mensagem de Larissa, agradei a atenção e os dados de sua amiga, indicando que a procuraria.

Era o final do mês de maio de 2018, e eu só tinha recebido escusas para participação na pesquisa. A resposta de Larissa mobilizou uma pausa para reflexão sobre como eu vinha abordando e formulando os convites, se haveria a possibilidade de modificar algo na minha apresentação, mantendo-me, ao mesmo tempo, o mais honesta possível com a proposta de pesquisa. Mais desafiador foi o fato de não vislumbrar, até aquele momento, o que poderia ser readequado. Relendo o diário de pesquisa, vi que a última semana do mês de maio foi a mais intensa em contatos para a pesquisa. Quiçá esta tenha sido uma resposta

peçoal para lidar, concomitantemente, com as escusas que aconteceram, com os dias passando e com os desafios para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado.

Além das negativas acima relatadas, o processo de pesquisa exigiu lidar com a ansiedade pessoal, que caminha junto com a espera, o ato de aguardar o tempo de decisão solicitado por algumas mulheres. Posso pensar em qual tempo para a reflexão pessoal de cada mulher consultada? Lembro que existe um desconhecimento meu acerca de diversos pontos da vida dessas mulheres, e que não está ao meu alcance decifrar suas histórias. Nesse sentido, como encontrar um ponto de convergência que propulsione pensar os sentidos delas ao relatarem suas experiências, suas escolhas de conservar ou não suas produções e sobre a disposição interna em dar ou não visibilidade?

Sobre os silêncios das mulheres ao longo dos séculos, produzido pelo contexto histórico e cultural de diferentes épocas, Perrot (2005, p. 34-35) compartilha dados sobre ações de resistência feminina quanto ao controle de seus corpos, mas são ações que passam à História através do registro de arquivos policiais, com uma leitura de desaprovação à ordem estatal. Com isso, a historiadora contribui a pensar que os silêncios dedicados às vozes femininas, por tantos séculos. Penso que talvez isso corrobore para uma timidez da expressão feminina nos espaços públicos hoje. Quanto será que essa ideia ecoa nas escolhas por conservar ou não as próprias produções escritas? E, quando conservadas, como lidar com a possibilidade de se tornarem públicas, através de um trabalho acadêmico?

Apesar das escusas recebidas até este momento, intuí a necessidade de continuar. Descrevo abaixo meu contato com Úlima, indicada por Larissa.

ÚLIMA

Úlima trabalhou em instituição pública. Estudou magistério e é graduada em Letras. Atualmente está aposentada e participa de um grupo de canto.

O contato com Úlima ocorreu inicialmente por telefone, um dia após o *e-mail* que recebi de Larissa. Úlima foi bastante solícita, disse que gostava muito de escrever desde a tenra idade, mas não garantia ter conservado seus escritos. Solicitou que lhe desse dois dias para que procurasse e voltasse a ligar no turno da noite, que era mais tranquilo para ela.

Senti um enorme contentamento quando, no dia combinado, Úlima respondeu ter encontrado um diário e algumas cartas. Era o primeiro “sim” desta pesquisa!

Como poderíamos combinar um encontro pessoal, para conhecer seus artefatos? Relatei alguns horários que eram mais tranquilos procurá-la e Úlima se candidatou a vir até minha casa, numa quarta-feira à noite, 6 de junho de 2018.

Úlima chegou no horário combinado, muito simpática. Apresentei-lhe meu esposo e filha. Perguntei como foi chegar até minha casa, se houve dificuldades. Ofereci-lhe água, chá, e algum petisco. Ela agradeceu e somente no final do encontro aceitou um chá.

Nesse dia, conheci um pouco de sua história. Ela narrou que é graduada em Letras, e escolheu este curso porque sempre gostou muito de escrever; imaginava-se professora, mas quando se formou já era funcionária concursada de uma empresa pública, escolhendo permanecer neste trabalho. Agora, está aposentada e dedica-se ao canto com algumas amigas.

Retribuindo a narrativa, contei um pouco sobre mim, minha rotina e sobre o tema de pesquisa. Úlima verbalizou: “- Vamos ver então se eu trouxe o que tu queres. Eu não sei bem se vai te ajudar, mas eu espero que ajude”. E abriu sua bolsa, apresentando:

1. um diário, que ganhou aos 15 anos de uma de suas irmãs. Mostrando as primeiras páginas, disse: “- Naquele tempo, se dava para os pais escreverem, meu pai não quis muito, mas minha mãe deixou aqui sua letrinha”. Seguindo as páginas, me mostrou um registro de sua irmã, de uma prima e “assim ia”, relatou.

2. um conjunto de três cartas, correspondências de um relacionamento com um homem carioca, durante a década de 1980. Ela disse que trocaram estas cartas por alguns anos. Aquelas que ela escrevera não tinha mais, nem sabia se o homem havia guardado, pois não tinha mais contato com ele. Acrescentou que não recordava mais destas cartas, mas as encontrou dentro das caixas onde guarda “as coisas antigas”, quando se mobilizou a procurar a partir de meu pedido.

Perguntei a Úlima se ela poderia deixar comigo estes artefatos, por alguns dias, para que eu os observasse e compreendesse. Ela consentiu e confiou-me seus artefatos nesta data. Antes de nos despedirmos, demonstrei-lhe meu contentamento e gratidão, pela sua disponibilidade desde o primeiro contato por telefone, depois reservando seu tempo para procurar os artefatos e, naquele momento, trazendo-os à minha casa. Ela respondeu que não era trabalho e manifestou seu desejo de contribuir com a pesquisa.

Imersa na rotina, demorei a dedicar o olhar atento para estes artefatos. Quando o fiz, encontrei registros de memórias, não somente dela, mas de diversas pessoas de suas relações. O diário que ela me confiara, presente de quinze (15) anos, era totalmente diverso do

sentido da palavra “diário” na contemporaneidade. Minhas memórias reportaram-se, num primeiro momento, à própria experiência, o que corresponde a um anacronismo, e exige uma vigilância epistemológica.

Eu estava diante de um álbum do tipo álbum de recordações ou de poesias, suporte onde várias pessoas registraram mensagens. A frase de Úlima “- Naquele tempo era assim” conectava-se à explicação de Cunha (2011):

Os álbuns de poesias eram uma forma ritual de prestar homenagens escritas que foram bastante frequentes, desde os finais do século XIX até os anos 60 do século XX, para celebrar a amizade durante o tempo escolar. [...]. Estavam destinados a receber a cópia de versos, sonetos, pensamentos, pequenas ilustrações, todas com dedicatórias e assinaturas que serviam para homenagear / saudar o (a) proprietário (a) [...] (CUNHA, 2011, p. 347)

O artefato pessoal que Úlima apresentou continha mensagens de suas irmãs, de sua mãe, de algumas primas ou amigas mais próximas. Constituíam uma homenagem à Úlima. Ou seja, os manuscritos eram de outras pessoas para a titular do álbum. Infelizmente não registrei fotos deste artefato, porque os contatos que se seguiram com Úlima apresentaram outros artefatos, mais próximos dos objetivos da pesquisa, como apresentarei na sequência.

Quanto às correspondências que Úlima trocara nos anos 1980, estavam guardadas dentro dos respectivos envelopes, e continham mensagens do então namorado. Eram cinco cartas. Embora Úlima tivesse lido em voz alta alguns trechos durante as horas que passamos em minha casa, e algumas lembranças lhe ocorressem sobre suas escritas, Úlima demonstrava serenidade quanto ao fato de que esta relação pertenceu à história e morava agora no passado.

Em casa, manuseei com cuidado e atenção, concluindo que não se tratava exatamente de produções manuscritas de Úlima, como desejado nesta pesquisa. Assim, algum tempo depois, fiz novo contato telefônico com ela, que com grande atenção me atualizou sobre sua vida, seus compromissos e cuidados dedicados a familiares. Após escutar, agradei a disponibilidade e confiança dela, emprestando-me seu diário e suas cartas. Respondi que, durante a análise, observei que não continha sua letra em nenhum momento... Úlima respondeu que sim, que realmente não tinha a letra dela ali. Eu continuei: “- Por acaso, você teria outras formas de registro, que apresentasse suas próprias práticas de escrita?” Apresentei que estes materiais poderiam ser os mais variados: cadernos de poesia, agendas telefônicas, cadernos de música, diários, até pequenos bilhetes, rascunhos para se lembrar de algo. Ela disse que iria pensar, iria vasculhar mais suas coisas. Em seguida comentou – como quem tem

novas ideias a partir da própria fala – que uma vez escreveu uma cartilha, de próprio punho, para a turma de alunos que lecionava, na época do magistério. Manifestei interesse e ela disse que precisaria procurar com bastante atenção, porque uma vez fizera uma reforma em sua residência, e um dos trabalhadores, vendo o grande volume de materiais, perguntou se não podia jogar fora, qe na época ela autorizou. Assim, precisa conferir se esta sua produção se conservara ou não. Despedimo-nos combinado que ela iria procurar e eu voltaria a ligar em alguns dias.

No contato telefônico seguinte, Úlima me afirmou ter encontrado a cartilha produzida à época do curso de magistério: “- ’Tá lá a minha letrinha [...] acho que fiz com nanquim [...] lembro que me deu um trabalhão na época!”. Úlima relatou não imaginar que ainda existia esta cartilha. Comentou também o reencontro com algumas anotações de receitas de sua finada mãe, junto com uma agenda antiga de telefones e perguntou se me interessava. Afirmei que sim. Marcamos um encontro pessoal, num sábado à tarde. Fui ao seu encontro e pudemos conversar um pouco sobre a vida, os compromissos e a o desenvolvimento da pesquisa. Úlima foi muito solícita e atenciosa, explicando-me como dispôs os artefatos e a que correspondia o conteúdo de dois diferentes pacotes que me confiava neste momento:

- um com receitas: dentro de uma agenda de 1954, que pertencera à sua mãe, conservava diversos manuscritos e recortes. Havia também alguns registros de sua irmã. Ao olhar, vi um objeto histórico, com valor de época e infinito valor sentimental. Tomei extremo cuidado ao manuseá-lo.

– outro com a cartilha feita na época da adolescência, quando estudante do curso de magistério. À primeira vista, perguntei se teria usado o mimeógrafo – imagem que carrego das primeiras séries escolares – ao que Úlima respondeu que não, que fora um trabalho com nanquim.

Ao leitor, apresento algumas imagens destes registros de escrita no Anexo B.

CAROLINA

Carolina trabalhou como funcionária pública estadual. Graduada em Letras. Está aposentada. É poetisa e atua no Sopapo Poético.

Conheci Carolina no dia 26 de junho de 2018, terça-feira, quando fui conhecer o Sopapo Poético. Reconheci ali rostos do dia em que conheci pessoalmente Helena, no almoço da associação de cultura negra. Um desses rostos, lembrando da minha proposta de pesquisa, me indicou a procurar Carolina, que é escritora e poderia também indicar mais mulheres para

a pesquisa. O evento deste dia foi um pouco mais longo e só tive oportunidade de me aproximar de Carolina no final do evento, após as 22:00 horas. Falamos brevemente e trocamos telefone, a fim de combinar um encontro pessoal. Senti uma boa recepção de Carolina para a pesquisa e nosso encontro ocorreu poucos dias depois, em 02 de julho de 2018, segunda-feira.

No dia agendado, chovia muito e Carolina me ligou perguntando se eu desejava manter o encontro. Sim, eu tinha muito interesse em manter. Era a oportunidade de me apresentar com mais calma, bem como à minha proposta de pesquisa. Ela relatou que gosta de escrever desde que foi alfabetizada, que escrevia muito quando criança e que continuou depois de casada e com filhos. Cursou Letras já depois de casada. Contou que seu pai teve muito envolvimento com música, sendo um dos fundadores da Escola de Samba (ES) Acadêmicos da Orgia, no Bom Fim – que continua ativa. Contou que possui três irmãos homens, que gostam da música, e algumas vezes ela escreveu letras para eles cantarem na escola de samba. Também teve parceria na composição de músicas com outros músicos gaúchos, como Leleco e Bedeu.

Carolina relatou que se lembra de escrever poesias ainda criança, sobre os diversos elementos que a cercavam: a escola, o campinho, os passeios com os irmãos, a vida em família, o Arroio Dilúvio “- que já foi muito mais cheio do que é hoje”, ela arrematou. Contou que também escrevia no verso de cartões postais, que comprava ou pedia para outras pessoas, para colecionar cenas de diferentes lugares. Disse que não trazia consigo, mas poderia me mostrar os cartões postais outro dia. Neste dia, ela trazia na bolsa dois livros: uma coletânea de poesias de vários autores negros e um livro de sua autoria, sobre a história de a escola de samba fundada por seus pais junto a outros amigos. Ela emprestou-me os dois, pedindo especial cuidado com o segundo, que está esgotado na editora.

Perguntei a Carolina sobre ter cadernos escolares guardados em casa, que ela confirmou, destacando o fato de que sua mãe os conservara. Afirmou que morava na mesma casa onde cresceu, só tendo saído por um ano, quando do primeiro casamento. Mudou-se quando casou, mas logo voltou para a casa dos pais, porque a casa onde residia com o esposo “sofreu” pela enchente. Carolina pareceu disposta a conceder-me acesso a seus manuscritos e isso foi importante para dar novo fôlego à pesquisa e mais confiança à pesquisadora.

Despedimo-nos tão logo a chuva diminuía, com a promessa de um novo encontro. Mas este só aconteceu em outros eventos culturais, que eu tomava conhecimento a partir de seus convites por aplicativo de mensagem de celular ou redes sociais.

Ter encontrado Carolina foi motivador, especialmente por seu entusiasmo com as práticas de escrita ordinárias, registros a partir de suas experiências cotidianas. Durante nossa conversa, ela partilhou um pouco de si, que se mostra a partir da prática de escrita: seu gosto pela escrita desde a infância, suas inspirações relacionadas ao ambiente musical, às brincadeiras com os irmãos e ao espaço de moradia. O contato com Carolina apresentou que as experiências cotidianas são inspiradoras para as práticas de escrita constituidoras de si e seu grupo familiar. Apesar disso, em relação à pesquisa, os manuscritos de Carolina não compõem o *corpus* empírico porque ela é uma escrevente em estágio de publicação, “escapando” à proposta de abordagem com pessoas comuns. No Anexo B, apresento uma de suas poesias, publicada no livro *Sopapo Poético* (2016).

Os seis encontros acima ocorreram entre o período de abril a setembro de 2018. Neste interstício encontrei-me também com outras quatro mulheres cujas práticas de escrita ordinárias vieram a compor a empiria desta dissertação. O projeto de pesquisa foi defendido em outubro de 2018, e após esta data, até janeiro de 2019, apresentei o convite para mais três mulheres, recebendo o aceite de uma (Fênix). Abaixo descrevo brevemente os encontros com Celina e Joana, que resultaram em escusas a esta pesquisa. E na seção seguinte, *Mulheres negras e suas práticas de escrita: marcas do tempo, memória e rastros de si*, apresento as reflexões sobre as práticas de escrita de cinco mulheres: Maria Joaquina, Liliane, Maria, Fênix e Maria Emília cujos registros manuscritos integram o conjunto documental examinado.

CELINA

Celina trabalhou como doméstica. Está aposentada.

Moramos no mesmo prédio, mas nos aproximamos somente após o convite para esta pesquisa. Um final da tarde de novembro de 2018, após ela “brincar” com as palavras com a minha filha no retorno da creche, senti coragem para perguntar se podíamos conversar sobre um projeto pessoal meu. Ela assentiu e abriu o convite para irmos algum dia à sua casa.

No dia 5 de novembro de 2018, Clara, minha filha, e eu fomos ao apartamento de Celina. Conte um pouco sobre mim, meu trabalho no INCRA e minha pesquisa de mestrado. Celina concordou com as dificuldades vivida pela população negra para o acesso à alfabetização e me contou foi adotada por volta dos dois anos. Narrou que conhece pouco de sua família biológica, que lhe contaram que sua família era descendente de quilombo, das imediações do bairro Mont’Serrat de Porto Alegre/RS, Por volta dos dois anos de idade, Celina foi “doada” para um casal de pessoas brancas, de mais idade e sem filhos. Ela os

nomina de madrinha e padrinho. Celina narra que este casal lhes deu condições materiais e oportunidade de estudo, mas que tem alguns acontecimentos que ela sente que faltou amor nesta criação. Expressou: “- Naquela época, pegaram a negrinha para criar”. Perguntei sobre sua escolarização. Contou que teve acesso à escola na idade regular, acesso aos materiais escolares e se recordava de percorrer o caminho da escola junto com a avó adotiva. Não tinha certeza do nome da escola, mas era nas imediações de onde ela morava, entre os bairros Bom fim e Rio Branco, em Porto Alegre/RS. Mas na época do ensino ginasial (atual 5º ano do ensino fundamental) mudou de escola e foi para um internato, pois a família considerava que “- estava dando muito trabalho”. Nesta época, distanciou-se da convivência familiar. Dormia no internato, mas não se adaptou. Isso “- e outras coisas” a deixaram magoada com a família adotiva. Saiu da escola e não voltou para casa. Tinha aproximadamente com doze anos e foi trabalhar em casas de família, inicialmente como babá, onde passou a residir. “- Eram outros tempos, também”, refletiu.

Quando perguntei sobre práticas de escrita da época da escola, cadernos de música, de poesias, de receitas, entre outros, ela disse que não tinha lembranças destas práticas de registros. Narrou ter alguns objetos guardados em um baú, em casa e pediu licença para ir buscar. Quando voltou, partilhou comigo fotos da infância. Em algumas destas fotos, apareciam seus avós adotivos ou os pais de sua madrinha. Havia também fotos na praia. Não havia registros de datas nas fotos, nem marcações no verso. Perguntei quanto à idade e Celina estimou que ela teria, na época, por volta de cinco a seis anos de idade. Assim, provável que estes registros datem da década de 1950. Celina afirmou gostar muito de fotografia e mostrou-me algumas de quando era jovem. Acrescentou que não tinha condições econômicas de revelar fotos, mas que às vezes as famílias para quem trabalhava faziam fotos e lhes davam “uma que outra”. Olhamos muitas fotos, inclusive algumas de aniversários, quando então ela manifestou que gosta muito de comemorar aniversários, seus e dos filhos.

Comentei que via ali um elo com a minha pesquisa, pois a conservação de fotos é também uma forma de guardar a própria história. Comentei que às vezes as histórias de aniversários são registradas em um diário pessoal onde, ao falar da vida dos filhos, aquele que escreve deixa traços também de si. Como a coleção de fotos, alguns cadernos podem conter lembranças do passado, por exemplo um caderno de questionário, que propicia recordar de pessoas e de vivências de décadas anteriores. Explanei que diários, cadernos de questionário, cadernos de recordações, entre outros, eram práticas de escrita estimuladas pela escola há bastante tempo – por isso ter acesso à escola era também algo tão importante. Expliquei que

buscava em minha pesquisa manuscritos de mulheres negras e quilombolas, nascidas antes da ampliação do acesso à alfabetização no Brasil, para refletir sobre as possibilidades de expressão de si em suas práticas de escrita cotidianas. Perguntei se ela guardava algum caderno do passado, de quaisquer ordem: receitas, músicas, poesias, de recordações, diários, entre outros. Sua resposta foi negativa, mas disse que tentou guardar alguns cadernos de seus filhos, do período escolar “- para que eles pudessem ter esta memória no futuro.

Celina concordou que um caderno de quando era aluna permitia hoje abrir e lembrar de muitas pessoas. Mas reafirmou não ter guardado nenhum caderno. Explicou não ter feito diários. Mencionei sobre os álbuns de recordações, mas ela disse que tinha certeza que não. A certeza de Celina me fez pensar, sem verbalizar, na força dos registros escritos, de diversos gêneros, em tornar perenes as vivências do passado. Quando um escrevente deseja esquecer-las, ou opta manter uma distância “segura” para não lembrar, não raro busca o apagamento. Talvez por isso muitos manuscritos não sobrevivem para se tornar objeto para a pesquisa histórica, como Cunha (2009) observou na nota nº 5 do seu artigo:

Considerando seu caráter de objetos frágeis e, muitas vezes, portadores de segredos pessoais, eles podem ser destruídos pelos próprios proprietários. Manuel Alberca, estudioso de diários, apresenta uma estatística feita com diaristas que concluiu que 63% dos diários são “destruídos com as mãos: rasgados, arrancadas as folhas e levadas ao fogo, cortados com tesouras ou outra ferramenta”. (Manuel Alberca, *La escritura invisible: testimonios sobre el diario íntimo*, Madrid, Sendoa, 2000, p. 362 apud CUNHA, 2009, p. 272)

O excerto acima convida a refletir sobre a prática humana de registrar-se, com o risco de que aspectos da própria vida constem nos registros ordinários, cotidianos. Com o passar dos anos, tem-se uma coleção de muitos aspectos do escrevente e a possibilidade de, desejado ou não, ter composto um artefato de sua história.

Finalizando este encontro, Celina contou que já recebeu de algumas pessoas o incentivo para escrever a sua história, mas ainda não o fez. Eu confirmei que seria bastante importante. Ela narrou que atualmente só tem as fotos para contar seu passado, mas nada escrito. Contou ainda que há alguns anos foi convidada a participar de um documentário, ocasião em que pode contar um pouco de sua história. E perguntou se eu gostaria de assistir a este filme, e na minha afirmativa foi para o quarto buscar um CD-Room. Explicou que sua filha primogênita a inscrevera num projeto, e então um dia telefonaram-lhe para fazer a gravação. Agradei, despedi-me e apresentei que gostaria de ver os registros de seus filhos, se

pudesse me mostrar alguns dos cadernos escolares destes, se conservados. Ela confirmou que procuraria e me pediu que voltasse a procurá-la. Desde então aproximamos nossa convivência. Ficou mais fácil conversar com Celina sobre diversos temas, inclusive o desenvolvimento da pesquisa. Partilhei com ela alguns dos artefatos que eu vinha reunindo em casa para análise. Mas Celina manifestou não ter encontrado nenhum material manuscrito, nem seu, nem dos filhos.

Sobre o documentário contido no *CD-room*, intitula-se “Balões, lembranças, pedaços de nossas vidas”. Foi produzido no ano de 2013, pela Produtora Armazém de Imagens. A proposta do diretor Frederico Pinto foi apresentar a relação de memória a partir das fotografias, na experiência de quatro mulheres, e com destaque para as fotografias de festas. Da fala de Celina, destaco sua reflexão de que foi criada sozinha e talvez por isso gosta muito de estar em uma festa, de ver as pessoas reunidas. Celina explana que sonhava ter uma família grande e reuni-la em aniversários. Explanou que buscou realizar o aniversário para todos os filhos, cujas festas eram festas no modelo antigo, com as os itens feitos em casa, a mesa na rua, mas a fotografia era um item muito caro. Por isso suas fotos antigas são doações de outras pessoas que estavam na festa, por vezes de algum patrão. No final do documentário, o diretor destaca que as fotografias conservadas lhe propiciam conhecer histórias que ele não saberia narrar, como quando era pequeno.

JOANA

Joana é professora de língua estrangeira, nascida na década de 1980. Minha intenção era convidar sua mãe participasse da pesquisa.

Durante o mês de janeiro de 2019, fiz um curso intensivo de francês (nível básico) e usarei o pseudônimo de Joana para minha professora. Em uma das aulas, no contexto de nomes da língua francesa, ela comentou que seu nome é inspirado na literatura, após seus pais lerem um romance protagonizado por uma família africana. A partir deste comentário, que soa uma valorização da cultura africana, pensei sobre a amplitude de leituras de seus pais e a possibilidade de atuação destes no combate ao preconceito racial. Ao fim da aula, perguntei se havia disponibilidade para eu partilhar sobre um assunto pessoal. Na sua concordância, falei de mim e da pesquisa de mestrado. Ela manifestou interesse na temática e afirmou que seus pais foram bastante atuantes em atividades de combate ao racismo e em casa este tema permeou a formação dos filhos. Quando perguntei sobre práticas de escrita como cadernos de receitas, álbuns de família, caderno de músicas ou poesias, Joana afirmou grande

probabilidade de que sua mãe tivesse cadernos de receitas, mas precisaria confirmar com ela. Manifestei meu interesse em marcar um encontro pessoalmente e coloquei meu telefone celular à disposição. Joana disse que encontraria a mãe no fim de semana e então perguntaria a ela, antes de me passar os contatos.

Apoiada no meu diário de pesquisa, posso relatar que no dia 15 janeiro de 2019 tornei a perguntar a Joana sobre as possibilidades de encontrar-me com sua mãe para minha pesquisa. Ela respondeu que a mãe afirmara não ter mais seus cadernos de receita, perdidos provavelmente durante mudanças anteriores de apartamento, quando moravam em apartamento sem elevador, e cujas mudanças implicavam carregar muitas caixas. Afirmei compreender e que a mudanças de endereço foi argumentada também por outras mulheres que contatei como um fator para a não conservação de seus manuscritos. Ainda assim, coloquei-me à disposição, se houvesse a possibilidade de encontrar sua mãe pessoalmente, para conversar sobre minha pesquisa. Tive aulas diariamente com Joana até o fim de janeiro de 2019, mas não obtive outra resposta acerca da disponibilidade de sua mãe para a pesquisa.

Como aprendizado na formação de pesquisadores, vejo que as escusas tenderam a contribuir na valorização das materialidades confiadas para análise nesta dissertação, que apresento nas páginas seguintes.

MULHERES NEGRAS E SUAS PRÁTICAS DE ESCRITA: MARCAS DO TEMPO, MEMÓRIAS E RASTROS DE SI

A seção que inicia contém a descrição do corpus empírico, das práticas de escrita de cinco mulheres, dentre elas duas quilombolas. São mulheres da capital e do interior do Rio Grande do Sul, nascidas entre as décadas de 1940 a 1970. No texto, ofereço ao leitor informações sobre o contexto em que encontrei com cada uma e as situações em que me confiaram seus manuscritos: cartas, cartões, agendas, cadernos de aulas, cadernos espirituais, cadernos de receitas e caderno de músicas.

Dedico especial atenção aos modos como cada uma apropriou-se das materialidades nas quais registrou suas escritas. Pela riqueza do corpus empírico que pude reunir ao longo da pesquisa (2018-2019) transcrevo parcialmente alguns manuscritos das participantes da pesquisa. E apresento reflexões tecidas a partir da literatura concernente às escritas ordinárias, às memórias, às escritas autobiográficas e às práticas de produção de si.

Cabe ressaltar ainda algumas observações metodológicas para que o leitor possa acompanhar os meus procedimentos de análise e reflexão.

Quanto à citação de alguns excertos das escritas presentes nas materialidades, como a ABNT não prevê norma específica, opto por transcrever os registros das escreventes na mesma fonte e tamanho de letra do conjunto do texto da dissertação, com recuo de três centímetros – diferenciando-os, assim, de outras citações.

No que concerne à apresentação do *corpus* empírico de cada uma das mulheres, procurei agrupar por tipologia documental, e não necessariamente obedecendo a uma ordem cronológica. Deste modo, distingo correspondências, cadernos e agendas. Procurei fazer uma descrição minuciosa, porque são estas as questões implicadas nos usos e práticas que cada mulher fez de seus objetos.

Diversas vezes levanto questões acerca dos motivos que as levaram a guardar estas e não outras materialidades. Ou ainda, a confiar-me estas. Isso não significa que não tenham existido ou conservado outras. Esta dúvida persiste até o ponto final da dissertação. Mesmo assim, concentrei minhas reflexões naquilo que me foi confiado por Maria Joaquina (Kina), Marilene, Maria, Fênix e Maria Emília. Apresento-as nesta ordem, para pensar o tempo cronológico, o contexto de menor oferta escolar e de materiais da cultura escrita, para o contexto de maior oferta.

TEMPOS E PENSAMENTOS DE MARIA JOAQUINA (KINA)

Maria Joaquina trabalhou como comerciante. Estudou até a 4ª série (atual 5º ano) do ensino fundamental. Pertence à comunidade quilombola Costa da Lagoa, em Capivari do Sul/RS. Está aposentada. Nasceu em 1941.

Conheci Kina, como é comumente chamada, em 2014, quando a equipe do INCRA/RS estava dedicada à elaboração do Relatório antropológico da comunidade quilombola Costa da Lagoa/RS. Um dia ela trouxe à equipe algumas folhas digitadas e impressas, intituladas “A Vida Quilombola” – “Costa da Lagoa – Santa Rosa / Capivari do Sul”. Contou que escreveu algumas folhas, “enquanto a memória ainda permitia”, e pediu ao neto que digitasse. Este documento consta no Relatório final da comunidade. Foi recordando deste dia que pensei em contatá-la e perguntar sobre suas práticas de escrita, de modo a fazer-lhe o convite para integrar a pesquisa.

Telefonei para Maria Joaquina no dia 21 de junho de 2018. Após atender, ela disse que pensara na equipe do INCRA/RS fazia algumas semanas e que era coincidência eu ter telefonado. Perguntou sobre os colegas de trabalho e sobre minha família. Então, comentei sobre o ingresso no mestrado e sobre a pesquisa acerca dos gestos e práticas de escrita de mulheres quilombolas e mulheres negras. Acrescentei que recordava do seu texto “A vida quilombola”, e gostaria de saber quais seriam suas práticas de escrita, se por acaso teria outras materialidades com seus registros, como cadernos de receitas, cartas, agendas, qualquer espaço de anotação para uso comum, do dia a dia. Kina comentou que no dia anterior encontrara algumas poesias enquanto organizava alguns papéis. Demonstrou disposição para procurar o que tinha guardado e perguntou se seria preciso passar a limpo alguma coisa, porque percebia que sua letra estava mudando com o tempo. Logo respondi que o interesse era no manuscrito, do tempo que fosse, sem a necessidade de passar a limpo. Convidou-me para ir um dia à sua residência, em Porto Alegre, tomar um chá e conversarmos mais. Ansiosa como estava para a pesquisa (nesta época ainda na forma de projeto), propus o fim de semana, mas ela disse que estaria em Capivari do Sul, na comunidade. Então agendamos para o dia 28 de junho, quinta-feira, final da tarde.

No dia agendado, chovia muito e Kina ligou às 16h00 para confirmar se eu manteria o encontro. Eu disse que gostaria de manter, se ela pudesse, mas evitaria levar minha filha, como havíamos combinado, para não expô-la. Kina compreendeu e pediu para eu levá-la em outro momento, pois gostaria de conhecê-la. Kina me recebeu com chá e um pedaço de bolo. Ela indagou sobre as atividades de trabalho, depois contou que em dezembro recebera

em sua casa uma equipe do jornal Folha de São Paulo, que fez uma reportagem sobre as comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul. Entregou-me a reportagem, publicada no dia 29/12/2017, página A8, do periódico Folha de São Paulo, cujo título é “Raízes invisíveis. No RS, comunidades descendentes de **escravos** buscam regularizar suas terras e mostram que [a] região vai além **da herança europeia**” (destaques do original)¹⁴. Ela disse que era uma reportagem grande, falava da Costa da Lagoa e de outros quilombos, e perguntou se eu teria lido. Diante de minha negativa, disse que eu poderia levar o jornal para ler e o devolveria depois. Confirmei que tinha interesse. Em seguida, ela relatou outros fatos de sua vida, das recentes preocupações com a neta mais nova, por volta de dois anos à época, que realizava uma bateria de exames e consultas para analisar o seu desenvolvimento. Narrou também sobre a filha mais velha, que não estava presente porque encontrava-se bastante ocupada com os preparativos da festa de seus 50 anos de idade, e também muito contente que encaminharia o pedido de aposentadoria de uma “matrícula” como professora da Secretaria Municipal de Educação.

Perguntou então sobre minha pesquisa, ao que expus sobre o interesse em estudar as práticas de escrita cotidianas, realizadas de forma frequente e que em geral nem atribuímos significado, ou consideramos que não tem valor. Práticas de escrita que por vezes realizamos para nos ajudar a organizar a vida, como uma agenda de telefones, os bilhetes de compras para o supermercado, um recado que deixamos para alguém que não está em casa, até mesmo as práticas mais pessoais, como um livro de família, um caderno de receitas, a troca de cartas, um diário íntimo. Ela comentou que um de seus netos, estudante de graduação em Letras na PUC/RS, apresentara há alguns meses um trabalho com suas poesias, e percebia que havia um movimento de interesse pelos manuscritos das pessoas de mais idade. Este mesmo neto, ela relatou, vinha lhe pedindo para escrever suas experiências, em especial sobre a vida quilombola, como um álbum de memórias que ficassem para o futuro, para os mais novos conhecerem. Ao que ela arrematou “- Eu ando pensando muito em começar a escrever a minha história, assim, o que eu já vivi”. Pediu licença, levantou-se e disse que iria buscar algo. Foi para o quarto e voltou com algumas folhas sulfite A4, preenchidas com longas frases. Disse que, após o pedido do neto, estava escrevendo, iniciara uma escrita de suas memórias e ali estavam algumas.

¹⁴ A Fotografia da referida reportagem “Raízes invisíveis”, está disponível em <https://www.slideshare.net/tyromello/folha-de-spaulo29dedezembrode2017primeirocadernopag8> - Acesso em 24/09/2018.

Durante nossa conversa, Kina comentou que trabalhou como comerciante por muito tempo, junto com o marido. Tiveram uma quitanda de frutas na Avenida Osvaldo Aranha. Logo depois que casaram, os dois pediram demissão do emprego para abrir negócio próprio, e assim planejavam poder cuidar dos filhos que teriam. Perguntei, então, se ela teria conservado os livros de contas dessa época. Ela disse que não possuía mais, que se foram com as mudanças e com algumas enchentes que vivenciou. Eu escutava sem a intenção de responder, acolhendo o que me era narrado. Demonstrei gratidão pela contribuição para a pesquisa e pela confiança em me emprestar seus registros, permitindo que eu os levasse para casa. No movimento de guardar o material em uma pasta, preparando-me para ir embora, ela pediu: “- Lê esta poesia, é minha”. E eu a li em voz alta; ela se emocionou, seus olhos demonstraram sonhar junto às borboletas da poesia e nos abraçamos. Voltei para casa radiante pela confiança demonstrada, em deixar-me seus registros pessoais. Antes de Kina, eu contatara seis mulheres, cujas escusas me deixaram dúvidas sobre a possibilidade de uma pesquisa sobre práticas de escrita ordinárias de pessoas comuns. E, ao mesmo tempo, percebi que existia um privilégio da pesquisa com histórias de vida, similar ao que descreve Antoinette Errante: “eu nunca me esqueci do quão privilegiada me sentia porque pessoas quase que completamente estranhas estavam partilhando suas vidas comigo” (ERRANTE, 2000, p. 143). A partilha de Kina, naquele momento, representava a mim um sinal de reconhecimento e confiança.

A prática de escrita compartilhada por Maria Joaquina no primeiro encontro relaciona-se com uma escrita autobiográfica, descrita por Lejeune (2014, p. 16) como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 80). Para Lejeune (2014) não existem fronteiras explícitas quanto aos gêneros narrativos, seja quanto ao conteúdo, seja relativamente ao suporte material em que acontecem, como diários em cadernos, escritos autobiográficos em cartas, poemas confessionais, escritas de si em álbuns de famílias, memoriais em livros de contas, entre outros. Isso leva a refletir sobre as possibilidades de transgressão dos escreventes diante de uma norma cultural acerca dos suportes e gêneros de escrita.

Souza (2010) pesquisou as práticas de escrita realizadas na última página do caderno escolar por crianças do 3º ano do ensino fundamental. A autora relata que, após “descobertos” os registros, muitas crianças os “esconderam”, pois poderiam ser identificados como um gesto de transgressão à norma escolar, que prevê o artefato caderno para atividades relacionadas ao aprendizado. Assim, desenhos, comunicações realizadas entre colegas,

receitas culinárias, recados e lembretes, muitas vezes têm sua existência subtraída dos cadernos escolares, através do uso da borracha ou da supressão das páginas finais em que se localizavam. Para a autora, a escola preocupa-se principalmente com o letramento, mas as inscrições identificadas na última página do caderno dos alunos demonstram outro aprendizado: o uso social da escrita. As últimas páginas, em geral suprimidas, consistem em “práticas de letramento não autorizadas, na medida em que ficam ‘à margem’ dos olhares da escola” (SOUZA, 2010, p. 48).

A partir das escritas de Kina, duas ordens de questões contribuem para refletir o caso da pesquisa desta dissertação: a) que o exercício de pensar e repensar sobre crenças, gestos e significados da própria vida não precisa ser buscado somente em um tipo de suporte, classicamente os diários íntimos; quiçá podem estar presentes em práticas de escrita ordinárias, aquelas produzidas no tempo do dia a dia, e consideradas como “sem qualidade”; b) a existência de registros de memória deixados por pessoas comuns, ainda na Idade Média, antes mesmo da ampliação da alfabetização e apesar da indisponibilidade de suportes tradicionalmente destinados à escrita. Como demonstra Castillo Gómez (2006) em seus estudos sobre as escrituras ordinárias, alguns suportes vêm sendo utilizados ao longo dos séculos, como as tablitas enceradas (2006, p. 62), pergaminhos e uma diversidade de formatos de cadernos (2006, p. 72-90). Desse modo, o autor demonstra que a história da cultura escrita não passou anônima para as pessoas de camadas subalternas, existindo registros de escrita por elas realizados em suportes menos privilegiados, como lençóis de hospital (2003c, p. 101) e paredes (2003a, p. 244). Para Castillo Gómez (2003b), uma vez produzidos registros gráficos, estes podem falar de um tempo e dos conhecimentos de seu/sua escrevente, e “a memória do homem comum recorda o valor alcançado pela comunicação escrita” (CASTILLO GÓMEZ, 2003b, p. 13).

Sobre a pesquisa com Kina, um segundo encontro aconteceu no dia 13 de agosto de 2018. Dessa vez, levei junto minha filha, e fomos recepcionadas com uma caixa de brinquedos à disposição para ela brincar, brinquedos que Kina comprou para a neta. Kina ainda nos ofereceu café da tarde completo. Perguntou sobre minhas aulas, a pesquisa e também os colegas de trabalho no INCRA; contou-me que no fim de semana anterior, havia visitado as irmãs e os parentes “lá na Costa [da Lagoa]”, território quilombola em Capivari do Sul/RS, e participou de algumas atividades feitas pelo município. Depois, Kina levantou-se, pediu licença e em alguns minutos voltou com uma pasta plástica vermelha, onde se entreviam algumas folhas de sulfite manuscritas. Ela afirmou: “- Tem todas essas folhas agora”, ao que perguntei: “- Você escreveu isso tudo desde o nosso último encontro?” Ela

respondeu afirmativamente, acrescentando que já escrevera mais, principalmente poesias, inspirada no cotidiano, na própria vida, principalmente porque fica quase o dia todo em casa, já que está aposentada. Então olha pela janela e escreve “até para passar o tempo”. Neste dia ainda, Kina expressou que, fazia pouco tempo, fora convidada a contar sobre a vida quilombola para as crianças da escola onde sua filha trabalha, e isso a motivou a escrever sobre vários temas. Evocou outras lembranças, afirmou que poderia ter mais registros guardados não fossem as constantes mudanças de residência, quando muita coisa se perdeu; expressou que se mudara “umas onze vezes de casa”, numa vez foi quase despejada com a família, quando seu esposo já estava doente. Voltando os olhos à pasta vermelha, expôs que as folhas ali continham dois contos e alguns ditados populares, escolhidos durante uma leitura de jornal.

Se no primeiro encontro Kina apresentou-me manuscritos que foram estimulados pelo pedido do neto, fiquei a pensar comigo mesma se a continuidade da prática de escrita poderia ter sido estimulada pela minha pesquisa. Não sei precisar. Dentre as cinco mulheres cujas práticas de escrita ordinárias são objeto de análise nesta dissertação, Kina e mais duas mulheres confiaram-me registros realizados na atualidade. Para Lejeune (1997, p. 2) existe uma imensidão de textos *expectantes*, isto é, à espera de um leitor, inclusive no tempo recente, especialmente textos de pessoas comuns, recusados pela indústria editorial, que se interessa por um pequeno número de histórias de vida, com frequência de pessoas famosas ou que ocupam uma posição pública na sociedade¹⁵.

Lejeune (1997) exprime suas primeiras buscas pelo gênero autobiográfico, ainda na década de 1980, quando anunciava sua procura na imprensa escrita e também no rádio. Nesta época, seu foco eram relatos manuscritos do século XIX, mas muitas vezes recebeu autobiografias do tempo presente como resposta. Com sinceridade, Lejeune escreve: “No começo, devo confessá-lo, isso me fez sorrir. Depois, pensar. Levei um certo tempo para tomar consciência da extensão do pedido de leitura para o qual a sociedade francesa praticamente não oferece resposta (LEJEUNE, 1997, p. 2). Quando eu aceitei os registros de Kina, desconhecia este artigo. Mas imaginava que, se eu havia provocado alguma repercussão na escrevente, não poderia abandoná-la. Além do mais, um dos objetivos da pesquisa era valorizar a produção que cada sujeito realiza, e atribui importância, inclusive para as práticas que comumente recebem o status de “sem qualidade” porque nascem primeiro para si, para

¹⁵ Inventariar as produções de pessoas comuns é um dos objetivos da Association pour l'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographique (APA), criada em 1992, e da qual P. Lejeune é um dos fundadores (LEJEUNE, 2007, p. 3)

expressão própria, para um uso ordinário, regular, do cotidiano. Lejeune (1997) afirma mais, que os registros autobiográficos são o espaço para refúgio das misérias e quimeras, mas também contemplam o “corriqueiro e o cotidiano da vida, guerras, amores, infâncias, andanças, fracassos e êxitos.” (LEJEUNE, 1997, p. 2). O objetivo da APA, segundo o autor, é constituir “o patrimônio de amanhã com relatos de pessoas de hoje. O patrimônio de ontem, a despeito dos nossos apelos, não chega às nossas mãos.” (LEJEUNE, 1997, p. 4).

Pouco antes de me despedir de Kina, no segundo encontro, deparei-me com a estante próxima do sofá e vi ali uma grande quantidade de livros. Perguntei-lhe sobre o hábito da leitura, e ela contou que não lia tanto, sendo a maioria dos livros pertencentes à sua filha primogênita, que morava com ela. Tomou nas mãos um livro que sua filha ganhara de aniversário e comentou como é bonito seu suporte, sua capa e ilustrações, um livro colorido e grande, e quando mostrou-me, vi que era sobre Mario de Andrade e Oswald de Andrade. Fiquei a refletir sobre a relação entre a escrita e a literatura, pois ali esta se apresentava. Segundo Walty, Fonseca e Cury (2000, p. 42), “nos atos de escrever e ler ativam-se visões de mundo, vivências, leituras e escritas anteriores, que interferem, condicionam, particularizam a leitura e os textos”. Isso permite pensar que, em alguma medida, as práticas de escrita do tempo presente relacionam-se com experiências anteriores tanto de escrita, quanto de leitura.

Antes de encerrar o segundo encontro com Kina, disse-lhe que precisaria voltar em outro momento para trazer-lhe o “Termo de consentimento informado” e perguntei com que nome gostaria de ser identificada na pesquisa: se o nome pessoal, somente com as iniciais ou algum pseudônimo. Sem titubear, ela respondeu: “- Na pesquisa? Pode usar o meu nome mesmo, faço até questão”. Tal afirmação de Kina relaciona-se com o conteúdo de seus registros confiados à pesquisa, em que vários dados pessoais estão à mostra: nome completo, data de nascimento, nome de familiares. Esta atitude relembra as análises de Lejeune (2014) quanto à autobiografia, de que o leitor identifica o escrevente. As pesquisas de Castillo Gómez (2018) permitem acrescentar que, por diferentes materialidades e suportes ao longo da história, escreventes das camadas populares deixaram inscritos seus desejos de memória, que aproximo aqui para um desejo de comunicar-se e de ser reconhecido.

Nascida em território quilombola, no interior do RS, na década de 1940, Kina faz parte de um grupo social que não estava necessariamente predestinado à escolarização. Como já referi anteriormente, Ferraro (2002, p. 34) sinaliza o expressivo índice de analfabetismo da população brasileira até a década de 1960. Segundo dados analisados pelo autor, para a população com cinco anos ou mais, o analfabetismo era de 61,2% na década de 1940; 57,2% na década de 1950; 46,7% na década de 1960; 38,7% na década de 1970; 31,9% na década de

1980; 4,2% na década de 1990 e 16,7% na década de 2000. Estes números representam indícios de que aqueles nascidos na década de 1940 não tinham garantido o seu ingresso em espaços escolares. Os dados quanto à população com 15 anos ou mais propiciam pensar sobre o nível de instrução educacional dos adultos que conviviam com Kina na comunidade. Os dados dos censos, apresentados por Ferraro (2014, p. 34) informam que, para esta faixa etária, o percentual de analfabetos era de 64,7% em 1920; 55,9% em 1940; 50,5% em 1950; 39,6% em 1960; 33,6% em 1970; 25,5% em 1980; 19,4% em 1990 e 13,6% em 2000. Embora seja possível, numa comparação destes números, identificar um “progresso” quanto à diminuição do percentual de analfabetos, problematiza-se que existe um hiato entre as possibilidades de acesso à escola na década de 1940 e aquele promovido nos anos 2000. Estas diferenças ao longo da história podem ser pensadas também para outros pontos, como a valorização da carreira docente, o público atendido, as condições de atendimento, os materiais acessados, entre outros.

Passo agora aos registros que me foram confiados por Kina para esta pesquisa:

- a) nove (9) folhas despregadas de uma agenda, unidas com clips; algumas contêm poesias;
- b) quatro (4) folhas de um papel tamanho menor, de uma agenda de 2015;
- c) sete (7) folhas sulfite A4: registros sobre culinária e crenças;
- d) vinte e sete (27) folhas sulfite A4: contos e narrativas;
- e) 16 + 21 folhas: dois conjuntos autobiográficos. Questões como “Quem eu sou?”.

A fim de didatizar a apresentação das práticas de escrita ordinárias de Kina, apresento um quadro-síntese, organizado em três colunas: a primeira indicando o suporte material e, entre parênteses, a informação sobre o gênero textual; a segunda coluna apresenta o título dado pela escrevente ao seu texto, que ocorre com frequência; e na terceira coluna apresento informações sobre os temas ou palavras-chave presentes no texto.

Excepcionalmente neste primeiro quadro identificarei a primeira coluna com o gênero textual, pois apresenta a descrição de um único suporte de escrita: folhas pautadas, avulsas, de um caderno, ou talvez de uma agenda, e que foram preenchidas só em um dos lados de cada folha.

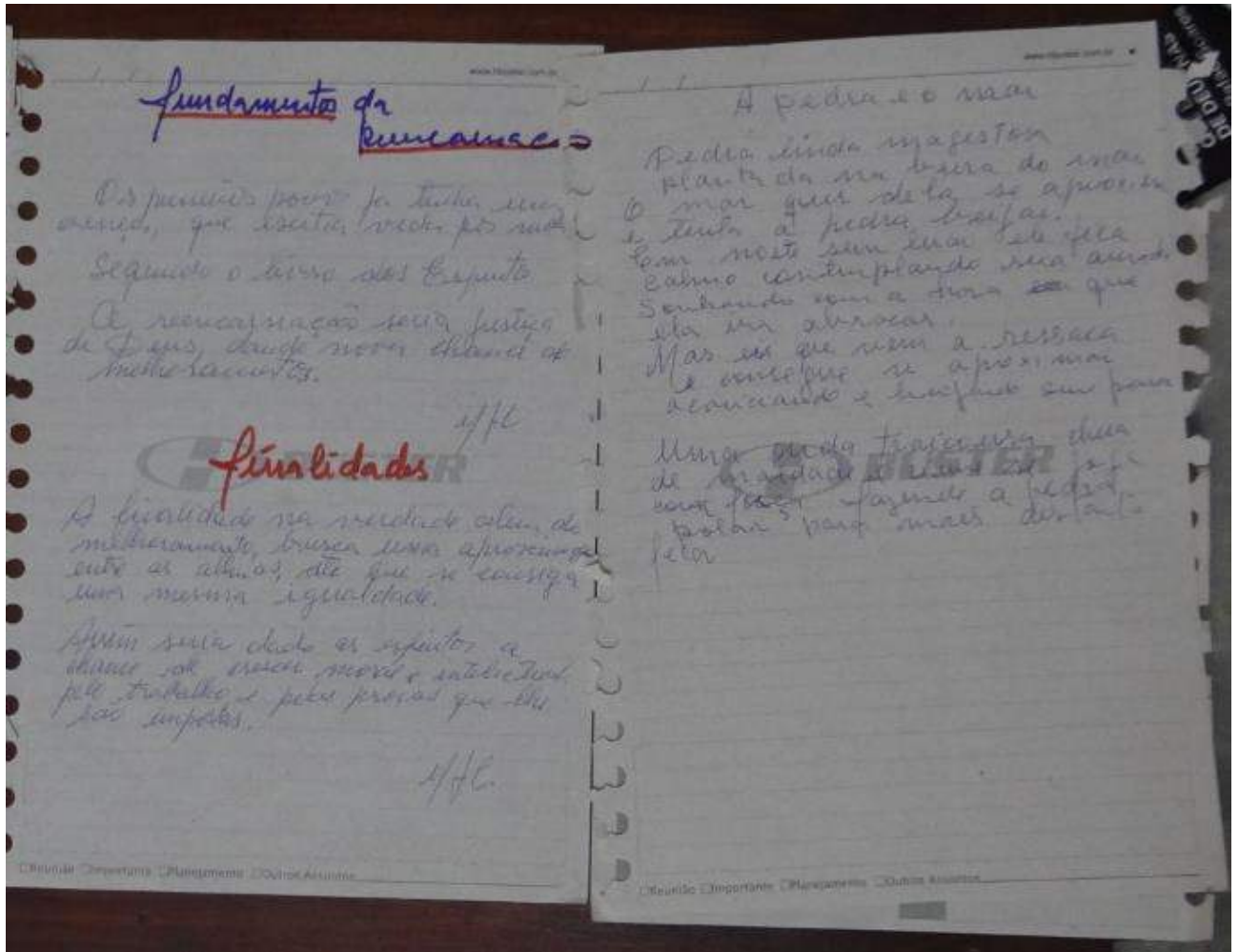
Quadro 3 – Registros de Kina em nove folhas pautadas

Gênero	Título	Temas ou Palavras-chave
Poema (1 página)	Ser e crescer	Estudos; oportunidades
Prosa poética (1 página)	A pedra e o mar	Sonhos; planta; mar
Prosa (1 página)	Fundamentos da encarnação; finalidades	Livro dos espíritos
Prosa (1 página)	Sobre o que está baseado o dogma da Reencarnação	Justiça divina; espíritos
Acróstico (1 página)	Liberdade	Deus; liberdade
Poema (1 página)	Dúvidas	Sonhando; Será?
Prosa (3 páginas)	Sobre o que está baseado o dogma da reencarnação?; Orai e vigiai; Provas da reencarnação	Provas; justiça divina; a vida enquanto espírito

Nas nove folhas acima indicadas, predomina o uso de caneta azul. Somente a poesia “Ser e crescer” tem o seu texto a lápis, enquanto o título está à caneta. Dentre os títulos acima, cinco foram registrados com caneta esferográfica, o que destaca a visualização da página; e outros três foram registrados com caneta azul. Em quatro páginas a escrevente inscreveu as iniciais de seu nome ao final do texto. Todos os títulos ocupam uma posição centralizada na página. Não há registros de data.

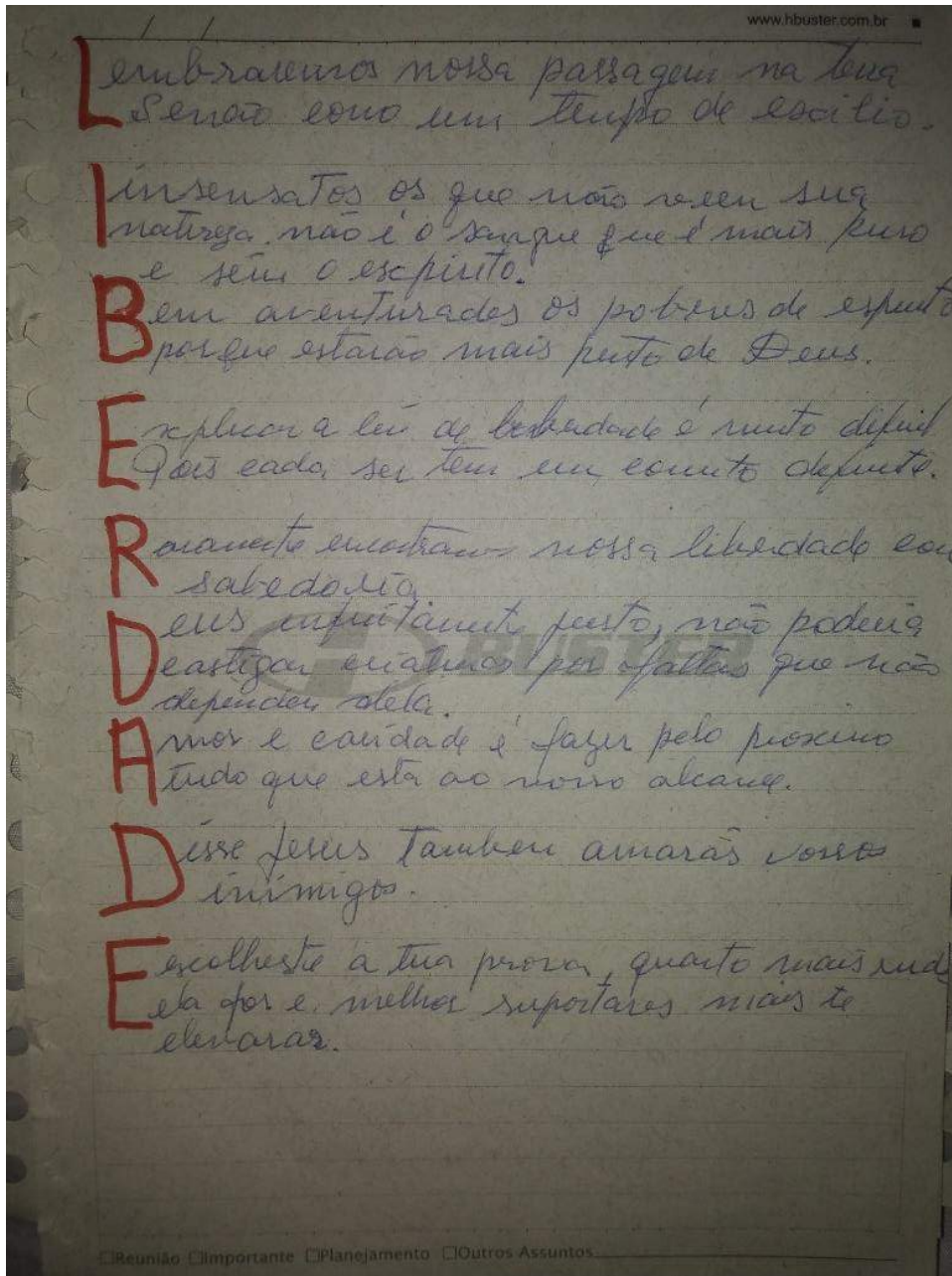
Abaixo, algumas imagens que ilustram as descrições acima.

Figura 1 – Textos espiritualistas e contos (s/d) de Kina



Fotografia da autora.

Figura 2 – Acróstico Liberdade (s/d) de Kina



Fotografia da autora.

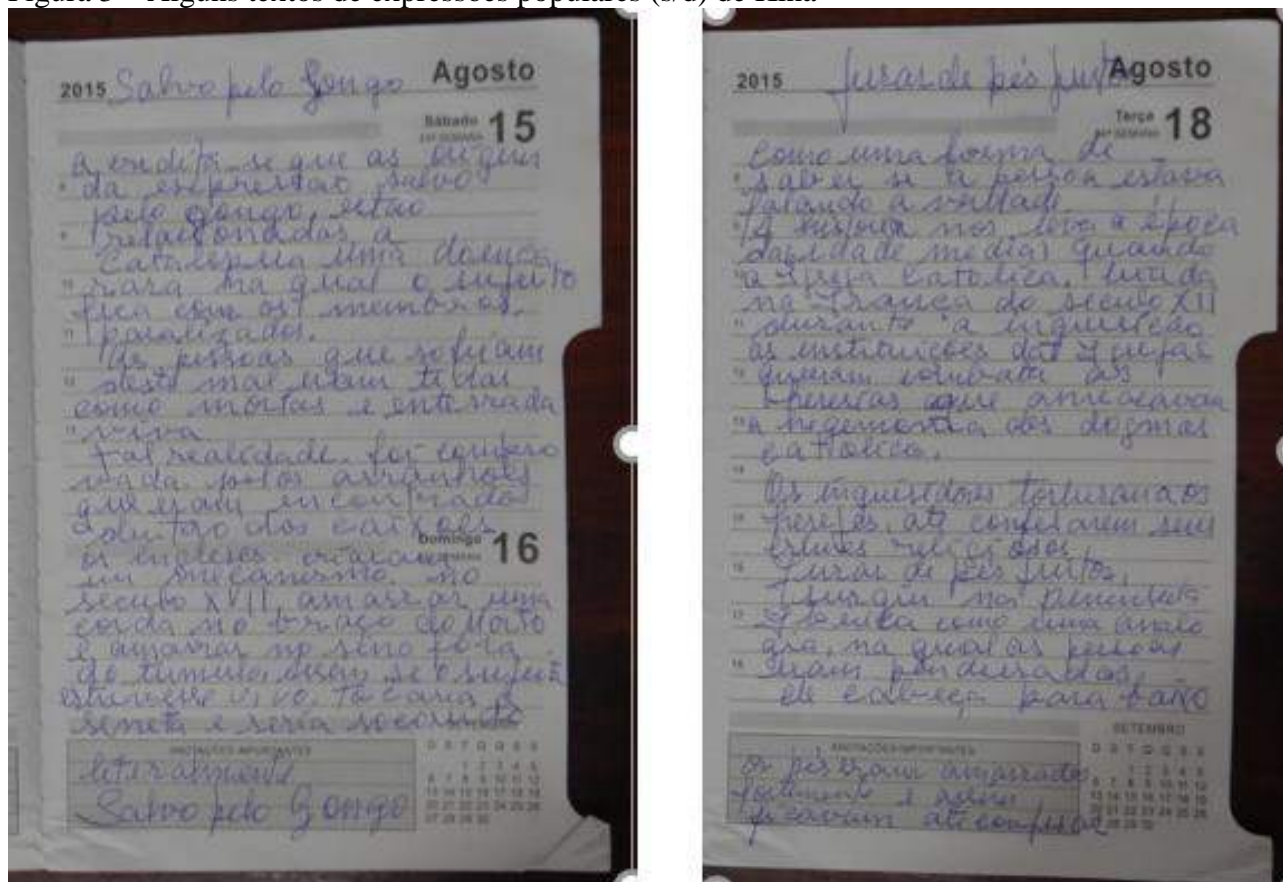
Quadro 4 – Registros de Kina em folhas pautadas (agenda 2015)

Suporte Material	Título	Temas ou Palavras-chave
Folhas pautadas (agenda 2015) Gênero: prosa (1 página cada)	Chato de galochas	Expressões populares da década de 1950
	Salvo pelo gongo	
	Jurar de pés juntos	
	Bicho de 7 cabeças	

As quatro páginas acima foram registradas com caneta cor azul. Não há indicação de data, nem assinatura ou iniciais. Talvez relacionam-se com o que foi explanado por Kina durante nossas conversas: escrever para ocupar o tempo. Lejeune (2014) afirma que a prática de escrita que envolve um diário tem várias motivações, entre elas, o prazer de escrever.

Ao contatá-la e aceitar seus manuscritos, abri-me para o desconhecido, sem perguntar suas motivações. De alguma forma, sua materialidade permite entrever alguns gestos, como a prática de leitura do próprio texto, por vezes corrigindo algumas palavras ao passar um traço por cima das mesmas e reescrevê-las; outras vezes complementando palavras no texto, inserindo-as na posição inclinada; por vezes suprimindo palavras. Os registros manuscritos assemelham-se à comunicação oral, e se o uso de letras maiúsculas não é regra para o início das frases, a proposição de títulos na posição central e o uso de sublinhados indiciam que houve uma aprendizagem escolar. Abaixo, algumas imagens:

Figura 3 – Alguns textos de expressões populares (s/d) de Kina



Fotografia da autora.

Passo agora a descrever e comentar os registros escritos de Kina realizados em folhas sulfite tamanho A4, isto é, no verso de folhas que foram impressas para outras finalidades e depois reaproveitadas. Estas folhas estão grampeadas, com uma quantidade que inclui folhas que não foram utilizadas pela escrevente. O primeiro, de três conjuntos das folhas sulfites, está descrito abaixo

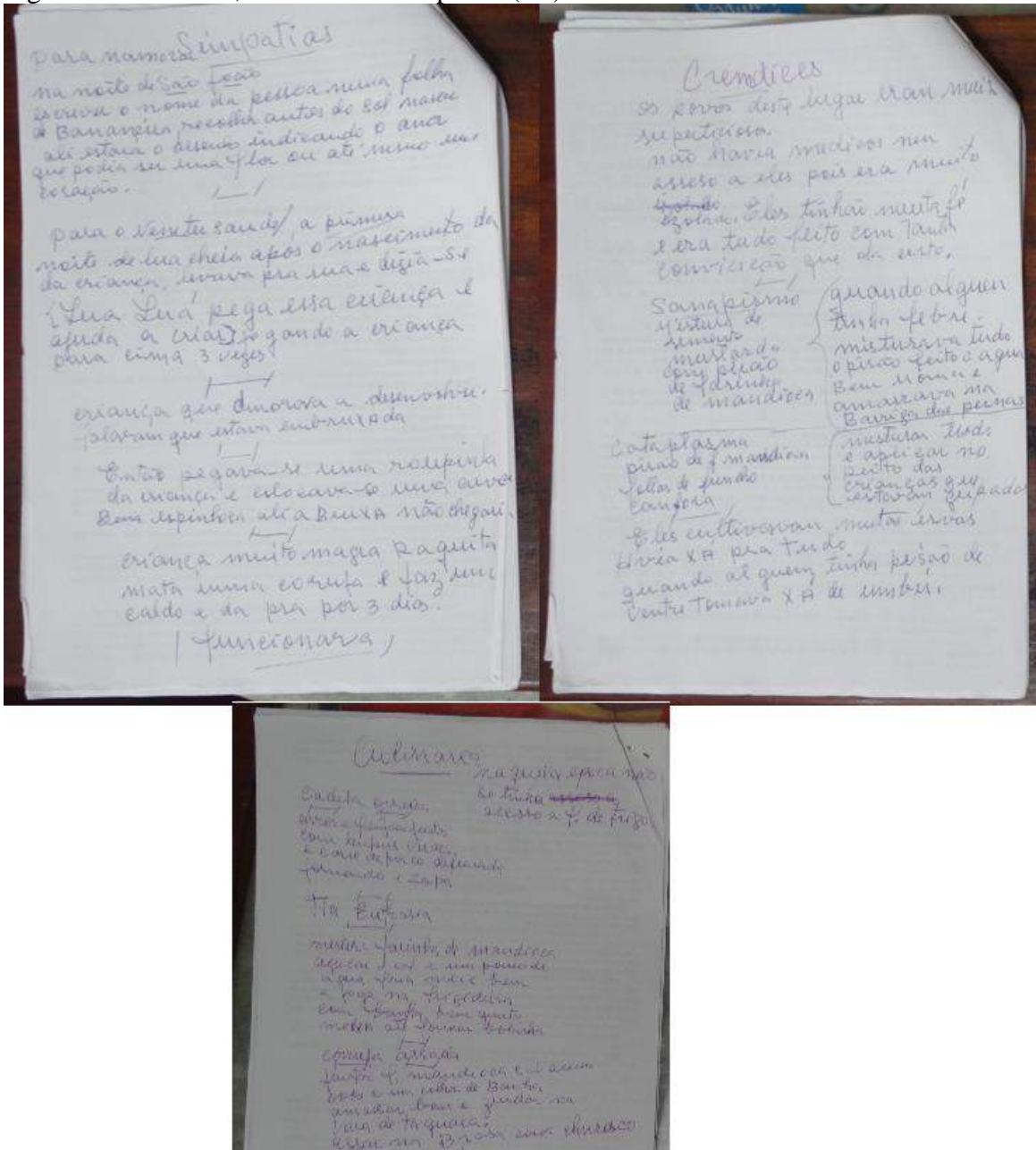
Quadro 5 – Registros de Kina realizados em folhas A4 – Diversos temas

Suporte Material	Título	Temas ou Palavras-chave
Folha sulfite A4 – no verso em branco de páginas que foram impressas. Gênero: prosa. (1 página cada)	Culinária	Naquela época [...]; Tia Eufrásia; coruja assada; grangrete;
	[sem informação]	Arroz com peixe seco; feijão e pele de porco; testículos de boi assado; gamba frito; bolinhos fritos de milho;
	Crendices	Crendices; Sanapismo; Cataplasma;
	Simpatias	Para namorar; para o nenê ter saúde;
	Escalda pé	Ritual para escalda pé; folhas para curar bronquite;
	Crendices	Temporal; parar a chuva; benzer-se; dor na coluna;
	Para doença dos olhos	Ritual com rosa branca.

Nas folhas apresentadas acima, cada tema ocupa uma página. Predomina o uso da caneta de cor lilás nas duas primeiras, e azul nas demais. Não há data nem assinatura. Quanto à forma gráfica, a escrevente se vale de títulos, destacando-os com sublinhado e inscrevendo-os na posição central da página, que não é pautada.

Observando-se o conjunto desses registros frente aos demais, penso que relaciona-se com as lembranças sobre a infância e os aprendizados com os mais antigos. Arfuch (2010, p. 141) expressa que a lembrança desta vida só é possível a partir da lembrança dos outros, o que inclui parentes, descendentes e também pessoas conhecidas. A autora afirma ainda que o “espaço biográfico” ocorre com a “coexistência intertextual de diversos gêneros” (ARFUCH, 2010, p. 131), e neste sentido, sendo os registros sobre receitas culinárias e crendices um espaço das lembranças de Kina, ousou configurá-las como parte do seu “espaço biográfico”.

Figura 4 – Culinária, Crendices e Simpatias (s/d) de Kina



Fotografia da autora.

Abaixo apresento o quarto quadro, que trata de distintos conjuntos, cujos textos abordam diferentes exercício de escrita: sobre experiências vividas, como uma viagem com direito a desconto ou até isenção para idosos; reflexões do tempo presente, especialmente acerca da violência cotidiana; exercício de ficção, e ainda um texto sobre o vocabulário utilizado na comunidade quilombola em que nasceu. O destaque sublinhado de algumas palavras e expressões são fidedignos ao texto da escrevente.

Quadro 6 – Contos e reflexões de Kina: seis conjuntos

Suporte Material	Título	Temas ou Palavras-chave
Folha sulfite A4. Uso de um só lado. Gênero: prosa.	Vocabulário muito usado na Costa da Lagoa, pelos antepassados (2 páginas)	Explicação de algumas expressões, que foram sublinhadas e à frente foi indicado o significado; (caneta cor preta)
Folha sulfite A4. Uso de um só lado. Gênero: prosa.	<u>BRASIL</u> (4 páginas)	“ <i>Brasil terra de muitos. Brasil terra de ninguém.</i> ”; Obs: reflexões sobre a vinda dos portugueses; a relação com os índios; os negros que vieram escravizados; <u>Zumbi dos Palmares</u> ; “ <i>Aqui é pátria mãe acolhedora</i> ”; “ <i>todos lutam para ter um pedaço de terra</i> ”. Observe que registrou as iniciais de seu nome, ao final.
Folhas A4 já impressa, usadas no verso. Gênero: prosa	<u>O escuro do futuro</u> (7 páginas)	“ <i>Os negros sendo mortos em quantidade assustadora ...</i> ” (p. 5) Observações: narrou a história de um sonho / pesadelo. No canto superior esquerdo, identificou as folhas: 1º a 7º. Na última folha, consta “fim” ao lado do nº da página. E ao final do texto, no canto inferior direito, inseriu as iniciais de seu nome (caneta cor azul)
	Medo, disciplina, União – amor e liberdade (2 páginas)	Mensagens a partir da Natureza. Espécie de subtítulo: “aprendendo com a Natureza”. Em destaque sublinhado, antes de uma apresentação narrativa, as palavras: Mar, Colmeia, Formigas, Elefante, Peixes, Pássaros. Diferente de muitos textos, contém data: no final, após as iniciais de seu nome, escreveu “2014”.
	Conto (3 páginas)	“ <i>Encontrei no meu caminho um menino franzino...</i> ” O menino chama Mario, morava na rua, estabelece com ela um contato, e no final ela recebe em herança a cachorrinha dele. Termina mencionando que tem uma cachorrinha com este nome há oito anos e faz um trocadilhos sobre quem teria doado. (caneta azul; indicou “fim”).
	Brincadeira de	Descrição de brincadeiras, anunciadas com sublinhado:

	Criança (2 páginas)	Passa Passará; <u>Ovo podre tá fedendo</u> ; Gata cega; Teresinha de Jesus; O quartel prendeu fogo;
	Logo que saiu a lei que permite os velhos a viajar de graça (1 página)	“[...] <i>uma visão inexplicável difícil de narrar</i> [...] <i>nave espacial</i> [...] <i>era a rodoviária de Florianópolis</i> ”. Obs: Narra a experiência de uma viagem de ônibus. Termina o texto agradecendo a oportunidade e à presidente. Assina o nome no final. (caneta cor azul)
	<u>O som e o silêncio</u> (6 páginas)	“ <i>É tudo muito horrível. é mais uma ocorrência um número digitado na tecnologia atual. Tantos e tantos, que nem causa mais surpresa</i> ”; “ <i>Eu pergunto até quando? Parece que a humanidade está anestesiada?</i> ” Obs: São narrativa diversas, de temas como as drogas enquanto fuga, a falta de tempo, tiros, tragédias acontecendo, notícias ruins nos jornais. Na 1ª página, logo após o título, escreveu e sublinhou: <u>agosto 2018</u> . Na 5ª página, o desenho de um sol entre as palavras. Observo que é o único desenho em todos os registros apresentados por Kina. Assina no final. (caneta cor rosa)

Figura 5 – Parte do texto “O escuro do futuro”

12

O escuro do futuro

Estou em ^{ano} 3,0001. Como cheguei aqui, não sei, talvez em sonho, ou apenas uma visão. É uma situação caótica, tudo muito feio. A dois anos antes, começou alguma notícia, dizendo que o petróleo ia acabar. Ninguém acreditou, mas não ter mais petróleo todos comentaram. Isso é para o povo consumir mais, os arábios tem petróleo para toda a infância dos países os boatos foram se espalhando e começou na internet uma campanha de economia, mas a humanidade como sempre não levou a sério. Veio a primeira bomba, algumas Plataformas marítimas, estavam ~~segundo~~ só todo, aí veio o comentário sobre castigo, muita ganância e seus certamente não está contentes. Mas era só o começo do caos. As usinas elétricas também reduziram o consumo, a muito não chorava a água estava também a acabando, só tinha luz a noite, o terror era mundial. Os grandes potências como os americanos os arábios, a Europa ainda conseguiram respirar, pois investiram mais na energia solar e eólica. Mas quanto tempo durará? Esta pergunta era constante. O uso de gasolina fora proibido, não tinha mais carros nas ruas, somente ambulância, pois o povo estava muito

Fotografia da autora.

Figura 6 – Parte do texto “Medo, disciplina, União – amor e liberdade”

Medo, disciplina, União – amor e
 Liberdade
Aprendendo com a Natureza
Tempestade
 Todos nós temos medo de tempestade, mas
 ela é necessária, e vem nos ensinar, a
 reconstruir, reorganizar e renascer.
 Assim também é nossa vida, precisamos sempre
 reconstituir, reorganizar e renascer. Na escola
 quando um aluno for mal feito, temos que
 ensinar e reconstituir para que ele queira bem, tem
 nossa casa todos os dias. Temos que arrumar
 tudo e deixar bem feito.
Macê Ele tem um ritual constante, vai e volta
 dentro do seu limite e nos invadimos o seu
 ultrapassamos o limite, e aí vem a contagem
 afofamos, Não podemos invadir o espaço
 do outro, o importante que ficamos no
 nosso quadrado.
Colmeia As abelhas colhem o néctar o dia
 inteiro, para fazer o mel tão gostoso, mas
 existe nessa colmeia uma rainha, e a nossa
 professora, tem que fazer um comando. as
 vãs é energética, mas é necessária. Sempre
 alguém vai comandar, e outros vão
 ser comandados, para que haja
 disciplina.
Formigas
 quem faz, para para olhar um caminho
 de formigas, sempre em fileiras, carregando sua
 carga. Quando alguém perde seu fardo entra
 no caminho para ajudá-lo, assim tem que ser na
 vida de vocês, ajudando um aos outros, unidos
 e conseguindo vencer.

Fotografia da autora.

Figura 7 – Parte do texto “O som e o silêncio”

O Silêncio
 foram silenciadas dentro
 do ventre. É tudo muito
 horrível. ~~mas~~ e mais uma
ocorrência, um número
 digitado na tecnologia atual,
 tantos e tantos, que nem causa
 mais surpresa. Eu pergunto
 até quando?
 Parece que a humanidade
 está anestesiada?
 Quando esses dois
 chegarão a um ^{acordo} ~~acordo~~
 para vivermos em harmo-
nia
O Som e o Silêncio
 por favor procurem se
 entender, e vamos viver
 calmamente.

Fotografia da autora.

Os registros acima apresentados são um misto de ficção, isto é, invenção, com histórias de sua vida. Em razão da diversidade, não farei comentários sobre cada um. Afirmo, contudo, que os espaços produzidos por ela são também de sua autoridade. Penso na frase do poeta Manoel de Barros “Tudo o que não invento é falso”¹⁶, que autoriza cada um a criar seu espaço de verdade. E Kina o inventa incisivamente.

Passo agora a explicar sobre registros relacionados a uma “escrita do eu”, em que Kina narra alguns acontecimentos de sua vida, nos quais mesclam-se extratos de “escrita de si” e dos sentimentos vividos.

Quadro 7 – Escrita de si e escritas do eu, de Kina

Suporte Material	Título	Temas ou Palavras-chave
Folha sulfite A4 – versos em branco de páginas que foram impressas. Gênero: prosa. (16 páginas)	Quem eu sou?	p.1- infância; frutos; mata; data nascimento; casa pegou fogo; rearranjo familiar; p.2- avó paterna veio buscar; p.3- estudou no colégio que existia na fazenda, até a 5ª série; 13 anos; trabalhou como babá nas fazendas; relação com a mãe; tira certidão de nascimento aos 16 anos – então mudou seu nome, até então, só o do batizado; p.4- mudou para Porto Alegre (16 anos); o golpe militar; p.5- mudanças de emprego; foi morar com a irmã, “ali mudei o meu destino”; p.6- os filhos e a mudança de local de trabalho; p.7- as escolas dos filhos; a ditadura; p.8- dificuldades no trabalho da quitanda; p.9- “eu choro ao lembrar”; oração a Nossa Sra. Perpétuo Socorro; p.10- “veio queda fatal”; p.11- “tudo acabado” p.12- o falecimento do companheiro de 36 anos; o retorno à Costa da Lagoa; p.13- “Quem eu sou? [...] “ <u>raízes invisíveis</u> [...] <u>quilombola</u> ”; p.14- avó Serafina e a tia-avó Delfina; p.15- “aos 76 anos sinto que me encontrei, sou quilombola” p.16- “Deixo o meu recado procure saber quem é você. procure suas raízes”.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

¹⁶ BARROS, Manoel de. A infância. [poema] Disponível em <https://manualdebarros.blogspot.com/2010/08/prefacio-de-segunda-infancia.html> - Acesso em 10/12/2019.

Quanto às informações do quadro acima, acrescento outras:

- Página (1): “12 de junho de 2018. Chove muito, no silêncio do meu quarto, comecei a escrever a minha história”. É possível verificar que a parte inferior da folha sulfite A4 foi suprimida, provavelmente com o auxílio de uma tesoura. É a única em que constatei isso, o que permite pensar que foi um gesto intencional, após releitura e “censura” pela própria escrevente;
- Página (2): “... minha avó paterna foi me buscar para morar com ela. Chorei muito entrei no mato e não conseguiram me pegar...”. Estas linhas permitem pensar que, quando criança, resistiu a uma mudança, ao distanciamento da mãe e dos irmãos, antes de ir morar com a avó paterna, onde pode freqüentar a escola rural;
- Página (3): “... Meu nome que até então era Joaquina Diontina nome de batizado”. O destaque convida a refletir sobre a mudança de nome, por iniciativa da escrevente¹⁷;
- Página (5): “casei com o irmão do meu cunhado”, isto é, a referência à mudança de estado civil e quanto à nova situação social: o casamento;
- Página (10): a expressão “queda fatal”, refere-se à descoberta da doença de seu esposo: Alzheimer;
- Página (11): a expressão “tudo acabado” refere-se ao fim do comércio da quitanda, à nova mudança de residência e nova situação social, quando ela passa a ser cuidadora do esposo, já doente, e requerendo os cuidados “como se fosse uma criança”.

Embora as folhas não tenham recebido numeração, a narrativa em prosa permite ao leitor identificar a sequência. A primeira página, inclusive, tem a indicação “1^o” no canto superior esquerdo; e a página que eu numerei como p.12, tem o número “2^o” na mesma posição. Esta indicação permite pensar que foram diferentes dias ou diferentes momentos de escrita, após uma sequência anterior de mais de dez páginas. Durante a leitura, o leitor pode compreender que a escrevente marca uma nova etapa em sua vida. Estes são os registros de caráter autobiográfico mais explícitos entre os que foram confiados por Kina.

Nas páginas que iniciam com “1^o” no canto superior esquerdo, Kina começa pela data de nascimento, a infância em espaço aberto no campo, o momento em que foi registrar sua certidão de nascimento com o objetivo de mudar-se para Porto Alegre. Também relata o casamento, o aumento da família com os filhos, indica a presença dos filhos na escola, as mudanças com o comércio de frutas (quitanda), a doença do esposo, a viuvez e o retorno ao

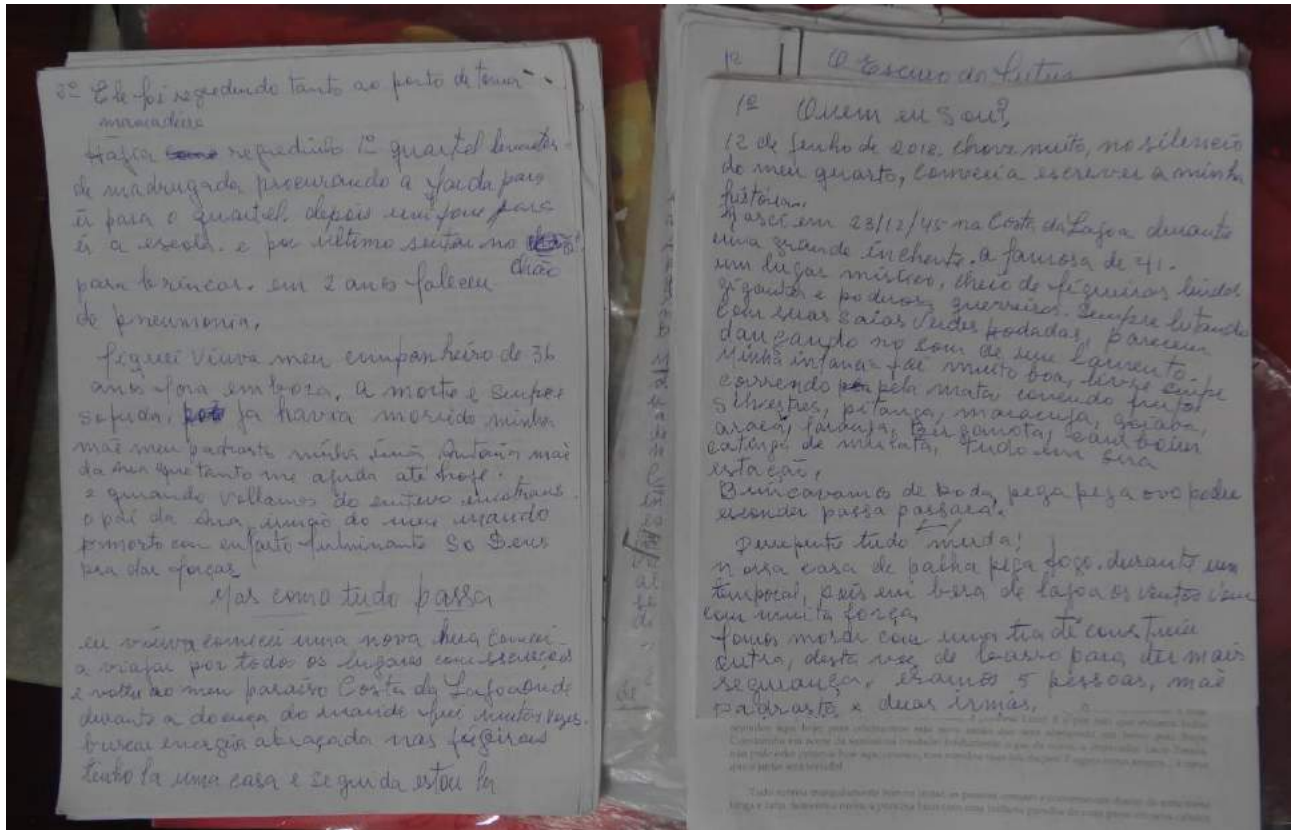
¹⁷ Fato similar foi narrado por outra escrevente, Maria, e será apresentado na análise de seus registros de escrita.

território quilombola onde nasceu. Conclui as dezesseis páginas com o mesmo tema com que as iniciou: “Quem eu sou?” e reafirma o destaque em conhecer os ascendentes, as “raízes”, quem nos tornamos. Utiliza também a expressão “raízes invisíveis”, sublinhada, em referência à reportagem do periódico Folha de São Paulo, de dezembro de 2017, citada no começo da descrição das práticas de escrita de Kina. No extrato final destaca a identidade quilombola, o que pode representar uma reafirmação das relações familiares que foram apresentadas no texto.

Para Arfuch (2010, p. 140-141), é “por meio do processo narrativo que os seres humanos se imaginam a si mesmos – também enquanto leitores/receptores – como sujeitos de uma biografia, cultivada amorosamente através de ‘certas’ artes da memória”. Assim, nos registros de Kina acima apresentados, destaco o gesto de produção de si mesma, por meio da narrativa que registra por escrito.

Abaixo, mais algumas imagens dos registros de Kina:

Figura 8 – Registros da escrita de si, de Kina



Fotografia da autora.

Por fim, passo ao último e maior conjunto de folhas reunidas por Kina, entre todas as materialidades por ela confiadas à pesquisa. Trata-se de vinte e uma (21) folhas de sulfite A4, reutilizadas por ela somente no verso. É uma narrativa do eu, de fatos e acontecimentos por ela experimentados, com registros de sentimentos e emoções vividas.

Quadro 8 – Escritas de si, de Kina

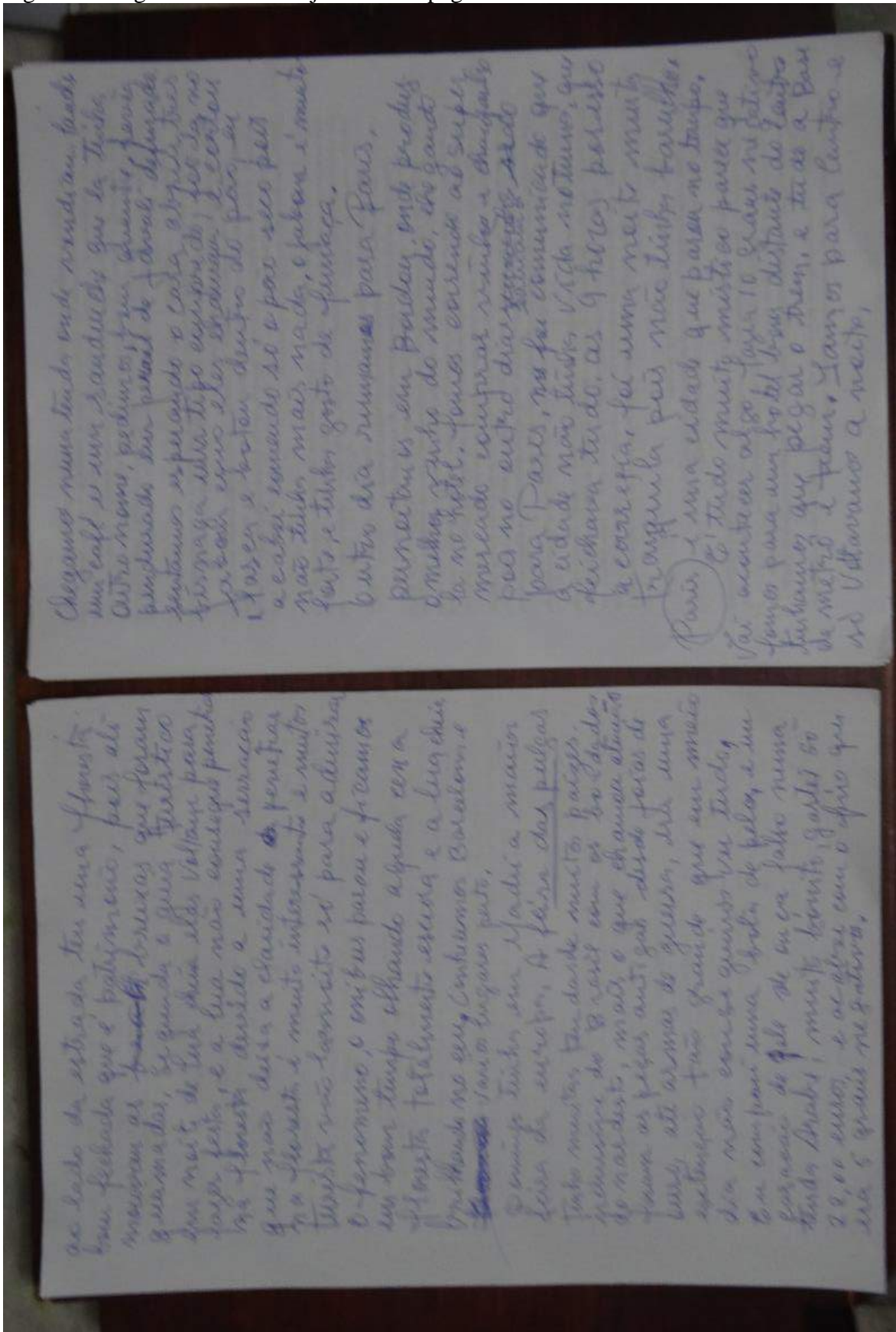
Suporte Material	Título	Temas ou Palavras-chave
Folha sulfite A4 – versos em branco de páginas que foram impressas. Gênero: prosa. (21 páginas)	Realização de um sonho	<p>p.1- a viagem marcada, cancelada em razão de doença na família: “foram 6 meses de sofrimentos indescritíveis... Sem falar, só por escrito [...] foram dias e noites de muito amor e oração”;</p> <p>p.2- viagem a Portugal “... foram 12 horas...”;</p> <p>p.3- “... Aí eu me senti muito importante e questioneei quem sou eu? A Kina lá da Costa da Lagoa, Está em Lisboa? É muito louco...”;</p> <p>p.4- elogia Santiago de Compostela;</p> <p>p.5- “... Em Madri...<u>feira das pulgas</u>... era 5 graus negativos”;</p>

		<p>p.6- símbolo gráfico circular na palavra “Paris”;</p> <p>p.7- “Era um clima pesado devido a nevasca... meus dedos ficavam roxos... homens com aparelhos jogando sal para derreter a neve [...]” ;</p> <p>p.8- “sempre que viajo sou revistada. Alegam que pessoas idosas servem de mula para carregar drogas”; p.9- o melhor bolinho de bacalhau;</p> <p>p.10- “Deus ... Fátima ... Jesus de Braga”;</p> <p>p11- “nosso grupo era muito diversificado [...] e nós brasileiros tínhamos que cantar Michel Teló, que fizera sucesso lá”</p> <p>p12- “foram 21 dias [...] que estamos pagando os empréstimos até hoje”;</p> <p>p13- “aqui terminam as viagens internacionais. As nacionais ainda são poucas” e apresenta uma lista; e também a quantidade de vezes”; “adoro viajar”;</p> <p>p.14- fez uma lista com os municípios que já visitou no estado do RS, e indicou à frente a quantidade de vezes; “além de quilombola [...] tenho um veio cigano”; na parte inferior da folha, anotou nomes de ruas e bairros onde trabalhou em Porto Alegre;</p> <p>p.15- “Certamente sou um pouco cigana não gosto de ficar muito tempo no mesmo lugar. Sempre que me sinto um pouco angustiada, pego o ônibus Palmares e vou a Costa da Lagoa”;</p> <p>p.16- “minha netinha com altismo [...] mundo de <u>provas</u> e <u>espiações</u>” (sic); “Estou feliz, minha filha faz 50 anos e vai se aposentar de uma matrícula”; “Estudei o espiritismo durante 7 anos fiz um curso, e aprendi como me colocar no mundo [...] parece que realmente tudo está escrito”;</p> <p>p.17- “tenho muitos planos para o futuro”;</p> <p>p.18- “Minha sobrinha faz biscui (sic), outra trabalha com tecidos [...]”</p> <p>p.19 – “Olhando aqui do meu quarto onde me encontro rodeada de roupas coloridas [...] Agradeço a Deus por tudo isso...Sonhar é o melhor remédio.”</p> <p>P20- “Tenho 4 irmãs e várias subrinhas (sic), já começa o festival de comidas [...] onde realizo meus sonhos, pois os pesadelos somos nós que criamos”. Termina com as iniciais de seu nome.</p> <p>p. 21- “Comecei minha história perguntando quem sou eu? E termino sem saber pois na verdade nenhum de nós sabe. [...] Cheguei a conclusão que posso ser o que quero, então sou quilombola cigana [...] Me sinto vários personagens”.</p> <p>Nesta página, assinou e escreveu a data “julho 2018”.</p>
--	--	---

Nos registros acima, lê-se nos excertos que Kina aborda diferentes acontecimentos e, em alguns momentos, expressa seus sentimentos. Antes de descrever com detalhes uma viagem realizada para a Europa, ela recorda os adiamentos necessários para cuidar do irmão que adoecera, escreve sobre os locais visitados, e por último, rememora no texto outras viagens, destaca o gosto por viajar e atribui a si mesma um espírito cigano. Então, manuscreeve informações sobre os municípios que visitou no Rio Grande do Sul, no Brasil e fora do Brasil. Talvez inspirada pela rememoração de suas “andanças”, lança no papel também os endereços onde trabalhou em Porto Alegre. O exercício de pôr-se por escrito leva-a a uma conclusão ao final de 21 páginas: “*eu posso ser o que quero*”.

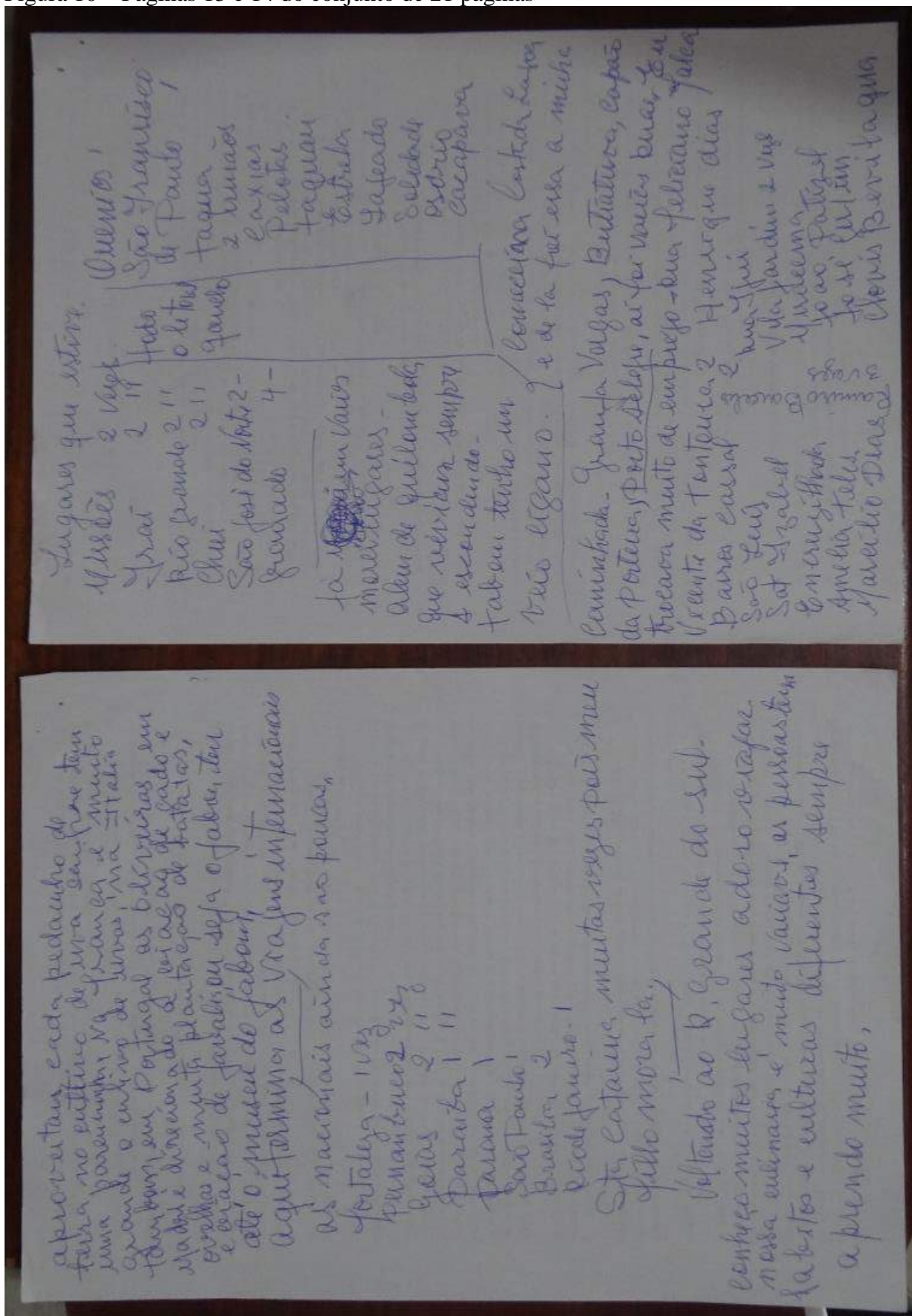
A seguir, algumas imagens das páginas concernentes ao exposto:

Figura 9 – Páginas 5 e 6 do conjunto de 21 páginas



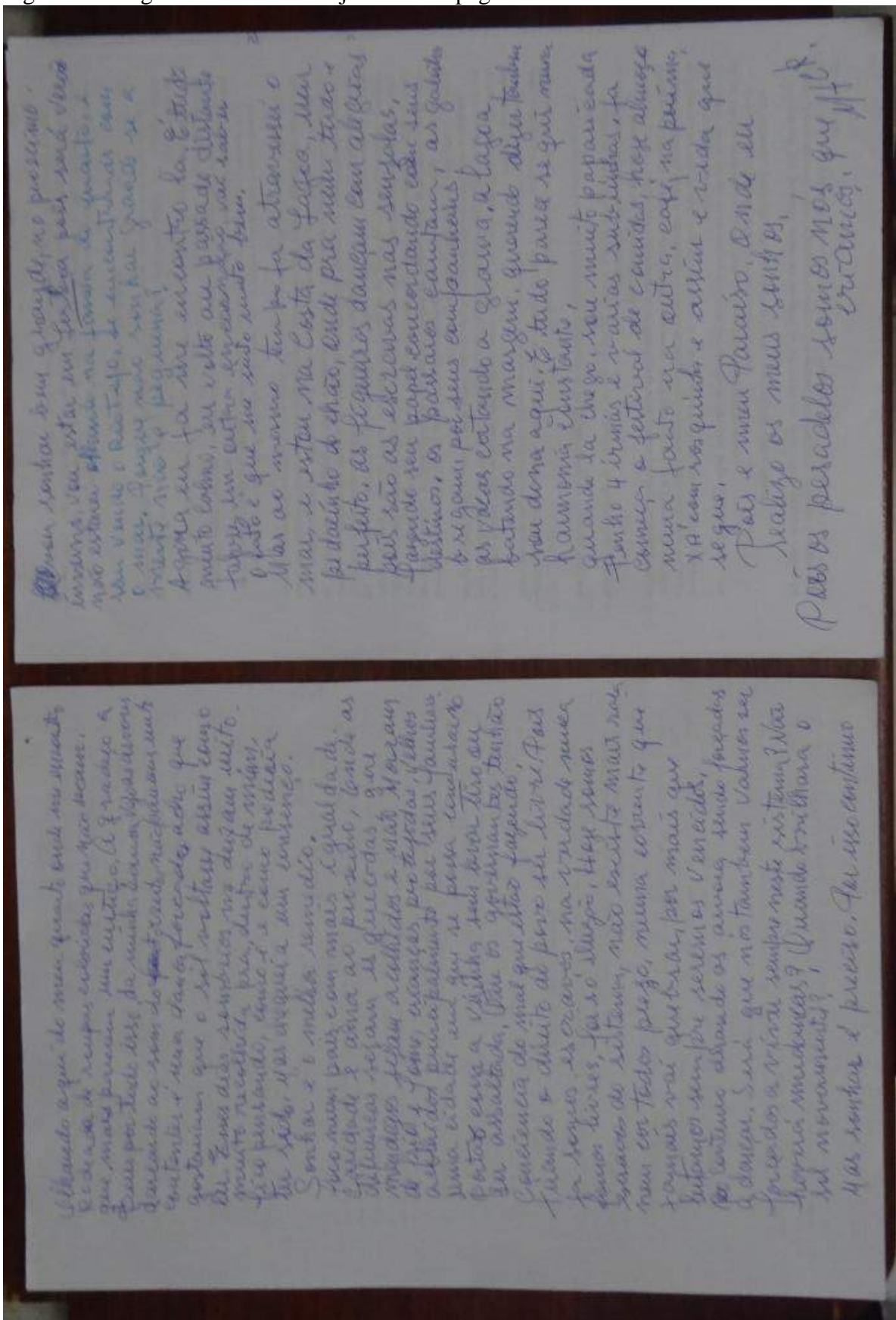
Fotografia da autora.

Figura 10 – Páginas 13 e 14 do conjunto de 21 páginas



Fotografia da autora.

Figura 11 - Páginas 19 e 20 do conjunto de 21 páginas



Fotografia da autora.

Figura 12 – Página 21 – final do conjunto de 21 páginas

Comecei minha história perguntando
 quem sou eu? e terminei sem saber.
 Pais na verdade nenhum de nos sabe.
 Quem somos, de onde viemos,
 pra onde vamos? Quando vamos,
 Nossa vida é uma eterna pergunta
 sem resposta! Somos tudo,
 e não somos nada, temos tudo
 e nada nos pertence nem mesmo
 a vida. Nosso corpo é emprestado,
 e temos o dever de cuidar-lo o
 que é muito trabalhoso,
 sempre queremos fazer o contrário
 do que ditam as regras.

Cheguei a conclusão que eu posso ser o que
 eu quero, então sou quilombola e igana
 ataliana, já fui babá, empregada doméstica,
 operaria de fábrica, comerciante.

Me sinto vários personagens. Rainha,
 princesa, andarrilha, prostituta, freira, lesbica,
 donparino, e quem sabe sou alienígena?
 Mas podem me chamar de Quina que
 eu atendo. eu

Maria Paquino, Rosa
 julho 2018
 Porto Seguro

Fotografia da autora.

Após a apresentação e descrição dos conjuntos das escritas de Kina, observo algumas especificidades e regularidades, em especial:

- a ausência de datas, constante na maior parte dos documentos;
- nas poucas páginas em que houve inscrição de data, predomina o ano de 2018;
- os registros são realizados majoritariamente a caneta, poucas vezes a lápis;
- utiliza também caneta hidrocor e canetas coloridas para suas escritas;
- em geral, registra um título no alto e centro da página ou do segmento de texto;
- apenas uma inscrição possui ilustração de próprio punho;
- não é regra a numeração da página, embora tenha acontecido algumas vezes;
- com frequência, os registros ocorrem no espaço de uma página;
- há indícios das marcas de escolarização da escrevente;
- há uma diversidade de suportes, em boa parte com reaproveitamento de folhas e artefatos cuja proposta inicial é transgredida;
- comparece em alguns registros, menções ou evocações de práticas de leitura da escrevente.

Tive a sensação de que Maria Joaquina escreveu e ainda escreve com o intuito maior de uma produção para o futuro, visto que comentou no início da pesquisa que existia uma demanda do neto para que escrevesse suas lembranças da “vida quilombola”, especialmente do passado. Suas práticas de escrita lembram a tarefa de realizar uma “provisão de memórias para o futuro” (RICOEUR, 1997), que ela relê e faz correções ou complementos no texto, e que, com esta prática de escrita ordinária, passa a também ter extratos de sua vida arquivados para outros futuros leitores.

Kina relatou, durante os encontros pessoais, que para ter acesso ao estudo, saiu do território em que morava com sua mãe e foi morar com a família de seu pai, de fazendeiros da região, e que completou os estudos que existiam para a época, que era a 5ª série, e que “naquele tempo não se estudava mais que isso”. Kina nasceu num momento em que mais da metade da população brasileira era analfabeta. Considerando este período histórico, o gênero feminino, a ascendência negra por parte de mãe e a residência no interior do Rio Grande do Sul, sua fala reafirma que as expectativas de estudo não passavam da 5ª série. E foi devido à alfabetização, aos estudos que ela realizou, que pode, no tempo presente, realizar suas práticas de escrita para uso social – como quando realizava registros nos livros contábeis de seu comércio –, mas também para “passar o tempo” no espaço privado, como ela mesma referiu.

A maior recepção de textos com inscrições autobiográficas no tempo presente decorre de, no mínimo, duas situações: a) a extensão da alfabetização – acontecimento que

igualmente Castillo Gómez (2018) associa à ampliação dos registros escritos no século XX, em relação ao período anterior; b) a maior liberdade de inscrição do indivíduo no espaço privado, no período contemporâneo, segundo Calligaris (1998).

Para concluir esta seção sobre os registros de Kina, evoco as palavras de Lejeune (1997), quando explica porquê utiliza a expressão de Robert Guillermet para dar título ao seu artigo “O guarda-memória”. Escreve o autor: “Gosto dessa expressão porque ela apenas fala em memória, sem deixar muito claro quem guarda e quem é guardado” (1997, p. 1). Inspirada por esta indagação, formulo semelhante questionamento; “Quem guarda a história de Kina e das mulheres escreventes?” Ouso registrar algumas respostas: elas o conservam, talvez em caixas, armário altos – e as mães também são boas “guardadoras”, mas ao acessar os artefatos, vê-se que estes estão, sem cobrar nada, conservando lembranças de suas experiências e vidas.

MIL E UMA FRAÇÕES DE MARILENE

Marilene é natural de Porto Alegre/RS, onde reside. Trabalhou como professora e orientadora educacional. É Mestre em Educação. Está aposentada. Nasceu em 1949.

Marilene foi das primeiras pessoas que imaginei contatar para a pesquisa. Ela é mãe de uma amiga, que mediou o primeiro contato, e depois me passou seu telefone. Houve um tempo de espera, até que ela me confirmasse um encontro pessoal. Como sua carreira profissional se desenvolveu em escola, como docente e como orientadora educacional, imaginava que ela teria muitos registros escritos guardados. Talvez minha imaginação se assente no senso comum, em representações acerca daquele que ensina: que gosta e mantém regularmente práticas de leitura e de escrita.

A primeira vez que a contatei foi em maio de 2018. Expliquei a intenção da pesquisa, o recorte temporal, e perguntei sobre suas práticas de escrita, como agendas, calendários, cadernos de receita, cartões postais, agendas telefônicas, entre outras do cotidiano. Ela respondeu que costumava sim fazer muitos registros escritos, mas não garantiu se os teria conservado. Manifestou a possibilidade de reservar um tempo para procurar. De minha parte, havia uma expectativa de sua participação na pesquisa. Mas, quando eu telefonava, ela relatava estar no processo de busca de seus registros; e que algumas vezes faltava tempo para procurar. Mantivemos contato telefônico por dois meses antes que ela aceitasse fazer parte da pesquisa. Transcrevo abaixo um registro que realizei no diário da pesquisa no dia 22/06/2018:

liguei para mãe da L., d. Marilene [...] eu perguntei sobre a procura dela com materiais de escrita, ao que ela me disse: que tem várias caixas, e até agora já “desceu” três; mas a cada uma que olha, encontra outros materiais, e fica lá olhando e ainda não encontrou o que eu pedi; eu comentei: é assim mesmo, vai encontrando muita coisa do passado, que nem esperava e a gente tem vontade de olhar mesmo; ela me perguntou como faríamos, se bateria uma foto; eu respondi que se ela pudesse, eu tenho interesse em encontrá-la, talvez um café da tarde, contar mais da pesquisa... e ela topou... e pedi, se ela me permitia, ligar de novo semana que vem... ela disse que sim. (DIÁRIO DE PESQUISA, 22/06/2019)

O nosso encontro pessoal ocorreu quase um mês depois. Em um telefonema no dia 10 de julho de 2018, Marilene informou que tinha encontrado alguns registros manuscritos arquivados e que poderíamos nos encontrar pessoalmente. Diante de nossos compromissos com a vida, só pudemos nos encontrar no dia 21 de julho, quando fui até sua residência. A conversa com Marilene foi de grande sintonia. Ela relatou aspectos de sua história pessoal e

dos cadernos que buscava encontrar para compartilhar nesta pesquisa. Disse que passara dias procurando alguns cadernos, até que os encontrou. Alertou-me, inclusive, que foram estes cadernos que me encontraram, por alguma razão; que existe um sentido nessa relação que começa com a pesquisa. Buscando no meu diário de pesquisa do dia 21 de julho de 2018, encontrei a seguinte descrição de sua fala:

- Eu não sei se você sabe, mas quando a gente mexe com coisas do povo negro, a gente mexe com os ancestrais, os orixás, coisas assim. E eu pensei: se for para ser, eu vou encontrar os caderninhos que estou procurando. E fiquei dias e dias para encontrar; e encontrei, então, você está muito bem acompanhada pelos mestres antigos, que vão lhe auxiliar neste trabalho, neste caminho. (DIÁRIO DE PESQUISA, 20/07/2018)

Esse primeiro encontro foi muito agradável e permitiu o início de uma relação amistosa. Marilene mostrou-me seus cadernos brochuras, onde registrou pensamentos e reflexões de estudos da doutrina espírita. Contou como se aproximou do espiritismo kardecista, quando realizava caminhadas longas – uma tática para pensar sobre a vida – e um dia, sem este propósito inicial, quase por um desvio inusitado de caminho, entrou no centro espírita. Reconhece que foi uma acolhida do Alto naquele momento da vida. Depois, mostrou-me uma agenda, do ano de 1992, quando sua vida estava bastante agitada e buscando se reorganizar, realizava anotações sobre as tarefas do trabalho, da casa, de alguns projetos pessoais, dos cuidados com os filhos, e outros. Depois, expôs que sua filha mais velha morou um tempo em Brasília, com o pai, durante a adolescência. Para matar as saudades, trocavam muitas cartas, e quando esta filha voltou a morar em Porto Alegre, deixou com ela estes registros. Marilene afirmou que os guarda porque tem uma diversidade ali, como os papéis de carta da época, a letra de seus outros filhos, que então escreviam para a irmã, a escrita em cartões, além das folhas pautadas. Por fim, mostrou-me um registro manuscrito que fizera quando mais nova, e que nem se lembrava mais que havia guardado, que encontrou ao procurar as materialidades para esta pesquisa. O registro foi realizado numa folha de calendário, em tamanho grande. Apesar de não lembrar a data, o que se vê neste suporte é o calendário de 1979 e 1980. Marilene se dispôs a ler algumas frases. Silenciou, e falou da saudade do tempo que frequentava a casa desta tia, agora falecida.

Neste primeiro encontro foram comigo partilhadas estas materialidades “protetoras” de suas práticas de escrita. Faço aqui uma analogia ao poema de Antonio Cícero (2018): “Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro; Do que um pássaro sem vôos”. O gesto de guardar esta materialidade pode significar que represente um auxiliar à memória, para trazer à tona lembranças que um dia ocuparam seus pensamentos. Mas além dos temas

registrados, é um testemunho de suas práticas de escrita, dedicadas não só ao caderno, ao diário, à agenda, mas aos suportes que se mostrassem receptivos e acessíveis.

Demonstrei gratidão a Marilene, que no primeiro encontro já manifestara confiança para que eu levasse para minha residência seus manuscritos. Antes de sair de sua casa, tomamos um lanche – foram quase três horas de conversa e eu nem percebi o tempo passar. Despedi-mo-nos com a combinação de data para um segundo encontro: dia 8 de agosto de 2018. Contudo, no dia agendado, tive um compromisso e enviei uma mensagem avisando Marilene. Sua resposta foi tranquila e de que também estava em outro compromisso. Sua confiança persistiu. Por longos meses tornei-me guardião de seus documentos. Esta confiança se alimentou das trocas de mensagens, quando partilhamos também outros temas, como a realização de um debate ou seminário sobre a memória da população negra. Nestas partilhas, nos encontramos duas vezes, já em 2019. De forma amistosa, ela perguntou sobre a pesquisa, ao que eu respondi “- está caminhando, ainda em construção”. Comentou que outro dia sua filha perguntara sobre o trabalho final, e que respondeu que seus documentos estavam em boas mãos. Para mim, ansiosa e preocupada com o tempo de trabalho e escrita da dissertação, foi um alívio e uma dádiva ouvir isso.

Assim, aqui analiso os seguintes documentos de Marilene:

Quadro 9 – Os manuscritos de Marilene

Tipo de suporte	Indícios de data	Temas
Folha de calendário de bloco de mesa, de tamanho duplo ofício	Começo da década de 1980	Reflexões sobre o passado e o presente
Cartas escritas para a filha	1988 a 1993	Relação mãe-filha
Caderno brochura pequeno	Maior a julho 1993	Registros e reflexões a partir de leituras diárias de livros relacionados à espiritualidade
Caderno brochura pequeno	Agosto 1993	
Caderno brochura pequeno	Setembro e outubro 1993	
Caderno brochura pequeno	Final de outubro a Fevereiro 1994	
Caderno brochura pequeno	Março a setembro 1994	Registros de leituras diárias voltadas ao “ <i>aprendizado espiritual</i> ”
Caderno espiral pequeno	Fevereiro 1996 a agosto 1999	Registros diversos, como sonhos, astrologia, orações, palestras, projetos, reuniões e outros
Agenda	1992	Registros diversos, com presença de atividades de trabalho, mas também da organização da casa, dos filhos, de projetos e reflexões pessoais.

Segue abaixo, imagens do conjunto de seus manuscritos:

Figura 13 – Os suportes materiais que acolheram as práticas de escrita de Marilene



Fotografia da autora

Figura 14 – Amostra dos manuscritos de Marilene



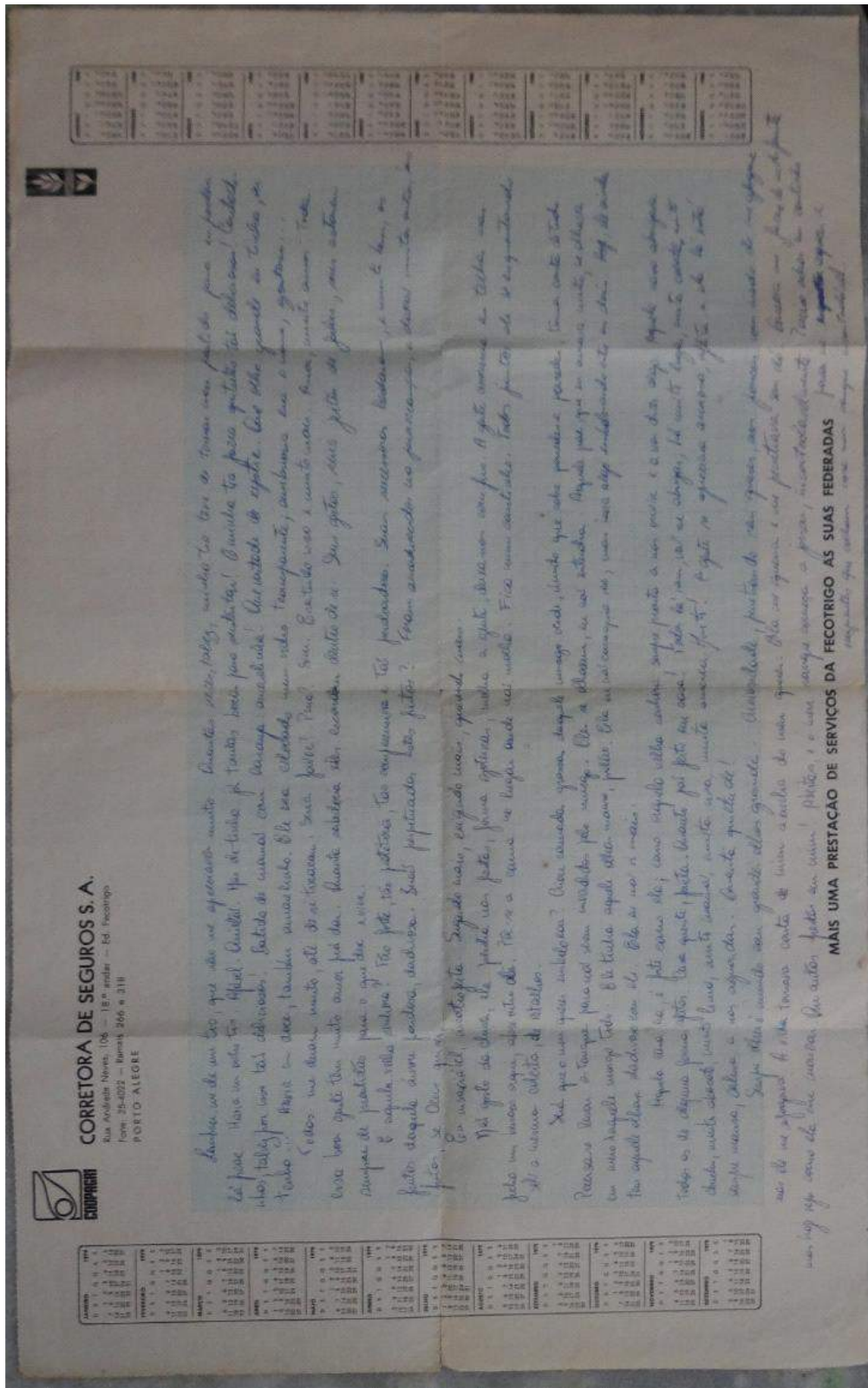
Fotografia da autora

As imagens acima não contêm a exposição da totalidade de registros confiados à pesquisa, devido aos limites da fotografia, mas contém parte significativa dos materiais cedidos por Marilene.

Sobre as correspondências que escreveu com o objetivo de comunicar-se com a filha primogênita, que morava distante, farei uma descrição geral e discutirei alguns aspectos. Não me deterei nos temas porque são muito particulares à relação mãe-filha.

Reproduzo, a seguir, o registro mais antigo de Marilene, entre os que me foram confiados:

Figura 15 – Calendário de mesa, tipo bloco de notas (1979-1980), de Marilene



Fotografia da autora

Na imagem acima, Marilene fez uso de uma folha de Calendário de tipo bloco de notas, para a realização de um registro reflexivo sobre sua vida. Observa-se nesta materialidade: mede aproximadamente 34,2 por 54,7 centímetros, ofertada sob o patrocínio de uma empresa comercial, cuja identificação consta impressa no alto da página e que, nas laterais, possui impressos os calendários mensais de janeiro a dezembro dos anos 1979 (à esquerda) e 1980 (à direita). Possui ainda anúncios, onde se constata os resquícios de uma época em que os números de telefones eram ainda de seis dígitos. Marilene perguntou-me se compreendia sua letra, e apenas frente a uma palavra tive dúvidas, que registrei com “[?]”. Pela riqueza do relato, transcrevo-o na íntegra:

“Lembrei-me de um tio, que não me apreciava muito. Quantas vezes, talvez, minha tia teve de tomar um partido para eu poder lá ficar. Havia um outro tio. Afável. Quietão. Mas ele tinha já tantas bocas para sustentar! E minha tia fazia quitutes tão deliciosos! Coitadinhos, talvez por isso tão deliciosos! Batida de mamão com laranja: amarelinha! Que vontade de repetir. Que olho grande eu tinha, ou tenho... Havia um doce, também amarelinho. Ele era colocado num vidro transparente, ambrosia era o nome, gostoso...

Todos me deram muito, até de si tiravam. Seria favor? Pena? Sim. Era tudo isso e muito mais. Amor, muito amor. Toda essa boa gente têm muito amor prá dar. Quanta sabedoria eles escondem dentro de si. Seus gostos, seus jeitos de falar, seus estarem [sic] sempre de prontidão para o que der e vier. E aquela velha senhora? Tão forte, tão protetora, tão compreensiva, tão perdoadora. Suas sucessoras herdaram, e muito bem, os frutos daquela árvore frondosa, dadivosa! Serão perpetuados estes frutos? Foram amadurecidos na perseverança, e darão muitos outros bons frutos, se Deus quiser.

Eu insaciável, insatisfeita. Sugando mais, exigindo mais, querendo mais. Não gosto da chuva, ela penetra nas frestas, forma goteiras, molha a gente, deixa-nos com frio. A gente arruma as telhas mas fecha um buraco aqui, abre outro ali. Põe-se a cama num lugar onde não molha. Fica num cantinho. Todos juntos ali se esquentando sob a mesma cobertura, de retalhos. Será que o meu querer embolorou? Criou camadas grossas daquele musgo verde, úmido que cobre paredes e paredes; toma conta de tudo. Precisa-se lavar os tanques para não serem invadidos pelo musgo. Eles se olharam, eu não entendia. Aquele par, que eu amava muito, se olhava em meio daquele musgo todo. Ele tinha aquele olhar manso, pidão. Ela eu não conseguia ver, mas havia algo embolorando entre os dois. Hoje ele ainda tem aquele olhar dadivoso com ele. Ela eu não vi mais.

Aquela casa era, é forte como ela; como aquela velha senhora, sempre pronta a nos ouvir e a nos dizer algo. Aquela casa abrigava todos os de alguma forma aflitos. Casa quente, farta. Quanto pão feito em casa! Todos lá iam, vão se abrigar; há muito lugar, muita cobertura, muito chuchu, muito abacate, muito limão, muita uva, muita ameixa. Muito! A gente se aproxima ansiosa, aflita e ela lá está, sempre mansa, calma a nos agradar. Quanta quietude!

Sempre olhei o mundo com grandes olhos grandes [sic]. Curiosidade, penetrando sem querer, aos poucos, com medo de me afogar, mas ele me

afogava. A vida tomava conta de mim a revelia do meu querer. Ela me queria e me penetrava sem dó. Queria me fazer de indiferente mas hoje vejo como ela me marcou. Quantas frestas em mim! Abertas, e o meu sangue começa a jorrar, incontrolavelmente. Preciso achar um cantinho para me ~~esquentar~~ aquecer e recipientes que colham esse meu sangue incontrolável.” (Marilene, folha de Calendário de mesa, s/d)

O extenso texto, como referi antes, está registrado em uma folha de calendário de mesa. Quanto ao uso do espaço gráfico, percebe-se que o texto começa no alto da página, se vale de parágrafos para cada nova ideia – o que demarca uma intenção –, respeita os limites propostos pelas margens – elementos que indicam a presença de competências adquiridas na escola. O espaço sugerido pela materialidade, um quadro com fundo azul na folha, foi ultrapassado, prevalecendo a necessidade de ocupar toda a extensão do papel. A escrita inicia com lembranças do passado e depois se desdobra para pensar outras situações de vida, mais recentes – os temas que estavam em seu pensamento no momento da escrita. Este gesto pode também denotar que a escrevente buscava encontrar a si mesma no futuro. No manuscrito estão presentes diversas mostras de sentimentos de saudade, alegrias, gratidão, dúvidas, tristezas... que produzem uma “escrita de si”.

Do uso pela escrevente, é possível observar: nada foi registrado nos calendários impressos que estão nas laterais, permitindo pensar: a) que a folha foi utilizada após os anos de 1979 e 1980, não fazendo sentido ali anotar quaisquer compromissos; b) o desejo primeiro de refletir sobre si, um tempo medido em palavras, não em datas pontuais. Para este “mergulho” em si, talvez tenha sido necessário estar sozinha, em ambiente privado, reservado. Linhas supostamente traçadas em um único fluxo, acompanhadas pelos próprios pensamentos. Ao final do texto, deparou-se com uma escolha de palavras, optando por uma leve rasura e substituição da palavra “esquentar” por “aquecer”. Este gesto discreto evidencia a prática de leitura acompanhando a escrita.

O texto de Marilene propicia àquele que o lê contagiar-se com seus sentimentos, o tom pessoal das palavras, com recurso a metáforas, como por exemplo “A gente arruma as telhas mas fecha um buraco aqui, abre outro ali” ou “Quantas frestas em mim!”, entre outros. Estas expressões podem ser pensadas como elaborações da escrevente como uma espécie de exame de consciência. Também podem ter sido pensados para, no futuro, lembrar-se de algumas passagens da vida. Vanessa de Cruz e Veronica Sierra Blás (2003) afirmam que uma das contribuições das “*escrituras autorreferenciais*” é permitir “*entender la escritura como espacio para la configuración de la identidad, como vía de expresión de sentimientos y medio para la (re)construcción de la memoria*” (CRUZ; SIERRA, 2003, p. 141). Entendo,

assim, que os registros de Marilene possuem esse caráter de escrituras autorreferenciais, pois representam manuscritos repletos de traços autobiográficos. Marilene produz um espaço para exprimir-se em uma materialidade possível de conservar para o futuro e retornar às lembranças.

Os recursos de linguagem e a ortografia bem aplicada dão pistas sobre a formação da escrevente, indiciando uma relação próxima com a leitura e a escrita. A partir do contato com a escrevente, sobressaem experiências de sua vida no início da década de 1980: contava com mais de trinta anos, possuía curso superior concluído, era profissional inserida no mercado de trabalho, travara uma relação de casamento e já havia a presença dos filhos. O desejo de conciliar múltiplos papéis pode ter sido uma das motivações para a prática de escrita de si. Um desejo que é expresso pelas mulheres sobretudo no começo do século XX. Tania Ramos (2000), em sua pesquisa sobre a prática de escrita diarística de meninas adolescentes nas últimas décadas do século XX, afirma que a produção escrita é uma espécie de (auto)formação pela narrativa. Em sintonia, Lejeune (2014, p. 121) explicita que “ao tentar me ver melhor, continuo me criando”, isto é, produzindo uma identidade individual, tanto na escrita como na vida. A escrita, então, é lugar e momento de produção de si.

Voltando às práticas de escrita de Marilene, é interessante pensar também sobre as motivações para ter conservado os registros na folha do calendário de mesa. Conservar é uma escolha, que se renova a cada ano. Segundo Artières (1998), além dos registros de documentos civis, políticos e jurídicos, guardam-se documentos da vida ordinária, documentos que provam um acontecimento, que permite reconhecer a identidade, por si e também pelos outros. Outro autor, Alain Corbin (1991, p. 428), indica que o surgimento da fotografia permitiu assegurar uma “memória da aparência”, tornando mais vívida a lembrança física das pessoas mesmo após a morte. Por analogia, guardar os manuscritos pode representar uma âncora às lembranças, uma materialidade para assegurar à memória a “existência” do passado, da vida de outrora.

Passo agora a outra materialidade da vida de outrora: as cartas enviadas por Marilene à filha distante.

Correspondências da década de 1990

Além da folha de calendário com registros escritos, Marilene concedeu à pesquisa um conjunto de correspondências manuscritas – cartas e cartões – enviadas para a filha primogênita enquanto esta residia com o pai em outra capital brasileira. Esta materialidade testemunha alguns gestos do afeto presente no relacionamento entre as duas. A pesquisa

concentrou-se nas cartas que Marilene escreveu, e que ficaram em poder de sua filha que, no retorno à Porto Alegre, as confiou para guarda da própria escrevente.

No conjunto de catorze (14) correspondências – quinze páginas de cartas, mais oito cartões –, pode-se anotar o período de janeiro de 1988 a janeiro de 1993. Esses intervalos não estão justificados e seus significados persistem ao alcance somente da escrevente. Apresento abaixo um quadro descrevendo alguns dos temas abordados nas cartas dirigidas a sua filha. Os trechos destacados em itálico são uma referência aos registros de Marilene.

Quadro 10 – As correspondências de Marilene para a primogênita (1988-1993)

Data	Suporte escrita	de	Alguns temas do conteúdo das cartas
Poa, janeiro, 88	Cartão		<i>“A mãe está longe fisicamente mas sempre perto de ti afetivamente, podes crer!”</i> Cumprimentos pelo aniversário da filha.
27 jan 1990	Cartão aniversário	de	Escrita carinhosa de uma mãe sobre o dia do nascimento da filha.
Poa, 17/3/90	Carta, três folhas (ou seis páginas) escritas		<i>“O tempo é curto para o muito que se tem e se pode fazer nesta vida”;</i> <i>“Vi na Revista Ebay a Barbie negra e vou encomendar [...]”;</i> <i>“Tenho sido muito protegida por Nossa Senhora; minhas orações diárias”;</i> <i>“te fortifica na prece diária e concentrada e na prática do bem com amor”;</i> <i>“enviar o teu livro Gotas de Amor [...]”;</i> Observações sobre os gestos de escrita: Realizou o gesto de numerar as folhas: 1, 2, 3; Depois que assinou, acrescentou uma mensagem religiosa: <i>“Te mando esta mensagem aberta ao acaso.”</i>
Salve 27/01/90!	Cartão comemorativo		Cumprimentos pelo aniversário da filha. <i>“Que Deus te abençoe, que Nossa Senhora sempre esteja contigo!”</i> Obs: a capa do cartão já contém uma oração cristã.
Poa, 30/3/90	Cartão		Poucas linhas escritas. A mensagem já impressa no cartão, que foi escolhido, é significativa: <i>“Se meus pensamentos tivessem asas/ Eles voariam até você / Só para dar-lhe um alô amigo / E fazer-lhe companhia!”</i>
Poa, 23/6/1990	Carta, folha pequena, sem pauta. No canto superior direito, adesivo “Não se esqueça de mim!” e recebeu, caneta, desenho lágrimas.		<i>“Espero que estejas bem com o papai, mas tua mãe sempre te espera”;</i> <i>“Hoje é a festa junina do Afro”;</i> <i>“Estou iniciando um trabalho com 30 jovens da Floresta Aurora”;</i> Obs: Oferece à filha, como presente de 15 anos, que escolha uma viagem ou de uma festa e que irá se organizar afinanceiramente. Comenta que o livro “Gotas de amor” lhe foi uma fonte de inspiração.

27/6/90	Carta, folhas pautadas em apenas um dos lados, numeradas no canto superior- direito com números 1 a 4. Nada registrou no verso das quatro folhas.	“Nessa manhã gostosa e ensolarada de domingo estou me permitindo-me sentar um pouco a meditar e escrever”; “Agora toca no rádio uma música maravilhosa a qual vou bailar um pouco ‘Amélia não tinha a menor vaidade...’ [desenhou símbolo de música]” - pede que L. volte: “A asa da galinha-mãe ainda é muito necessária na faixa etária de vocês.” Obs: Realizou a assinatura em outra cor de caneta. E abaixo disso, consta “Poa, 09/6/90” e “Esta carta levou bem + tempo do que a tua mas até que brotou!!” Ao final, traz um adesivo que diz “Você faz falta”, para um ser com os olhos tristes e segurando envelopes nas mãos. Abaixo, insere uma despedida em inglês “Kisses from de Big Mother”.
Poa, 08/11/90 E 09/11/90	Cartão com capa uma mãe beijando um bebê de colo	1ª data: 08/11/90 “Não sei porque ao ver este cartão pensei em você. Talvez seja porque ainda te tenho pequenininha no meu coração! a lembrança daquela fofurinha me é muito cara!” 2ª data: 09/11/90 “vê se volta logo ao reduto, minha L. [...] Volta L., Volta... SNIF [desenho de 4 lágrimas]”
Poa, 04/4/91	Carta, papel de carta e envelope correspondente	“ ‘Tô cum sôdade’ (e ponto final). A minha leitura matinal, no livro Jesus no lar [...]”; “Adoro vocês e que Deus me ajude a continuar sendo sempre a mãe chata que Ele deu a vocês!!!” “Ontem queria que eu fosse à TV dar depoimento sobre um caso grave de racismo ocorrido numa agência de empregos” – aqui, puxou uma linha e registrou, na margem superior “não fui”.
Poa, 18/6/91 e Poa, 13/10/91	Carta, dois papeis de carta (iguais)	1ª carta: “Abri o evangelho querendo palavras bonitas para te mandar”; “Como somos de Iemanjá, estas figuras submarinas nos fazem muito bem”; 2ª carta: Obs: Comenta sobre Lima Barreto, autor do livro “Clara dos Anjos”: “Ele é um dos nossos negros que abrilhantou a literatura brasileira. Seu enfoque sociológico é profundamente sensível.”
27/01/93	Cartão de aniversário	Felicita a filha pelo aniversário. Obs: Acrescentou a xerox de uma oração.
Sem data	Cartão postal – praia	“Filha, não esqueça do poder da oração nas nossas dificuldades. Reze todo dia”
Não identifiquei	Cartão postal	Obs: Refere primeiro de seu contexto: greve de 100 dias. “Estamos organizando psicologicamente a tua volta ao reduto, com o requinte de uma Rainha (sonha!)”
Sem data.	Cartinha feita pela irmã, para L.	Obs: Carta escrita a lápis. O envelope – enfeitado com corações

O conteúdo das cartas de Marilene é significativamente mais extenso do que o quadro acima. Alguns destaques sobre os temas que constam nas cartas são: as atividades de trabalho de Marilene, preocupações com a educação dos filhos, incentivo para a prática da oração, as relações de leitura e escrita, expressões de afetos. Quanto à questão étnica, destaco diversos registros, como quando comenta sobre o autor Lima Barreto; sua participação em coletivos negros, como a menção à festa junina no Afro; sua atuação com jovens da Sociedade Floresta Aurora, beneficente e cultural, a mais antiga associação negra de Porto Alegre, fundada em 1872 por escravizados alforriados (JESUS, 2005, p. 10).

Na prática de escrita das cartas há elementos que indicam o nível escolar da escrevente: predominam as escritas a caneta; a presença de local e data; o uso de parágrafos; o gesto de numerar as folhas quando se trata de um conjunto; a citação de leituras e o incentivo da leitura à filha, enviando-lhe livros.

Há, ainda, marcas da profissão de Marilene em intersecção com a escrita de cartas, um exercício escolar, quando os alunos escrevem nos cadernos de classe produções inspiradas nos modelos existentes em livros didáticos (SIERRA BLÁS, 2004, p. 62). Segundo Sierra Blás (2004), as cartas também são utilizadas como instrumentos para aprendizagem da prática de leitura, pois visam despertar para as habilidades de compreensão da leitura e de redação. Estes aprendizados servem não só para as correspondências, mas para o uso cotidiano, pois “*iniciar al niño en el arte epistolar era adiestrarle en la lectura de documentos usuales en la vida diaria*” (SIERRA BLÁS, 2004, p. 63). Segundo a autora, a prática de escrita epistolar, a troca de correspondências, corresponde a uma das mais antigas demonstrações das relações entre as pessoas e uma ferramenta para compreender o processo da expansão da relação com a cultura escrita.

[...] Al fin y al cabo, la carta era desde la Edad Moderna un instrumento cotidiano de comunicación presente tanto en los espacios públicos como en los privados, así como una de las expresiones más notables de la extensión de las prácticas de escritura y del acceso al mundo de lo escrito de nuevos sujetos históricos que hasta entonces habían permanecido el margen del mismo. [...] (SIERRA BLÁS, 2004, p. 65)

Sierra Blás (2004, p. 73) acrescenta que os manuais epistolares insistem que, para um real aprendizado, a criança não copie os modelos apresentados nos livros, mas que crie novos textos. Como exercício de comunicação, as práticas de escrita epistolar de Marilene podiam ser, também, um estímulo à filha que morava distante. Estímulo este que se estende

aos demais filhos, como por exemplo a carta escrita pela irmã de L., que contém elementos dos aprendizados da criança: a escrita a lápis, a presença de enfeites no envelope, o texto de poucas linhas. Sierra Blás destaca as cartas infantis:

[...] Según Buenaventura Anton y Castillo, las verdaderas cartas, las más reales, son aquellas escritas por los niños, cartas familiares e de amistad en su mayoría, que escapan del carácter retórico y sentimental de las cartas de amor y del formulismo y el protocolo epistolar propio de las cartas de cumplido o cortesía. (SIERRA BLÁS, 2004, p. 74)

Assim, a prática de escrita de cartas por Marilene contribui para o exercício de criação e comunicação epistolar dos filhos, tanto a filha que estava distante, como aqueles que moravam com ela, produzindo uma vida “real”, como refere o excerto acima. Por fim, no que tange à observação sobre as práticas de escrita epistolar de Marilene, é possível perceber a produção de suas identidades: mãe, leitora, participante de coletivos negros, atuante em movimentos da categoria dos professores, aquela que pratica e alimenta uma fé pessoal.

Abaixo, segue a reprodução de alguns dos cartões e adesivos comentados no quadro-síntese das correspondências de Marilene com a primogênita (1988-1993). O envelope com desenhos de corações foi elaborado pela irmã de L., que enviou uma pequena carta, escrita em folha de caderno.

Figura 16 – Cartões, adesivos e papéis de carta enviados à L.



Fotografia da autora

A organização temporal do Quadro 8 evidencia que a maior parte das correspondências confiadas à pesquisa datam do início da década de 1990. É este também o período cronológico mencionado nos cadernos espirituais e na agenda anual de Marilene, cujas práticas de escrita nestas materialidades apresento na sequência, a começar pelos três cadernos brochuras que a escrevente intitulou “Vida”.

Cadernos Vida I, Vida II, Vida III

A primeira característica observável nos cadernos é a existência, nas capas, de um espaço para identificação de dados pessoais, e que foi preenchido a caneta com o nome completo da escrevente, gesto que sugere a intenção de “tornar [o caderno] seu” desde o início.

Os três cadernos correspondem ao tipo brochura, tamanho pequeno, com medidas de 14,8 por 21 centímetros. A capa do caderno Vida I traz dois carimbos, com os dizeres:

“Brinde do movimento negro” e “Com este singelo brinde pensamos estar contribuindo com a tua formação.”. Embora estes carimbos não estejam presentes nas capas dos cadernos Vida II e Vida III, eles comparecem no interior de suas contracapas. No caderno Vida I os carimbos estão somente na capa e permitem pensar a existência de um projeto do Movimento Negro para contribuir na formação, especialmente escolar de seus afiliados. No interior das capas dos cadernos Vida II e Vida III, as frases de dois outros carimbos convidam a pensar em um projeto mais específico do Movimento: a “reconstituição da pessoa negra”, ressaltando os significados de sua formação escolar e a necessidade de lutar perante a estrutura social.

As frases referidas são:

“Irmã (ão):

Os nobres e os escravagistas impediram que teus antepassados fossem livres para trabalhar, ESTUDAR e progredir. Atualmente seus descendentes procuram te manter longe da cultura e do aprendizado. Recuperes o tempo perdido. Estude!”

E, mais próximo da margem inferior: “Cruzada pela reconstrução da pessoa negra” .

Nas imagens que seguem (17 a 20), comparecem as materialidades e registros referidos.

Figura 17 – Capas dos Cadernos Vida I, Vida II e Vida III



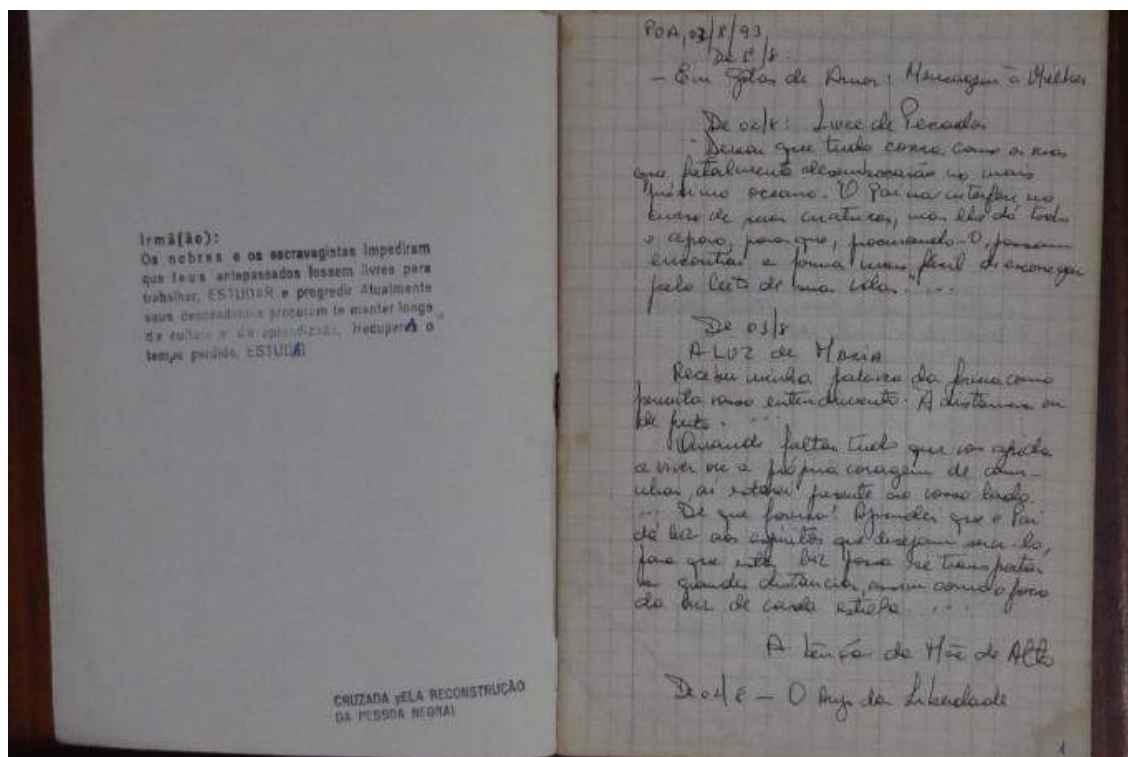
Fotografia da autora

Figura 18 – Contracapas dos Cadernos Vida I, Vida II e Vida III



Fotografia da autora

Figura 19 – Interior da Capa e Primeira página dos Cadernos Vida II (1993)



Fotografia da autora

Nos cadernos Vida I, II e III, as datas que constam nas primeiras páginas possibilitam pensar sobre um projeto do Movimento Negro, com início pelos primeiros carimbos: “brinde do Movimento Negro”. Depois, presente nos cadernos Vida II e Vida III, o engajamento de “reconstituição da pessoa negra”. Nestes dois últimos cadernos, observo a letra da escrevente sobre duas palavras do carimbo: sobrescreveu um “A” sobre o final da palavra “Recuperes”, tornando-a “Recupera”; e um “A” no final da palavra “Estudes”, tornando-a “Estuda”. Seria uma correção ou uma possibilidade de dar ênfase? O gesto de sobreposição realizado pela escrevente confirma sua leitura atenta e sua apropriação dos cadernos.

Não conversei mais detalhadamente com Marilene sobre o momento da distribuição dos cadernos aqui comentados, que parece ser uma ação inserida em um projeto do Movimento Negro. Seguindo a metodologia aplicada com todas as mulheres desta pesquisa, não apresentei questões à escrevente, mas busquei compreender os sentidos, intenções e temas de suas práticas de escrita a partir das materialidades. Quando possível, procurei pensar a historicidade de suas práticas, os espaços de circulação da escrevente e pistas sobre a guarda de seus registros.

Motivada pela vinculação dos cadernos de Marilene ao Movimento Negro,

apresento alguns pontos sobre história desse Movimento brasileiro, cuja participação está presente nos registros da escrevente. Segundo Petrônio Domingues (2007), a organização do Movimento Negro pode ser compreendida pela atuação em três períodos, além do momento atual. Apresento-os de forma resumida, com o objetivo de compreender que o registro dos carimbos alusivos ao movimento negro nos cadernos escolares de Marilene não é uma ação isolada, mas uma entre tantas ações de luta desta organização. O primeiro período corresponde aos anos 1889 a 1937, com a fundação de agremiações, clubes literários e associações, muitas delas atuantes na alfabetização e formação de ofícios para os “homens de cor”, termo utilizado na época. Destaque para a atuação da Frente Negra Brasileira, no período de 1931 a 1937. A segunda fase, para o autor, corresponde ao período de 1945 a 1964, com destaque para o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944, que batalhou pela construção de uma legislação antidiscriminatória e para o reconhecimento de direitos civis à população negra brasileira. O terceiro período, segundo Domingues, envolve os anos de 1978 a 2000, destacando-se a rearticulação do movimento negro e a fundação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) em 18 de junho de 1978, que em seu primeiro congresso teve seu nome reelaborado para Movimento Negro Unificado (MNU).

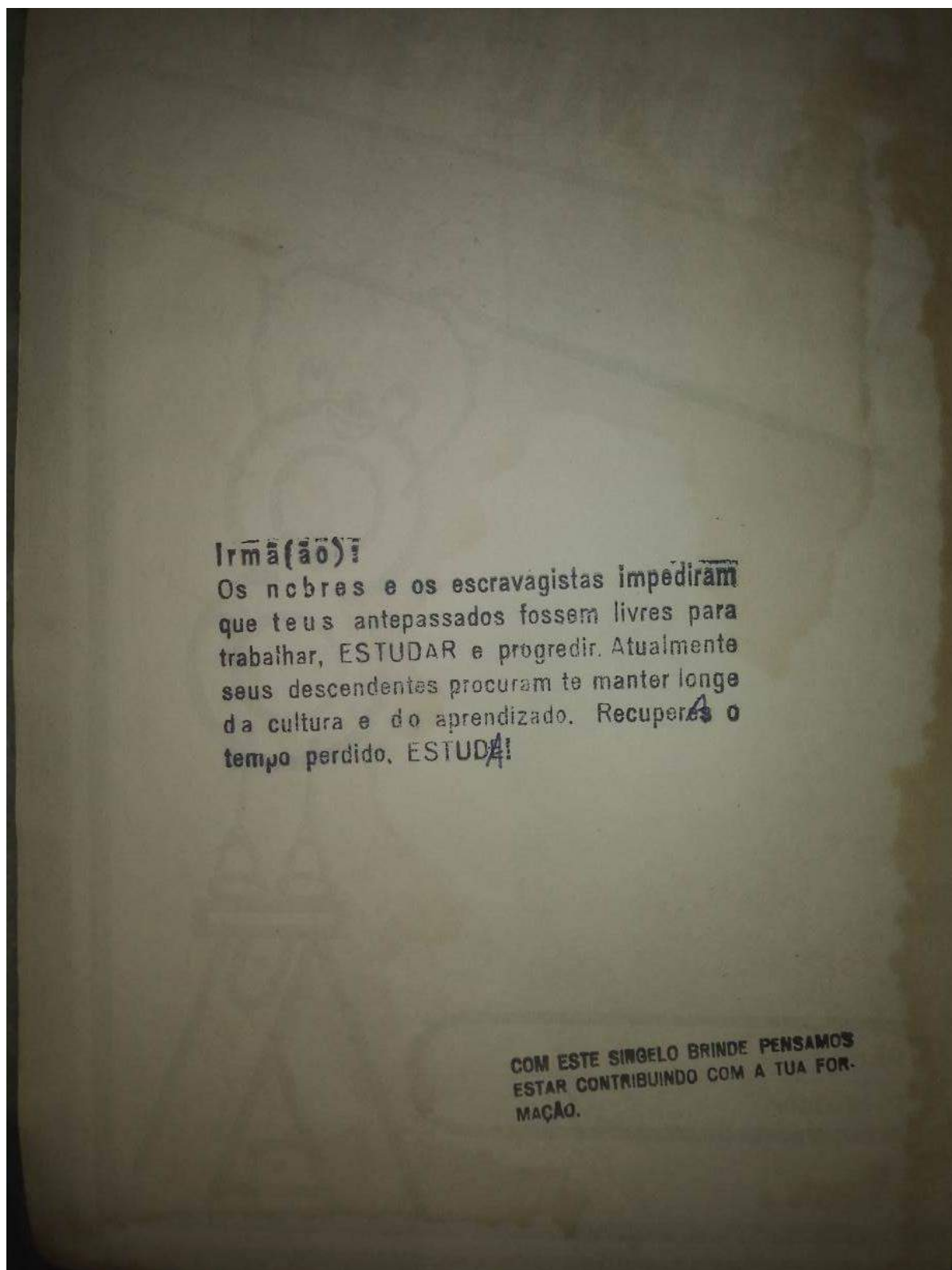
Detenho-me a expor mais elementos sobre esta terceira etapa da organização do movimento negro, a partir das formulações de Domingues (2007). Foi o período em que surgiram centenas de entidades negras no Brasil. Várias foram as ações de fortalecimento do movimento negro propostas pelo MNU, como por exemplo, a adoção do dia 13 de maio como dia nacional de denúncia contra o racismo e do dia 20 de novembro como uma data celebrativa, em alusão à data de morte de Zumbi dos Palmares. Também a adoção oficial do termo “negro” para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país, discutindo o caráter pejorativo com que era utilizado e propondo sua ressignificação. Em relação às etapas anteriores do movimento negro, destacam-se: o enfoque da via política para a luta contra o racismo, o discurso contra a mestiçagem e a afirmação de diversos símbolos associados à cultura negra, como a capoeira, o samba, as religiões de matriz africana.

Domingues (2007, p. 119-120) apresenta que a quarta fase está em vigência aproximadamente desde o ano 2000 e alguns enfoques dos ativistas atuais são dados a temáticas como a valorização dos símbolos culturais da cultura negra, o trabalho com a música hip-hop, o resgate à autoestima, com campanhas do tipo: “Negro Sim!”, “Negro 100%”, bem como a difusão do estilo sonoro rap, músicas cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social. Nesta fase, ainda segundo o autor, muitos ativistas defendem a

substituição do termo “negro” pelo termo “preto”, o correspondente a *black*, palavra do vocabulário norte-americano usada para identificar as pessoas afrodescendentes.

Assim, os carimbos que constam nos cadernos de Marilene são contemporâneos da terceira etapa do movimento negro, conforme a periodização proposta por Domingues (2007). Isto é, de um projeto político contra o racismo e que no caso da materialidade apresentada, relaciona-se com o fortalecimento educacional da população negra. Neste sentido, aproxima-se da segunda fase, para que os negros usufríssem da educação como um direito, e que para tanto, o projeto do movimento indicava a “via educacional e cultural, eliminando o complexo de inferioridade do negro e reeducando racialmente o branco, nos marcos do capitalismo ou sociedade burguesa” (DOMINGUES, 2007, p. 118). A presença do Movimento Negro nos cadernos de Marilene convida à reflexão sobre seu espaço de atuação na cidade de Porto Alegre, bem como a longa caminhada de atuação que antecede a aprovação das leis federais nº 10.639/2003, nº 11.645/2011, sobre a obrigatoriedade do ensino da história da cultura afro-brasileira e da contribuição do povo negro “nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”, e da Lei nº 12.711/2012, sobre a obrigatoriedade de cotas para os ingressantes nas universidades, centros e institutos federais. Leis que são resultado de uma história de lutas, no passado, que mantém-se como luta permanente no presente, visto que não são suficientes para mudar as práticas sociais.

Figura 20 – Os carimbos do Movimento Negro em destaque nos cadernos de Marilene (1993)



Fotografia da autora

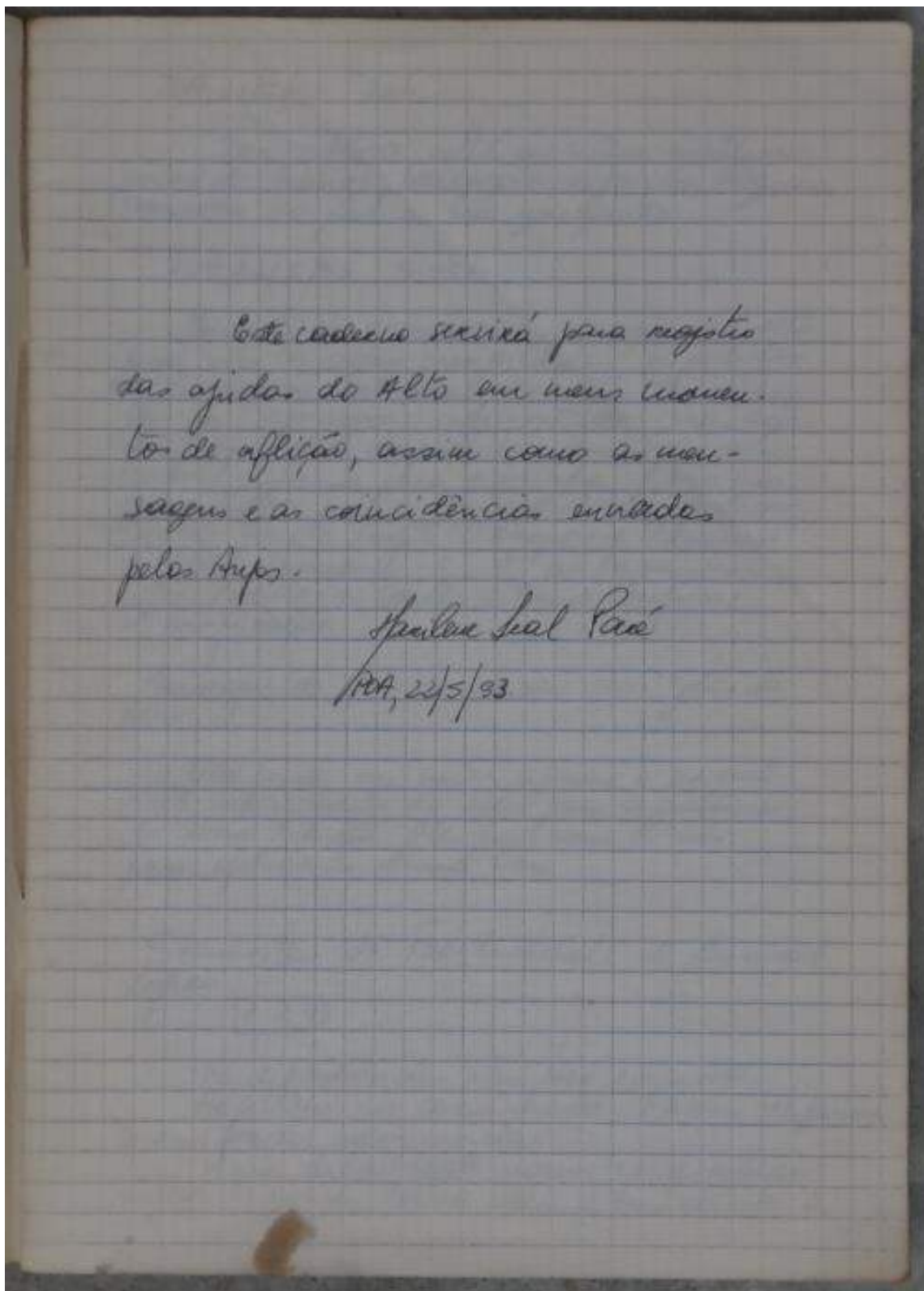
Sobre as capas dos cadernos, observa-se o preenchimento da “caixinha” de identificação, que é alusiva aos dados pessoais como nome, escola, classe, professor. Estes campos foram preenchidos a caneta, com o nome completo da escrevente. Nos dois primeiros cadernos, os “títulos” Vida I e Vida II foram inscritos neste espaço de identificação. Já no caderno III foi indicado, além do nome, a palavra “Jesus”, e a inscrição “Vida III” consta no interior da capa. Estes dados iniciais permitem relacionar a intenção da escrevente com a prática de reflexão religiosa, que se confirma com os dizeres de intenção na “página de abertura” do primeiro caderno: “*servirá para registro as ajudas do ALTO em meus momentos de aflição*” (Marilene, Caderno Vida III, p. 1).

Embora Marilene não denomine e não explicita este caderno como um diário, observo o propósito registrado na página de abertura e aproximo ao comentário de Lejeune, sobre as possibilidades de autoanálise advindas da prática de realização de um diário:

Esse exame [auto-análise] não se refere apenas ao que é, mas também ao que será: o diário está voltado para o futuro. [...] O diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão. Esse controle do pensamento foi um dos maiores argumentos dos primeiros cristãos a favor do exame de consciência escrito, e os diários de retiro terminam sempre com ‘resoluções’. O diário não é forçosamente uma forma de passividade, mas um dos instrumentos da ação. (LEJEUNE, 2014, p. 304)

Os registros de Marilene formam quase um diário, o que denota uma disciplina quanto a esta prática de escrita, que resultou no registro de três cadernos num único ano. Como anuncia a página de abertura, esta prática de escrita pode ser compreendida como uma busca por interlocução, para melhor refletir sobre sentimentos de dúvida e aflição. Como sugere Lejeune no excerto acima, trata-se de uma ação de quem busca e não de quem espera. Busca encontrar serenidade, inclusive para lidar com seus múltiplos papéis: profissional, mãe, amiga, filha, com responsabilidades na gestão do lar e que anseia projetos pessoais também, como indicam os registros de outras materialidades, especialmente a agenda de 1992.

Figura 21 – Caderno “Vida I” (1993) de Marilene - Página de abertura



Fotografia da autora

Da organização de Marilene nos cadernos Vida I, II e III, é possível observar:

Quadro 11 – Os cadernos para “registro das ajudas do Alto”

Gestos / Caderno	Vida I	Vida II	Vida III
Período	21/5 a 31/7/93	1º/8 a 31/8/93	1º/9/93 a 22/10/93
Numeração das páginas (no canto inferior das páginas)	1 a 77 (exceção da página de abertura e a última página)	1 a 58 (exceção da última folha)	Parcialmente: até a página 14
Presença de índice	Nas duas últimas páginas, mas inconcluso	Na última página e no interior da contracapa	–
Folhas suprimidas	–	–	Sim, no meio.
Espaços “vazios”, sem registro	Dois páginas sem registro	–	Quatro páginas sem registro e duas que foram saltadas sem intenção.
Encartes ou impressos avulsos	–	–	Oração da Paz
Anotações manuais no interior da contracapa	–	Em sua totalidade.	Dois “linhas” registradas
Registros a lápis	–	–	Uma página
Outra cor de caneta	–	–	Roxa
Qtde de folhas	40	30	38

O quadro acima visa descrever materialmente os três cadernos que guardam uma proposta comum: receber os registros de leituras espirituais, abrigar sentimentos de aflição e comportar os encaminhamentos vindos “do Alto” e “dos Anjos”. Além destes elementos, é possível observar, quanto a outras características:

- as páginas são de pautas “quadriculadas”;
- duas capas sugerem mais diretamente o uso escolar;
- nas práticas de escrita, predomina a letra cursiva, a escrita a caneta, poucos registros de desenhos, mais comuns para inserir um coração com o nome “Maria” ou “Alegria e paz / Paz e Alegria! (Caderno Vida III) ou ao lado das iniciais de uma pessoa amada. Houve, algumas vezes, registros em caixa alta ou sublinhados, conferindo destaques ao texto. Este gesto convida a pensar na intenção de retorno e atenção à leitura das páginas, seja para si ou para outro leitor.

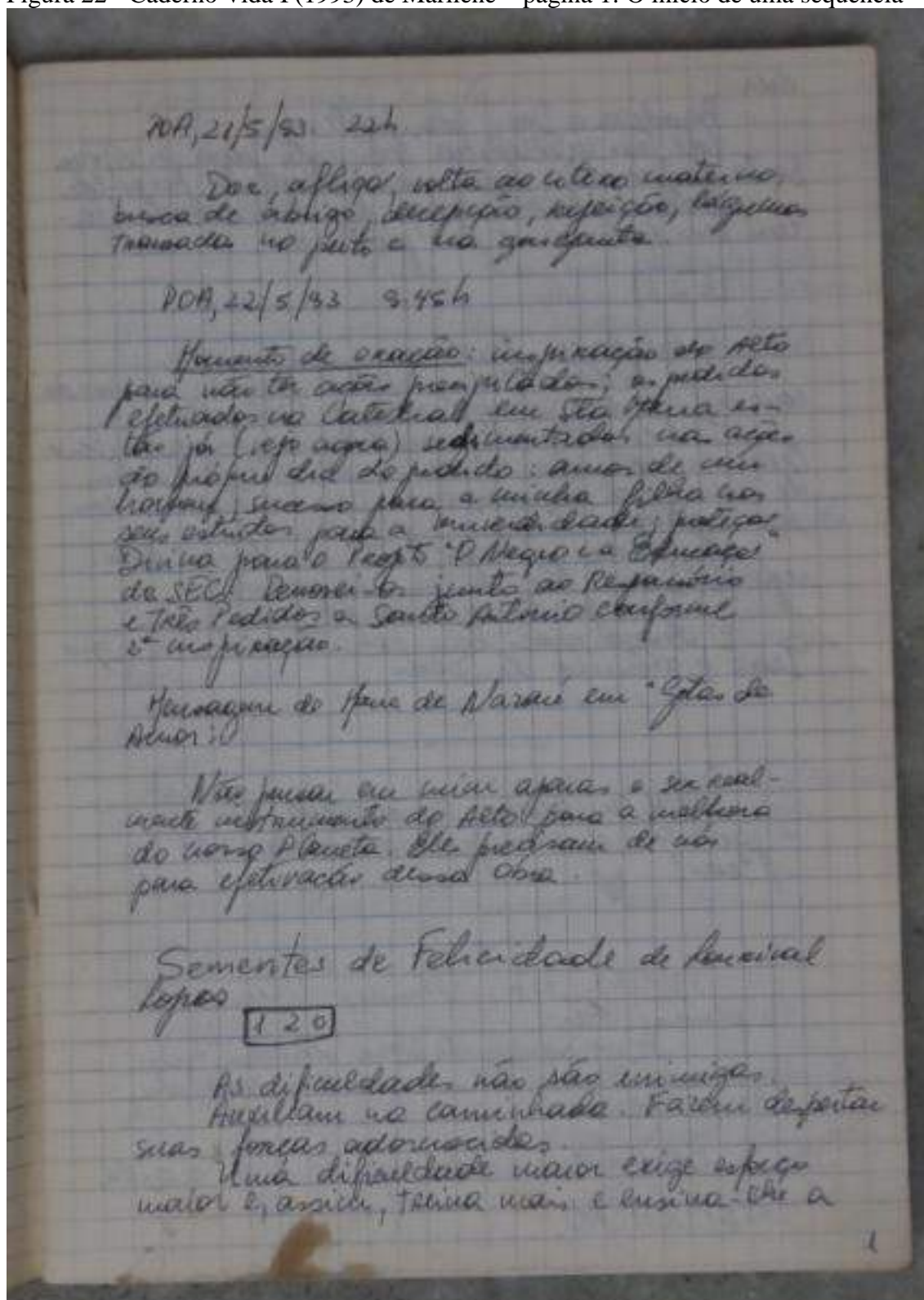
Acerca das primeiras palavras de Marilene no Caderno Vida I, observo que na página seguinte a de abertura do caderno, identificada com número 1 no rodapé, há um exemplo de como a prática de escrita, acolhida neste suporte, se relaciona com a tomada de decisão. Nas primeiras linhas, registradas com a data de 21/5/93 e horário de 22h, foram

manuscritas emoções e sentimentos de aflição: “decepção, rejeição, lágrimas no peito e na garganta”. No registro seguinte, com data de 22/5/93 e horário de 9h45, foi indicada uma reserva de tempo para oração e, depois, uma mensagem relacionada à leitura de Maria [de Nazaré]: “Não pensar em mim apenas e ser realmente instrumento do Alto para a melhora do nosso planeta. Ele precisa de nós para efetivação dessa obra” (Caderno Vida I, 22/05/1993). É possível identificar aqui não apenas a leitura de uma mensagem, mas a intenção de guiar a vida pelos princípios de sua fé espiritual.

Na página que recebeu o número “3”, há pistas de que a escrevente identifica como mensagens do Alto não apenas aquelas que estão presentes em suas leituras, mas também os acontecimentos cotidianos, como por exemplo a ligação de uma amiga avisando que iria visitá-la. Marilene relaciona mensagens de aprendizado também aos sonhos, que busca relacionar aos sentimentos. Na página 3, antes de comentar um sonho, ela escreveu: “A dor continua. Queria esquecer. A ferida está muita aberta. Tem que cicatrizar.” (Caderno Vida I, 24/05/1993). Estes registros de Marilene relacionam-se às observações de Lejeune (2014, p. 334), de que o ato da escrita contribui para dissipar sofrimentos emocionais: “seria possível, no meio da noite quando se escreve só para si sobre coisas dolorosas, controlar as assonâncias desagradáveis? Sim, é possível e até mesmo útil. O trabalho é uma meditação”. Neste sentido, a prática de escrita de si se configura como espaço em que os escreventes saem renovados, dispostos a novas atividades, após aliviar temas dolorosos que poderiam estar interferindo em suas rotinas.

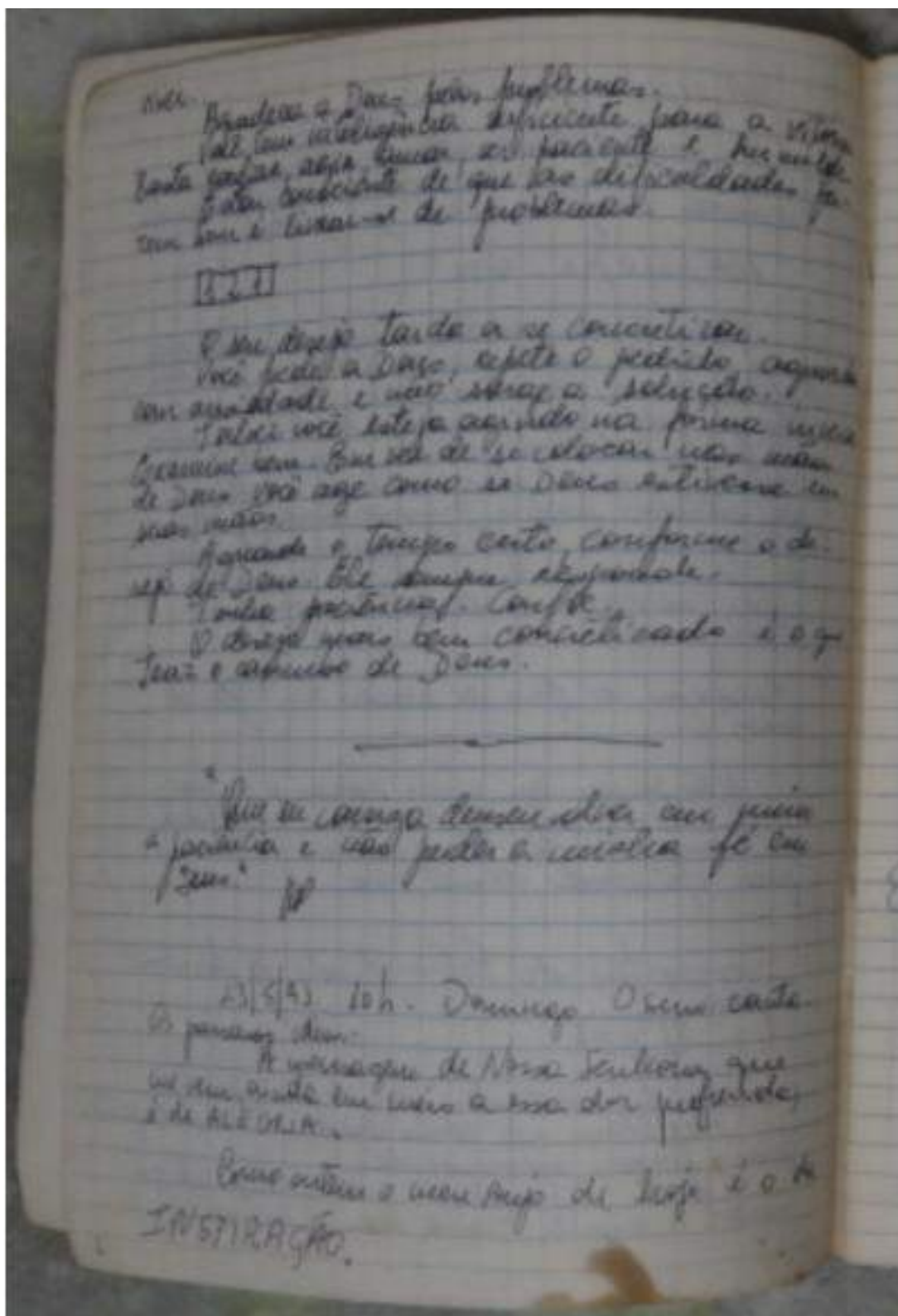
Abaixo, imagens das duas páginas acima comentadas:

Figura 22 - Caderno Vida I (1993) de Marilene – página 1: O início de uma sequência



Fotografia da autora

Figura 23 – Caderno Vida I (1993) de Marilene – página 2: Datas, livros e sinais



Fotografia da autora.

Por vezes, os registros manuscritos de Marilene ultrapassam o espaço delimitado pelo caderno. Nas páginas 12, 13 e 14, a escrita foge ao padrão linha a linha também, sendo realizada com letras maiores, mesclando letra cursiva e letra de forma e escrevendo-se de forma alternada entre as linhas, isto é, pulando uma linha após cada linha escrita.

Embora reservado aos propósitos “para registro das ajudas do Alto”, o caderno foi também o suporte para registro de outros momentos pessoais. Na página 19, por exemplo, é possível ler “Meu 1º dia na SEC”. Outras inscrições pessoais referem-se ao relacionamento amoroso, registradas várias vezes a sigla “L” acompanhada de corações. Interpreto como um sinal de que o uso do caderno não ficou restrito a um único propósito, mas atuou como suporte para a escrevente registrar diversos temas. Os cadernos de Marilene indicam a prática de escrita ordinária como um “observatório da vida”, segundo Lejeune (2014, p. 305-306). Para o autor, a prática de escrita diarística propicia ao escrevente, reunir num mesmo suporte os temas que um dia o acompanharam. Isso pode gerar uma experiência de “fixar o tempo: construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento, dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam ...” (LEJEUNE, 2014, p. 320).

Observo nos cadernos manuscritos de Marilene as lembranças que ela decidiu conservar, para “fixar o tempo”. Se a motivação principal foram as mensagens espirituais, as escritas não se limitaram a elas. A vida pessoal comparece, seus rastros, como por exemplo as iniciais de um romance, os nomes de relações pessoais, as crenças religiosas, como o padrinho Santo Antônio e a Mãe do Alto, o conhecimento de outros idiomas, entre outros.

Os três cadernos que receberam os “títulos” Vida I, II e III não foram os únicos destinados à prática de escrita de temas espirituais. Há mais dois cadernos de Marilene com este propósito, que abordarei na sequência. Visando facilitar a menção a eles, e considerando que já foram apresentados três cadernos, os descreverei como cadernos IV e V.

Os cadernos IV e V

De mesma medida e formato que os cadernos Vida I, II e III, suas capas também denotam relação com o espaço escolar. Ambos estampam a palavra “Aritmética” na capa, fazendo menção a esta área da matemática. Ainda na capa, escrevente reserva duas linhas da capa para indicar os nomes do aluno, ela mesma, e do professor, nesse caso, registrou o nome “Jesus”. Abaixo a imagem das capas descritas:

Figura 24 – Os cadernos IV e V (1993 e 1994) de Marilene – Capas



Fotografia da autora.

Guiando-me pelo Quadro 9, antes reproduzido, aponto algumas características dos cadernos acima:

Quadro 12 – Outros cadernos para registros de leituras e escritas de Marilene

Gestos / Caderno	Capa de aritmética, cor Azul (caderno IV)	Capa de aritmética, cor Laranja (caderno V)
Período	23/10/93 a 05/02/94	04 de março de 1994 a 22/09/94
Numeração das páginas	–	–
Presença de índice	Na última página, por temas de registros	–
Folhas suprimidas	-	Sim, a última folha
Espaços “vazios”, sem registro	Em quatro páginas	–
Encartes ou impressos avulsos	Oração da Paz	Um desenho infantil (imagem e texto)
Anotações manuais no interior da contracapa	Em duas linhas	Nomes relacionados ao Conselho do [Povo] Negro
Registros a lápis	Em uma página	Em quatro páginas
Outra cor de caneta	Roxa	–
Qtde de folhas	40	38

É relevante dizer que ambos os cadernos trazem no interior de suas capas os

carimbos existentes e antes indicados do Movimento Negro.

As primeiras linhas de ambos os cadernos fazem menção às intenções da escrita nos mesmos. No caderno de capa azul, logo após a data, a escrevente registrou: “*Um novo caderno, com as Mensagens do Alto. Agradeço a Deus a oportunidade!*”. Uma “explicação” breve, de duas linhas, que abre o registro seguinte: “Em Gôtas de amor”.

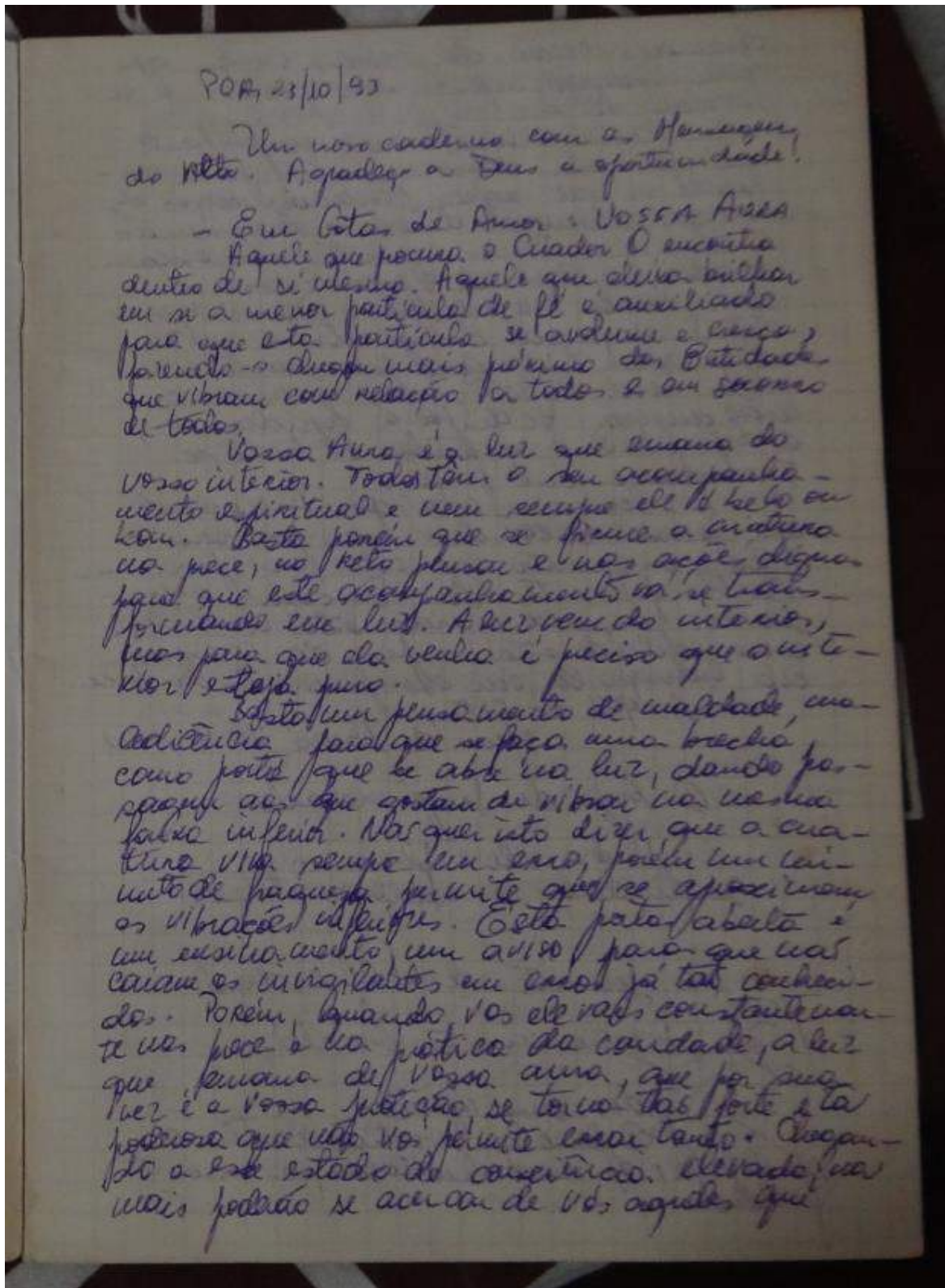
No caderno de capa laranja, as primeiras letras da escrevente foram:

“Este pequeno caderno conterà as minhas leituras diárias concernentes ao meu aprendizado espiritual.

Agradeço aos Anjos de Guarda, Mentores de Luz, Maria de Nazaré, Jesus, Deus esta preciosa oportunidade de vida.” (Marilene, Caderno IV, p. 1)

Reproduzo, abaixo, a primeira página destes dois cadernos, sobrepostos, isto é, que para montagem da foto, eu coloquei um sobre o outro, destacando a primeira página de cada um, mas ocultando o interior da capa de um deles:

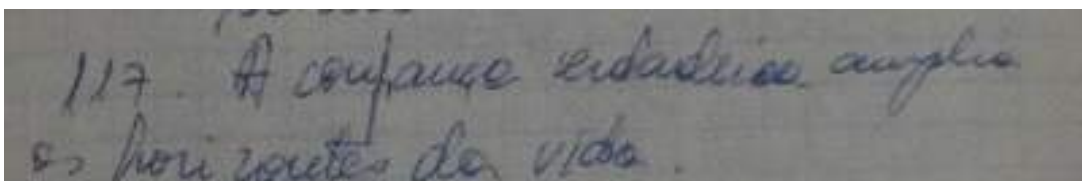
Figura 25 – Cadernos IV (1993) de Marilene - A primeira página



Fotografia da autora.

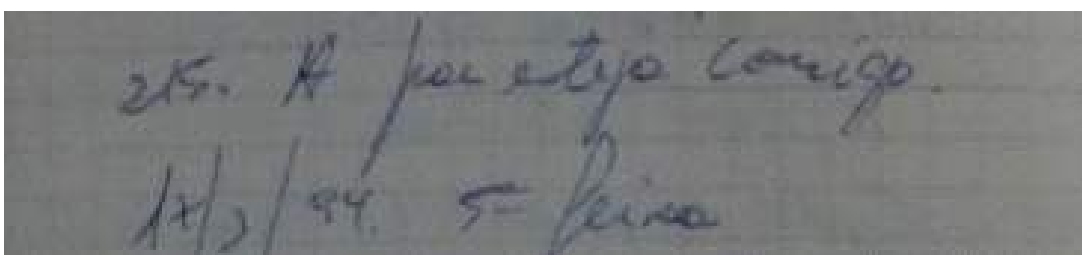
Os cadernos IV e V convidam o leitor ao encontro de outra disciplina: aquela que impeliu Marilene a escrever diariamente reflexões advindas, principalmente, de leituras do livro “Gôtas de Amor”, frequentemente evocado. Registrou os títulos de capítulos, por vezes parágrafos inteiros. Mensagens que movimentam o pensamento, ao menos movimentaram o meu, quando os li. Arrisco dizer que a escrevente buscou, ao registrar as mensagens do livro no caderno, encontrar conforto, para uma ou diversas situações da vida.

Figura 26 – Mensagem sobre a confiança



Fotografia da autora

Figura 27 – Mensagem: a paz esteja comigo

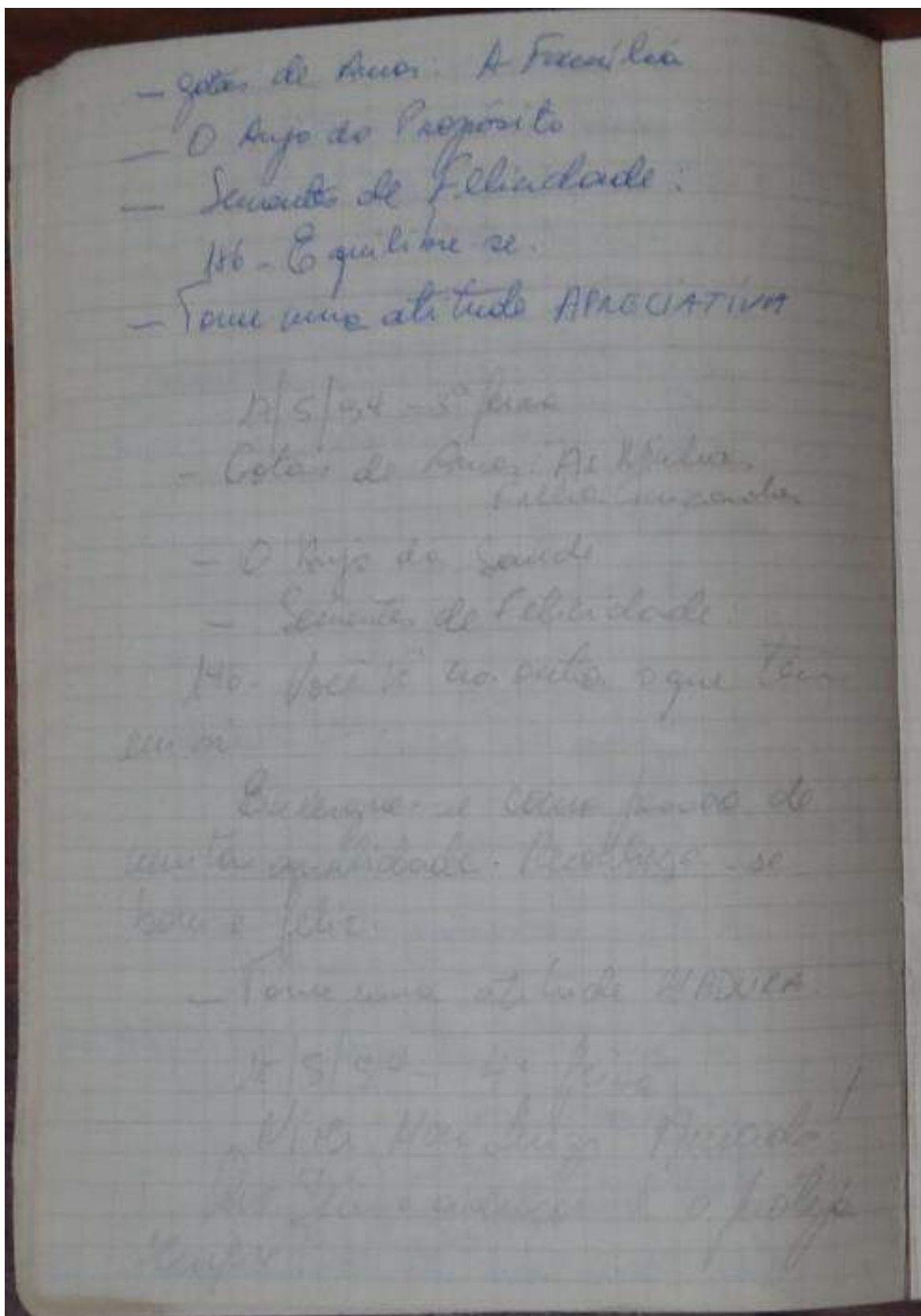


Fotografia da autora

Nas duas imagens acima, a mensagem anotada pode estar relacionada ao acolhimento, para conforto daquele que escreve, mas também para o leitor do futuro: “A confiança verdadeira amplia os horizontes da vida” e “A paz esteja comigo”.

É possível encontrar, durante a leitura dos cinco cadernos de Marilene, uma sequência que se repete: data – frequentemente no modelo dd/m/ano; a apresentação do dia da semana correspondente; a indicação do livro que inspira o registro; uma indicação numérica, que penso ser ou a página do livro ou um número da mensagem que ele apresenta. Entre as leituras que inspiram os registros, amiúde constam “Gôtas de Amor” e “Sementes de Felicidade”. Há poucos registros realizados a lápis, como presente na imagem a seguir. Observa-se que o registro segue a ordem cronológica em relação ao dia anterior, o que denota a disciplina da regularidade da escrevente quanto à prática de “pôr-se por escrito”.

Figura 28 – Caderno V (1994) de Marilene - registros a lápis



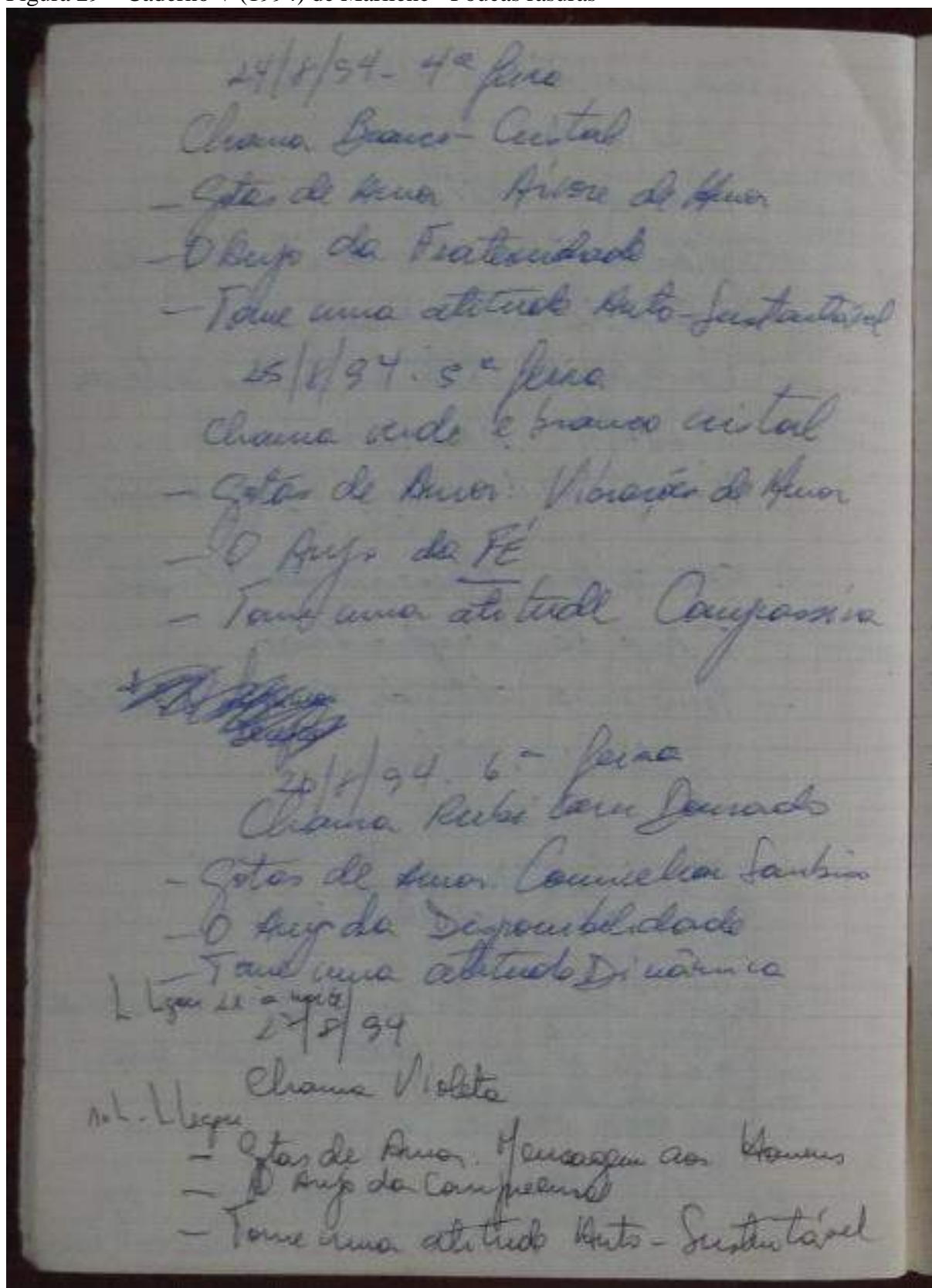
Fotografia da autora

Na imagem acima, além da escrita a lápis, pode-se observar que a escrevente permitiu-se registrar pistas sobre seu estado emocional. No canto inferior da página, à direita, observa-se uma letra, provavelmente a inicial de um nome, e os símbolos de uma lágrima. Observei o desenho de lágrimas em outros momentos, também no caderno de capa laranja, mas não nos cadernos Vida I, II e III, comentados anteriormente. Na imagem abaixo, encontrei a única rasura nas escritas de Marilene dentre os cinco cadernos examinados. Sob a rasura, mira-se o desenho de algumas lágrimas novamente.

Para Lejeune (2014), um diário “de verdade” não deve ser apagado, acrescentado ou modificado. Tais prerrogativas, defende o autor, permitiriam reconhecer no diário algumas características da vida: a descontinuidade, a redundância (“incapaz de resumir”) a repetição (LEJEUNE, 2014, p. 330-332). Assim, “ainda que o caderno seja contínuo, a escrita não o é. Ela é fragmentária. Compõe-se de uma série de ‘entradas’ ou de ‘registros’ ”(LEJEUNE, 2014, p. 341) e estas “entradas” permitem aqui reconhecer que a prática de escrita dá abrigo à identidade espiritual de Marilene, mas também à sua identidade de mãe, de companheira, de profissional, etc.

Os motivos que levaram Marilene a realizar esta rasura em seu caderno é algo incógnito para nós, leitores a posteriori. Mas será que para Marilene, conseguiu ficar oculto, relacionado apenas ao passado? Lejeune (2014) argumenta que “mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós (p. 303), por outro lado “ao contrário do que se diz, o diário é inimigo da memória, ele impede o passado de evoluir! É por isso, aliás, que tantos diários acabam na lata do lixo” (p. 327-328). Seria possível afirmar que a rasura teve a intenção de apagar uma memória para seguir em frente? Sendo afirmativa a resposta, pode-se pensar que, conservar ou não as linhas escritas sem alteração está diretamente relacionada aos anseios da(o) escrevente quanto à leitura futura?

Figura 29 – Caderno V (1994) de Marilene - Poucas rasuras



Fotografia da autora

Encaminhando para o final da apresentação dos cadernos de Marilene, apresento um anexo do Caderno IV, que consiste na metade de meia folha sulfite solta, reaproveitada, cuja intenção de guarda contempla o desenho ali inserido. Pela letra e pelos traços, pode-se afirmar que foi realizado exclusivamente por uma criança? A vestimenta e a palavra “Oxalá”, três vezes registrada, instigam o pensamento: estariam em uma comemoração? Em um ritual? Os elementos do desenho seriam uma representação da escrevente por algum familiar ou por pessoa desconhecida? Seria Graziela algum ente da família? Sem respostas, suponho que, mais do que a forma e as palavras, a intenção de guarda seja a de conservar o gesto infantil. Um gesto que não teria ocorrido na escola...

Figura 30 – Caderno IV (1993) de Marilene – Anexo: um desenho



Fotografia da autora

Caderno VI

Passo agora a narrar sobre o último dos cadernos de Marilene confiados à pesquisa: espiralado, tamanho pequeno: 20,5 por 15 centímetros, 80 folhas. Visando facilitar a remissão, chamarei de “caderno VI”, pois antes foram apresentados cinco cadernos pequenos. A capa estampa quatro cachorros, sendo um adulto e três filhotes e não possui os campos de legenda. O primeiro registro data de 26/02/96 e o último de 15/08/99. A prática de escrita não é diária, como nos cadernos anteriores, e envolve temas diversos, como poemas, leituras e reflexões, anotação de sonhos, conversas com Deus, estudos relacionados à espiritualidade, desabafos, reflexões sobre desafios, operações matemáticas. De forma esporádica, o texto de uma carta – será que transcreveu e enviou? – e um Teste de Personalidade (o último registro seu). Na última página, fixado por uma etiqueta, o bilhete de um grupo de amigos, desejando-lhe um próspero ano novo: 1998.

Não há identificação da escrevente na capa, mas sim no interior desta, onde consta o nome completo e também o endereço – o mesmo em que a visitei em julho de 2018 para a presente pesquisa. As páginas não estão numeradas – e, desta forma, quando utilizo a informação “página 1,2,3...”, trata-se de uma página contabilizada manualmente. O caderno possui 80 folhas; destas, doze, localizadas mais próximas do final, não possuem registros. Não há uma página de rosto e inicia a primeira página com um poema – seu? Arrisco dizer que sim, pela expressão criativa da escrevente em diversos momentos e suportes, como esta pesquisa permite mostrar. Marilene apresenta-se uma escrevente aplicada, que registra com frequência a hora em que escreve ou o turno do dia dos acontecimentos registrados.

Predomina a escrita a caneta, o uso da letra cursiva, bem como de parágrafos e vocabulário variado. Os desenhos constam em dois momentos no caderno, apresentam-se na forma de símbolos, e comparecem em duas datas diferentes, junto à narração de sonhos. Apresentarei a imagem de um deles, com o registro de um sonho com o carnaval do Afrosul. O outro desenho simboliza uma árvore, em espaço pequeno, concorrendo na mesma linha do texto escrito.

Os registros de sonhos estiveram presentes, por vezes, com outros temas também, em setenta (70) páginas deste caderno espiral. A presença de apenas dois desenhos em setenta páginas pode indicar a confiança e o grande interesse da escrevente no uso das palavras quando executa o registro de suas memórias e vivências.

Na contracapa, além de informações sobre a impressão, parece haver um carimbo – ou foi impresso de fábrica? – com a mensagem: “Nenhum espelho reflete melhor a imagem

do homem do que suas palavras. (Juan Luis Vivas 1492-1540 Filósofo espanhol)”. A leitura atenta do caderno permite ver à quinta página o registro de que ela adora espanhol:

“Desde a infância sempre adorei cantar músicas em espanhol, cantava muitos boleros, e os sei de cor até hoje... Aquele drama latino sempre tocaram as fibras do meu mais último ser. Claro! Pois minha última vida foi na Espanha! Ah! Como ‘La Violetera’ me fez chorar emocionada! E eu nem imaginava o porquê”. (Marilene, Caderno VI, 23/02/1996)

Ao declarar sua admiração pela língua espanhola, o tom é acentuadamente autobiográfico. Haveria, nesta mensagem, uma pista de que os dizeres de Juan Luis Vivas, presentes na contracapa, foram uma iniciativa de Marilene? Mais do que responder esta pergunta, destaca-se na mensagem de Vivas a relação humana com as palavras e o quanto isso diz da personalidade de cada um. Como escrevente assídua, encontra-se em Marilene um grande apreço pelas palavras.

Marilene fez registros manuscritos no período de 1996 a 1999 na materialidade aqui em foco. Mostra-se interessada por diversos temas e atividades. Talvez isso se aproxime do que sugere Arfuch (2010, p. 137), de que somos vários seres durante o gesto de escrita autobiográfica, centrada nos sentimentos. Trata-se, segundo a autora, de uma atividade solitária; com diferentes fases de produção; e que acontece acompanhada de mistérios e vestígios não intencionais por parte do escrevente. Fitando este último caderno confiado à pesquisa, encontro múltiplas “Marilenes”, por exemplo aquela que:

- percorre lembranças do período escolar, no que tange às aulas de línguas estrangeiras;
- é aberta aos temas religiosos e manifesta fé aos Anjos, aos Mestres Ascencionados, aos Orixás, aos santos católicos;
- percorre as barracas de artesanatos do Bric da Redenção, em Porto Alegre;
- registra orações;
- exercita a interlocução com os representantes de sua fé, por exemplo, Jesus e seres “do Alto”;
- foi homenageada pelo projeto “O Negro no Currículo Escolar”;
- lê (e faz?) a Reza Senegalesa para dor (Madou);
- estuda livros sobre alquimia;
- estuda sobre os mestres ascencionados;
- registra seus sonhos com frequência;
- busca práticas para harmonizar os chacras;
- observa datas comemorativas;

- reflete sobre diálogos e encontros com amigos;
- realiza preces;
- transcreve leituras relacionadas a fé;
- desenha (quando narrou sonhos: 20/02/97 e 19/03/98);
- reflete sobre os símbolos da astrologia;
- reflete sobre as mensagens de livros esotéricos;
- registra despesas financeiras, pessoais ou da casa;
- guarda e conserva o bilhete recebido.

Pela descrição indicada acima, observa-se que estão presentes diversos temas inexistentes (ou ocultos) nos cinco cadernos brochuras anteriormente analisados.

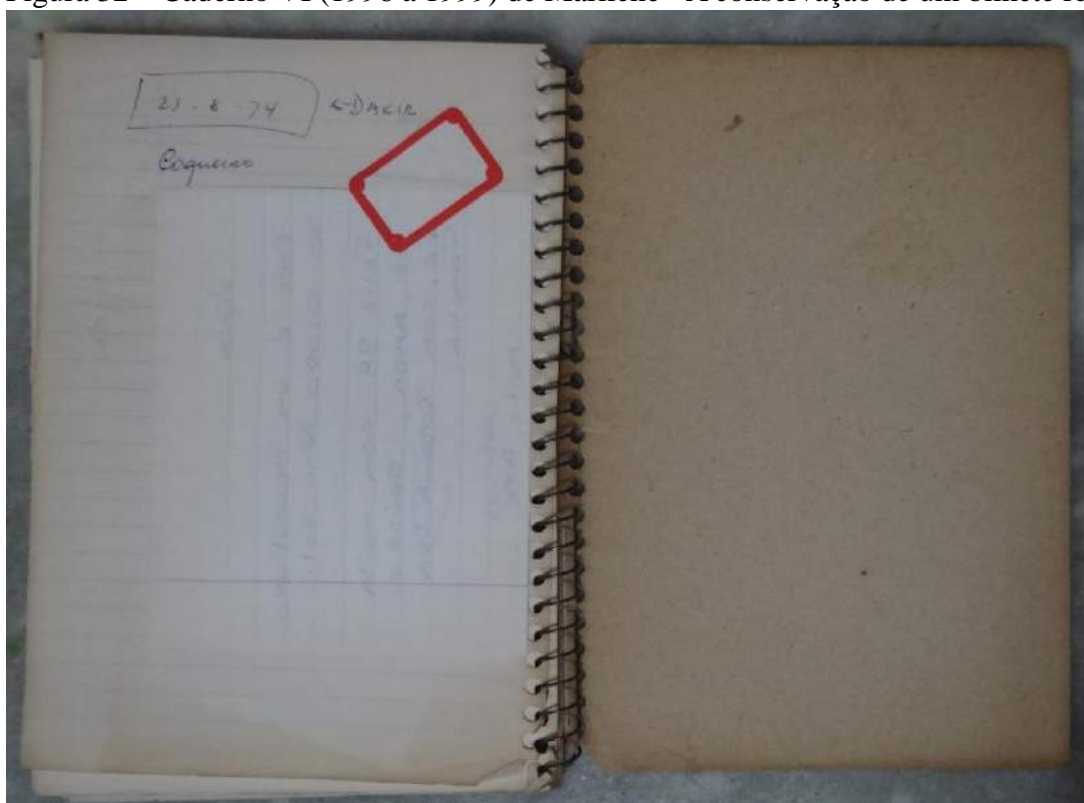
Apresento a seguir algumas imagens deste caderno.

Figura 31 – Capa e contracapa do Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene



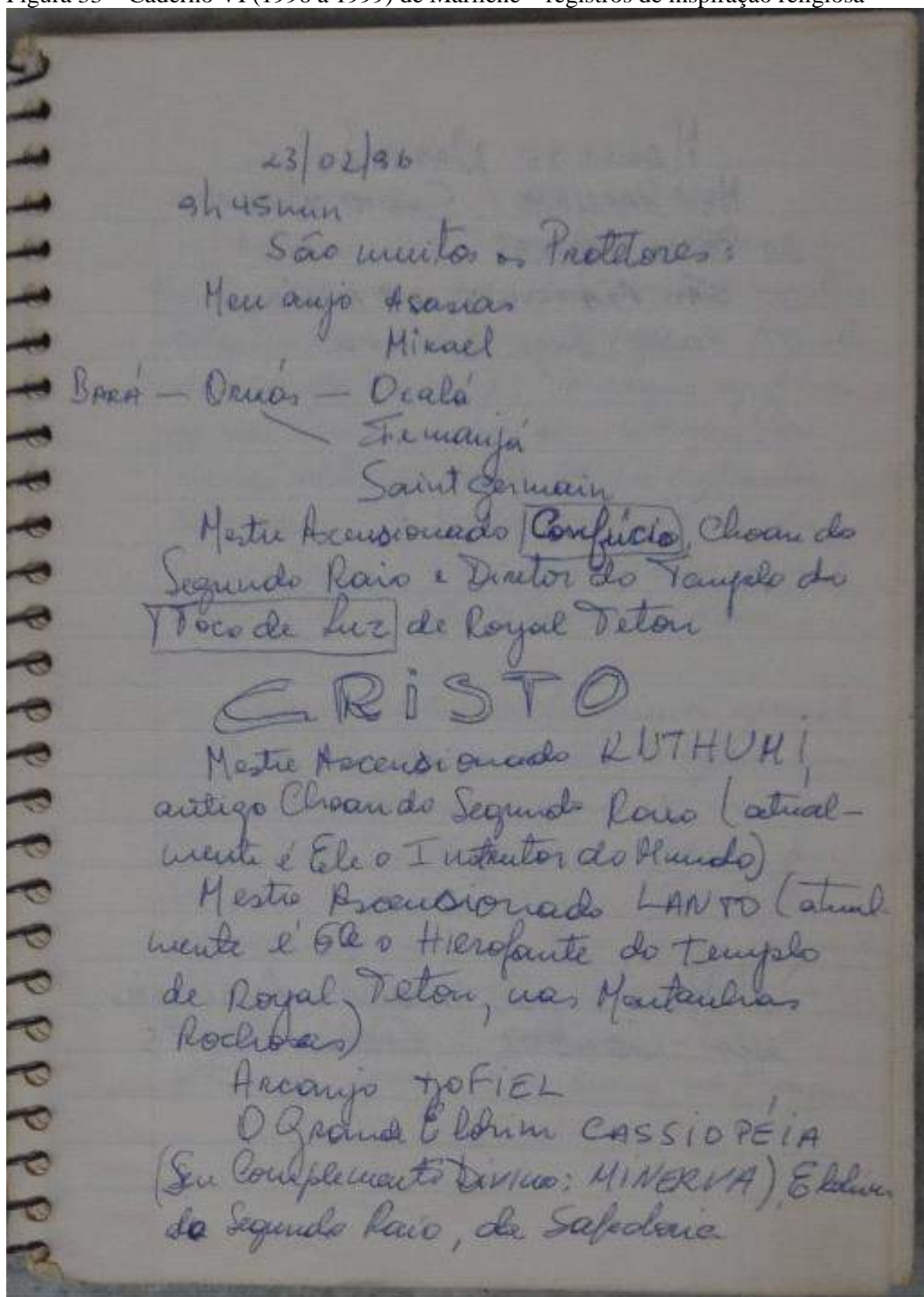
Fotografia da autora

Figura 32 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene - A conservação de um bilhete recebido



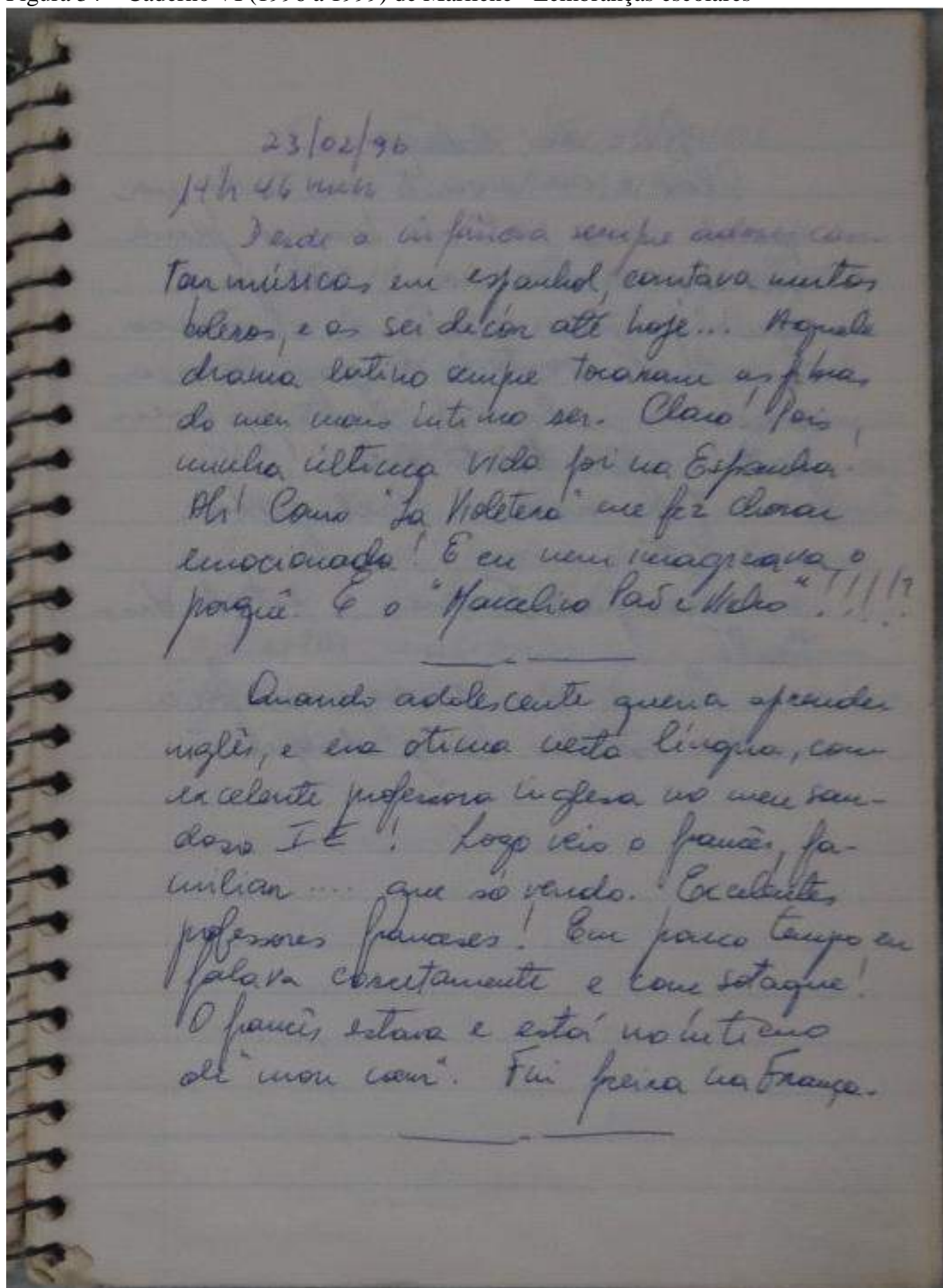
Fotografia da autora

Figura 33 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene – registros de inspiração religiosa



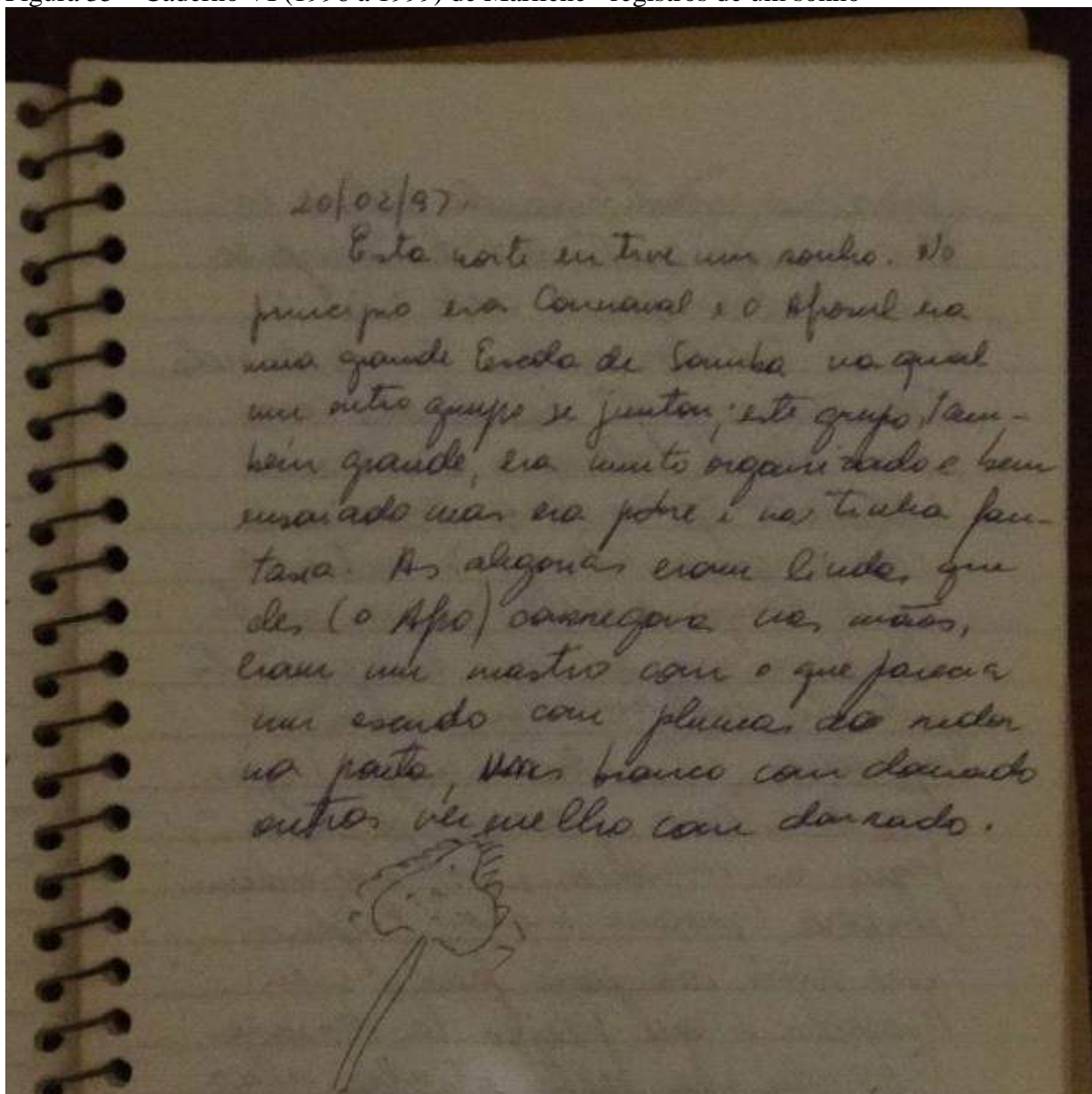
Fotografia da autora.

Figura 34 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene - Lembranças escolares



Fotografia da autora

Figura 35 – Caderno VI (1996 a 1999) de Marilene - registros de um sonho

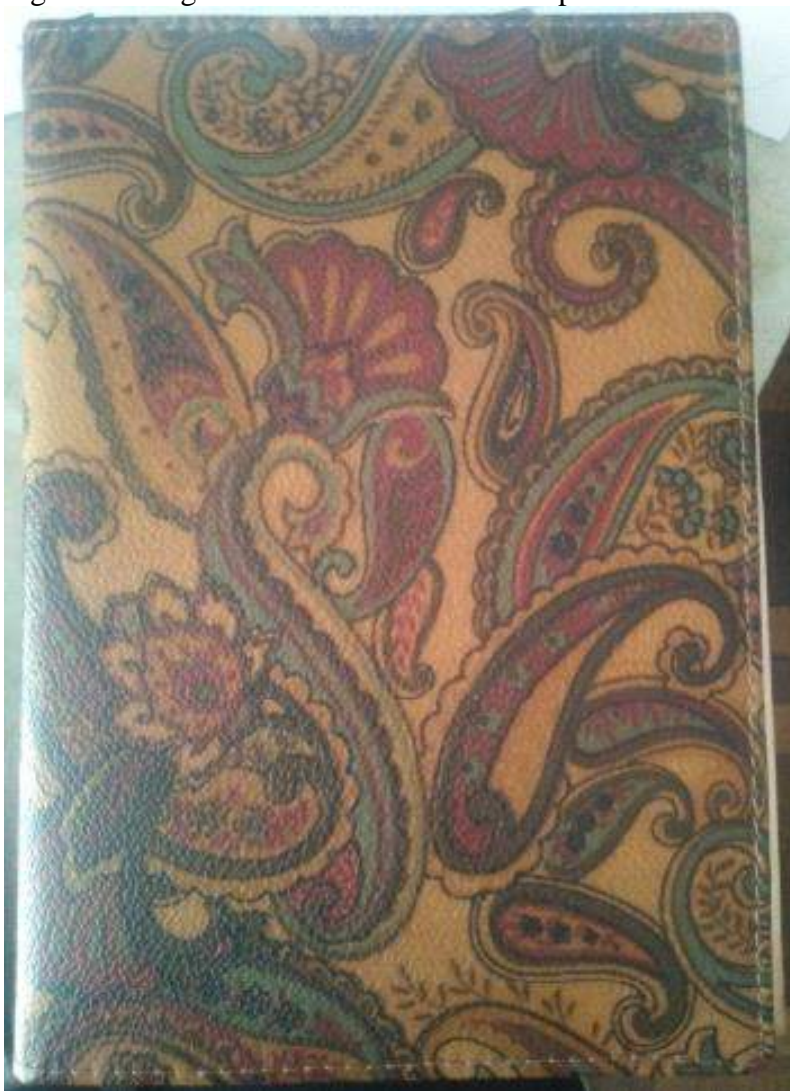


Fotografia da autora

Agenda 1992

O último destaque desta seção é sobre uma agenda de Marilene, que concerne ao ano de 1992 e que possui uma capa bastante colorida, com desenhos de flores e folhas coloridas sobre o fundo marrom, nas dimensões de 14 x 21 cm. A textura mais espessa lembra uma encadernação, e não as agendas comerciais de capa preta, embora o seu interior seja de uma agenda comercial. Cada página contém impressos marcadores para indicar compromissos de hora em hora: os números 8h a 20h. Não há identificação de nome na capa, nem internamente, diferente da forma como Marilene registrou em seus cadernos.

Figura 36 – Agenda 1992 de Marilene – Capa



Fotografia da autora

A identificação ocorre na página específica para este fim, onde a escrevente respondeu à quase totalidade dos dados solicitados: nome completo; endereço de residência, tipo sanguíneo e RH, nome, endereço e telefone do local de trabalho. A informação no campo telefone é de seis dígitos, característica da época que corrobora com a informação de que esta materialidade tem quase três décadas. No campo do telefone residencial, vê-se corretivo para os dois primeiros números, o que pode indicar uma alteração posterior a confundir a memória.

No interior da capa, Marilene anotou: *“Vi a santinha da minha vó Bila e empunhou a sua cruz santa contra as doçuras e feridas. Que esse Santinho nos proteja das dores neste Ano do Senhor.”* Outro espaço em branco, que acolheu os pensamentos da escrevente, foi a página de rosto, com gramatura maior que as folhas do interior da agenda. Nela, a escrevente anotou, de forma inclinada/diagonal, informações sobre seu signo solar, ascendente, personalidade e características-chave. Transcrevo abaixo:

“SAGITÁRIO

Ascendente: Aquário

Personalidade racional agilidade de raciocínio, individualista temperado com 1 [sic] dose de anarquia. Gosta de ser diferente dos outros, mas é preocupado c/ [sic] a coletividade. Só aceita uma ideia se a descobrir por conta própria ou se estiver certo de que ela é verdadeira, pois odeia ser manipulado. Apesar disso adora novidades e detesta a monotonia. É um pouco instável nas atitudes, gostos e interesses.

Signo solar em Fogo: agitado, não para quieto e é bastante autoritário.”
(Marilene, Agenda de 1992, s/d)

As linhas sobre sua personalidade fazem pensar que foram transcritas de alguma leitura e que este tema interessou a escrevente anos depois, pois também comparece no caderno VI (espiralado), que fez uso nas décadas de 1996 a 1999. Ao lado do exercício da espiritualidade, da observação dos sonhos (interesse em psicanálise?), de leituras de alquimia, a astrologia foi também tema de atenção e busca da escrevente.

Após a página de rosto, a agenda possui diversas páginas impressas com informações variadas, nas quais Marilene não fez quaisquer apontamentos. Na página do dia 1º dia do ano, dedicou-se a escrever um sonho:

“Sonhei com minha bela avó e minhas duas belas tiazinhas no azáfama de cuidar das coisas, das pessoas, de arrumar a cama... parecia um hospital... local de muito ajuda. E eu... queria ajudar a arruma a cama da vovó... continuar o trabalho das minhas doces e pacienciosas tiazinhas... daquela forte avó que orientava os trabalhos com aquela sua firmeza habitual. Quanta barreira para atingir aquela limpidez de trato! Aquela pureza de ser! Aquelas bondades! Deus, como agradeço ter nascido no seio delas! [...]” (Marilene, Agenda de 1992, 01/01/1992)

A palavra “azáfama”, que significa “grande pressa”, “correria”, “trabalheira”, não é comumente utilizada. A presença deste vocábulo nos registros dá pistas de que Marilene faz uso de um léxico diferenciado, que pode estar relacionado ao seu nível de escolarização e suas práticas de leitura.

Ao final deste registro de primeira página – que não é o primeiro registro, visto que a escrevente ocupou com manuscritos o lado interno da capa –, Marilene deixou sua assinatura ou uma rubrica, destarte o fato de a agenda ser sua e constar seus dados pessoais na página de identificação.

Algumas observações gerais sobre as escritas de Marilene nesta agenda permitem reconhecer elementos que movimentaram sua vida durante o ano. Além disto, constatar o

predomínio da escrita a caneta, nas cores preta ou azul, mas também com caneta hidrográfica em alguns momentos. Com maior frequência, os manuscritos estão com letra cursiva e dentro dos limites das margens de cada página, à exceção da indicação de aniversários ou compromissos em determinada data. Em geral, os registros indicam:

- diversos compromissos de trabalho, como reuniões, agendamentos, organização de projetos escolares, entre outros;
- temas diversos como a apresentação de seu signo na abertura da agenda, um sonho com a avó (1º janeiro), letras de música [ou poesia], receitas;
- agendamento de consultas médicas;
- informações sobre sua saúde pessoal, por exemplo, quando ficou doente (22 a 28 janeiro; 24 a 30 dezembro) e a realização de exames médicos (28 março). Sua indicação sobre estes eventos de saúde foram “Mal”, “Licença-saúde”, “Continuei dodói” ou “Eu malita com dor no peito e stress demais”, “Em recuperação”, “Piorei: dor no peito”, “Falta de ar ainda”, palavras escritas diagonalmente na página, em letras maiores;
- reflexões para o projeto “O negro e a educação”;
- palestras que proferiu, inclusive em outros municípios gaúchos, como Bento Gonçalves (12 de novembro) e Santa Cruz (24 de novembro);
- o “retorno” a si mesma, indicando, por exemplo, “ok” ou “foi ótimo” para suas atividades;
- excertos de leituras espirituais, entre outros temas;
- poemas;
- anotações durante algumas palestras;
- horário de palestras sobre “Depressão e suicídio” ou cursos sobre Depressão;
- datas de aniversários de filhos e amigos;
- atividades diversas dos filhos, relacionadas a lazer, saúde, provas, entre outras;
- receitas recebidas por amigas, cujos nomes são adotados, por exemplo: “Fazer a pizza da Sônia” (25 de janeiro), “Sorvete da Beatriz” (9 de fevereiro);
- a organização de despesas e pagamentos, como de contas ou serviços, transferências bancárias, compras a fazer;
- participação em eventos sociais, como “meio dia – níver xxx” e “Galeto na Igreja”; “comprar presente para meu amigo secreto”;
- uma lembrança a si mesma como: “Ir na mostra de arte Afro” (23 de junho), que talvez seja a referência para o registro “Fim da mostra de arte (que eu quero ir antes!)” no dia 30 de junho.

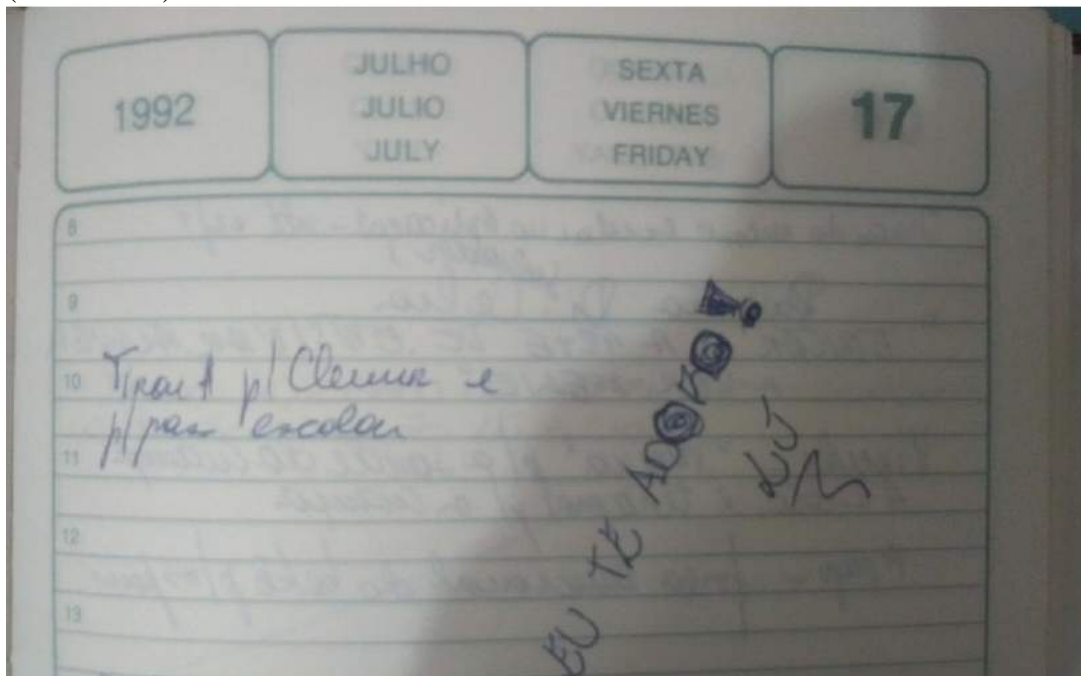
Lembro aqui que o projeto “O negro e a educação” foi mencionado no caderno VI (espiralado), iniciado no ano de 1996, o que indicia que o envolvimento da escrevente com este projeto durou mais alguns anos.

Uma particularidade da agenda de Marilene do ano de 1992 é a “participação” de todos os filhos, isto é, a inscrição de seus nomes relacionados a algum compromisso ou atividades voltadas a eles. Um dos filhos, arrisco afirmar, manuscreeu uma homenagem à mãe nesta materialidade, que constará em uma das imagens a seguir.

A agenda apresenta-se como suporte de registros múltiplos: compromissos no trabalho, mas também em casa; no papel de mãe, mas também para projetos pessoais; nas relações com amigas, trocas de receitas e datas de aniversários; na observação sobre cuidados com a saúde e no registro de momentos de lazer; na lida com a vida moderna: administração de contas, de serviços, planejamento financeiro e atendimentos no banco. E em meio a tudo isso, é possível encontrar espaço para aquilo que lhe inspira, registrado em caixa alta: “*A EXPECTATIVA É UMA PROFECIA AUTO-REALIZADORA*”.

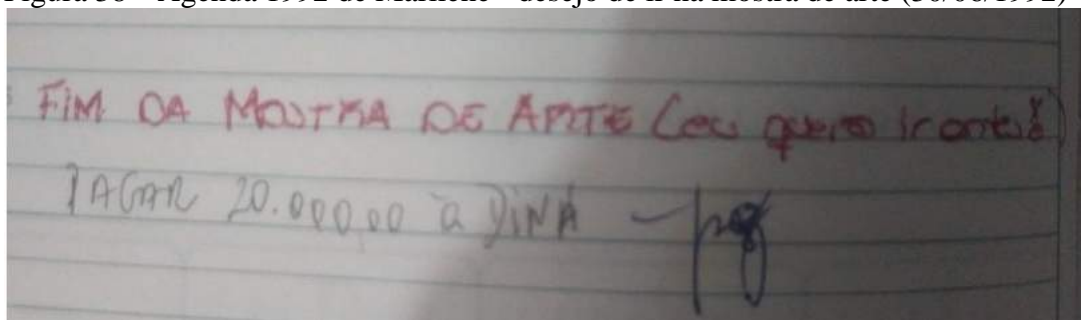
Abaixo, algumas imagens dos registros comentados:

Figura 37 – Agenda de 1992 de Marilene - a presença de uma filha, em declaração (17/07/1992)



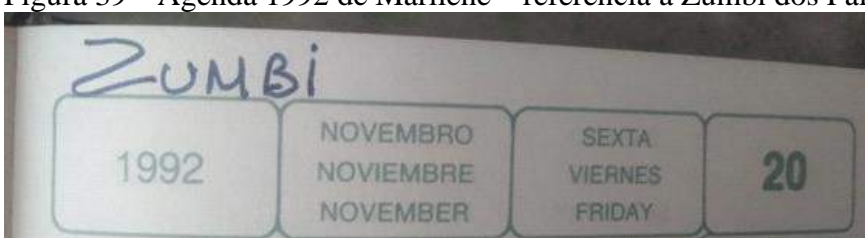
Fotografia da autora

Figura 38 – Agenda 1992 de Marilene - desejo de ir na mostra de arte (30/06/1992)



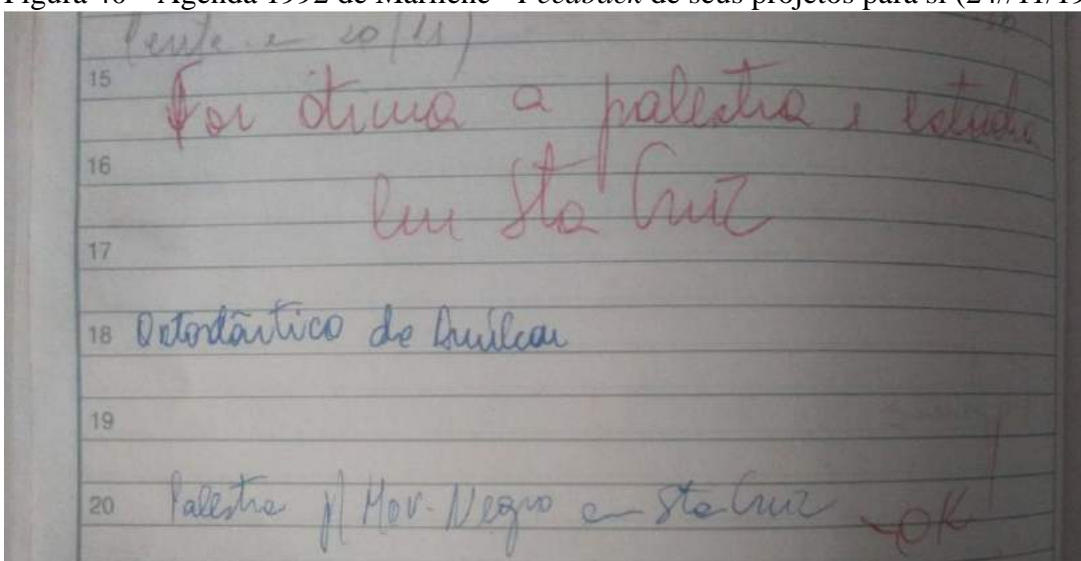
Fotografia da autora

Figura 39 – Agenda 1992 de Marilene – referência a Zumbi dos Palmares (20/11/1992)



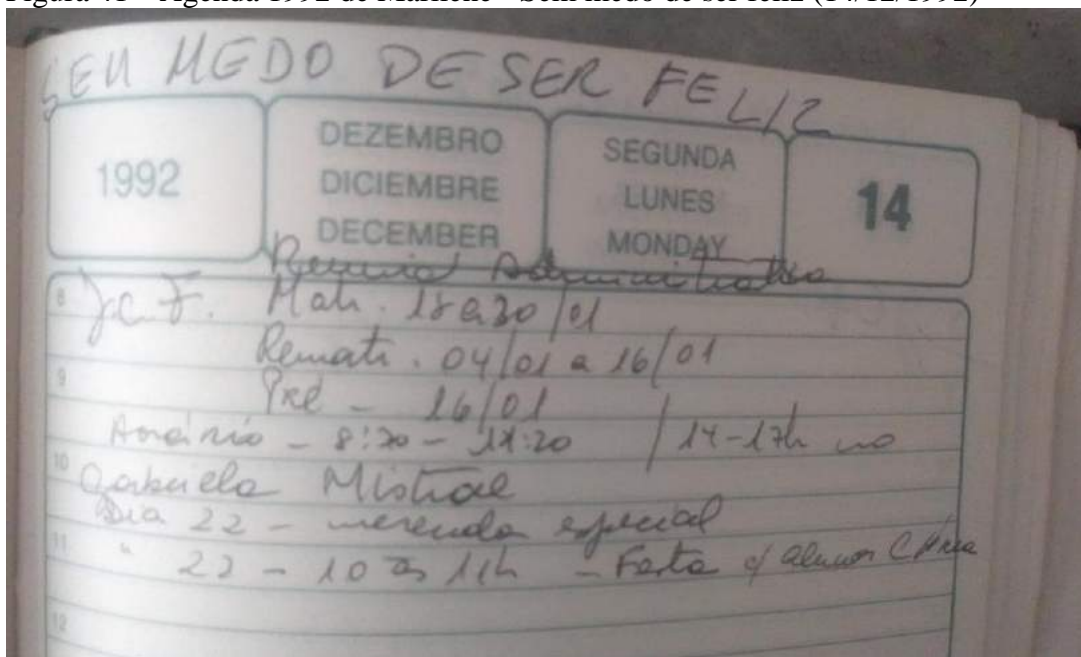
Fotografia da autora

Figura 40 – Agenda 1992 de Marilene - *Feedback* de seus projetos para si (24/11/1992)



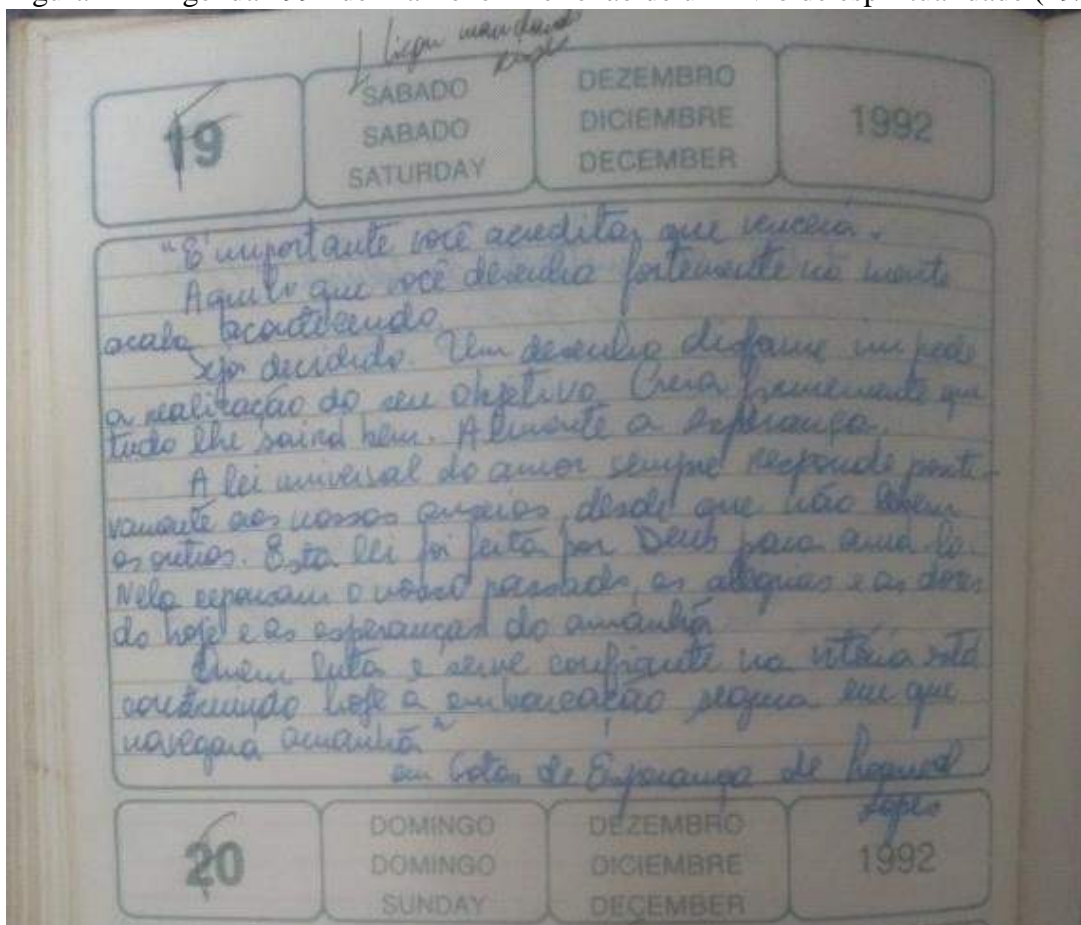
Fotografia da autora.

Figura 41 – Agenda 1992 de Marilene - Sem medo de ser feliz (14/12/1992)



Fotografia da autora

Figura 42 – Agenda 1992 de Marilene - Reflexão de um livro de espiritualidade (19/12/1992)



Fotografia da autora

As imagens acima oferecem ao leitor indícios da lista de observações antes informada. A agenda está repleta de temas vividos pela escrevente, cujas emoções podem ser reencontradas em 2019, vinte e sete anos depois de manuscritas. O longo tempo de guarda não é exclusividade deste artefato, e será objeto de reflexão na seção final da dissertação.

Após a apresentação e descrição do conjunto de suportes das práticas de escrita de Marilene, observo algumas especificidades e regularidades:

- a constante indicação de data e, algumas vezes, também o dia da semana, com exceção do primeiro documento (a folha de calendário);
- os registros foram realizados majoritariamente a caneta, poucas vezes a lápis;
- a escrevente utiliza também canetas coloridas e hidrocolor;
- em geral, utiliza parágrafos, inicia a primeira linha com letra maiúscula, organiza o espaço para a escrita e, quando é o caso, destaca um título antes do registro;
- há poucos desenhos de próprio punho;
- não é regra a numeração de páginas, embora tenha optado por fazê-lo na maioria dos cadernos e quando as cartas envolviam mais de uma folha;
- com frequência, os registros ocorriam em um espaço maior que uma página, especialmente nos cadernos.

Sobre as práticas de escrita de Marilene, comparece a busca pela construção de uma memória através de diversos suportes: cadernos, calendários, cartas, agendas. Há de forma significativa a regularidade de reflexões espirituais, ecléticas e que envolvem diferentes religiões. Lembro aqui do primeiro encontro com Marilene, quando foram mencionados “os Pretos velhos”, como protetores desta pesquisa. O sincretismo e a multiplicidade declarada abertamente nesta segunda década do século XXI, permite pensar nas transformações das práticas sociais que possibilitam esta expressão no tempo presente.

Embora os cadernos e a agenda de 1992 de Marilene não sejam propriamente diários íntimos, compartilham elementos comuns à descrição indicada por Lejeune (2014). De uma parte, o diário realiza várias funções ao mesmo tempo (2014, p. 318). De outra, por ser uma atividade discreta, pode ser feito longe do olhar alheio (p. 297), sem deixar de ser “instrumento de luta [pessoal], uma vez que poupamos aos outros o que escrevemos em segredo” (2014, p. 322). Além disso, é espaço onde é permitido falar “com franqueza e sem cuidados” (p. 328), não temer “erros de ortografia, nem de ser burro” (p. 337), e que permite a função de “construir para si uma memória de papel [...] acumular vestígios, conjurar o esquecimento” (2014, p. 320). Intencionalmente ou não, as práticas de escrita de Marilene permitem encontrar sua memória de papel, especialmente para os dias vividos nos anos 1990.

COMPOSIÇÕES DA VIDA DE MARIA

Maria é natural de Caçapava do Sul/RS. Reside em Porto Alegre desde 1975. Trabalha como ajudante do lar. Possui ensino fundamental incompleto. Nasceu em 1958.

Conheço Maria desde julho de 2017, quando passou a trabalhar em minha casa. Ela me foi indicada por uma vizinha, com quem trabalha há décadas. Na época do projeto de pesquisa, indaguei a Maria sobre suas práticas de escrita. Sinto que demorei para abordá-la por receio de estar sendo invasiva. Também temia constranger nossa relação de trabalho. Foi com muito cuidado que, no dia 15 de agosto de 2018, comentei com ela pela primeira vez sobre minha pesquisa. Costumo encontrar com Maria uma vez por mês, no começo da manhã e no final da tarde. Mas neste dia só a encontrei na hora do almoço e me surpreendi como ela pareceu tranquila em falar sobre suas práticas de escrita.

Neste dia, quando cheguei em casa, Maria estava terminando de almoçar. Puxei uma cadeira e me sentei junto à mesa. Contei que fui ao mercado comprar os produtos necessários para a casa. Conversamos sobre nossas vidas desde o mês anterior: ela contou da neta nascida há poucos meses e que faz “mil coisas”, sentindo-se muito ocupada ou com o tempo curto para fazer tudo que gostaria. Perguntei se estava aposentada e ela disse ter encaminhado o pedido em julho de 2018, assim que completou sessenta (60) anos.

Encorajei-me e disse: “- Maria, quero perguntar uma coisa, mas espero que você não me leva a mal...”

“- Não, pode me dizer ...”

“- Por acaso você tem o hábito de escrever?”

Sem hesitação, Maria respondeu que sim e expressou que possuía em casa algumas agendas que utilizava para registrar seus pensamentos. Comentou sobre o prazer de escrever sua rotina diária, mas que nem sempre tinha tempo, o que lhe causa angústia: “- Tem dias que fico até triste que o dia passou tão rápido que não consegui escrever”.

Comentei neste momento acerca de minha pesquisa sobre práticas de escritas de mulheres negras e manifestei interesse de que ela fizesse parte. Insisti, contudo, para que pensasse com calma, ficando à vontade para decidir. Não deixei de demonstrar, mesmo assim, que seria importante sua participação na pesquisa, caso ela concordasse.

Maria pareceu ignorar meu comentário e respondeu que iria procurar em casa algumas de suas agendas para me mostrar. Explanou que quando não consegue escrever durante o dia, às vezes acorda de madrugada para registrar, ou então para anotar alguma leitura. Indaguei que tipos de texto ela gostava de ler. Ela respondeu que livros sobre “a

Palavra” de Deus, e narrou: “- Às vezes é três (3:00) horas [madrugada] e eu estou acordada com um livro na mão. [...] Quer ver? [...] aqui, eu sempre tenho um livro na bolsa”. Dirigiu-se à bolsa e entregou-me a fotocópia de um livro, apresentando-me o livro que portava neste dia. Pude conhecer ali algumas de suas práticas de leitura: frases sublinhadas com caneta verde e algumas anotações à lápis nas margens. Perguntei o que motivara as anotações no texto. Ela afirmou que muitas vezes são temas que a fazem lembrar de alguma situação específica que está a viver. Continuei a folhear o livro e percebi que não havia muitas anotações nas margens. Ela explicou que preferia sublinhar ao invés de fazer anotações: “- Para escrever, uso mais a agenda”.

Nas agendas, Maria tem o hábito de anotar leituras, pensamentos, às vezes também seus sonhos. Quando perguntei há quanto tempo escrevia em agenda, ela respondeu que aproximadamente há três anos. Indaguei como começou e ela indicou que foi pelo objetivo de comparar o livro evangélico com a Bíblia, que esta é a matriz de tudo, e que gosta de comparar para “ver onde é que está a verdade”, pois “- a Bíblia tem muita sabedoria e lá estão as coisas que realmente Deus espera das nossas ações.”.

Comentei: “- Então você gosta de ler textos religiosos...”. Maria confirmou, explanando que faz perguntas ao Senhor, especialmente quando vive situações que a deixam em dúvida sobre como agir. Comentou que já fez perguntas “lá atrás”, há bastante tempo, quando ela pensou que Ele [Deus] havia esquecido, recebeu resposta. Então, concluiu: “- Às vezes pode demorar um pouco, mas Ele não esquece”. Questionei se ela sentia que a leitura de suas agendas antigas era como encontrar a Maria que vivia em outra época, porque eu senti isso quando encontrei, havia poucas semanas, meu primeiro diário, presente de quinze anos. Maria concordou e acrescentou “- Deus sabe o porquê das coisas acontecerem assim”. Várias outras falas suas foram emblemáticas durante nossa conversa, como registrei no diário de pesquisa:

- Ler aumenta o entendimento... Ler e escrever [...] Tem coisas que Deus dá em etapas. Tem coisas que Ele começou a me dar em novembro do ano passado e foi se resolver semana passada. [...].
- As revelações que vem até a mim, são diretamente do Espírito Santo.
- Escrever ajuda a corrigir o caminho. Muitas vezes a gente esquece das coisas, mas quando tu abrires a agenda, tem coisas que te respondem. [...] Por isso a anotação é, muitas vezes, um quebra-cabeça, não vem “tudo de uma vez só”, referindo-se às respostas de Deus.
- Então comentei com a Maria novamente que seria ótimo para mim se ela concordasse em fazer parte da pesquisa, mas que ela fique à vontade para pensar e então responder. Ela já respondeu:
- Para mim não tem problema. Para ti vai ser importante, porque tu vai ter o entendimento. [...] Veja, tu nunca vem em casa ao meio dia e hoje tu veio. Tinha algum motivo para isso. (DIÁRIO DE PESQUISA, 15/08/2018)

Na transcrição acima, comparece uma Maria preocupada com uma espécie de consciência, para “acertar o caminho”, e que toma a prática de escrita como uma aliada nesta tarefa. Assim: “escrever ajuda a corrigir o caminho” ou a elaborar um balanço sobre a própria vida. Artières (1998, p. 8) explana que existe na França a prática de presentear adolescentes com diários íntimos, na intenção de estimulá-los a registrar seus “erros” no fim de cada dia, para que realizem um exame de consciência sobre suas ações. Na manifestação de Maria, como sugere Artières, prevalece a mensagem de que a prática de escrita exercida cotidianamente – seja em agendas ou em diários – é uma oportunidade de refletir e reavaliar as próprias atitudes, sobressaindo um objetivo de “corrigir” algumas ações. Muzart (2000, p. 189) vê outras funções para a escrita de um diário, desde antes do século XX: um testemunho para a “busca de si” realizada pelo escrevente. Os manuscritos de Maria confiados à pesquisa deixam pistas sobre os temas que lhe são importantes, possivelmente aqueles em que confia para aumentar sua compreensão acerca da própria vida, sua forma singular de “busca de si”.

Indaguei Maria sobre outras possíveis práticas de escrita em sua experiência, por exemplo, em um calendário. Ela respondeu que em anos anteriores já teve um calendário bíblico, que trazia uma mensagem do evangelho por dia, e que ela gostava de ler e comparar com o que estava na Bíblia. Essa explanação é semelhante ao que ela afirmara antes, de ler livros evangélicos e comparar com a Bíblia. Aliás, é a relação religiosa que parece ter estimulado Maria às práticas de escrita em agendas, que realiza no tempo presente. Práticas de leitura e de escrita recentes em sua vida. Perguntei se na época da escola ela gostava de escrever e sua resposta foi negativa. Relatou que se aproximou dos livros há poucos anos, ao acaso, e por indicação de uma das filhas, que a via cabisbaixa, triste por um relacionamento que não ia bem. Sua filha, que já era evangélica, indicou um livro que conhecia. Depois de ler, Maria voltou a frequentar a igreja e hoje faz leituras bíblicas nos grupos da igreja, visita algumas casas para ler a Bíblia, e tem vários livros religiosos em casa. Antes de lê-los, afirma, faz uma fotocópia, onde anota suas ideias. Explica que sua intenção em escrever nas cópias e não nos livros é para preservá-los, pois um dia podem se tornar raros ou “não ter mais para vender”, e assim pode emprestá-los a outras pessoas lerem¹⁸.

Há quanto tempo sua filha teria indicado a leitura de um livro religioso? Maria contou lembrar-se deste dia, que foi no aniversário de 15 anos da neta, “ – ela agora está com

¹⁸ No encontro do dia 10 de dezembro de 2019, Maria me confirmou esta prática, mas explicou que se aplica mais a livros difíceis de encontrar, que ela acredita que podem se tornar livros raros, daí somente nestes casos ela escolhe preservar o original e ler em folhas fotocopiadas.

21 anos, então, deixa eu ver [gesto de contar nos dedos] 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21 ... já faz sete anos”. Eu comentei: “- Ah, então não faz três anos, faz mais”. E Maria pareceu surpresa ao ver que se passaram sete anos para algo que ela pensou ser mais recente.

Em 21 de agosto de 2018 Maria foi a minha casa exclusivamente para a pesquisa. Mostrou-se solícita e neste dia trouxe três agendas, referentes aos anos 2015, 2017 e 2018. Maria explicou que costuma ganhar as agendas no fim do ano ou começo do ano, das pessoas ou das empresas em que trabalha, e que utiliza uma por ano, porque todos os anos ganha uma. Faz uso naquele ano, sem aproveitar o mesmo suporte para registrar nos anos seguintes. Maria explanou o desejo de um dia passar a limpo para um caderno as anotações de suas agendas, ou mesmo recortar e colar as folhas para reuni-las. Segundo ela, assim poderia aproveitar as folhas em branco das agendas e também teria a oportunidade de reler tudo que já havia escrito, reencontrar-se com questões sobre si feitas ao longo do tempo. Neste dia, Maria me confiou duas agendas, de 2015 e 2017, e me permitiu folhear a agenda de 2018, mas não utilizá-la na pesquisa porque, afinal, ela estava em uso.

Tempo é uma temática instigante para pensar a historicidade das práticas de registro para si. Por exemplo, ao problematizar a prática dos diários íntimos, Zahidé Muzart (2000, p. 183) reflete que há um elemento comum nos diários de diferentes épocas: “continua a ser o registro do efêmero e do descontínuo tal como no século XIX, e, antes de mais nada, continua a ser uma maneira de viver! [...] Diferentes maneiras de viajar, mas nas duas, a conquista da liberdade e da fantasia.” (MUZART, 2000, p. 189). A autora destaca, portanto, a possibilidade da/do escrevente inventar sua própria vida através da prática de escrita diarística. Para tanto, vale a liberdade, a ficção e a descontinuidade. Sobre o argumento contínuo / descontínuo, Lejeune (2014, p. 337) afirma que a prática de escrita de um diário é uma busca por continuidade, uma estratégia dos escreventes que buscam, a partir da continuidade das linhas no papel, conferir ordenamento à descontinuidade da vida. O autor expõe que o caderno é um dos suportes que permite ao escrevente dar ritmo ordenado à própria vida. Embora a agenda possa ser pensada como um suporte com a mesma característica gráfica, com suas páginas pautadas e dispostas em sequência de dias, semanas e meses, a manifestação de Maria sobre o desejo de reunir suas escritas em um só caderno reforça a observação de Lejeune (2014, p. 338) de que “o caderno é o ideal, uma vez que não propõe, ou não opõe, nenhum modelo ao ritmo da escrita. Nossas descontinuidades desaparecem fundidas na continuidade do papel”.

Na relação caderno e agenda, este último suporte possui o tempo marcado, pois contém impresso e limitado o espaço de linhas para cada dia. Por esta característica, sobressaem as descontinuidades do tempo e do ritmo da escrita, ao passo que no caderno, pela autonomia do escrevente em poder registrar na sequência, pode-se não perceber lacunas na continuidade dos registros, o que poderia dar a sensação de plena continuidade da vida. Por último, observo que nos modelos de agenda utilizadas por Maria nos anos 2015 e 2017, que compõem aqui a pesquisa, há menos linhas disponíveis para os dias de fim de semana (sábado e domingo), quando talvez fosse o tempo mais livre da escrevente.

Antes de passar à análise das práticas de escrita ordinárias realizadas por Maria, comento que no mês de maio de 2019 ela ligou dizendo que encontrara um caderno de música da década de 1970. Fiquei surpresa, imaginando que não se concretizaria a possibilidade de acesso ao tal caderno para a presente dissertação. No final de 2018, quando conversei com Maria sobre suas outras práticas de escritas, soube da produção deste caderno de música, realizado na sua adolescência, quando ainda morava em Caçapava do Sul/RS. Mas Maria afirmava não lembrar onde estava e que com as mudanças de casa, nem podia afirmar com certeza se ele ainda existia. Mas ao levantar o tema em suas lembranças, percebi em Maria um interesse pessoal em “reencontrá-lo”, trazê-lo “à vida” novamente.

No decorrer da pesquisa, as práticas de escrita de Maria que findei reunindo, consistem em:

- a) agenda indicada para uso no ano 2015;
- b) agenda indicada para uso no ano 2017;
- c) caderno de músicas do ano 1972.

Abaixo, uma imagem da capa destes três suportes aos manuscritos de Maria.

Figura 43 – Capas dos suportes de escrita para os registros de Maria (1972; 2015; 2017)



Fotografia da autora.

- O que você escreve Maria?
- Ah, eu escrevo do meu dia, das coisas da Igreja, de uma pergunta que eu faço ao Senhor... (DIÁRIO DE PESQUISA, 15/08/2019)

Maria manifestou que gosta de escrever sobre seu dia, que fica “até triste” quando o dia passa tão rápido e não consegue escrever. Sobre o que ela escreve? Em que hora? Em qual materialidade? Abaixo, apresento uma reflexão sobre suas práticas de escrita registradas nas três materialidades acima indicadas.

De imediato, é possível observar ritmos diferentes de escrita: nas agendas, há a intermitência de registros e o predomínio da escrita a lápis; no caderno de 1972, todos os registros foram realizados a caneta e há poucas folhas sem registros. Para quem se destinava a escrita? Nas agendas, há a inscrição de orações, de sonhos, da realização de jejuns, de visitas a outras famílias, incluindo a do filho, da participação no culto, de uma relação de diálogo com Deus. No caderno de músicas, predominam os registros de letras de música, título correspondente, o intérprete e as letras propriamente ditas – que frequentemente ocupam a extensão de mais de uma página. Dedicada, a escrevente procurou iniciar cada nova música em uma nova página. Nas agendas e no caderno, predomina a prática de escrita dentro das margens previstas para cada página. A capa das agendas é formal, mas é a partir das inscrições realizadas que a escrevente torna seu este objeto. O caderno de músicas de 1972 recebeu uma capa confeccionada pela escrevente, que ali inseriu também uma imagem, a fotografia do cantor Mauro Sérgio.

As agendas são guardiãs de pequenos bilhetes, que se encontram avulsos entre as páginas. Já o caderno não apresenta nenhum bilhete. Não apresentar ou não conservar bilhetes em seu interior não significa que um dia não tenham existido. Relaciona-se, no mínimo, com dois pontos: com o que a escrevente gostaria de tornar público à pesquisa acadêmica e, ainda, aquilo que deseja lembrar no tempo presente.

Para Antoinette Errante (2000, p. 150): “Os narradores não somente escolhem o que vão rememorar e contar a você; eles também participam negociando o contexto da rememoração”. Assim, a análise das práticas de escrita ordinárias das mulheres da pesquisa é também um trabalho mediado pela apresentação das materialidades eleitas por elas para pô-las à disposição para a pesquisa. O tempo em que acontece a pesquisa, 2018-2019, também é significativo para pensar o tempo em que elas se dispuseram a partilhar seus registros manuscritos, ao menos alguns deles.

Na seqüência, detenho-me à observação mais atenta sobre as práticas de escrita presentes nas duas agendas de Maria. Depois, ao caderno de músicas.

A agenda de 2015

Quanto à agenda de 2015, esta possui capa preta em material emborrachado. Sua aparência lembra o trabalho em um escritório, com indicação de horários e, ao final de cada página, um quadro destinado a “Anotações importantes”. Destarte a capa e a apresentação material, é através do uso, do tempo e dos temas ali registrados que a escrevente vai moldando-a como “seu” objeto de escrita.

A agenda tem as dimensões de 10,6 x 14,6 cm. No interior da capa e da contracapa, nenhuma letra, número ou desenho. A página “Dados pessoais” não foi preenchida. Nenhuma marca também nas páginas com os calendários 2014/2016 e 2015. Na sequência, existem seis páginas com o título “Calendário de planejamento 2015”, também não preenchidas. Nem todas as páginas receberam registros da escrevente, o que pode dar pistas de uma prática de escrita descontínua e irregular ou, como expressou Maria durante nossas primeiras conversas, não consegue tempo ou oportunidade para escrever todos os dias. Uma atenção ao dia a dia, permite observar a quantidade de dias que contém registros, seja em uma ou em todas as linhas disponíveis:

Quadro 13 - Quantidade de dias dos meses com registros na Agenda 2015 de Maria

Mês	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Quantidade de dias com registro	18	12	11	10	13	13
Mês	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Quantidade de dias com registro	12	14	03	06	11	10

O único sinal de que os registros aconteceram no ano de 2015 é a data na capa da agenda. Não há elementos manuscritos que confirmem esta data. Contudo, dada a explicação de Maria, de que utiliza uma agenda por ano, agendas que costuma ganhar no fim do ano, as referências que farei a esta materialidade é de 2015. Os registros realizados pela escrevente dão pistas sobre os lugares que frequentou, pessoas com quem se relacionou, práticas de leitura e a dedicação a algumas práticas religiosas, como a participação no culto, o jejum, o estudo da Bíblia.

Passo agora a alguns exemplos de seus manuscritos, e depois apresento algumas imagens das páginas da Agenda 2015.

Na página do dia 1º de janeiro de 2015, está registrado:

“Bom dia Senhor que a tua paz esteja conosco neste início de ano e para todo o sempre, pois as coisas velhas já se foram, e tudo refaz novo em nossas vidas, pois o Senhor nos iniciará outras coisas que ainda não conhecemos.

Ei que tudo se faz novo

Apocalipse 21:5” (Maria, Agenda 2015, 01º/01/2015)

O registro consiste na transcrição de um vernáculo do livro do Apocalipse, Antigo Testamento, sob a forma de uma oração ou, quem sabe, os votos para o novo ano. Cita o versículo da Bíblia onde buscou inspiração. Há um registro no alto da página que em nada se conecta com a oração, que diz: “1º ano = domínio de Jupiter”, em alusão à astrologia. Inscrição semelhante volta a aparecer somente mais uma vez nos registros de Maria: na página do dia 6 de janeiro de 2015, a saber: “1º ano Jupiter”. Essas referências isoladas permite pensar os espaços onde teria ouvido ou lido os conteúdos astrológicos, muito comumente veiculados no começo do ano em programas de televisão e em diversos produtos disponíveis nas bancas de jornais e revistas.

A fé religiosa comparece em diversos momentos, expressa, por exemplo, nas palavras “jejum”, “culto”, “estudar”, indicação de leituras de capítulos e versículos da Bíblia. A prática de escrita aparece diretamente relacionada às suas leituras, realizadas não apenas para si, mas também para outros, como registrado na página do dia 30 de maio de 2015:

“Jejum, mas não fui ao culto

A noite fui levar a palavra do Evangelho para meu filho, a esposa, a cunha e o marido mais o bebê [...] foi uma benção

Mateus 7:13

João 3:16” (Maria, Agenda 2015, 30/05/2015)

A fé religiosa comparece também quando “pede uma palavra”, como por exemplo na página do dia 27 de outubro de 2015:

“Na madrugada pedi ao Senhor uma palavra para entender a causa da Salomi

Provérbios: 7 e 8

7: 1 a 5, 21 a 27” (Maria, Agenda 2015, 27/10/2015)

Em 4 de dezembro de 2015, destaco o registro mais extenso realizado nesta agenda, também o único registro sobre um sonho noturno:

“tive um sonho onde eu estava na tribulação por ter saído da sala ‘escolar’ de Deus e fui ver as coisas do mundo de meu interesse, quando voltei não

conseguia entrar e fui mandada embora pelo professor. Ap [Após?], então ví a tribulação da minha vida, não tinha ninguém do lado de fora, só carro, boi, cavalo!.

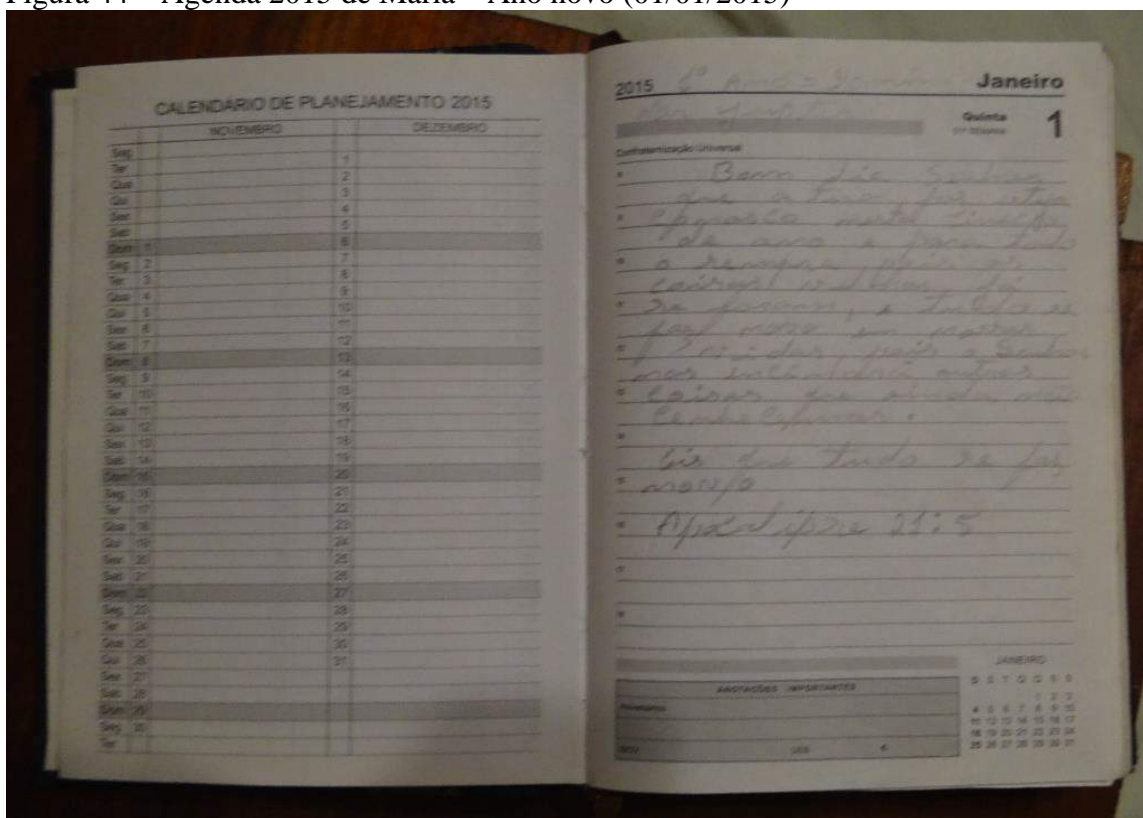
Antes disso tinha pessoas resgatando minhas roupas dos armários, eu não queria que rasgassem aí achei um armário com roupas inteiras e disse essas não foram rasgadas e não vão rasgar.” [Maria, Agenda 2015, 04/12/2015]

Esta página contém ainda um raro registro no campo “Anotações importantes”, e neste dia correspondeu a um pedido da palavra a Deus.

Insisto que não adotei a metodologia de entrevistas gravadas e esta pesquisa se apóia principalmente na observação das materialidades, buscando compreender a relação das mulheres em suas práticas da escrita e as motivações para a guarda dos suportes onde realizaram seus registros¹⁹. Assim, o excerto acima transcrito permite pensar que Maria confiou ao papel, entre outros temas, o registro de seus sonhos, mas, “nenhum leitor externo poderá ter a mesma leitura que o autor” (LEJEUNE, 2014, p. 345), isto é, existe um limite de compreensão próprio à pesquisa, onde sou outra pessoa, e não é possível decifrar tudo o que está escrito.

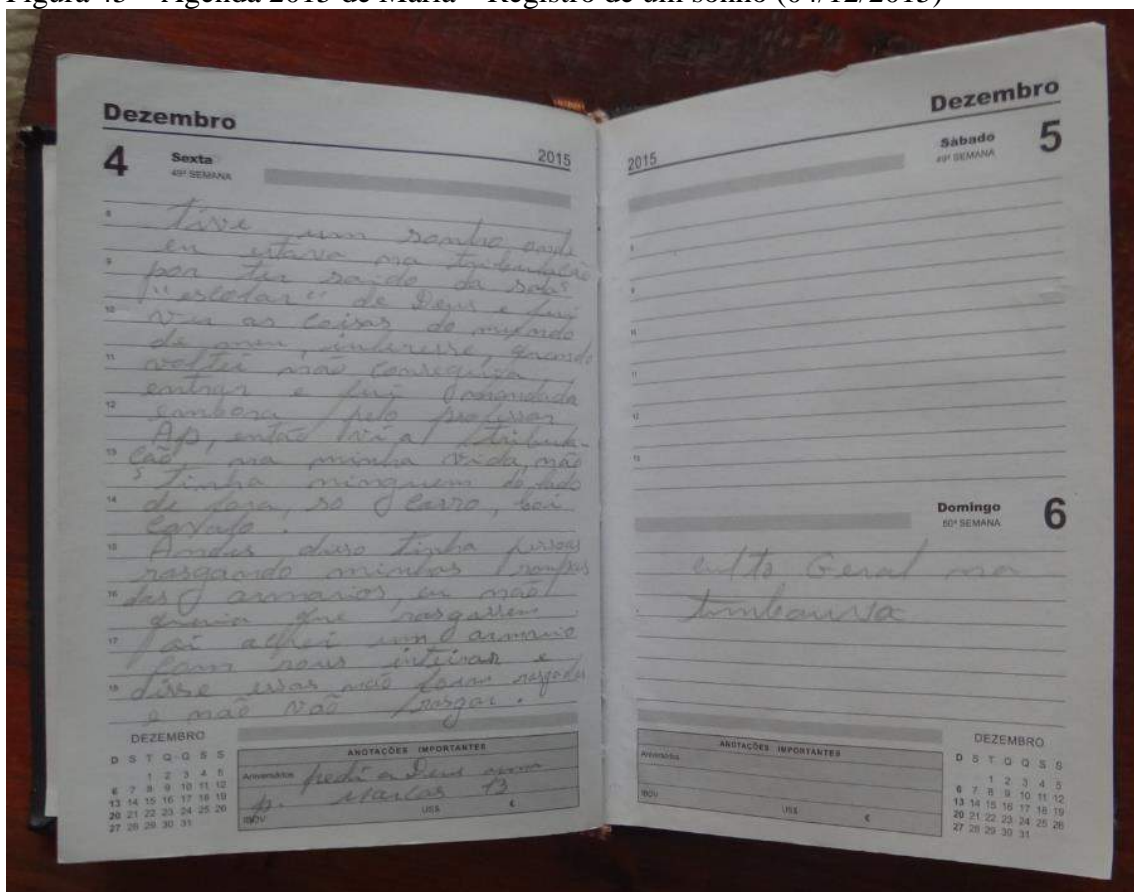
¹⁹ Esta intenção guiou a pesquisa, desde os primeiros passos, quando contatei mulheres interessadas em participar da pesquisa. Contudo, após o aceite, à medida que se ampliava a confiança na relação das mulheres com esta pesquisadora, por vezes caí na tentação de fazer-lhes comentários, por exemplo quando observei a Maria a pouca presença dos nomes dos filhos em suas agendas. Fazendo isso, por vezes obtive, sem intenção, informações para além do que seria possível apenas com a leitura dos registros escritos, sem o contato verbal com as mulheres.

Figura 44 – Agenda 2015 de Maria – Ano novo (01/01/2015)



Fotografia da autora.

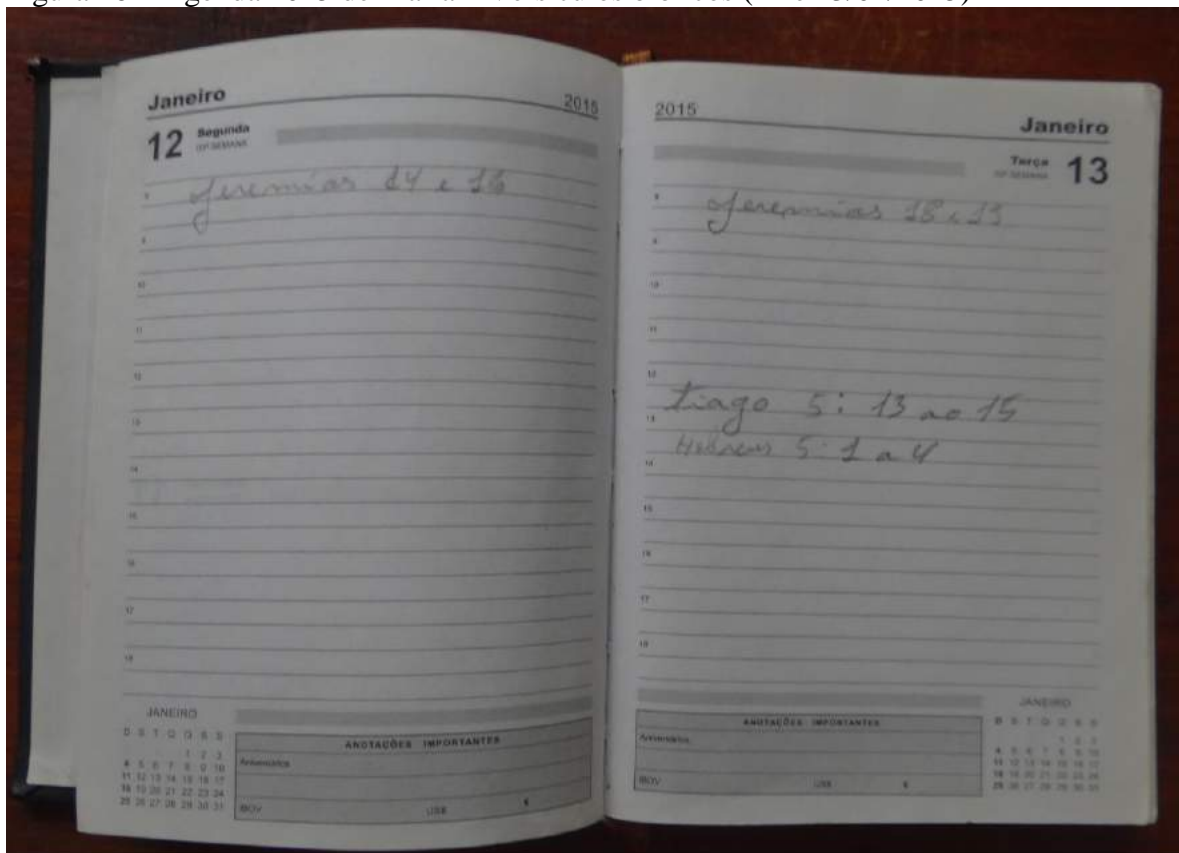
Figura 45 – Agenda 2015 de Maria – Registro de um sonho (04/12/2015)



Fotografia da autora.

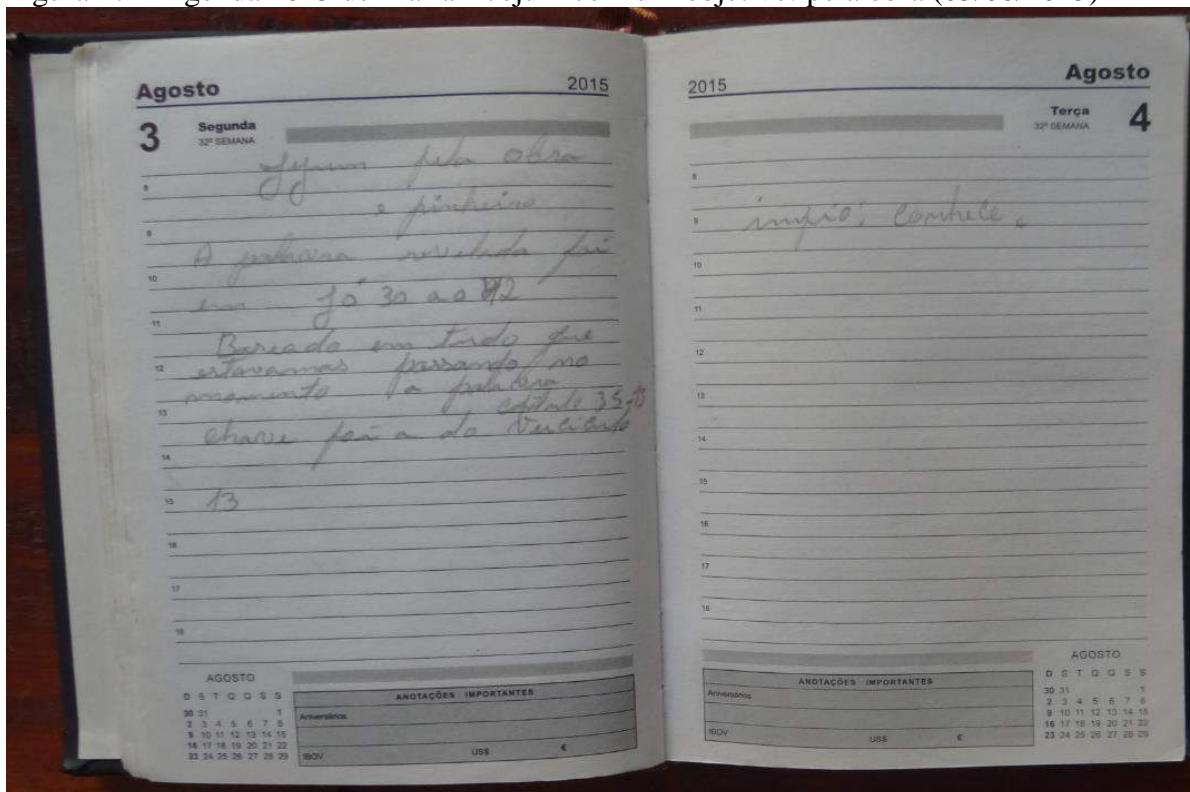
Abaixo, algumas imagens que expressam anotações de Maria sobre a Bíblia:

Figura 46 – Agenda 2015 de Maria – Versículos bíblicos (12 e 13/01/2015)



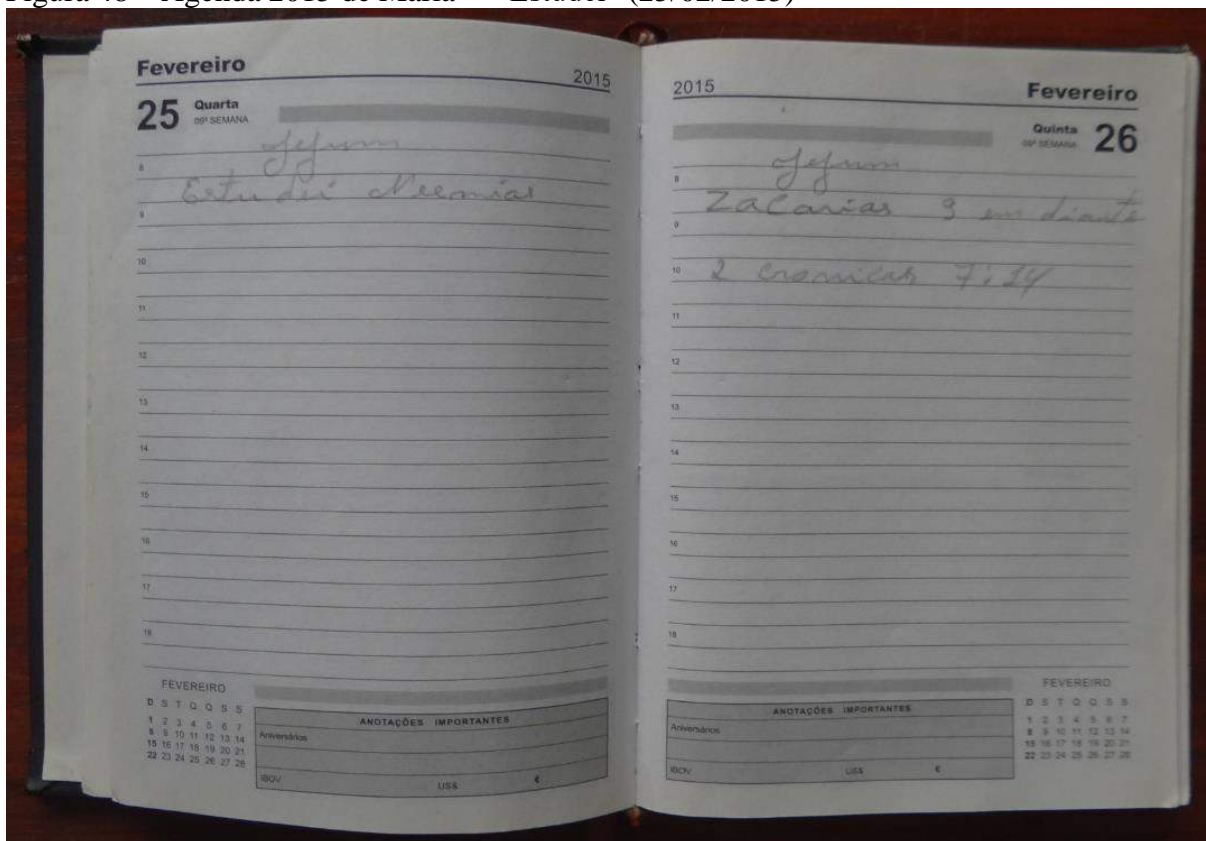
Fotografia da autora.

Figura 47 – Agenda 2015 de Maria – Jejum com um objetivo: pela obra (03/08/2015)



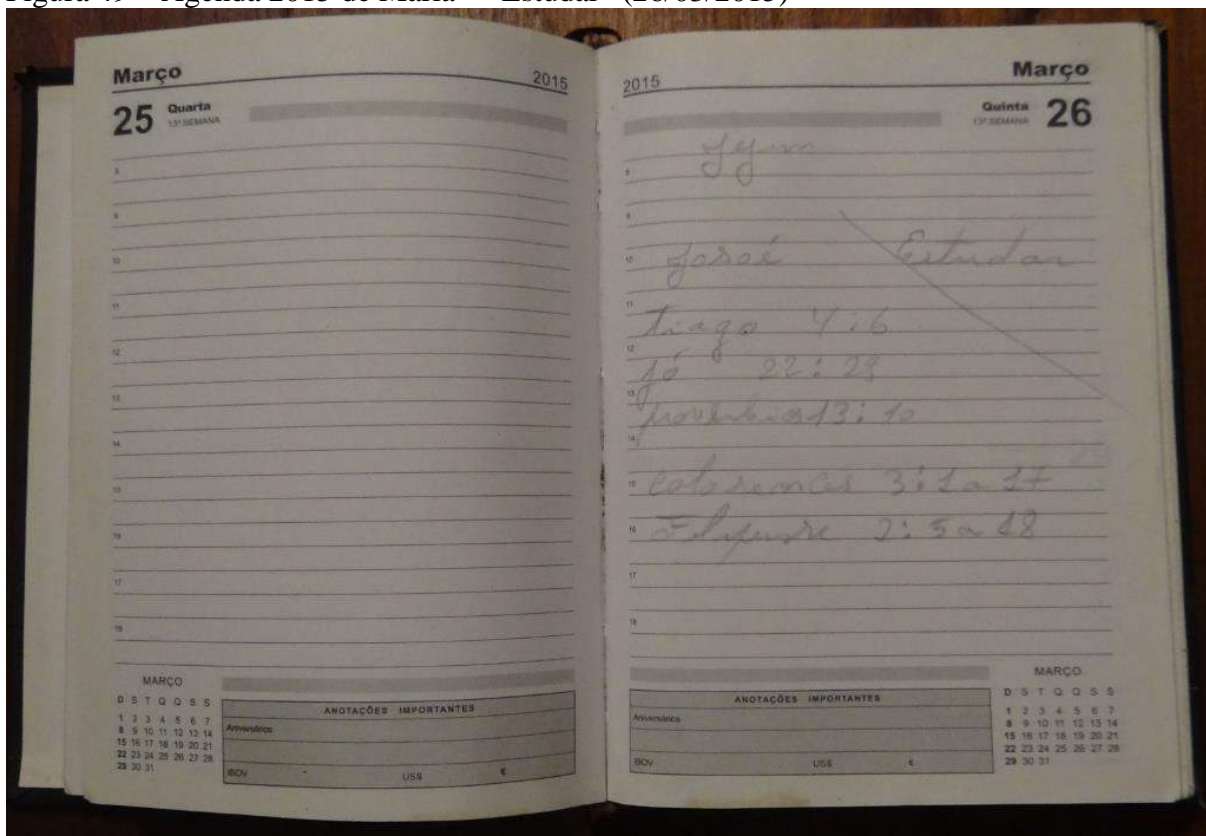
Fotografia da autora.

Figura 48 – Agenda 2015 de Maria – “Estudei” (25/02/2015)



Fotografia da autora.

Figura 49 – Agenda 2015 de Maria – “Estudar” (26/03/2015)



Fotografia da autora.

Grande parte das páginas da agenda receberam como inscrição anotações de versículos bíblicos, lidos ou como tarefa de leitura. Isso permite pensar a existência deste suporte especialmente guiado para a anotação dos estudos bíblicos de Maria. Se não na extensão da mensagem bíblica, ao menos a indicação de versículos lidos. Parece haver uma aproximação com o objetivo dos *hypomnemata*, explicados por Foucault (1992): mais que um suporte de memória que de tempos em tempos poderia ser consultado, “um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc.” (1992, p. 148). Pode-se afirmar que a leitura dos versículos bíblicos é uma prática de Maria, que registra os verbos “li”, “estudei”, “estudo”, “estudar”. É também através do grupo religioso que Maria estabelece algumas relações que ganham espaço nas linhas da agenda de 2015, como nos dias:

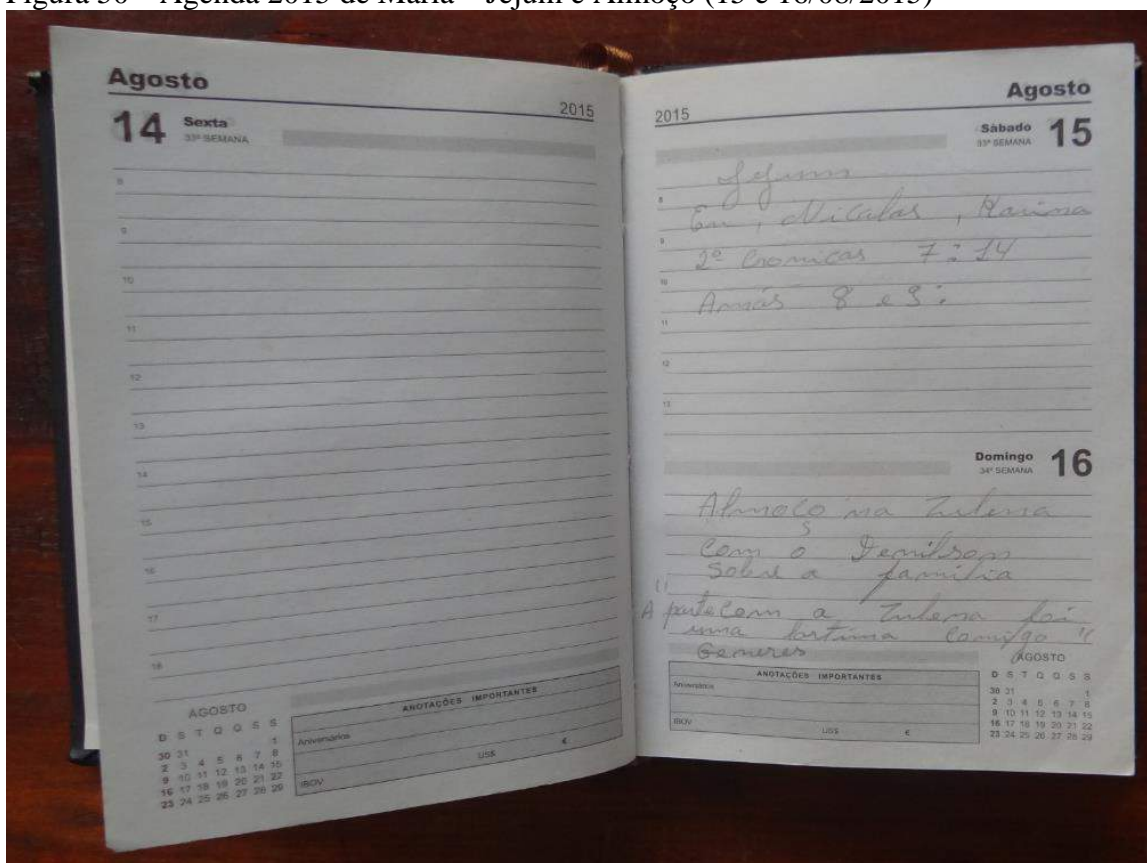
- 15 de agosto: duas pessoas com quem pratica o jejum;
- 16 de agosto: almoço na Zulena, com o Denilson;
- 10 de dezembro: reunião com o pastor e Tati; e a conquista de uma certificação.

Se Maria não escreveu detalhes de suas relações com os nomes anotados, os registros podem funcionar como dispositivo para recordar suas experiências num momento futuro.

Cultivei uma curiosidade sobre as relações que ela poderia ter com os nomes anotados. Perguntava-me, por exemplo, por que os filhos não compareciam com constância. Procurei Maria no dia 10 de dezembro de 2019 para conversar sobre a pesquisa, os pontos que estava identificando para apresentação na dissertação. Então, comentei o fato de que havia poucos nomes pessoais, e que ela era mais reservada sobre isso. Expus que, por exemplo, não era possível identificar quantos filhos ela tinha, pois eles quase não compareciam. Somente um filho eu conseguia identificar. Ela disse: “- Deve ser o T., pois é o que me dá mais trabalho. Eu costumo registrar as coisas que eu tenho mais dificuldade em resolver, não as coisas do dia a dia.”

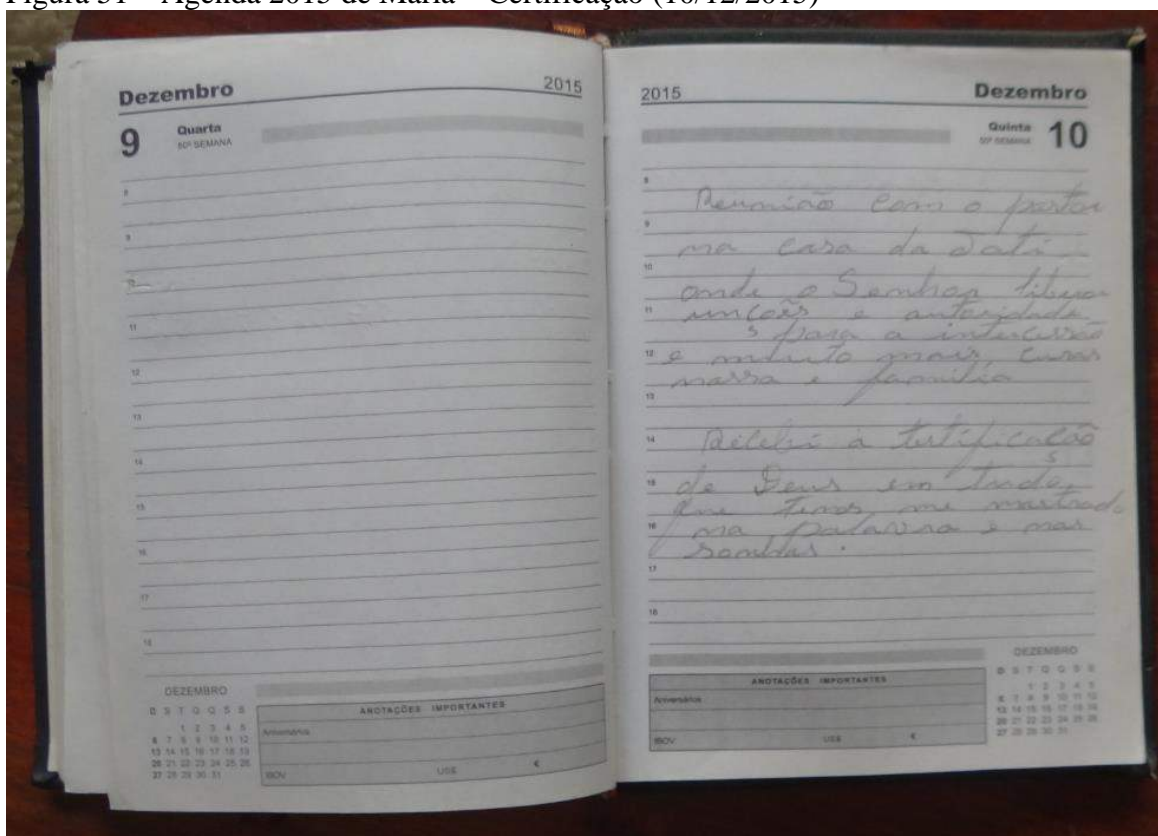
A resposta de Maria contribui a compreender o significado ou a intenção das práticas de escrita ordinárias como auxílio para “pensar alto” ou “pensar com a ajuda de Deus” sobre os temas que lhe parecem mais complicados de resolver. Além dos momentos de dificuldades, os manuscritos abordam também outras situações de sua vida, como um almoço, uma reunião, temas presentes nas imagens a seguir.

Figura 50 – Agenda 2015 de Maria – Jejum e Almoço (15 e 16/08/2015)



Fotografia da autora.

Figura 51 – Agenda 2015 de Maria – Certificação (10/12/2015)



Fotografia da autora.

A agenda de 2017

A agenda de 2017 apresenta-se com capa emborrachada de cor preta e nas dimensões 14,3 x 20 cm. Internamente, destaca-se a distribuição de cada página com os números de 8 a 20, sugerindo ao portador a distribuição dos compromissos ao longo das horas do dia. No rodapé de cada página, observo a presença de três “campos”: um com o símbolo “US\$”, destinado talvez a indicar os gastos do dia; outro com o título “Aniversários”; e um calendário mensal, que se distingue para as páginas “pares” ou “ímpares”, isto é, ou do lado esquerdo o calendário correspondente ao mês corrente, ou do lado direito o calendário correspondente ao mês seguinte.

Apresento alguns elementos da agenda e da forma de apropriação destes pela escrevente. A primeira página indicada como “Dados Pessoais” foi preenchida com nome e sobrenome, a palavra “Porto Alegre” e o número de telefone celular. Há também nesta página a solicitação de “Dados profissionais” e dados de “Emergência”, ambos com os campos não preenchidos. Após a primeira página, de identificação, seguem-se diversas páginas impressas com informações variadas, nas quais Maria fez apontamentos, à exceção da página com o calendário anual de 2017, os dias de feriados cristãos, judaicos e islâmicos, a data de início das estações do ano e mais doze intervalos de datas relacionadas aos “signos zodiacais”, cujo calendário, a escrevente deixou marcas em alguns dias dos meses de maio, junho, outubro e dezembro. Também em uma página com três tabelas, com os títulos “Cotação do dólar”, “Valores da TR (%)” e “Valores do salário mínimo”, há a presença da letra de Maria: na última tabela, preenchendo o valor do salário mínimo no ano de 2017. No rodapé da página, escreveu “subiu 57,00” e [não decifrei] “93.70”. Estes gestos de escrita representam uma interação com o texto que está impresso, tanto de leitura quanto uma operação matemática. Acresce que constam nas páginas destinadas ao “Planejamento mensal”, inscrições da escrevente nos meses de Janeiro, Fevereiro e Outubro.

Observei, ainda, que nas quinze páginas destinadas à agenda de contatos, previamente sinalizadas com as letras A até Z e no cabeçalho, Maria fez uso mais intenso que na agenda de 2015, preenchendo informações nos campos destinados a dezessete das vinte e seis letras do alfabeto.

Quadro 14 - Quantidade de dias dos meses com registros na Agenda 2017 de Maria

Mês	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Quantidade de dias com registro	13	12	10	6	6	8
Mês	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Quantidade de dias com registro	08	06	03	07	07	15

Embora o número de dias com registro seja menor em relação à agenda de 2015, os registros na agenda de 2017 são mais extensos, com maior detalhamento e mais explícitos quanto à intenção da prática de escrita como uma forma de reflexão. Em comum entre as duas agendas, identificam-se os registros sobre temas da prática religiosa, como a leitura de versículos, a participação no culto, o jejum, a oração, a confissão, os pedidos a Deus, nomes de relações pessoais que compartilham a mesma fé. Outra semelhança entre ambos os suportes de escrita é a descrição de sonhos e a presença de bilhetes com versículos. Além destes, a agenda de 2017 apresenta também:

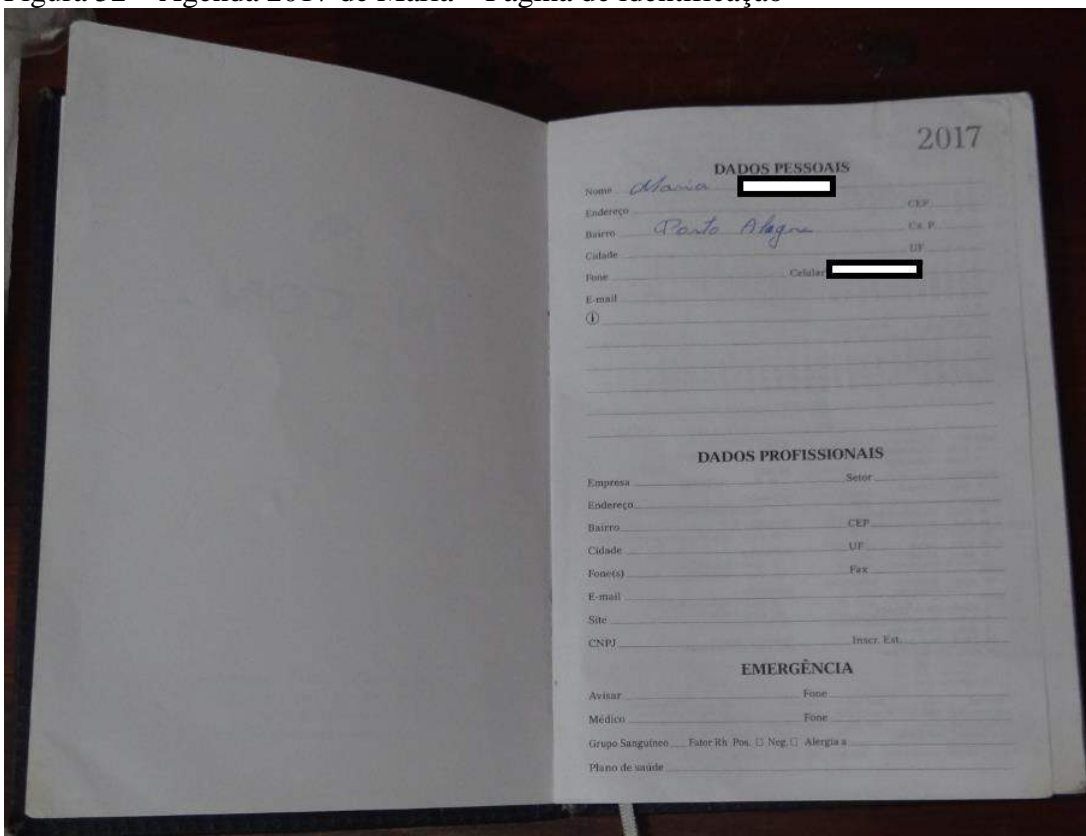
- uma reflexão da escrevente sobre versículos lidos (3 e 14 jan; 3 ago);
- reflexões sobre discórdia (17 jan), mágoa (18 jan), pouco entendimento (3 fev), conflito (13 fev);
- a descrição de angústias que tiram o sono (16 fev);
- o registro de que escreveu: uma carta (15 fev), um louvor (31 jul);
- a inserção de uma frase ou palavra do dia (20 mar; 11 abr; 8 out);
- o pedido de uma direção (12 abr);
- narração dos acontecimentos com mais detalhes (29 mar, 3, 4 e 19 ago; 26 e 30 out; 29 nov; 16, 28 e 30 dez);
- narração em 3ª pessoa do singular (28 e 29 out);
- narração em 1ª pessoa do plural (24 fev);
- a companhia constante de uma nova pessoa (29 mar; 21 mai; 4 ago; 3 nov; 8 dez);
- a busca ou a consulta com um médico (21 jun, planejamento mensal de jan e out).

A partir dos conteúdos descritos acima, os gestos de Maria sugerem uma maior apropriação da agenda pela escrevente. A maior parte dos registros foi realizada a lápis, mas a caneta esteve mais presente aqui, quando comparada com a agenda de 2015, a começar pelo registro do próprio nome e o contato na página de identificação. Também é significativo o preenchimento da tabela “Valores do salário mínimo”, o campo faltante com o valor no ano de 2017. Tal gesto pode representar sua prática de leitura e interpretação, bem como o gesto

que faz sua a materialidade da agenda. Isso só é possível pelo aprendizado anterior da leitura e da escrita, da alfabetização, que lhe permite exercitar estas faculdades cognitivas em espaços para além da escola. A alfabetização amplia as possibilidades de vivência dos indivíduos nas sociedades grafocêntricas como a nossa, e no caso específico de Maria, nos gestos interação de leitura e escrita com suas agendas, lhe permitiram conhecer temas que não fazem parte de seu cotidiano. Se as capas das agendas lembram o tom formal de um escritório, foi a partir dos usos, das inscrições ali realizadas, que a escrevente tornou seus estes objetos.

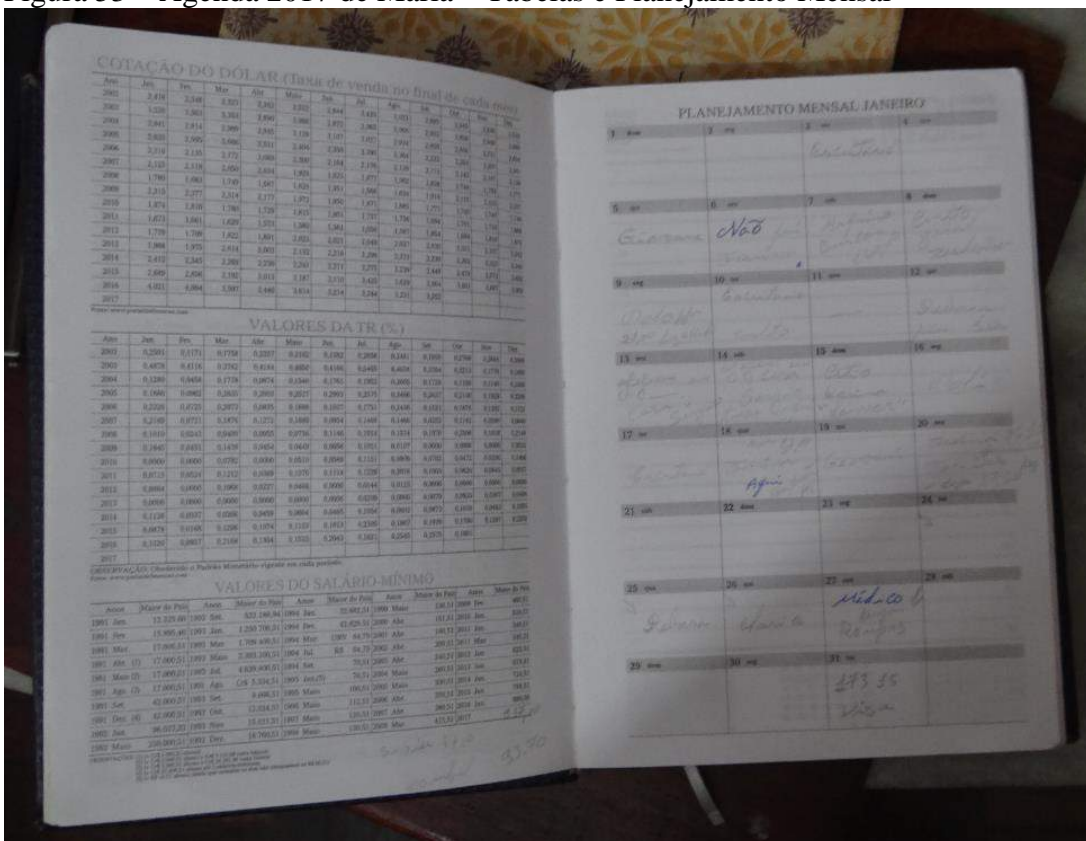
Abaixo, algumas imagens das práticas de escrita de Maria na agenda de 2017:

Figura 52 – Agenda 2017 de Maria – Página de identificação



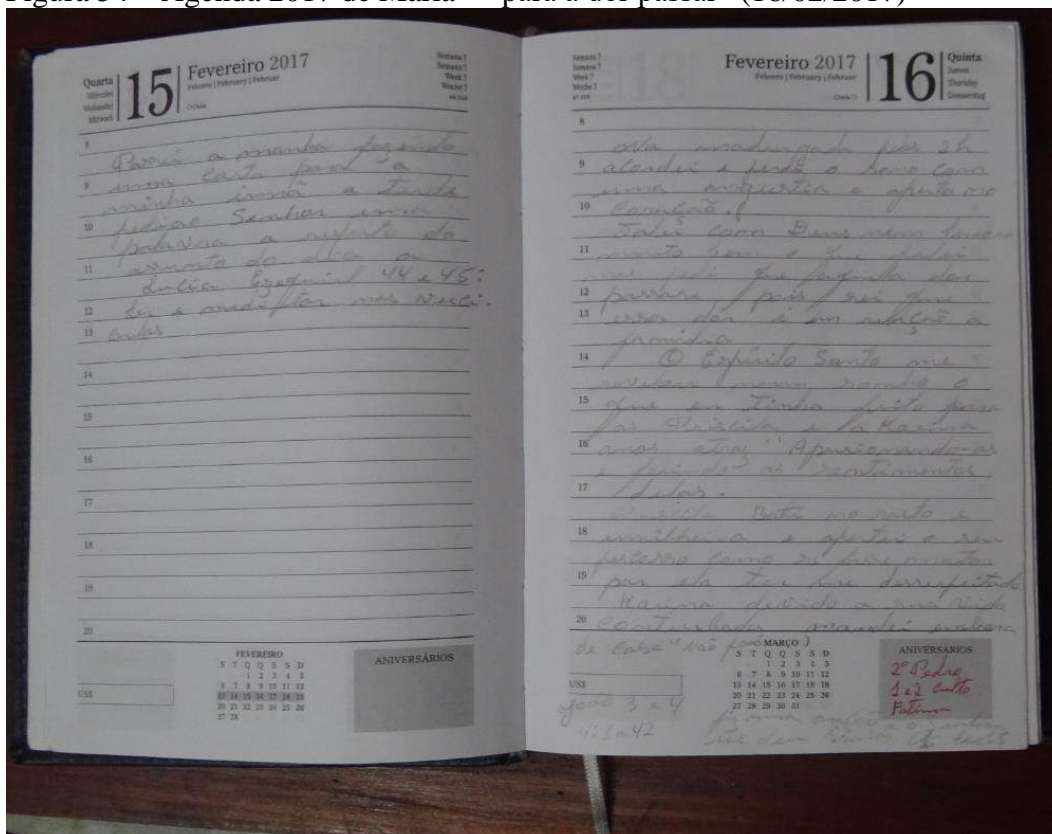
Fotografia da autora.

Figura 53 – Agenda 2017 de Maria – Tabelas e Planejamento Mensal



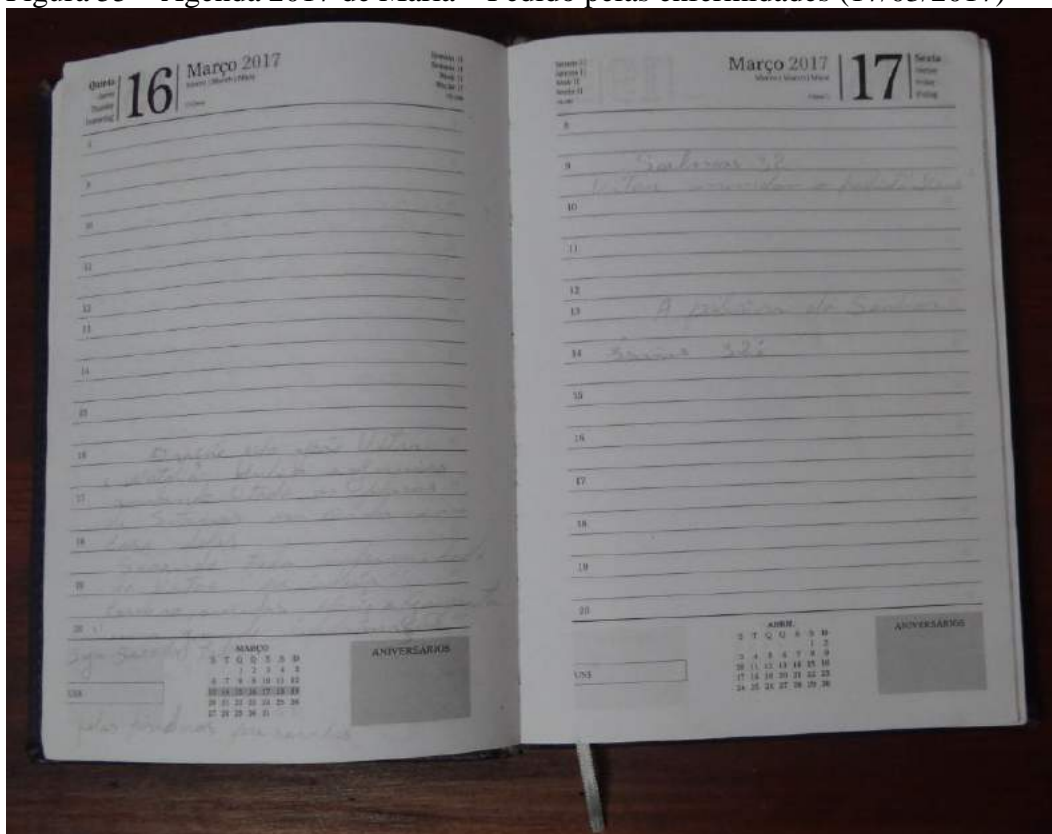
Fotografia da autora.

Figura 54 – Agenda 2017 de Maria – “para a dor passar” (16/02/2017)



Fotografia da autora.

Figura 55 – Agenda 2017 de Maria – Pedido pelas enfermidades (17/03/2017)



Fotografia da autora.

A partir da exposição das páginas acima, procuro destacar os usos e as transgressões dos espaços delimitados pelas linhas. É um gesto raro da escrevente e que só aconteceu nas páginas identificadas nos dias 14 de janeiro, 16 de fevereiro, 16 e 29 de março. Quanto ao uso dos campos disponíveis no rodapé, “US\$”, “calendário” ou “Aniversários”, em geral não foram utilizados. A única exceção é a página do dia 16 de fevereiro, quando o campo “Aniversários” possui os registros: “2º Pedro”, “1 e 2 culto” e “Fatima” – que podem sinalizar mais uma apropriação pessoal do que uma atitude que segue a indicação sugerida pelo título do campo neste suporte.

Na imagem da página de 15 de fevereiro, o registro manuscrito é: “Passei a manhã fazendo uma carta para a minha irmã a tarde pedi ao Senhor uma palavra a respeito do assunto do dia a Lucia [sic] / Ezequiel 44 e 45: Ler e meditar nos versículos”.

Na página do dia 16 de fevereiro, os dizeres são:

“Na madrugada pelas 2hs acordei e perdi o sono com uma angustia e aperto no coração.

Falei com Deus nem lembro muito bem o que falei, mas pedi que ajuda dor passar, pois sei que essa dor é em relação a família.

O Espírito Santo me revelou num sonho o que eu tinha feito para as Priscila e a Karina, anos atrás ‘Aprisionando-as e ferindo os sentimentos delas.

[...] Fiz uma oração e o Senhor me deu Isaías 61 a 65.” (Maria, Agenda 2017, 16/02/2017)

Os registros acima relacionam-se a uma prática reflexiva sobre atitudes do passado e que se apresentam em relação com o tempo presente. É um dos momentos em que Maria faz uma escrita de si, de seus sentimentos. É possível aqui formular a pergunta e também a resposta de Lejeune (2014, p. 334): “seria possível, no meio da noite quando se escreve só para si sobre coisas dolorosas, controlar as assonâncias desagradáveis? Sim, é possível e até mesmo útil. O trabalho é uma meditação”. Trata-se, portanto, de uma das finalidades da prática de escrita diarística: proporcionar alívio emocional e a ressignificação de fatos que causam alguma dor psicológica. Verifica-se, então, uma transgressão ao suporte em que acontecem os registros e, neste sentido, destaca-se o reconhecimento das motivações de escrita que o suporte material oportuniza.

Outro momento de transgressão do que se espera como registro encontra-se na página 16 de março de 2017, quando a escrevente utiliza metade da página e continua o registro para além das linhas. Estes gestos sinalizam que a escrevente sentiu-se à vontade para a quebra de protocolos, à medida que pode afirmar e defender esta materialidade como um objeto pessoal, ao qual conferiu o seu gosto singular. Os dizeres desta data são:

*“Oração pelo João Vitor e Natalia Julia e Junior anulando todas as flanas de Satanás na vida e na casa deles.
Sarando toda enfermidade [sic] do Vitor ‘na cabeça’
Cérebro, ouvidos, Nariz e Garganta
Uma grande inflamação seja sarada toda
pelas [não decifrei] foram saradas” (Maria, Agenda 2017, 16/03/2015)*

O registro acima indica não só as crenças da escrevente, que se renovam a cada participação nos cultos, mas o desejo de registrar a fé que pratica cotidianamente, escrevendo “seu vestígio de um instante”, como refere Lejeune:

[...] Como se sabe, a forma diarística é, em geral, menosprezada. [...] É uma escrita na qual todos os procedimentos comuns à tarefa são proibidos: o diarista não pode nem *compor*, nem *corrigir*. Deve escrever certo da primeira vez. Escrevemos sempre nosso diário ignorando o futuro: podemos ter uma série de hipóteses sobre o que vai acontecer amanhã [...]. O diário é o vestígio de um instante, daí vem seu valor. [...] A prática do ‘diário de trabalho’ me inspirou procedimentos de composição abertos para o futuro. [...] (LEJEUNE, 2014, p. 346-347)

Do excerto acima, destaco a expressão “vestígio de um instante”, que para Maria é o momento de realização da oração. Contraditoriamente à prática de escrita ordinária, considerada “sem valor”, esta escrita confere reflexões e ressignificações àquela que escreve. Assim, Maria tem a oportunidade de produzir-se, de usufruir de um espaço de liberdade que faz morada em um suporte de escrita. Neste caso, são as agendas que acolhem seus pensamentos, poderiam ser outras materialidades, pois significativo é o desejo da escrevente de criar um território para “exercitar” os próprios pensamentos, compor a si mesma.

Outra forma de tornar o objeto seu é atribuindo uma identidade no interior da capa e da contracapa. No caso da agenda de 2017, Maria registrou na contracapa “Eunira faxina” e “14 apt”, pistas sobre as pessoas com as quais se relaciona, a atividade que requer agendamento ou identificação de um compromisso, e que este é um suporte de escrita que acompanha a escrevente em diferentes momentos do seu dia. Por fim, como referi antes, a seção da agenda telefônica em 2017 teve maior número de registros que a agenda de 2015, predominando ainda a escrita a lápis. Abaixo, duas imagens que ilustram esta descrição, antes de apresentar o Caderno de músicas de 1972.

Caderno de músicas - 1972

Tendo a pesquisa iniciado em meados de 2018, e mantendo contato mensal com Maria, fiquei surpresa quando ela apresentou, no final de maio de 2019, o seu caderno de músicas, que representa o artefato mais antigo desta pesquisa. Maria iniciou os registros deste caderno por volta de seus 14 anos. Em conversa no dia 11 de junho de 2019, disse que aí escreveu até por volta dos 17 anos. O caderno possui uma cobertura encapada com papel de presente, onde foi afixada a imagem de um cantor desta época, que arrisco nominar Mauro Sergio, em razão das imagens disponíveis na internet e porque há músicas deste no caderno.

A primeira vez que manuseei este caderno, estava sozinha. Maria o confiou à portaria do meu prédio, pois entregou em um horário que eu não estava em casa. De início, pensei inclusive não ter nome, tal qual uma de suas agendas. Pensei que não teria data, porque eu não a identifiquei de imediato. Quando telefonei para Maria para agradecer por ter me confiado seu caderno e também informar que já estava sob meus cuidados, Maria perguntou se eu teria observado quão antigo ele era. Eu respondi que uma pista da antiguidade estava no papel, na imagem colocada na capa, mas que eu não tinha encontrado informação de data. Foi então que Maria me comunicou da existência da data de 1972: “- Está embaixo da capa do caderno”, e assim ela me orientou a levantar de leve o papel que servia como capa. Ali encontrei o nome de Maria e a data 1972. Estes dados ficaram encobertos a partir do momento em que foi feita uma sobrecapa para o caderno. Depois de folheá-lo com cuidado, com surpresa visualizei um novo espaço onde consta o nome de Maria, ao final do caderno. Não só seu nome está completo como acompanhado de outro nome similar, que a princípio pensei ser de alguma irmã. O fato de incluir seu nome torna esta materialidade diferente da agenda de 2015, onde não se encontra a explicitação do nome. Perguntava a mim mesma se poderia ser o nome de sua mãe ou uma irmã. Guardei estas questões para fazer pessoalmente, o que aconteceu no dia 11 de junho de 2019. Com o apoio do diário de pesquisa, exponho parcialmente o diálogo com Maria. Apesar de longo, penso que permite sentir um pouco das condições da produção e conservação deste suporte:

- Você viu a data daquele meu caderno?

- Sim!

- Eu ficava me perguntando: será que eu não coloquei a data em nenhum lugar? E então eu levantei a capinha ali e vi. E você viu que tem vários ali que não tem o autor?

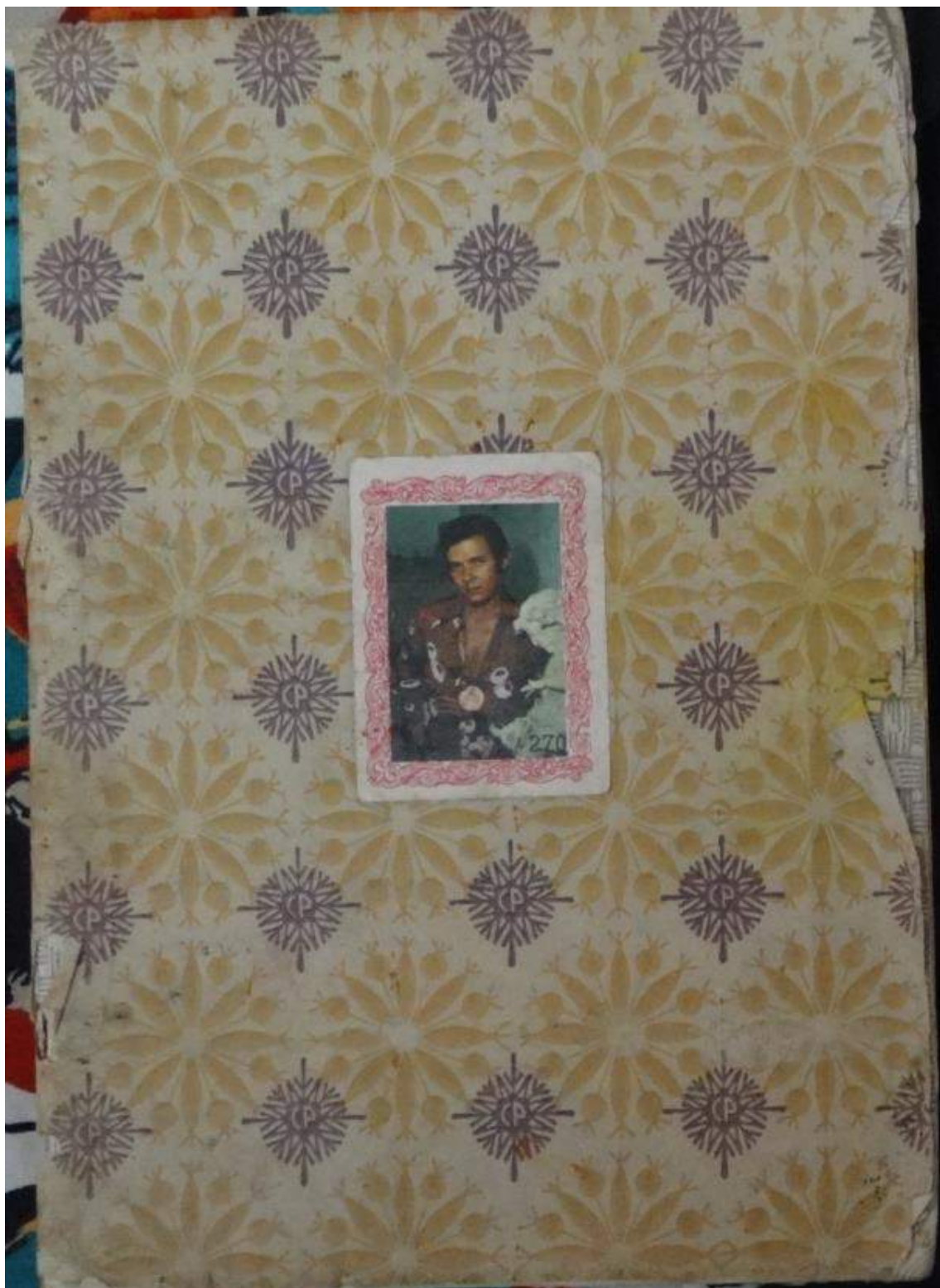
- Vi, mas não são muitos que faltam não. O caderno é de 1972. Vai ser o documento mais antigo que aparecerá na pesquisa.

- Pois é, ainda bem que eu guardei... porque se depender de filhos, eles não guardam nada... hoje em dia é tudo celular. Não fazem quase nada escrito, não fazem [caderno de] questionário, nada...
- [...] Eu acho que fiz aquele caderno até um pouco antes de vir para cá.
- Antes de vir para Porto Alegre?
- É, eu vim para cá eu tinha 17 anos e aí não fiz mais o caderno.
- [...]
- Interessante que ele é quase todo na caneta verde, a maior parte... eu fiquei imaginando que você sentou para escrever e fez várias páginas... foi isso?
- Pois é, nem eu sei dizer porque é que eu usei aquela caneta...
- E como você fazia Maria? Você sentou e escreveu várias páginas na sequência?
- Não, eu fazia aos poucos...
- E a letra [da música]? Você decorava [a letra], para escrever?
- Era assim, eu escutava a mesma música várias e várias vezes, até eu aprender. Eu ligava o rádio e ouvia até decorar... uma hora, decorava o refrão, depois, decorava outra parte...
- E você escrevia aos poucos ou quando já tinha decorado ela inteira?
- Eu só escrevia depois que eu decorava a letra inteira... ficava um tempão sentada ao lado do rádio, até decorar...
- Ah... eu não tinha imaginado que era assim. E como é que você conseguiu guardar [conservar], né? Porque você se mudou para Porto Alegre, e já se mudou várias vezes aqui também... e quantos bairros você já morou aqui?
- Ih, eu morei por esta Porto Alegre toda... nem sei quantas vezes eu mudei de casa. Interessante que eu não perdi ele nestas mudanças todas...
- É...E com criança em casa, né, Maria, que é mais difícil manter as coisas... Quantos filhos você tem, mesmo?
- Eu tenho cinco filhos... mas quando tem criança em casa, a gente se acostuma a deixar umas coisas sempre em local mais alto, que criança não alcança, já para não mexer.
- Sim...
- E interessante que uma vez eu morei numa casa bem pequeninha: era eu, o marido e três crianças, e eu não perdi este caderno...
- Pois é! (DIÁRIO DE PESQUISA, 11/06/2019)

Pela exposição acima, destaco: os cuidados que Maria dispensou ao longo dos anos para conservar seu caderno, protegendo-o de possíveis travessuras de seus filhos quando crianças. Também sobressai a sua análise quanto ao tempo atual, de que os mais jovens, inclusive seus filhos, não teriam o cuidado de guardar objetos do passado; o autorreconhecimento quanto à importância de ter conservado este caderno, num sentimento misto de surpresa e contentamento, manifesto em algumas expressões como: “- Quase 50 anos!” e “- Tem gente que tá ali que não tá mais neste mundo”.

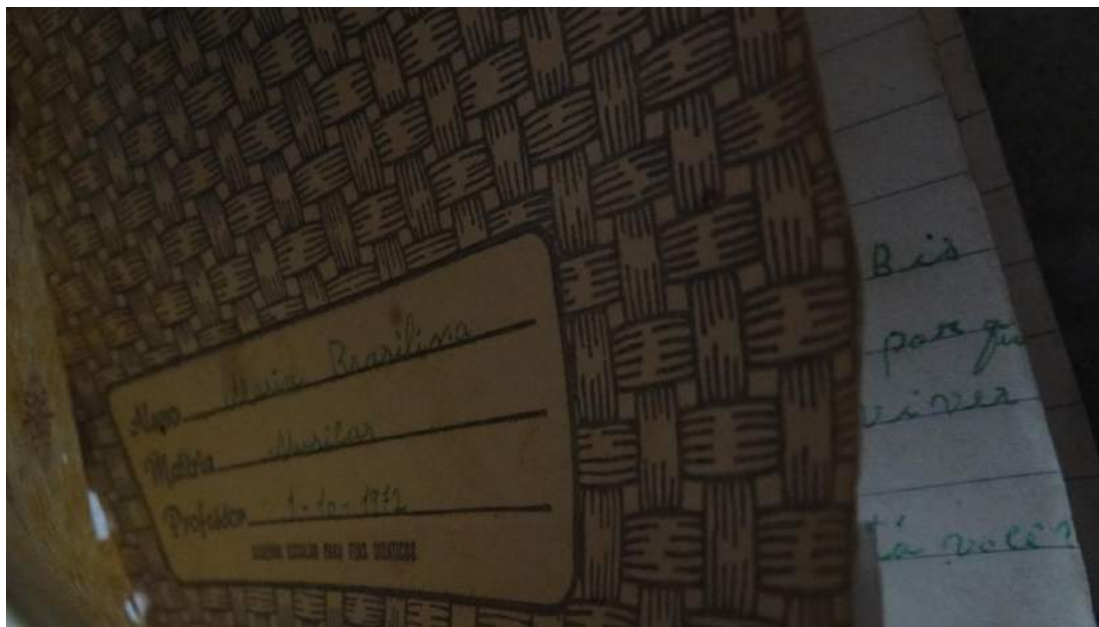
Abaixo, apresento duas imagens, da capa encadernada e do que é possível ler sob a encadernação, sem danificar a materialidade:

Figura 58 – Caderno de músicas (1972) de Maria - Capa



Fotografia da autora.

Figura 59 - Caderno de músicas (1972) de Maria – nome e data



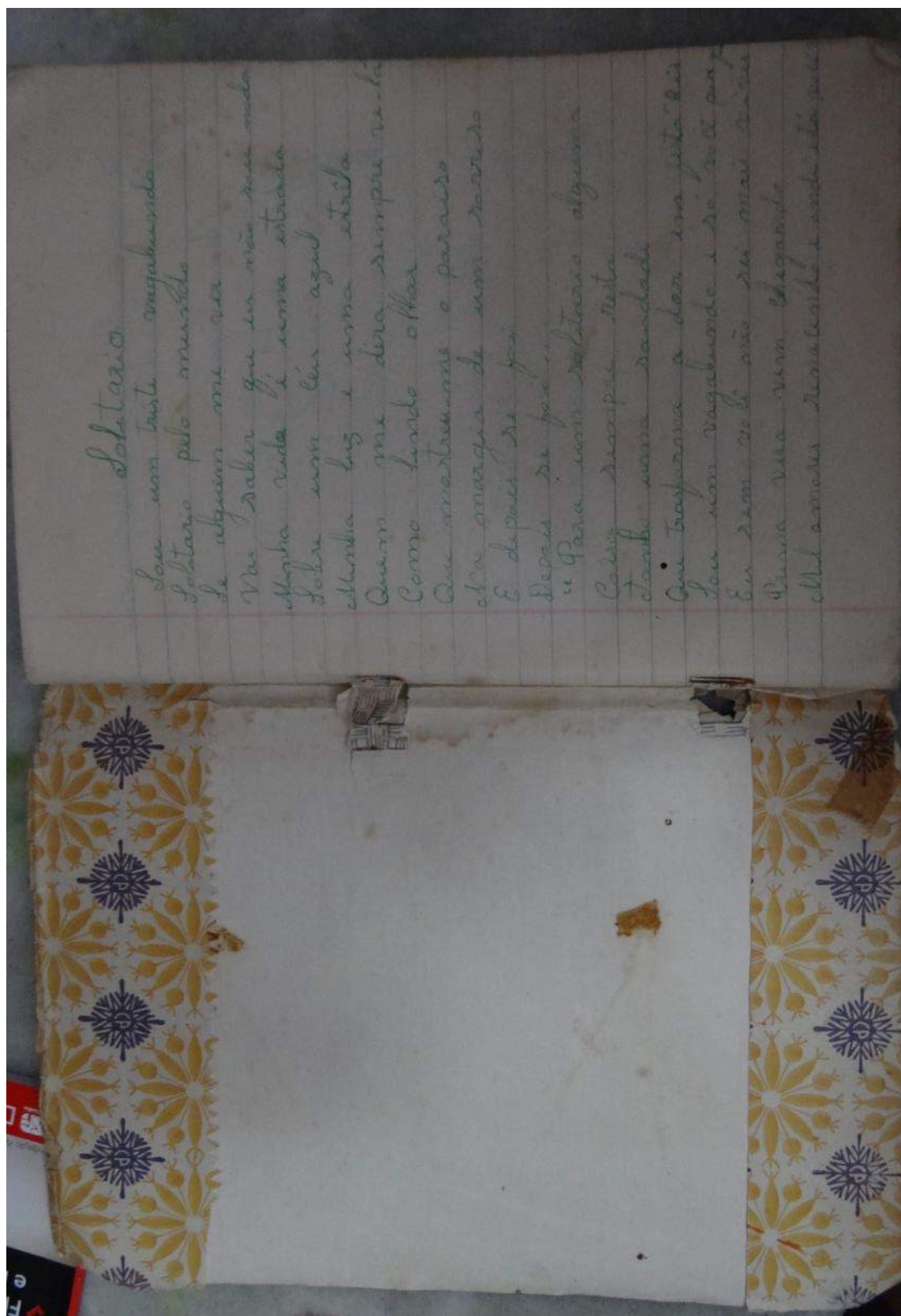
Fotografia da autora

Comento agora um pouco mais da composição de Maria em seu caderno, com uma abordagem diferente: observando a primeira e última página com registros. Não houve página de rosto ou para apresentação de uma proposta do caderno. Maria torna-o seu inscrevendo já a primeira música, cujo título é *Solitário*. Não identificou aqui o intérprete, destoando da prática mais freqüente, que será vista mais adiante. Já a última página com registros, localiza-se na verso quarta folha antes do fim do caderno. Aqui, Maria escreveu dois nomes: o seu nome, e outro muito similar, deixando dúvidas, levantando curiosidade.

Tive a oportunidade de me encontrar pessoalmente com Maria no dia 11 de junho de 2019. Mostrei-me curiosa com o caderno, como trouxe no registro já partilhado do diário de pesquisa. Dada a abertura de Maria para falar sobre a produção e conservação do seu caderno, sinalizei minha curiosidade com esta página com os dois nomes. Seria o nome de sua irmã? Antes de responder, Maria pareceu sorrir, e afirmou que eram os nomes dela. Ainda indaguei: “- Eu imaginei que o primeiro nome era o seu, mas e o nome da segunda linha, de quem seria?”. Então ela me explicou: “- Este outro nome [apontando para a segunda linha] fui eu que inventei para mim; eu sempre quis ter este outro nome, Maria Helena, então eu escrevi ali”. Tinha ali a resposta que ela desejava e podia fornecer, longos anos depois de manuscritas aquelas linhas.

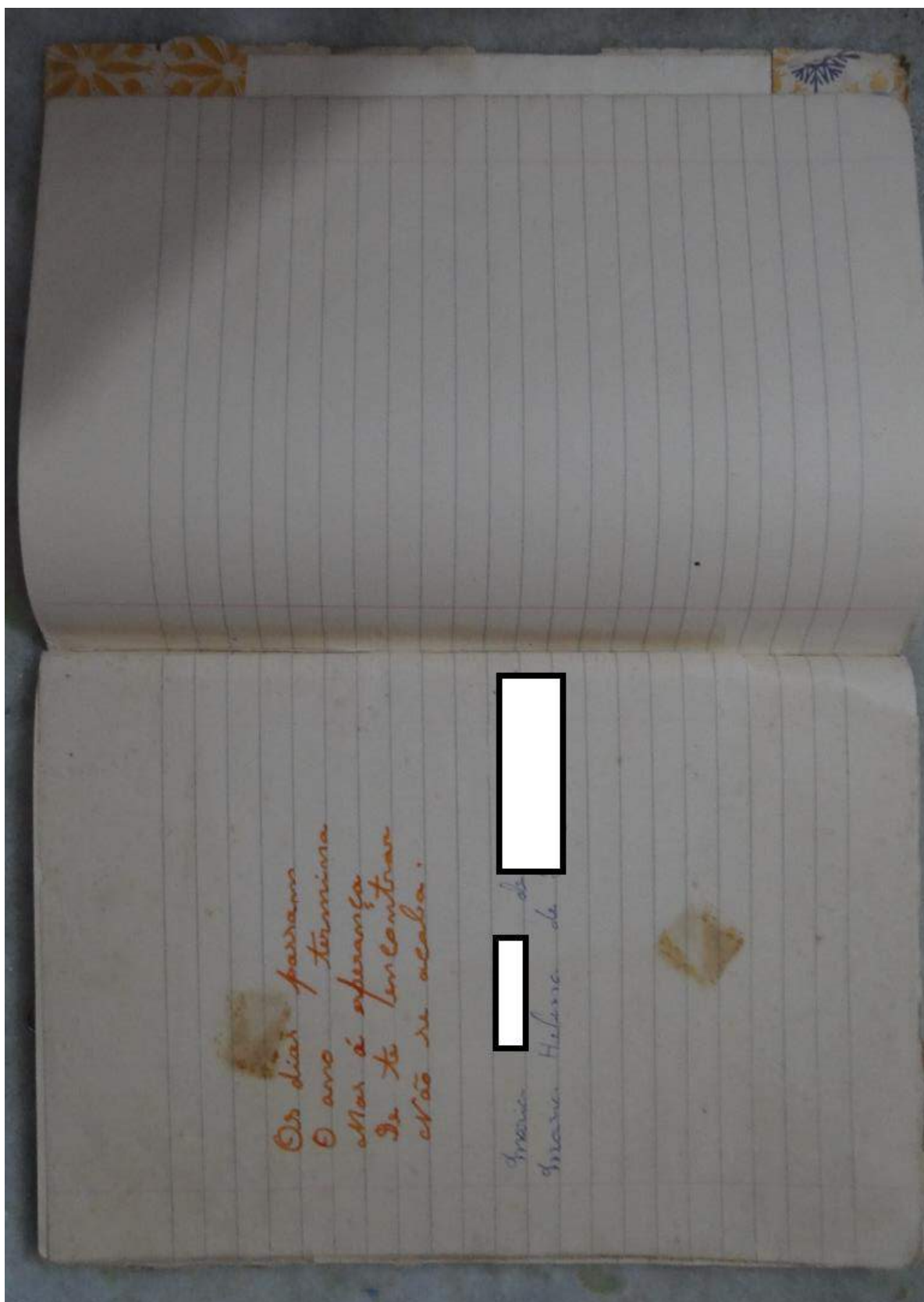
Abaixo, as duas imagens a que me refiro:

Figura 60 - Caderno de músicas (1972) de Maria - A primeira página, a primeira música



Fotografia da autora.

Figura 61 – Caderno de músicas (1972) de Maria - Espaços para um novo nome



Os dias passam
O ano termina
Mas a esperança
De te encontrar
Não se acaba.

Maria
Gracia Helena de
[redacted] de
[redacted]

Fotografia da autora.

O desejo de Maria para ter outro nome, narrado anteriormente, se aproxima da exposição de Maria Joaquina em um de seus manuscritos, sobre o processo de emissão de sua certidão de nascimento: já contava com dezesseis anos quando foi ao cartório, acompanhada do tio. A partir dali, assumiu um novo nome, de Maria Joaquina, deixando para trás o nome Joaquina Diontina, como fora batizada. Ao narrar isso, registra que a certidão de nascimento era um documento difícil na época de sua infância. Se Maria Brasileira não pode escolher um novo nome para seu registro, poderia fazê-lo com liberdade ali em seu caderno de músicas, sinalizando inclusive que a prática de escrita pode ser um território de invenção, espaço para ficcionalizar a própria vida.

Além do gesto de escrita para uma outra Maria, com outro sobrenome, me perguntava por que ela teria escolhido o espaço da última linha e não no início. Sobre esta questão, é possível dialogar com a pesquisa de Pereira (2010), sobre os usos da última página do caderno escolar, embora o público-alvo tenha sido outro na pesquisa da autora, ou seja, alunos do terceiro ano do ensino fundamental. Mesmo tratando-se de contextos distintos, identifico um aspecto que os aproxima: a transgressão do uso e significado da última página. Se “o caderno é uma fonte disciplinada, regulada e normatizada, restando, por conseguinte, pouco espaço para livre iniciativa pessoal ou subjetiva” (PEREIRA, 2010, p. 47-48), a última folha apresenta-se como espaço distante do olhar imediato da professora e da família, sendo por isso o espaço onde os alunos exercitam uma subjetividade diferente das atividades relacionadas à temática escolar, afirma a autora. Em uma tônica não muito distante, talvez Maria também tenha experienciado tal motivação, permitindo-se inscrever seu nome e sobrenome nas páginas ao final do caderno, prolongando o contato com o leitor que concentrou os olhos nas músicas.

Este breve relato me faz pensar como um escrevente, diante de um suporte de escrita, pode transgredir a “ordem” que inicialmente lhe é atribuída. Por exemplo: uma agenda profissional usada como diário pessoal, ou um caderno de músicas, como um espaço para produzir uma ficção; um caderno de reflexões como espaço biográfico, entre outros. Assim, as múltiplas possibilidades de registrar-se por escrito, seja como “provisão de lembranças para o futuro” (RICOEUR, 2007), seja para refletir, para confidenciar, para comunicar, ou pelo simples prazer de escrever. Estas múltiplas possibilidades podem ser exercitadas e não restringem uma a outra. São possibilidades tantas quantas as que o escrevente escolhe perenizar.

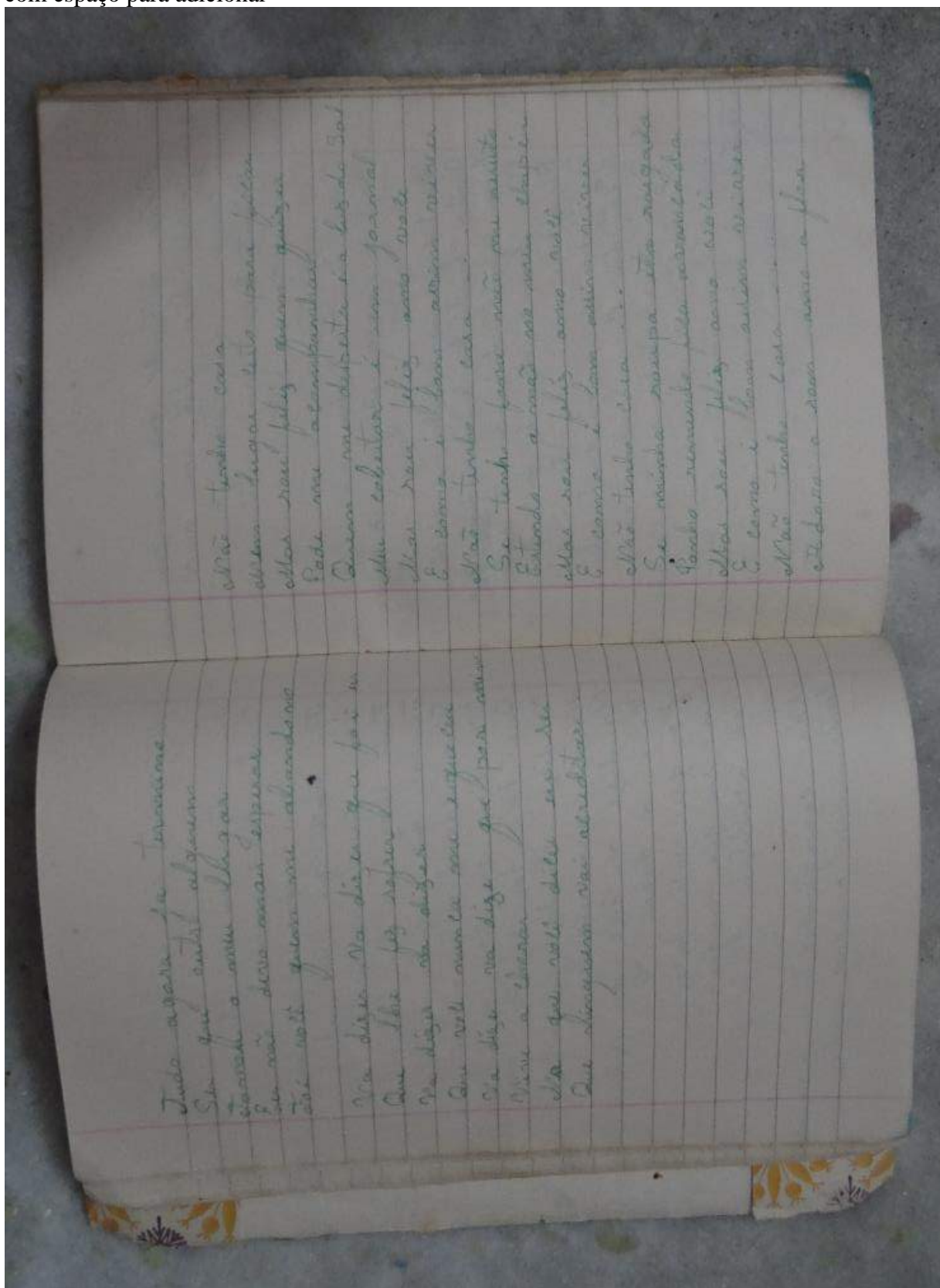
Nesta relação em que Maria narra sobre os suportes que recebem suas práticas de escrita ordinárias, ela fala também de seu tempo, dos espaços que ocupou, de pessoas que

estiveram a seu lado. Antes mesmo de me confiar o caderno para a pesquisa, Maria me dizia ter o caderno, mas não saber exatamente em que local da casa estava guardado. Uma vez afirmou: “- Outro dia estava pensando: meu caderno já é tão antigo, deve ter nome de gente que nem está mais aqui, que já morreu ou que já não ‘tá mais casado ou já ‘tá casado com outra pessoa. Eu queria mesmo encontrar meu caderno”. Esta fala de Maria sinaliza que a pesquisa mexeu com ela. Quando ela afirmara ter o caderno de músicas, mas que não o localizava, assemelhava-se à resposta de outras mulheres que contatei para esta pesquisa, que confirmaram ter realizado cadernos de poesia, cadernos de receita, cadernos de recordações, troca de cartas, entre outros, contudo, com frequência manifestaram dúvidas se estavam conservadas ou não suas materialidades, citando também a dificuldade de tempo para procurá-las.

Na relação com Maria, mesmo manifestando mês a mês que não encontrava o caderno, ela demonstrou interesse em localizá-lo e com relativa frequência afirmava: “- Vou procurar de novo”. Busquei estimulá-la com frases como: “- Puxa, seria muito interessante se pudesse entrar na pesquisa, pensar a história que ele tem. Se você puder achar e encontrar, eu vou achar ótimo”. Confesso que não sabia mais se deveria esperar ou não. Sabia que a pesquisa deveria prosseguir e, se o caderno “chegasse a tempo”, seria ótimo, mas se não, a prerrogativa é sempre da escrevente. Relato tudo isso para pensar que existiu um movimento para que o caderno de músicas de Maria esteja aqui presente. Um movimento necessário para a trajetória de construção desta dissertação. Para tanto, foi necessário buscar um equilíbrio, procurar as mulheres, abordá-las, mostrar interesse e atenção por suas práticas de escrita, olhar para a conservação e disponibilidade de registros materiais para a pesquisa. Ao mesmo tempo, abordando uma temática considerada “sem qualidade”, como são as práticas de escritas ordinárias, realizadas no cotidiano, dar espaço e tempo para a reflexão de cada mulher, mostrar-se disponível e interessada, mas também ter paciência e aceitar que a pesquisa é uma busca e uma construção.

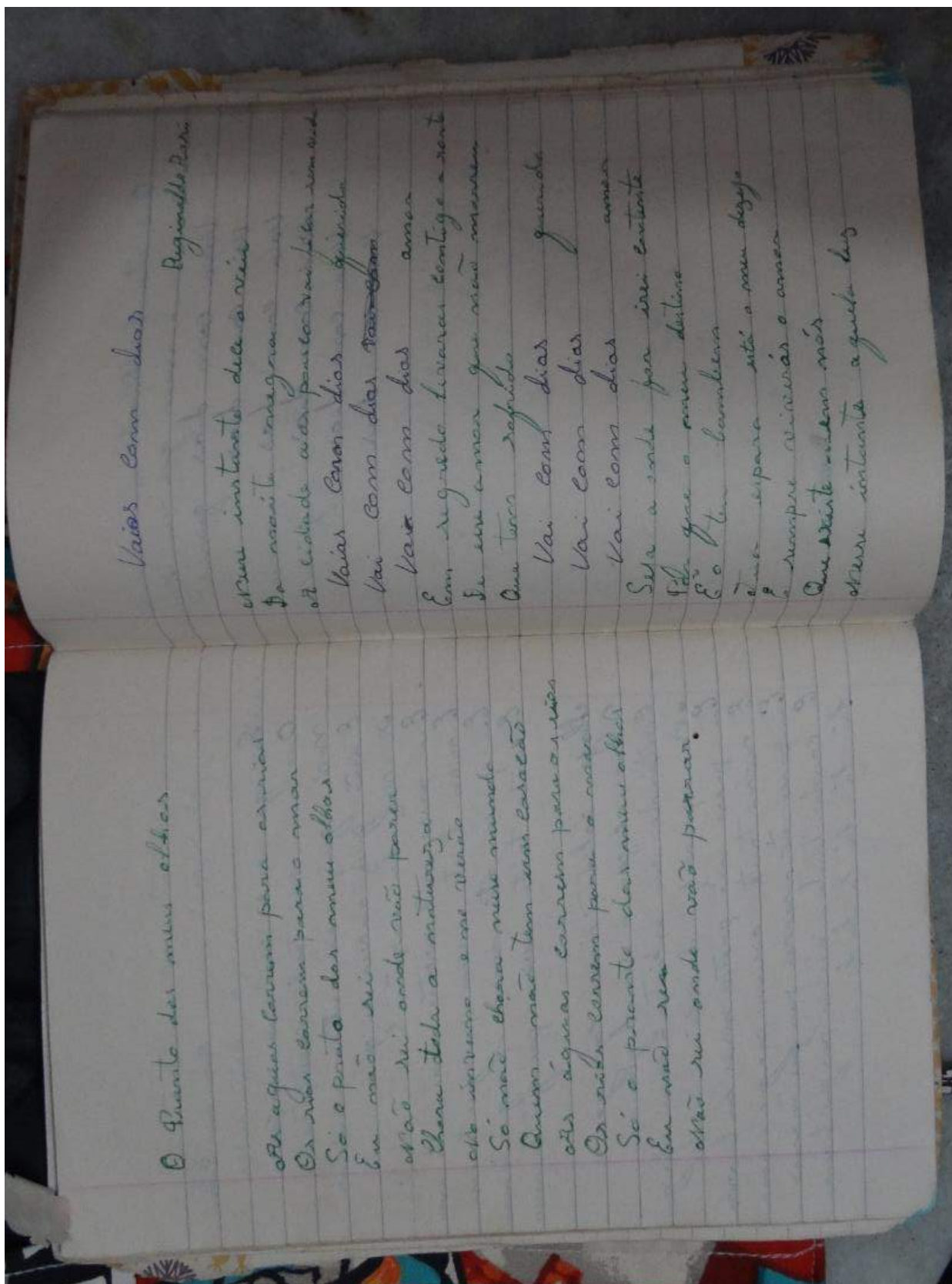
Voltando a observar o caderno de músicas de Maria, noto que foi preenchido majoritariamente com caneta, de cor verde, e em apenas três momentos fez uso de outra cor de caneta, azul. Em nenhum momento comparece o lápis, como ocorre nas práticas de escrita em suas agendas dos anos de 2015 e 2017. Antes de continuar, apresento algumas imagens:

Figura 62 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Sem título ou nome de intérprete, mas com espaço para adicionar



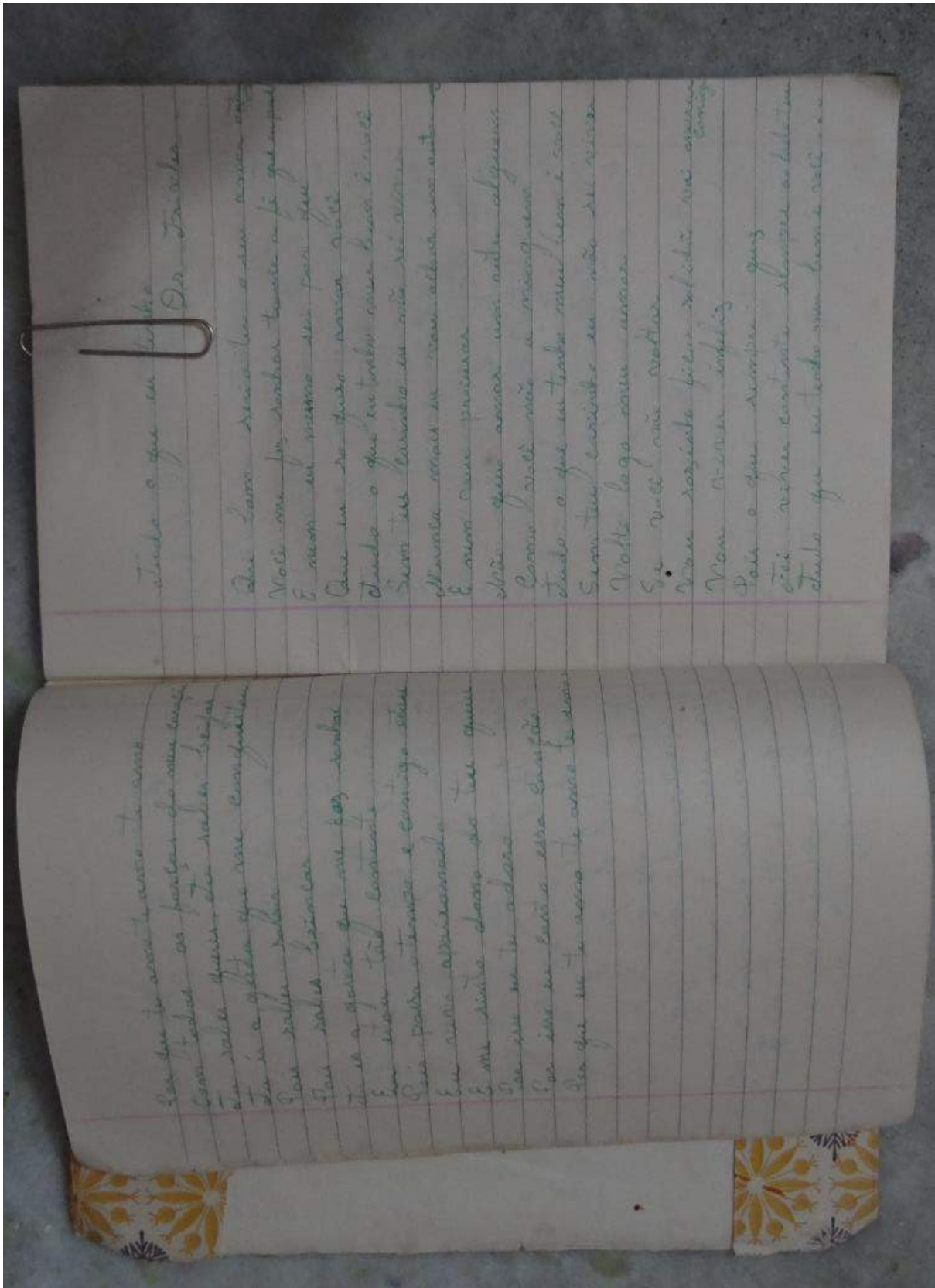
Fotografia da autora.

Figura 63 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Uso misto de canetas



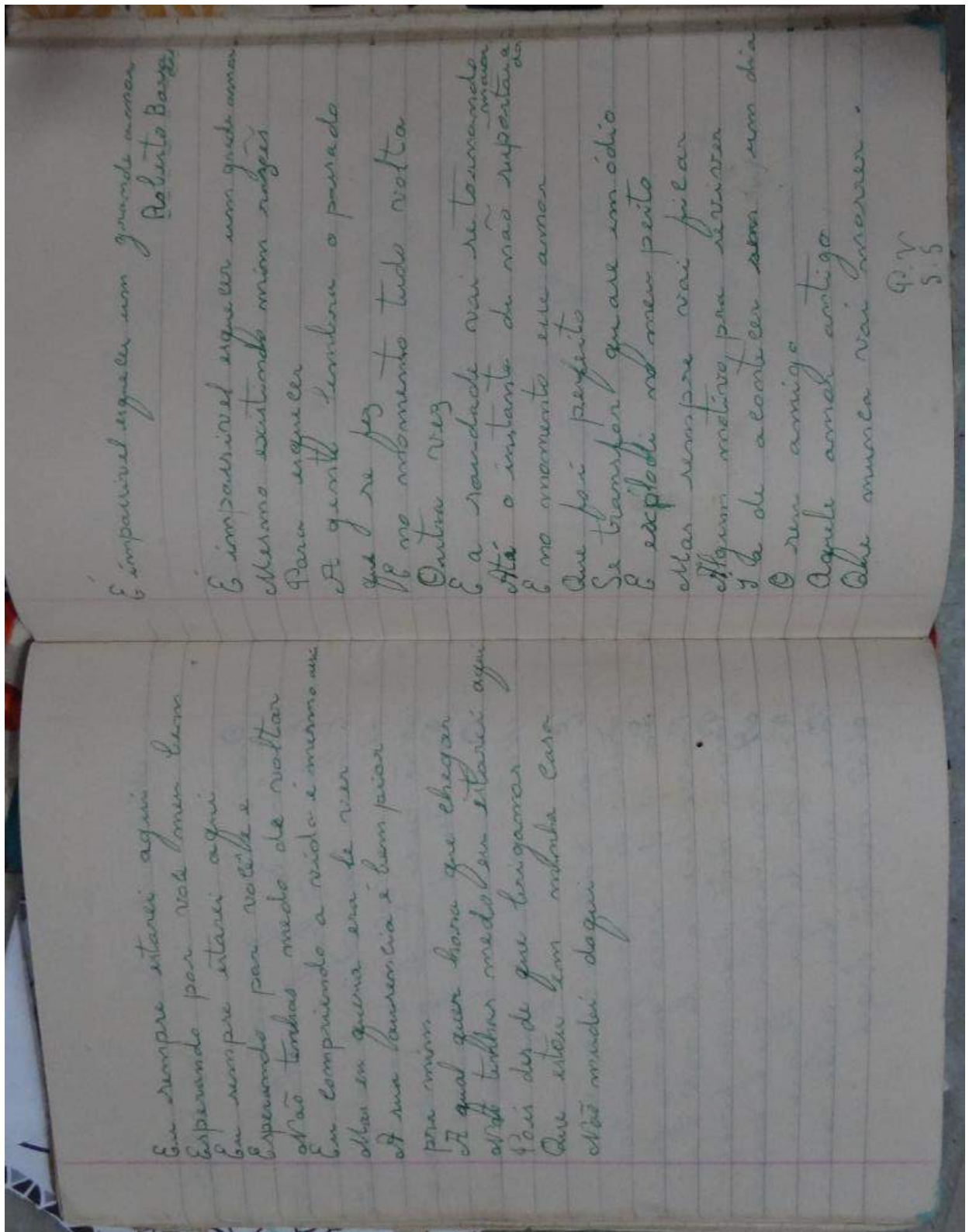
Fotografia da autora.

Figura 64 – Caderno de músicas (1972) de Maria – O uso de clips - seria um destaque?



Fotografia da autora.

Figura 65 – Caderno de músicas (1972) de Maria – Presença de Roberto Carlos



Fotografia da autora.

Quando às características, o caderno de músicas tem as dimensões 22 x 15,5 cm. Possui 90 folhas, o que corresponde a 180 páginas. Destas, oitenta páginas receberam registros, totalizando 108 (cento e oito) letras de músicas. Destas, é possível observar que: 85 (oitenta e cinco) contemplam título e cantor; 17 (dezesete) têm o título, mas não o cantor; 2 (duas) têm o nome do intérprete, mas não o título; 2 (duas) contemplam o título, nome do intérprete, mas não a letra; e 2 (duas) contemplam a letra, mas não o título nem o nome do intérprete. Isso permite pensar a heterogeneidade do processo de registro de Maria e que as escritas aconteceram em uma sequência de dias, que requeriram disciplina e persistência. Se houve desejo de “saber de cor” uma letra de música, para então escrever num único gesto, isso não foi possível. Arrisco afirmar que a escritura das músicas e a elaboração deste caderno pode ter significado de “provisão para lembrar” (RICOEUR, 2007), constituir disponibilidade para ouvir cada verso dentro de si.

Observo, ainda, que na seleção de um universo de mais de cem músicas, nem todas ganharam o mesmo status de comunicação, isto é, nem todas puderam se apresentar com a identificação de título, intérprete e mesmo a letra completa. No total das oitenta e cinco letras de músicas que receberam título e intérprete, há a presença de mulheres. São elas (entre parênteses, indico a quantidade de músicas): Cláudia B. (1); Dalva (1), Terezinha Curtis (1); Vanuza (1); Wanderléia (1); Diana (2); Evinha (2) e Carmem Silva (3). Além destas, localizei na internet mais duas canções interpretadas por mulheres, cujos nomes estão ausentes no caderno: uma é de Carmem Silva, com a música “Eu posso não prestar mas eu te amo” e outra é Cláudia Barroso, e a música “Silêncio”.

Quanto às duplas de cantores, comparecem: K Reis e Cristina; e Diana e Vilsom. Quanto aos conjuntos musicais, estão presentes: Os frivoles (3); Os super quentes (2); Os selvagens (1). Quanto aos cantores masculinos, o que tem maior expressão é Roberto Carlos, cujas músicas presentes são: “Agora eu sei”; “Por amor”; “Um gato nelblu”; “Se eu partir” [título ausente]; “Os caracóis dos seus cabelos”; “A namorada”; “Como dois e dois”; “Quando as crianças saírem de férias”; “A montanha”; “A distância”; “Como vai você”; “O show já terminou”. As doze letras de Roberto Carlos atravessam a geração de Maria e estão presentes na atualidade, e talvez alguns as conheçam cantadas nas vozes de outros intérpretes. Outros cantores da geração Jovem Guarda cujos nomes se inscrevem no caderno de Maria são: Jerry Adriani (5); Wanderlei Cardoso (4); Ronnie Von (3) e Odair José (2).

Ao longo de todo o caderno de músicas de Maria, não há registros de desenhos, nem outros temas, prevalecendo o objetivo de caderno de músicas. De forma geral, nas três materialidades confiadas à pesquisa por Maria, não há símbolos gráficos como desenhos ou

outras simbologias, uso das páginas para a realização de contas matemáticas, nem anotação de datas de aniversários. Algumas marcas de escolarização estão perceptíveis no caderno de músicas: o predomínio da letra manuscrita, a posição centralizada do título, a identificação do cantor – mesmo quando ausente, reserva uma linha para o momento de completar este dado –, o uso da primeira letra maiúscula para título e nomes próprios, algumas linhas de intervalo antes da inscrição de outra letra de música.

Diferentemente das agendas, no caderno de músicas predomina uma prática de escrita realizada a caneta. A julgar pela data, o caderno de músicas foi escrito quando Maria tinha 14 anos, e não 17 anos, como ela afirma – pois o caderno é de 1972 e ela nasceu em 1958. Ou será que ela quis manifestar que trabalhou com este caderno até seus 17 anos? É uma possibilidade, visto que ela explana que foi antes de mudar-se a Porto Alegre, mudança que ocorreu quando ela completou 17 anos. De toda forma, a conservação deste caderno de músicas indica que a prática de escrita de Maria não é algo iniciado somente após a sua reaproximação com a Igreja, mas que ela guarda uma relação mais antiga com esta prática. E ao conservar sua materialidade, Maria demonstra apreço para recordar-se da Maria que um dia já foi.

No conjunto dos guardados de Maria, observo o predomínio do lápis para a escrita na agenda. Somente quando registrou sua identificação, agendamento médico e um ou outro dado na agenda de telefone, Maria fez uso da caneta. Fico a pensar se seria por falta de familiaridade, visto a frequência escolar até meados do segundo ano do ensino fundamental, numa época em que prevalecia o uso de lápis para o aprendizado escolar.

Sobre a história de alfabetização de Maria, ela informou que foi alfabetizada em casa, quando a filha biológica do casal com quem residia, mencionada como “família de criação” atingiu a idade de aprender. O casal contratou uma professora particular, que vinha da cidade e residia com a família durante a semana, e em horários específicos “passava a lição”, de segunda a sexta-feira e que ia embora aos fins de semana. Foi assim que Maria, nascida em 1958, na área rural de uma cidade pequena da região central do Rio Grande do Sul, se alfabetizou: em casa. Quando o aprendizado escolar precisava ser incrementado, isto é, a alternativa para que as crianças pudessem continuar estudando era frequentar uma escola na cidade, a “família de criação” vendeu a propriedade na área rural e se mudou para a cidade, onde as crianças (Maria e uma irmã de criação em idade escolar) foram matriculadas na escola. Pelo tempo cronológico, era meados da década de 1960 – período em que aproximadamente 40% da população brasileira encontrava-se analfabeta, segundo os dados de

Alceu Ferraro (2002, p. 34). Maria relata que não se adaptou à escola, depreendido na fala de que frequentou “- seis meses, talvez nem isso”.

Cabe retomar a primeira abordagem feita à Maria sobre a proposta desta pesquisa. Quando perguntei se já gostava de escrever no tempo da escola, ela manifestou negativamente, e que também “- não gostava muito de ler no tempo da escola”. Esta característica contrasta com a prática hoje frequente de quem afirma sentir falta da inscrição de si/ de seu cotidiano, quase uma tristeza quando “- não dá tempo de escrever” todas as noites.

Suas agendas são utilizadas como suporte para a escrita da vida comum, permeada pelas suas relações pessoais e sociais. Abaixo, trancrevo como exemplo o registro da quarta-feira dia 15 de fevereiro de 2017:

“Passei a manhã fazendo uma carta para a minha irmã a tarde pedi ao Senhor uma palavra a respeito do assunto do dia a Lucia Ezequiel 44 e 45: Ler e meditar nos versículos.” (Maria, Agenda de 2017, 15/02/2017)

Reflico que através das práticas de escrita ordinárias ocorridas na atualidade, aqui analisadas através de suas agendas, Maria exerce uma reflexão sobre o cotidiano, mais do que sobre planos e projetos futuros, função hodiernamente mais relacionada ao diário íntimo. Ramos (2000, p. 197) realizou pesquisa sobre o uso de agendas por adolescentes nos anos 2000 e concluiu:

Não há nas agendas muitos planos, as garotas procuram saídas no próprio cotidiano, buscam mais companhias do que compaixão, e a presença masculina é a motivação da maioria de suas anotações: [...] (RAMOS, 2000, p. 197)

Em sua pesquisa, Ramos destaca que as adolescentes com práticas de escrita de agendas possuem uma relação de amigo confidente com as mesmas, função que outrora estava ligada ao diário íntimo. Similar, a prática de escrita de Maria está a “busca por saídas”, que seriam a busca por interlocução, quando pede uma palavra a Deus. Ramos (2000, p. 198) ainda argumenta que, para as adolescentes, as agendas, tais como o diário, “recriam vidas, escrevem histórias, preenchem lacunas, tornando-as uma segunda coisa, mais refletida e emblemática.”. Percebo que Maria também faz de suas agendas um suporte para refletir sobre sua vida. Ainda que inexista uma leitura estável sobre o passado, através de suas práticas de escrita ordinárias, ela produz um território ou um pouso que almeja ser seguro para si.

Após a apresentação e descrição do conjunto das escritas de Maria, observo algumas especificidades e regularidades:

- a ausência de pistas de que datas de registro coincidam com as datas impressas nas páginas das agendas, reutilizadas;
- os registros são realizados majoritariamente a lápis;
- pouco uso de caneta para os registros;
- em vários momentos, consta o registro de um título na posição superior e central da página;
- nenhuma ilustração ou desenho de próprio punho;
- não há numeração das páginas;
- com frequência, os registros ocorrem no espaço de uma página ou menos, como nas agendas;
- predominam os registros realizados recentemente, materializados nas agendas, mas a conservação do caderno de músicas possibilita suspeitar de um interesse muito anterior de Maria pelo território da escrita.

Embora a prática de escrita em suas agendas não tenha sido diária, os temas registrados se interconectam com a mensagem narrada, especialmente quanto à fé religiosa. Não é uma escrita que visa à produção autobiográfica, mas contém traços autobiográficos. Sobre o fato de que nem sempre a identificação foi visível, ou mesmo o uso constante de lápis, cujos registros podem não perdurar ao longo do tempo, lembro a pergunta de Lejeune: “É impossível que a vocação autobiográfica e a paixão do anonimato coexistam no mesmo ser?” (LEJEUNE, 2014, p. 39).

Sobre as práticas de escrita no caderno de músicas, Maria não fala diretamente “sinto...”, mas talvez seus sentimentos de adolescentes estejam diretamente relacionados à seleção das músicas. Além disso, a materialidade conservada após quatro décadas permite entrever alguns gestos que a acompanharam na elaboração deste caderno: o desejo inicial de ter um espaço para reunir suas músicas preferidas; o trabalho de escolha e seleção; a preparação, reservar os instrumentos; o acesso ao rádio; a dedicação de tempo, a estratégia: escutar com atenção e decorar as letras, para então escrevê-las. Por tudo isso, pode ser compreendido como um espaço de dedicação e composição para si.

LINHAS DE ESPERANÇA DE FÊNIX

Fênix nasceu em Porto Alegre/RS. Reside em Viamão/RS desde 1997. Tem graduação em Pedagogia e antes, por quatro anos, estudou Teologia no seminário. Trabalha como revendedora de cosméticos. Nasceu em 1964.

O primeiro encontro com Fênix ocorreu em novembro de 2018. Antes de nos conhecermos, participávamos de um grupo do [aplicativo] *WhatsApp* sobre a temática quilombola. Foi ali que anotei seu contato, interessada em perguntar sobre o lançamento de um livro de poesias de sua irmã, que ela anunciara no grupo. Quando telefonei, apresentei brevemente sobre a proposta de pesquisa, e ela respondeu que sua irmã não usava o *WhatsApp* mas podíamos marcar um encontro nós três em Porto Alegre, um dia em fim de tarde. Fênix retornou o contato em novembro de 2018, e de forma inusitada. Lembro que era um sábado de manhã quando recebi sua chamada, que logo reconheci porque havia salvo seu contato em meu aparelho de celular. Quando atendi, nossa conversa foi desconexa, e então ela percebeu que ligara por engano, quando procurava uma pessoa com nome parecido. Aproveitei o momento, este acaso, e retomei a proposta da pesquisa, solicitando agendar um horário específico. Ela disse que sim, mas precisaria aguardar um pouco, pois estava muito ocupada com os preparativos do casamento de um dos filhos. Combinamos de nos encontrar após o casamento de seu filho, e diante de diferentes alternativas, acabamos nos encontrando no dia 29 de novembro, em minha casa.

Nos encontramos num fim da tarde em minha casa. Ofereci chá e bolo a Fênix e as guloseimas anteciparam nossas falas.

Muito simpática, Fênix apresentou um pouco de si: é casada, tem cinco filhos, nasceu em Porto Alegre/RS, e há cerca de trinta e cinco anos, vive em Viamão. Depois, falei de mim, do trabalho no Serviço Quilombola no INCRA/RS, do curso de mestrado e da pesquisa sobre as práticas de escrita ordinárias com foco em mulheres quilombolas e também mulheres negras. Apresentei que o interesse especial é compreender os sentidos atribuídos pelas mulheres às suas práticas de escrita cotidianas, como os bilhetes para ir ao mercado, os cadernos de receitas, os cadernos de músicas, também os de poemas, os álbuns de família e até mesmo os diários, que seriam objetos mais pessoais. Fênix afirmou que é interessante e disse que gosta de escrever, que tem alguns cadernos em casa, mas como estava conhecendo hoje minha pesquisa, não trouxe nenhum. Falou de sua irmã, que escreve poemas e publicou um livro há pouco tempo. Destaquei então o foco da pesquisa para pessoas comuns, no sentido que não ocupam posições públicas, como acontece com pessoas famosas.

Desde este primeiro encontro, vários outros se seguiram, como narro sucintamente abaixo. Fênix apresentou-se uma interlocutora interessada não só em participar da pesquisa, como também realimentar a relação comigo. No início, tive dúvidas sobre a participação de seus registros na pesquisa, pois Fênix é mais jovem que as demais participantes da pesquisa e possui um blog, um espaço onde escreve para ser lida. Contudo, a nossa interlocução foi crescente e com frequência ela telefonou-me perguntando sobre o desenvolvimento da pesquisa e, aproveitando o ensejo, a oportunidade de confiar mais um caderno, de tal forma que ela comparece aqui com o maior número de materialidades confiadas à pesquisa: quatro agendas e oito cadernos. Embora nem todos os seus cadernos integrem o corpus empírico da dissertação, pois alguns contêm registros exclusivamente escolares, a manifestação de Fênix mostra-se importante em uma pesquisa sobre as práticas de escrita ordinárias de pessoas comuns.

Lejeune (2014) afirma que aquele que está na segunda metade da vida e escreveu textos autobiográficos, “como se trata da narrativa de sua vida, gostaria de compartilhá-la, em vida e com outros vivos” (2014, p. 243). Existem três possibilidades para isso, continua o autor:

- a) a publicação – quase impossível, pois “os editores recusam, e essa recusa é muito dolorosa para as pessoas, frequentemente ingênuas, que os procuram”. Se com esta negativa a pessoa decidir patrocinar a publicação, “seu texto é impresso, mas ninguém o lê” (2014, p. 243-244);
- b) procurar um arquivo – mas não há espaço, a menos que tenha sido uma testemunha histórica importante, pois “a escrita pessoal só é digna de ser arquivada se demonstrou ter sido capaz de sobreviver durante 50 ou 100 anos em meio hostil...” (2014, p. 244);
- c) recorrer à família – onde também não há garantia de que os textos serão acolhidos, pois as famílias se dedicam mais à memória oficial e do grupo do que à conservação de textos individuais. Assim, “só Deus saberá o que acontecerá com esta herança. Muita coisa é jogada fora nesses casos. Na melhor das hipóteses, negligentemente conservada.” (LEJEUNE, 2014, p. 244).

Há de se fazer uma distinção especial quando as pessoas comuns são mulheres. Como lembra Perrot (2005), muitas nem pensariam na opção “c” acima descrita e, “pressentindo a indiferença, se antecipavam a ela ‘colocando suas coisas em ordem’, isto é, destruindo seus cadernos íntimos, temendo a incompreensão ou a ironia de seus herdeiros” (PERROT, 2005, p. 35).

A partir dessas considerações, podemos indagar acerca das alternativas que restam às pessoas comuns e aos seus textos, cuidadosamente conservados como uma memória de si. Ao se privilegiar os “*usos políticos e institucionales de la escritura, producidos y conservados con la explícita voluntad de convertirlos en ‘lugares de memoria’*” (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 223), os registros de escrita de pessoas comuns foram frequentemente desprezados como possibilidade de documento histórico. As rupturas da virada linguística dos anos 1970 propiciaram um novo campo de conhecimento, como já abordei na Introdução, com o advento da História Cultural, que inspira os caminhos à produção desta dissertação.

A interlocução com Fênix contribui a pensar acerca do interesse das pessoas comuns em ver suas memórias conservadas, muito embora exista uma certa invisibilidade sobre seus registros, especialmente se são mulheres, como assinala Perrot (2005). Trata-se de uma memória que não está somente nos depoimentos orais, mas foi registrada também em diversos objetos textuais, não só aqueles “oficiais”, como os documentos civis, mas também os que cada sujeito produziu para si ao longo de uma vida. Assim, considero importante a análise dos artefatos que Fênix foi me confiando ao longo de quase um ano.

O segundo encontro com Fênix ocorreu numa segunda-feira, dia 17 de dezembro de 2018, quando ela me perguntou se eu estaria em casa, no fim da tarde. Ela disse que viria a Porto Alegre e poderia passar em minha casa, pois tinha alguns cadernos que gostaria de me mostrar. Quando chegou, trazia, além da bolsa pessoal, uma mochila, onde abrigara seus cadernos e agendas. Trouxera seis neste dia. Estes, por sua vez, deram abrigo, ao longo dos anos, à sua existência pessoal.

Fênix propôs-se a ler uma de suas agendas, especial porque ganhara do esposo: uma agenda devocional, com uma página de leitura bíblica por dia. A cada meia página que lia, demonstrava refletir sobre as motivações de escrita daqueles dias, que aparentemente não lembrava mais. Ou, poderia estar vivendo uma outra “combinação” de lembranças e esquecimentos, recriando a lembrança que até então guardara – situação comum a todos, como explica Viñao Frago (1999):

[...] Todos, sin excepción, recreamos el pasado y mezclamos recuerdos y olvidos. La memoria no es un espejo, sino un filtro, y lo que sale, a través del filtro, no es nunca la realidad misma, sino una realidad siempre recreada, reinterpretada y a veces, incluso, consciente o inconscientemente imaginada hasta tal punto que puede llegar, en la mente del que recuerda, a substituir, com ventaja, a lo realmente acaecido. [...]” (VIÑAO FRAGO, 1999, p. 224)

No excerto, Vinão Frago expõe que a memória não é um espelho, mas um filtro, que nem sempre condiz com aquilo que recebe o nome de “realidade”. Existe uma invenção, uma criação sobre o que denominamos “realidade”, de forma consciente ou inconsciente, mas que ocorre com todos nós, “*sin excepción*”. Janaina Amado (1995, p. 131), não titubeia em afirmar que a memória “seleciona e reelabora componentes da experiência”. Assim, a pausa de Fênix durante a leitura de sua agenda devocional, por mim apontada como um momento de reflexão, é também uma reelaboração da escrevente, onde encontra a si mesma, mas já outra, em decorrência das experiências acumuladas após a realização da escrita.

Compreendendo a “realidade” como criação, invenção, as práticas de escrita possibilitam a experiência de narrar-se de forma única, como ninguém mais o vê. Durante a produção desta pesquisa, não busquei junto às mulheres uma única “realidade”, nem nos manuscritos, nem durante as conversas. Ao contrário, a intenção foi refletir sobre alguns possíveis sentidos que atribuíram às suas experiências de vidas, às “pistas” deixadas em seus suportes de escrita, variados, e de diferentes momentos da vida.

Na relação com Fênix, chama a atenção a forma como apresenta seus cadernos à pesquisadora: a leitura em voz alta. Será que ela fazia isso para si também, após a escrita? Será que o sentido da leitura em voz alta só inicia com a presença de um ouvinte? Após a leitura, ela observa que o mais comum era escrever pela manhã, e o tempo de escrita costuma estar presente com as expressões “Bom dia”, “Boa tarde” e “Boa noite”. Explicou-me que o exercício da escrita lhe ajudou no processo de tratamento da depressão e, inclusive, era uma das recomendações do psiquiatra. Com esta fala, perguntei se outras pessoas do grupo de ajuda que ela participava no hospital haviam lhe narrado sobre práticas de escrita, mas ela disse que não. Por fim, ela observou que as datas, especialmente no final do suporte, não correspondiam aos dias impressos na folha da agenda, e que eu deveria guiar-me pela data indicada a caneta, feita por ela. Este gesto da escrevente pode ser interpretado como uma atuação sua sobre o suporte que tinha em mãos, não apenas seguindo-o, mas adaptando-o às suas necessidades e por vezes transgredindo a norma.

No dia 8 janeiro de 2019 ocorreu o terceiro “contato” com Fênix, por telefone. Ela perguntou se eu leria todos os seus cadernos para a pesquisa, porque era muita coisa e, de forma gentil, manifestou que poderíamos conversar novamente, se eu quisesse perguntar algo. Com o seu contato, fiquei imaginando como estariam se sentindo as demais mulheres da pesquisa, se havia esta expectativa também sobre a participação de seus registros na minha

dissertação. Em Fênix, vi quase uma alegria²⁰ pelo meu interesse por suas histórias e produções escritas.

O quarto “contato” ocorreu também por telefone, em 22 de janeiro de 2019. Fênix ligou pela manhã e perguntou se eu estava em casa. Com a minha negativa, respondeu: “- ah, que pena, pois eu te trouxe mais um caderno... acho que vou deixar na portaria do teu prédio e depois ele [o porteiro] te entrega”. Eu concordei e agradeci. Ela relatou que este era um caderno que escreveu após a leitura de um livro, e já estava procurando, mas não encontrara antes, pensando até ter perdido. Pediu para que depois eu contasse a ela a minha opinião. Além do interesse em fornecer mais materiais, ela me respondeu por aplicativo de rede social, depois de eu enviar uma mensagem de agradecimento, que ela estava se redescobrando ao reler seus registros. A partir da caneta e papel, os cadernos e agendas forneceram asilo aos seus desenhos e escritas.

A produção escrita, em letras ou desenhos, pode ser um ato de buscar a memória em ao menos dois sentidos: a) para não perder, para ter a possibilidade de lembrar-se depois; b) como um registro da memória, expresso por Ricoeur (1997) como “provisão de lembranças para o futuro”. A materialidade do registro pode ser um elemento evocador das lembranças, quando o cotidiano houver trazido “outras paisagens” e temas a se preocupar. A fala de Fênix exemplifica isso, a possibilidade de revisitar não somente os cadernos, mas também a própria história. Além disso, os cadernos e agendas possuem outra vantagem: permitem reunir diferentes tipos de disparadores da memória em um só lugar, por exemplo ingressos, fotos, marca-páginas, mensagens de oração. Nas páginas anteriores pudemos ver que os cadernos de Marilene comportam também bilhetes e desenhos de outras pessoas. Nas agendas de Fênix, identifiquei lembretes de versículos bíblicos, talvez para si, talvez ao alcance de estabelecer novas relações.

Meu quinto contato com Fênix foi presencial, no dia 5 de abril de 2019, em minha residência. Ela ligou no final da tarde e perguntou se eu estava em casa. Na minha afirmativa, ela perguntou se poderia me encontrar, pois estava para sair do Hospital de Clínicas e não demoraria a chegar.

Neste dia, Fênix narrou outras experiências do passado. Perguntei se escrever era uma prática da juventude ou mais recente. Sua resposta foi que na juventude ela não escrevia com frequência, e que muitas vezes escreve como se fosse uma carta a Deus, inspirando-se no

²⁰ Pouco tempo antes da defesa da dissertação, em janeiro de 2020, uma fala de Fênix, por telefone, me trouxe outra compreensão sobre esta sua alegria com a pesquisa: “- fortalecer a narrativa de uma mulher, é fortalecer a todas”. Uma possibilidade, pois, de ir diminuindo os silêncios acumulados ao longo da história.

livro *A cor púrpura*²¹. Como será descrito adiante, seus registros se caracterizam como uma espécie de “carta-prece”.

Fênix contou que escreveu um projeto para receber patrocínio da Avon, e que foi pré-selecionado em 2017. O projeto visa ajudar mulheres que sofreram/sofrem violência doméstica. Expressou então um sonho: de formar uma rede cristã para acolhimento destas mulheres. Em suas palavras, o trabalho voluntário é difícil, porque falta apoio. Comentou que a Igreja que frequenta ofereceu-lhe um espaço, mas precisaria também de um computador para começar a escrever e é fundamental um armário com chaves, pois tem documentos das pessoas que ela precisa resguardar. Narro estes pontos para pensar, pois comparecem em muitos dos cadernos confiados à pesquisa. Além disso, os cadernos testemunham uma intensa participação em palestras ou cursos voltados ao tema dos direitos humanos, como um curso de formação de promotoras populares, por exemplo.

²¹ O livro *A Cor Púrpura* “é um romance epistolar da premiada escritora estadunidense Alice Walker, lançado originalmente em 1982. No ano seguinte, foi agraciado com o Prêmio Pulitzer. Entre outros temas, trata de questões de discriminação racial e sexual” (<https://www.bing.com> - acesso em 10/12/2019).

Quadro 15 - Os suportes de escrita de Fênix

Tipo de suporte	Qtde de folhas Presentes	Espaços sem registros	Supressão de folhas	Indícios de período de uso
Agenda escolar 2008. Na capa, imagem de Jesus.	117, mais 4 folhas anexas, do mesmo suporte, e mais 5 folhas avulsas	58 folhas e mais 13 páginas	Sim	2008-2009
Agenda com capa preta, 2012	60 mais 4 folhas com mapas de todo o mundo.	-	Sim	2013
Agenda do Educador 2015 – AECBB	50	Oito páginas, mais quatro páginas com mais de 50% espaço vazio.	Sim	2015
Agenda 2015 – Presentes Diários – Momentos Devocionais	189 (cento e oitenta e nove)	20 páginas no mês de janeiro e 20 páginas no mês de fevereiro.	Sim, duas folhas	2015-2016
Caderno Atrevida	8 + 14 folhas anexas	-	Sim	2011
Caderno grande 1 – capa com sol e o nome “Jesus...”	62	-	Sim	2003
Caderno grande 2 – capa com mesa de DJ	42	34 folhas	Sim	2018
Caderno grande 3 – capa menina segurando flores	43 + 14 folhas anexas	1 folha	-	2000 (folhas anexas: 2017)
Caderno grande 4 – sem capa	96	4	Sim	2008
Caderno grande 5 – com moto na capa	78 + 22 folhas anexas	23 páginas	Sim	2017
Caderno grande 6 – capa vermelha	76	3 páginas	Sim	2015
Caderno grande 7 – capa Style Sports	86	65 folhas	Sim	2011

Agenda escolar 2008

Diversas imagens de agenda escolar podem ser obtidas na página do Google na internet, por exemplo estas abaixo. Nessas imagens, vê-se que nenhuma delas relaciona-se à temática religiosa, tal como a capa da agenda de Fênix.

Figura 66 – Exemplos de agendas escolares, encontradas no Google

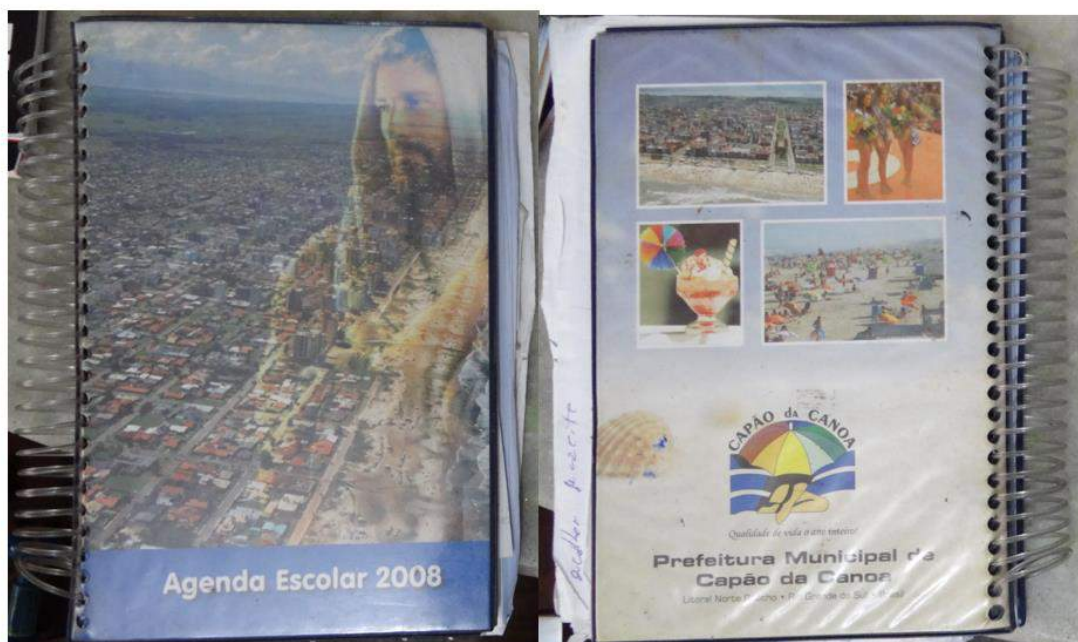


Fonte:

<https://www.bing.com/images/search?q=agenda+escolar&qpv=agenda+escolar&form=IQFRML&pc=DCTS&cc=BR&setlang=pt-BR&cvid=e6c9ff51215e491a9b4f69700592f327&qs=HS&nclid=ED20AEDBB86737863FBC915A7F63E81E&ts=1577792272207&first=1&cw=1684&ch=752> - Acesso em 20/12/2019.

A agenda escolhida pela escrevente para uso cotidiano relaciona-se com uma de suas características pessoais: o forte envolvimento com a religião. Esta materialidade tem formato espiral, medindo 14 x 21 cm, e traz em sua capa a imagem de Jesus. Logo que abri a agenda, encontrei elementos típicos desse suporte, como espaço para o registro de Aniversários (2 páginas), Anotações (4 páginas), que constam igualmente ao final de cada mês, e Contatos (2 páginas). Não está presente a página de identificação, elemento comum nas agendas, e como as páginas são datadas sequencialmente, observo que algumas folhas foram suprimidas. Estes dois fatores dão pistas de que a agenda foi recebida de outro escrevente, que o utilizara primeiro. A letra e temas manuscritos são elementos que identificam Fênix como a escrevente.

Figura 67 – Agenda 2008 de Fênix – Capa e contracapa



Fotografia da autora.

Nas primeiras páginas, observa-se que naquela correspondente ao dia 7 de janeiro, foi registrado: “Agosto”, em sequência indicadas algumas atividades com datas específicas: “08/08/09”; “21/08”; “25/08”. Aqui, a reutilização do suporte confirma, ao leitor atento, que os registros não têm relação exclusiva com o ano de 2008, informado na capa. Verifica-se, ao contrário, que acompanhou a escrevente pelo período de no mínimo três anos.

Na página do dia 8 de janeiro, destaco os dizeres relacionados à informática, o que fazem pensar que a escrevente utiliza esta tecnologia na sua rotina: “c:\local\nome.arq”. Isso se confirma na continuação da leitura, pois nas páginas referentes ao mês de março há registros de endereços de sítios eletrônicos na internet e de e-mails, acompanhados de nomes de autores, captados em uma possível aula ou palestra, com o tema “Projeto étnico”, registrado no alto da página. O registro de e-mails ocorreu também nas folhas de Contatos ao final da agenda.

Nas páginas existentes do mês de abril, no alto da página do dia 3 de abril, o registro “LIVROS – Bibliografia”, anuncia uma lista com título do livro, autor e números de referência, provavelmente para localização em uma biblioteca. Aqui, percebe-se ser a biblioteca um dos espaços que a escrevente frequenta. Os cinco títulos de livros nesta página estão relacionados à mensagem religiosa: “Deus Negro”, “A música dentro e fora da Igreja”, “Pistas para uma leitura Afrodescendente”, “Orar com Martin Luther King” e “Hemenêutica

Bíblica Negra”. Este tema guarda relação com a sua formação no curso de Teologia. Ainda no mês de abril, na página do dia oito, destaco a frase: “Podemos trabalhar a cultura negra desde a educação infantil” e, em letra maior: “Projeto Bonecas Negras”, seguido de “falar da história da África”. Outras palavras são “tambor de crioula”. O interesse pelo tema da história da África comparece aqui e também em outros cadernos da escrevente, podendo ser interpretado como uma disposição em se envolver mais e proporcionar debates, inclusive dentro da igreja.

No mês de agosto – que inicia na página do dia oito – uma nova proposta: o interesse em incluir Receitas. Esta palavra foi escrita diagonalmente, marcando um novo espaço. Contudo, nas páginas seguintes, apenas uma receita está registrada: “Frango à xadrez”. Mas o interesse por receitas culinárias aparece de outra forma: em cinco folhas avulsas, pautadas e não pautadas, presentes ao fim da agenda. Constatei que apenas aqui e em um caderno grande houve a presença de receitas culinárias. Na página do dia 24 de agosto, foi anotado: “Dia em que morreu Getúlio Vargas” e “55 anos da morte de Getúlio Vargas (1954)”. Expondo conhecimentos de matemática, pode-se apreender que o registro foi realizado no ano de 2009 (1954+55).

No mês de setembro, estão ausentes as folhas que conteriam os dias 1 a 16. E estão “soltas” as folhas dos dias 17 a 25, representando que foram subtraídas do suporte original.

Nas páginas que compreendem o período de 29 de setembro até o dia 24 de outubro, a escrevente parece realizar uma nova transgressão do uso da agenda, inserindo reflexões sobre sua vida, diferentemente das anotações de tarefas e de palestras antes comentadas. Os registros relacionam-se à escrita de si, de sentimentos, e estão marcados pela fé religiosa.

Abaixo, transcrevo diversos manuscritos que permitem compreender o uso da agenda de Fênix como um espaço de diálogo consigo mesma, para perguntar-se, examinar os passos já dados e planejar os próximos. Suas questões e dúvidas, presentes nesta materialidade, são quando à família, à igreja, a como executar alguns projetos pessoais. Para não esgotar a apresentação, deixo ao leitor algumas passagens:

“Como eu lido com emoções fortes? [...] Preciso conversar com meus filhos e firmar alguns acordos e reafirmar outros, e colocar num papel” [Fênix, Agenda 2008, página do dia 29/09/2008]

“Vale a pena refletir

Neste exato momento, a que você está se agarrando e o que precisa abandonar para seguir adiante na vida? O que o impede de confiar que Deus vai pegá-lo?

A princípio, não sei no que estou me agarrando, me apoiando.

Mas algumas situações me deixam angustiadas. [...]” [Fênix, Agenda 2008, página de Anotações de Setembro]

“Vale a pena refletir

Áreas onde as possibilidades de assumir um risco são maiores?

Possivelmente profissional e espiritual.

Pois gostaria de me dedicar na obra missionária, mas não recebi resposta.”

[Fênix, Agenda 2008, verso da página de Anotações Setembro]

“[...] Toda atividade voltada a população afrodescendente, e aos projetos que eu desenvolvi, sempre eu arrisco. E com certeza o Senhor me guardou e me honrou.

Mas a minha dificuldade é financeira.” [Fênix, Agenda 2008, página do dia 01/10/2008]

“[...] Pode ser que na área espiritual eu esteja com alguma dificuldade. Arriscar mais, em algum momento, pode não ser bom.

Não tenho certeza. [...]”

[Fênix, Agenda 2008, página do dia 02/10/2008]

“[...] Para vida toda

1. Lista de itens, dons e oportunidades que você recebeu para gerenciar.

➔ [...]

➔ facilidade para me relacionar, conversar com estranhos, [...] [Fênix, Agenda 2008, página do dia 03/10/2008]

“A minha capacidade intelectual eu nasci com ela, portanto, dádiva de Deus.

Não tive nenhuma dificuldade de aprendizagem que me impedisse de concluir meus estudos.

[...]

Também me esforcei, mas sei que devo muito à minha mãe, pois seu exemplo sempre falou mais que suas palavras. Uma mulher trabalhadora. Trabalhou como doméstica, lavadeira, faxineira, até chegar na função de auxiliar de rouparia. Fez o Mobral [...]”

[Fênix, Agenda 2008, Página do dia 06/10/2008]

“[...] Eu recebi exemplo de vida. Eu não sei explicar se tive algum controle porque todo amor e afeto que recebi foram os res’ponsáveis por eu ser assim como eu sou.” [Fênix, Agenda 2008, página do dia 08/10/2008]

“[...] Se me decepcionei com Deus?

Não sei dizer. É difícil neste momento falar sobre isto. [...]”

[Fênix, Agenda 2008, página do dia 09/10/2008]

*“[...] A minha maior dificuldade não é Deus.
Mas a maneira como as pessoas que dizem que crêem nele são.
Isso me aborrece, chateia, irrita, apavora.
[...]
Racistas, incrédulos, e por aí vai.
Onde está Deus?
Como vencer estas afrontas?”*
[Fênix, Agenda 2008, página do dia 10/10/2008]

*“[...] Decepcionada com Deus?
Isto não seria ingratidão?
21/10/08*

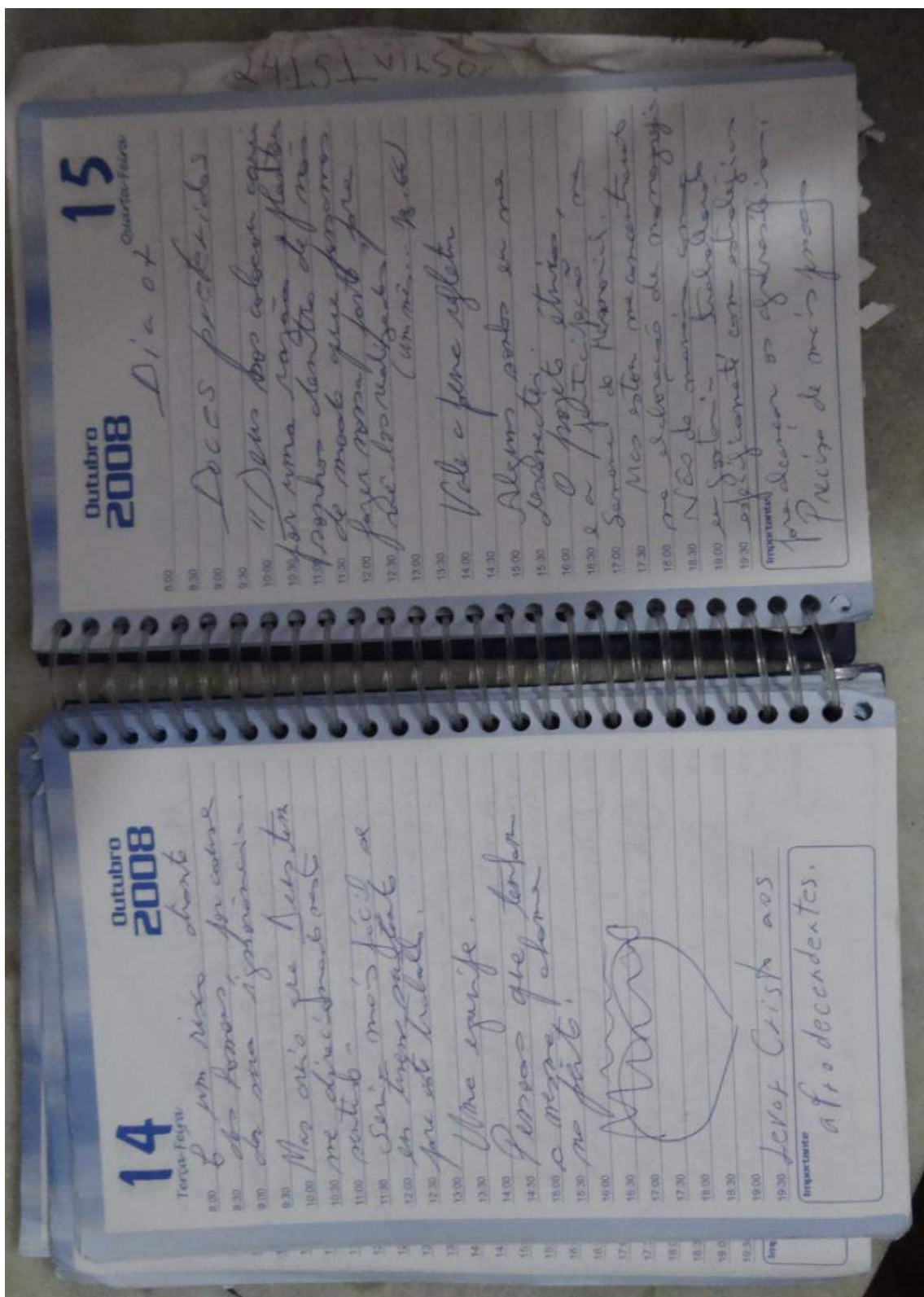
*Riscos?
Iniciar o projeto étnicos.”*
[Fênix, Agenda 2008, página do dia 13/10/2008]

*“Dia 07
Doces preferidos
“Deus nos colocou aqui por uma razão e plantou sonhos dentro de nós
[...]” (um mês ... pg 66)
[...] Alguns sonhos eu me desconectei.
O projeto étnicos e a participação na Semana do Memorial.
Mas estou me concentrando na elaboração da monografia.
Não da maneira como eu gostaria [...]”*
[Fênix, Agenda 2008, página do dia 15/10/2008]

Os registros acima destacados permitem acompanhar reflexões realizadas pela escrevente no final da década de 2000. Confiou ao papel amigo uma preocupação para melhorar a convivência em casa, projetos e sonhos, dificuldades, reconhecimento de algumas qualidades em si. Durante o registro de seus pensamentos, voltou ao passado e lembrou-se da convivência com a mãe, com a imagem de “trabalhadora” e “exemplo de vida”. Além destes pontos, destaca-se um pensamento em movimento, pelo gênero textual que adotou como fio condutor das escritas, na forma de perguntas a si mesma.

De certa maneira, este suporte de escrita foi objeto não só de transgressão de práticas canônicas, mas também de reaproveitamento, supressão de páginas, registros sem sintonia com as datas impressas, a inserção de outros temas que não os compromissos de trabalho ou estudo, uma materialidade onde a escrevente pode confiar seus pensamentos, sem censura. Abaixo, imagem com os registros presentes nas páginas dos dias 14 e 15 de outubro.

Figura 68 – Agenda 2008 de Fênix - Desenhos e escrita de si (página de 14-15/10/2008)



Fotografia da autora.

Agenda capa preta – 2012

Este suporte confiado por Fênix tem formato brochura, a capa preta emborrachada e medidas 16 por 21 centímetros. Sugere uma agenda comercial, com uma página por dia (inclusive sábado e domingo), voltada ao registro de compromissos de hora em hora, com os números 8h a 22h em cada página. A agenda inicia pela página do dia 31 de março, o que sinaliza a possibilidade de reutilização. A observação pormenorizada permite pensar as estratégias da escrevente que adaptam a materialidade a si, às suas necessidades de registro. Sua caligrafia está presente no interior da capa e da contracapa, e o adesivo incluso na capa anuncia a possibilidade de que este objeto pertence a uma pessoa de fé cristã: “Testemunhe as Nações. Pelo poder do espírito. Missões Mundiais 2013”.

Ao longo das páginas, Fênix aventurou-se em diversos temas. Muitas páginas dedicadas à participação em cursos, o que inicialmente excluiria a sua inclusão no corpus empírico desta dissertação. Mas há também registros de sonhos e projetos pessoais, reflexões sobre as situações vividas, que se atravessam entre as anotações de um curso e outro. Se não é propriamente um texto autobiográfico, como os diários, cadernos de memórias e a troca de correspondências, contém, no entanto, traços da biografia da escrevente, circunstanciados ao período do registro.

No interior da contracapa, consta o adesivo da campanha “Escuta lilás”, da Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres, divulgando um número de telefone 0800 para denunciar a violência doméstica. A preocupação com este tema é anunciada pela escrevente em suas falas e em mais de um dos suportes de escrita aqui analisados. Nesta materialidade, comparecem nomes e datas de ligações de mulheres e a busca por um espaço de atendimento para trabalhar na igreja. Constata-se que a fé cristã é a principal forma como encara a vida, para si e para o auxílio a outros.

Quanto à distribuição dos temas na agenda, é possível encontrar:

- referências de livros e revistas, numerados de 1 a 43 (doze páginas). Vinte e um se referem à temática da cultura negra ou a personalidades negras, por exemplo “RS Negro”, “Uma abordagem moderna ao yorubá”, “Michele Obama: a primeira dama da esperança”. Outros temas são: religião, direitos humanos e como elaborar projetos;
- referências de periódicos: 21 títulos (seis páginas). Dez títulos se referem à temática de estudos da cultura negra ou idade e mais três títulos se referem a diferentes edições de “Manual de Condutas Básicas na Doença Falciforme” (doença com maior incidência na população negra). Outros temas são sobre a violência contra a mulher e religião;

- quatro páginas com indicação de Revistas, relacionados à temática da população negra (“Raça Brasil”) e à religião, sendo um deles em inglês: “*Baptist World*”;
- anotações de diálogo com outra mulher sobre o projeto de “estudos bíblicos, com o comentário Bíblico africano”. Na sequência, quatro encaminhamentos, informações sugeridas pela interlocutora para desenvolver o projeto;
- algumas páginas sugerem que uma revisão de acontecimentos, como nomes de pessoas que pediram oração e outras de suas relações e atividades, como “visitaram nossa igreja”, “recebi um telefonema”, “convidei-a para iniciarmos um NEAB na Igreja Batista” e “reuni-me com a diretora e algumas professoras para planejar a Semana da Consciência Negra”;
- anotações de cursos, intercaladas. Os cursos versam, por exemplo: sobre cotas nas universidades e as primeiras leis antirracistas, como a Lei Caó;
- dedicação ao estudo da língua francesa (dez páginas). Iniciou pela informação: “Aula de francês (vídeo aula elaborada por Marcio Francisco). Aula 1”. Seus registros foram realizados com canetas de cor azul e vermelha, elaborou quadros ilustrativos. A décima página contém um dos raros momentos em que deixou a pista de período do uso: 2013;
- Contatos (palavra escrita na parte superior e circulada). Os nomes anotados abrem possibilidades de pensar as temáticas dos cursos e palestras que participa, pois marcou também as instituições jurídicas: IACOREQ (Instituto de Assessoria das Comunidades Quilombolas), do Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública e da THEMIS – Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero;
- sobre “Semana Batista Gaúcha 27 de maio a 1º de junho de 2013” (título). Fez a inclusão de um salmo e destacou uma mensagem, circulando-a. Registrou também algumas falas, apontadas entre aspas e com um nome. Na sequência desta página, vê-se que houve mais de uma folha suprimida;
- o registro “Sessão de Autógrafos [...]” e também “Ñ FUI”, o que passa a ideia de que a agenda foi também objeto de releitura da escrevente;
- temas muitos diferentes numa mesma página. Primeiro, o nome, telefone, local em que conheceu, uma mulher “vítima de violência doméstica” e que está distante dos filhos. Segundo, “Estudo Bíblico [na] casa de Lilian” e a partir de uma seta, indicou “não pode realizar o estudo”. Terceiro: “Entregar documentos na ULBRA” e “OK”, sinalizando que a agenda foi objeto para organização de seu tempo e tarefas. Ulbra é a universidade onde cursou graduação em Pedagogia. Quarto e último item “CECUNE –”;

- registros que sinalizam o interesse no debate e estudo da cultura afrodescendente: “Ciclo de Cinema e Pensamento Africano”, línguas africanas, sincretismo religioso, “barbie muçulmana”;
- registro de compromissos: “telefonar”, “agendar consultar”, “ir no quilombo buscar livros”, “Ir na CEF” (todos com “ok” depois), lista de documentos;
- registro de pedido de oração;
- uma questão pessoal: “* a minha fé não está no ‘grupo-igreja’?”;
- indicação de versículos bíblicos;
- anotação abundante nas páginas destinadas a lista de contatos;
- no final da agenda, uso de uma folha de informações para informações de dia/mês de aniversários de doze pessoas, incluindo o seu, de esposo, filhos, de seu casamento e Jesus. Na contracapa, inscreveu mais seis.

Seus manuscritos sinalizam a prática de leitura; a releitura de seus registros; uma parte da organização da sua vida; uma parte da relação com a igreja e pessoas com quem interagiu. Embora esta materialidade tenha sido usada para vários registros de estudo, aspectos pessoais da escrevente estão presentes nos pedidos de oração e reflexões para si, como no interior da contracapa:

*“Se não tornar seus sonhos realidade, a realidade os levará embora”
Quando a vida lhe sugerir desafios, não fique circulando ao redor dos seus hábitos comuns. O que faz pode desaparecer. O que você é permanece vivo porque transforma os outros.”(Fênix, Agenda 2012, contracapa)*

No espaço à esquerda do interior da contracapa, uma forma de transgressão de uso do suporte mostra um pouco da vida da escrevente. Uma tabela das “Unidades Básicas de Saúde: endereços e telefones”, está colada e onde assinalou uma e registrou os horários de atendimento de uma especialidade médica.

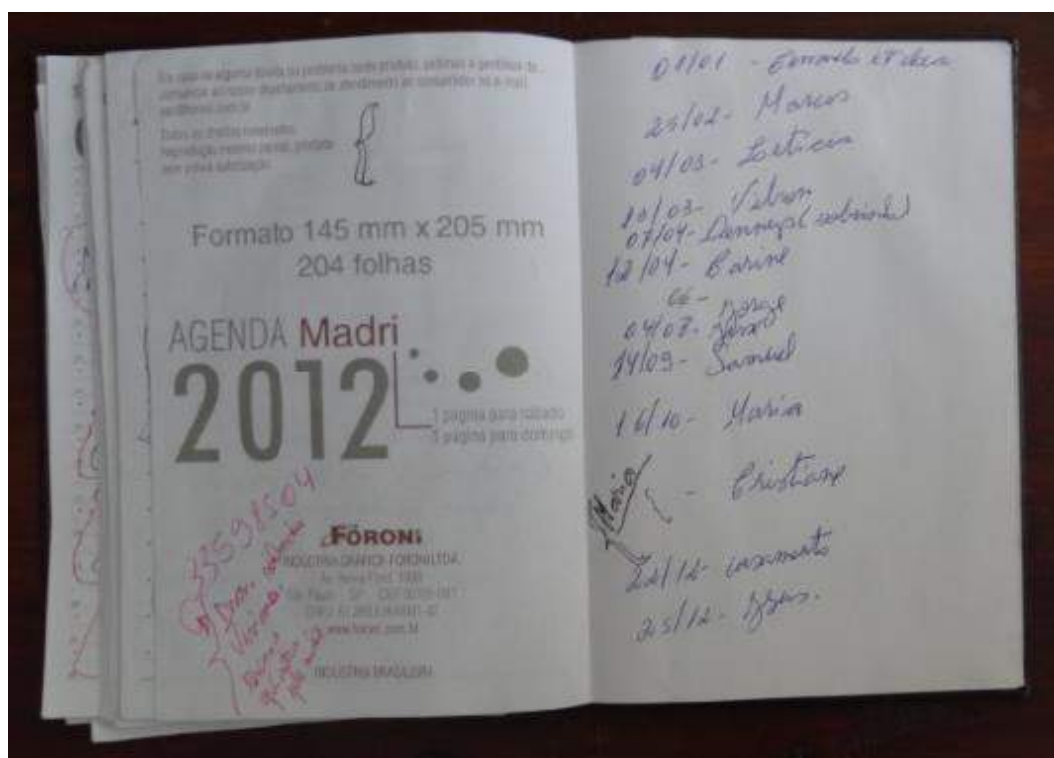
A seguir, algumas imagens:

Figura 69 – Capa e contracapa da Agenda 2012 de Fênix



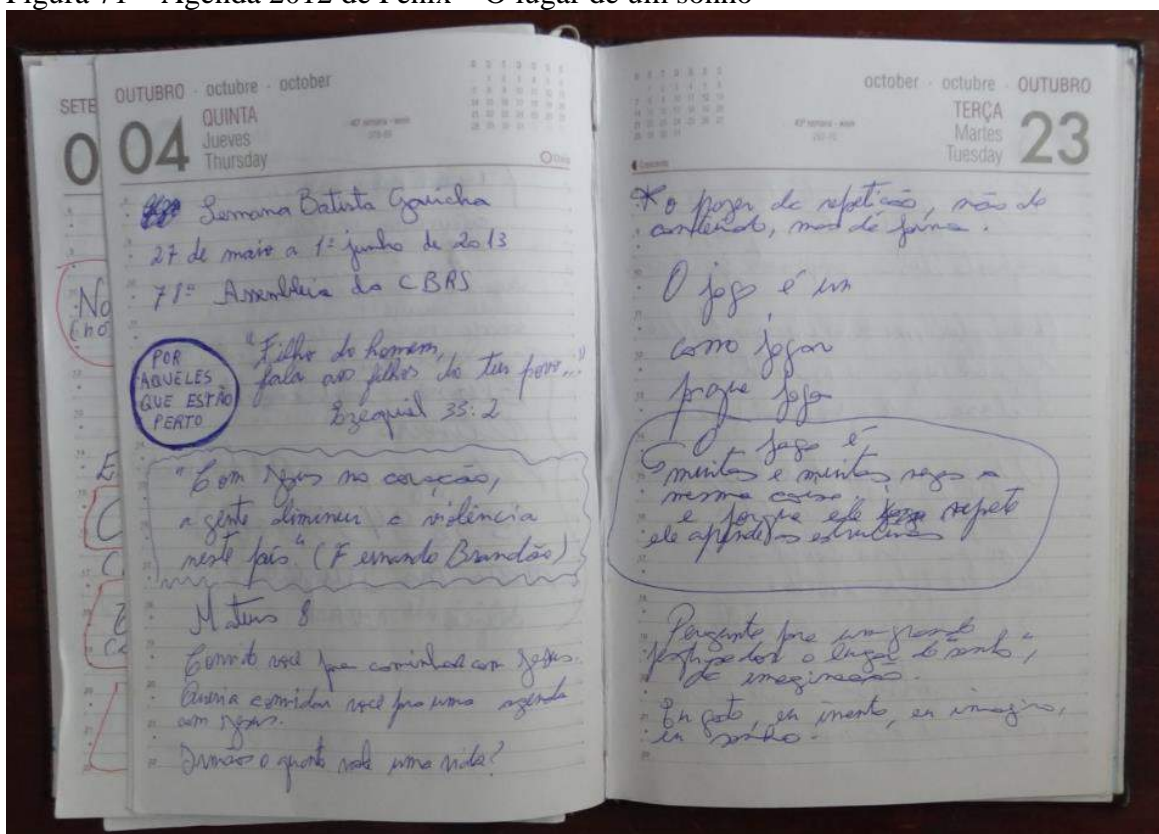
Fotografia da autora.

Figura 70 – Agenda 2012 de Fênix - Lista de UBSs e Datas de aniversários



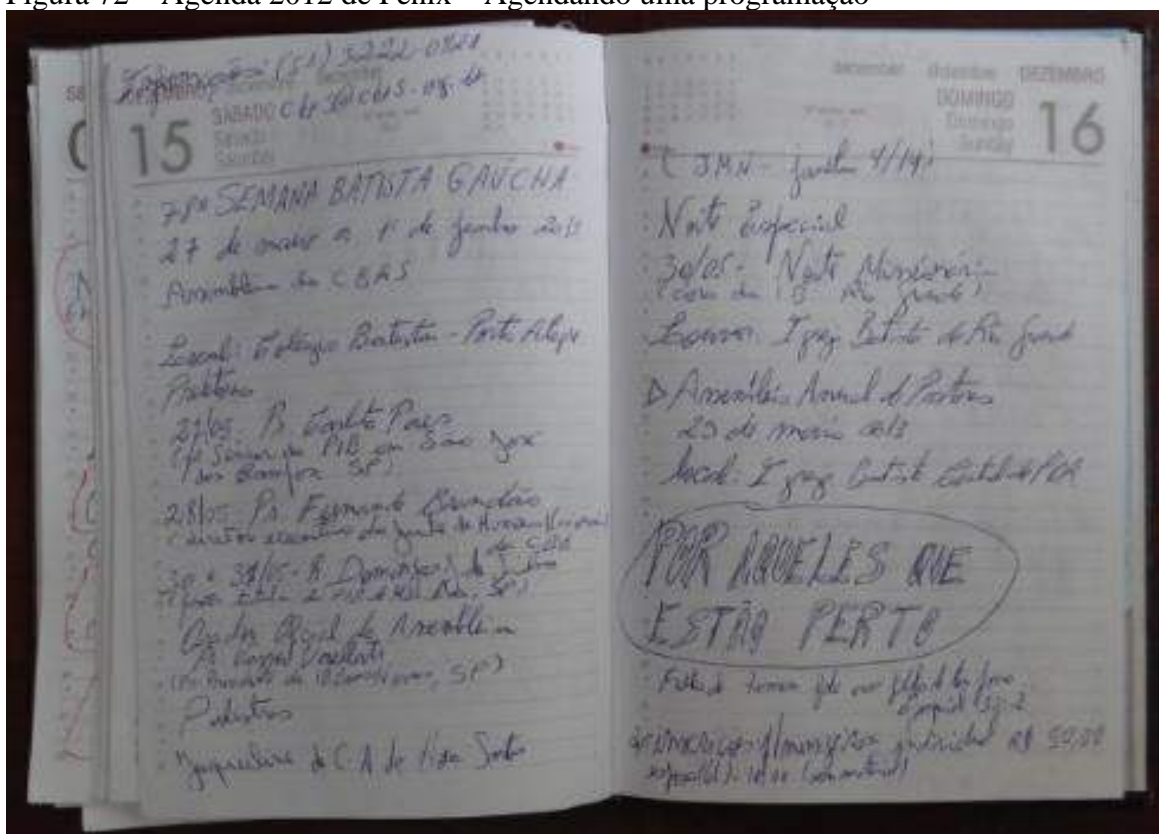
Fotografia da autora.

Figura 71 – Agenda 2012 de Fênix – O lugar de um sonho



Fotografia da autora.

Figura 72 – Agenda 2012 de Fênix – Agendando uma programação



Fotografia da autora.

Nas imagens acima, vê-se que a escrita de Fênix é construída não só com a redação do texto verbal, mas com o gesto de conferir destaque a algumas passagens, seja elaborando um quadro ou um círculo em volta delas. Ou, como fez na figura 72, desenhando as letras. Antes de passar à próxima materialidade, destaco a mensagem registrada no final da página do dia 23 de outubro:

“Pergunta para um grande pesquisador o lugar do “sonho”, da imaginação.

Eu gosto, eu invento, eu imagino, eu sonho.” (Fênix, Agenda 2012, página do dia 23/10/2012)

Não sei se esta frase foi escrita após escutá-la em uma palestra ou curso, pois não está entre aspas, gesto que com frequência ela insere para mensagens de outros autores. Mas o que destaco é que esta mensagem relaciona-se não só ao pesquisador, mas àquela que gosta de tentar novos projetos, e assim a escrevente identifica-se.

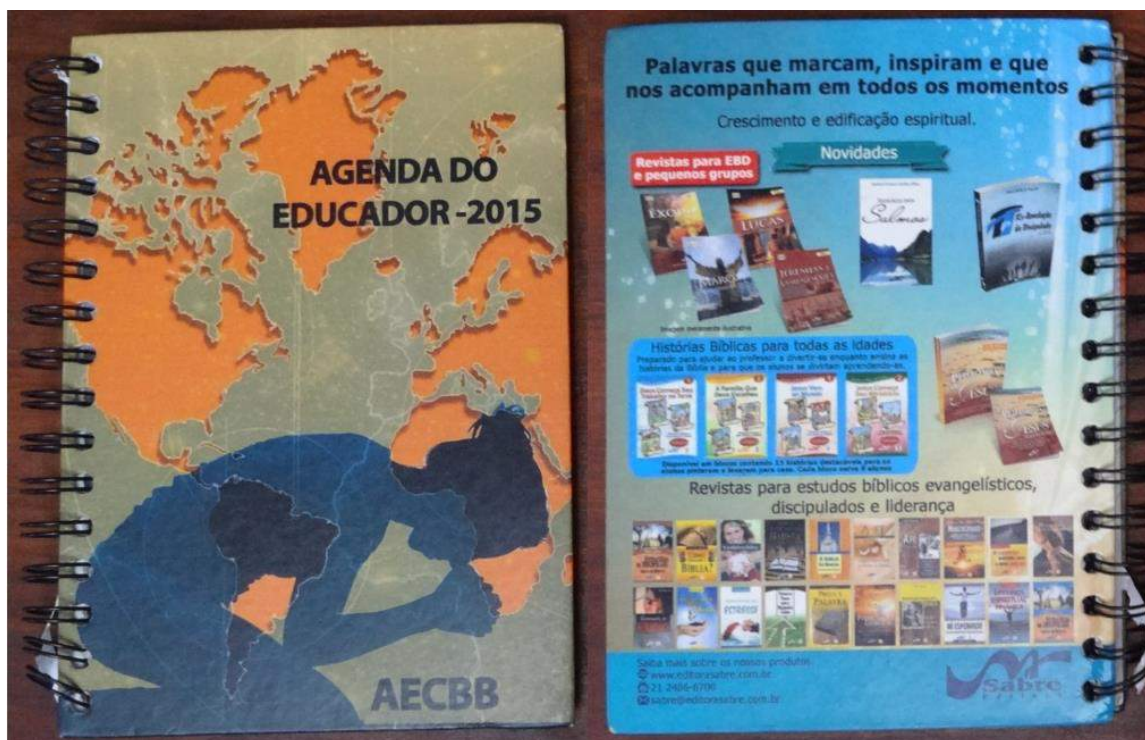
Agenda do Educador 2015 – AECBB

Esta materialidade tem formato espiral e mede 15 por 21 cm. Não é uma agenda com as páginas pré-determinadas com os dias da semana e oferece a opção, a cada página, para que o escrevente assinale a data e o dia da semana correspondente. Desta forma, é possível ao escrevente o uso em dias específicos, não necessariamente na mesma semana. Na capa, a imagem de uma pessoa ajoelhada, com as mãos unidas, a cabeça reclinada, passando a mensagem do gesto de oração. Ao abrir, a primeira página convida à identificação e relaciona ao “dono” da agenda uma mensagem de fé religiosa. No canto inferior direito desta página, a sigla AECBB é explicada: Associação dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil, permitindo ao leitor compreender que a escrevente participa da Igreja Batista.

Segue-se uma página com calendário anual de 2015, uma página com o Índice da agenda, uma página com o Programa do dia 04/02/2015: Congresso de Educadores Cristãos Batistas do Brasil. O resquício de uma ponta de papel na parte inferior sinaliza que houve páginas aí suprimidas. A página que está visível traz rasuras sobre o texto impresso, indicando que a escrevente realiza uma apropriação para os seus interesses. No alto da página indicou “Concluir”, e entre os registros destaco as escritas “Criar grupo Ministério com Comunidades Negras, Quilombolas e estudantes africanas”.

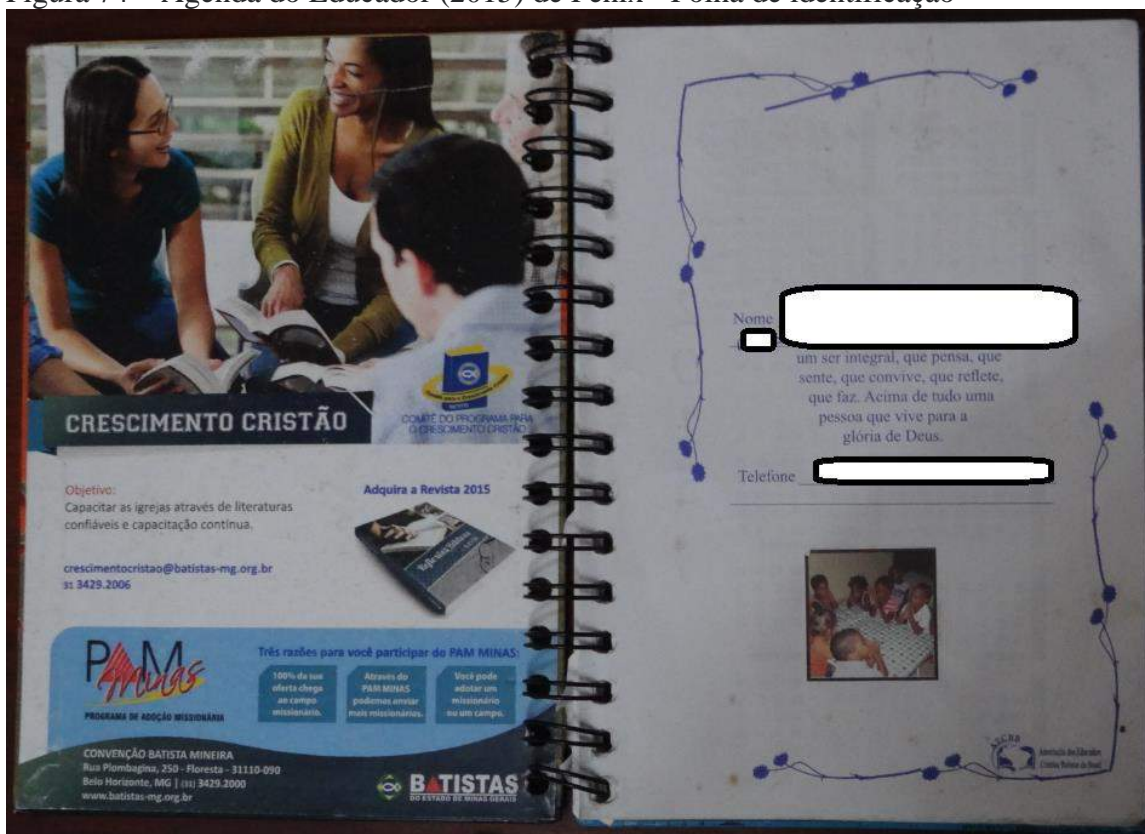
A seguir, as primeiras imagens desta materialidade:

Figura 73 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Capa e contracapa



Fotografia da autora.

Figura 74 – Agenda do Educador (2015) de Fênix - Folha de identificação



Fotografia da autora.

Os registros presentes nesta agenda de Fênix sugerem uma mulher interessada em cursos e palestras. Além das que esteve presente, anotou datas e locais de outras que aconteceriam, como “Curso de Formação para Professores – Educação patrimonial e cidadania” e “Curso de Extensão Universitária Promotor@s em Saúde da População Negra (Edição 2015)”. Diferentemente das duas agendas anteriores, comparece a caligrafia de outras pessoas (ordenadas com os números 1 a 84, em 42 páginas), que indicaram nomes, e-mails, telefones, cidades e Igrejas vinculadas. Visualizam-se cidades de outros estados brasileiros, o que permite pensar a participação da escrevente em um congresso de grande porte, de organização da igreja. A observação sobre horário de saída do ônibus dá pistas sobre o nome do evento: “Encontro 95ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira, Gramado, Rio Grande do Sul, 6 a 10 de fevereiro de 2015”. Observa-se que o congresso foi também espaço de interação sobre um projeto que busca desenvolver – e que comparece em outros suportes de escrita confiados à dissertação – quando registrou:

“Falei com o pr. T., Igreja Mont’Serrat sobre o projeto étnico. Fui encaminhada ao Pr. [indecifrável]”.
(Fênix, Agenda do Educador, 05/02/2015)

O tema de sua participação na Igreja está também contemplado quando anota nomes de pessoas e doações indicadas como “ofertas”. A agenda abriga ainda alguns papéis avulsos, que estão presos à folha por clips: são três notas fiscais de itens relacionados a alimentos, um cartão de visita e um panfleto de curso. Este, por sua vez, que recebeu um “x”, possivelmente porque o objetivo de sua guarda esteja no verso, com a caligrafia de Fênix: “Ministério Comunidades Negras, quilombolas e africanos / Receita e Despesa”. É a segunda vez que este tema comparece, indicando ser um projeto que a escrevente busca realizar.

A agenda (2015) foi utilizada também como espaço de desabafo. Fênix narrou um episódio em que se sentiu discriminada por uma palestrante. Início fazendo referência à data do acontecimento: “No dia 15 de abril”. Escreveu cinco páginas de relato, numerando os fatos de 1 a 9. Na página subsequente, escreveu o salmo 73:26 e acrescentou:

*“Sem vitimismo, recorro ao meu Deus e Senhor meu. Tu estás no controle.
[...]
Em nome de Jesus que eu oro. Amém!”*
(Fênix, Agenda do Educador, s/d)

Nas dezoito páginas que se seguem, registrou ideias sobre preconceito, discriminação, construção da subjetividade das crianças quanto ao cabelo, teorias racistas, etnia, incidência da violência contra as mulheres negras. Por vezes, incluiu falas citadas por

uma profissional, psicóloga, o que sinaliza que são reflexões que aconteceram junto a uma palestra ou curso. Houve também o registro da indicação de filmes e de leituras de autores como [Michel] Foucault e [Kabengele] Munanga.

Nas três últimas páginas da agenda, a data indicada no campo específico foi 05/02/2015, quando já havia indicado a data de 21/02/2015 na agenda. Isso permite pensar que os registros não seguem uma ordem cronológica.

Algumas páginas antes de o caderno ser finalizado, Fênix anotou:

“PS: Neste dia eu havia concluído a leitura bíblica em ‘um ano’ (na verdade completei em 1 ano e 1 mês)”.

(Fênix, Agenda do Educador, s/d)

O registro acima é o único momento, nesta materialidade, relacionado à leitura, mas existem pistas para afirmar que esta é uma prática em sua vida, pela escrita dos salmos e de palavras buscando a Deus.

O suporte de escrita em que se insere também guarda relação com a prática da cultura escrita. No interior da capa, há anúncios que incentivam a leitura religiosa, como da revista “Reflexões bíblicas”. Também na contracapa, há anúncios de livros e revistas para estudos evangelísticos, como “histórias bíblicas para todas as idades”.

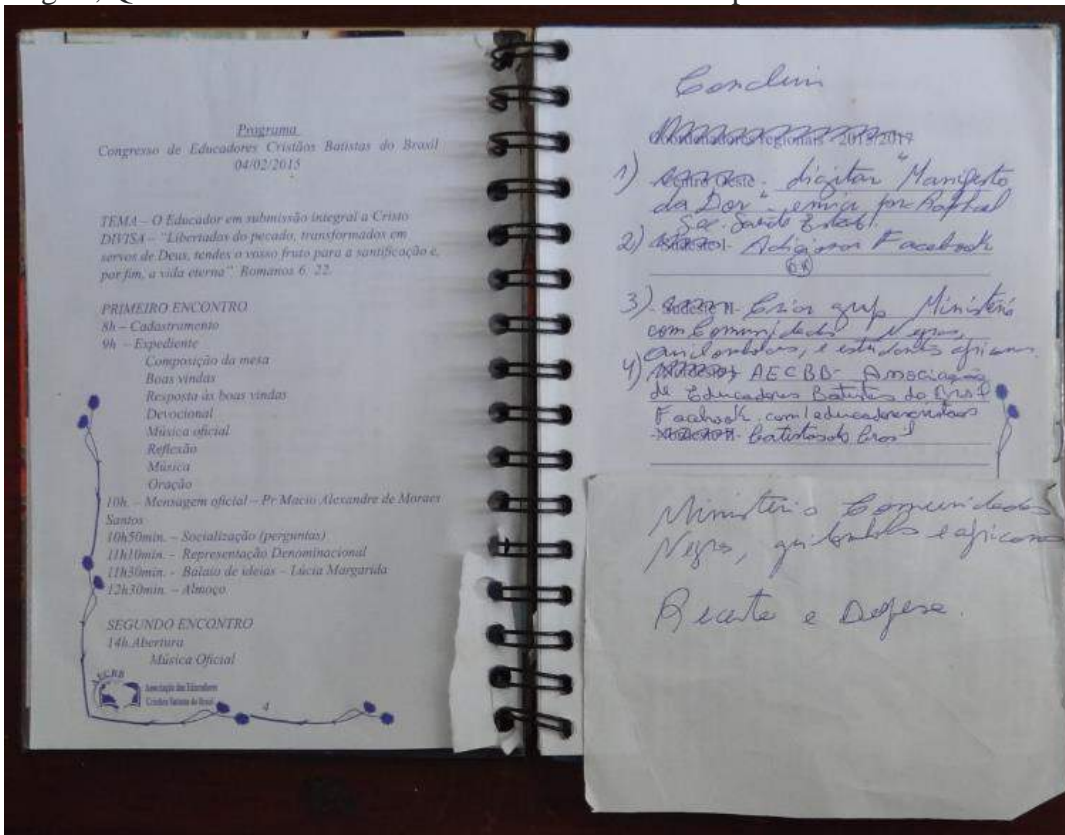
Finalizo a apresentação desta materialidade com destaque ao registro de uma mensagem motivacional, talvez para si mesma, que em outros momentos e suportes de escrita afirma ter idealizado vários projetos, não recebendo ajuda que aguardava.

“Faça o que você tem que fazer, com uma ou mais pessoas”

(Fênix, Agenda do Educador, 21/02/2015)

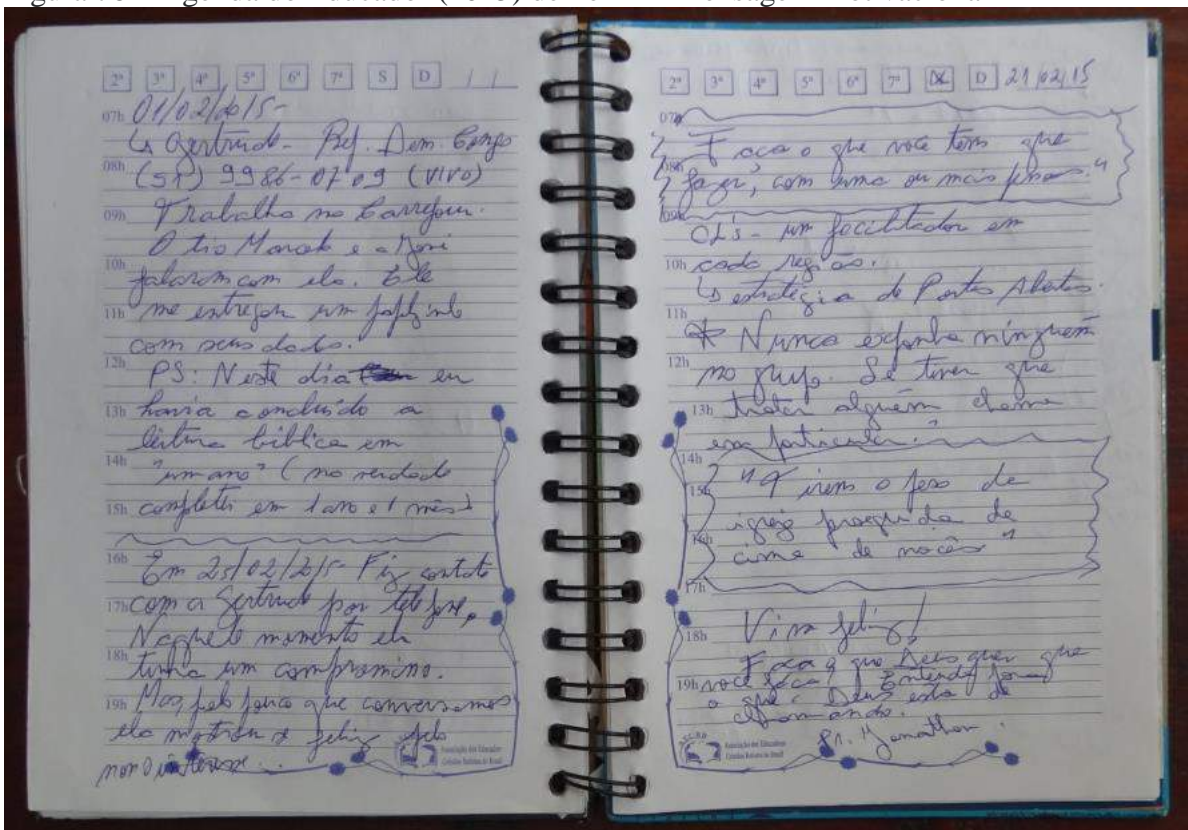
A seguir, duas imagens desta materialidade, com temas comentados acima.

Figura 75 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Criar grupo Ministério das Comunidades Negras, Quilombolas e Estudantes Africanas e Verso do panfleto



Fotografia da autora.

Figura 76 – Agenda do Educador (2015) de Fênix – Mensagem motivacional



Fotografia da autora.

Agenda Presente Diário – Momentos Devocionais (2015)

Esta materialidade tem medidas 16 por 22 cm, modelo espiral. É o suporte de escrita com maior número de folhas, sem rastros de que alguma tenha sido suprimida – mas neste caso, a aparência engana, pois duas folhas correspondentes aos dias 12 a 15 de outubro foram suprimidas. Predominam os registros a caneta e o lápis foi utilizado em somente uma página, onde está visível que houve falha da tinta na caneta (página de 04/10/2015).

A proposta do Presente Diário - Momentos Devocionais é não ser apenas um suporte de escrita, mas também de leitura, pois a cada página dos 365 dias do ano, há uma mensagem bíblica que preenche metade do espaço. O título impresso na capa convida a que as práticas de leitura e de escrita sejam diárias, e acompanhadas de temas bíblicos. A capa dura e os dizeres da contracapa aproximam esta materialidade à apresentação de um livro:

Preparados para hoje, preparados para sempre.

São muitos os acontecimentos em um único dia. Do acordar ao dormir, do amanhecer ao anoitecer, entre sair de casa e retornar, todos nós estamos vulneráveis a diferentes situações, sejam boas ou ruins. Além disso, a quantidade de decisões a serem tomadas ocupa boa parte da mente e das emoções. Para enfrentar nossos dias é preciso coragem, determinação e fé.

Com a leitura do **Presente Diário**, você terá a oportunidade de se preparar para que cada dia seja especial desde os primeiros passos.

(Agenda Presente Diário, Contracapa, destaques do texto original)

A frase “todos nós estamos vulneráveis a diferentes situações” reforça o convite à prática de escrita, e foi aqui realizada em profusão, nos espaços pautados e não pautados. Entre as materialidades de tamanho pequeno, é o suporte de escrita que mais recebeu registros de sentimentos, configurando-se uma escrita autorreferencial ou escrita de si. Segundo Gomes (2004, p. 10-12), este tipo de prática “integra um conjunto de modalidades que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental”, essencial ao debate sobre identidade, singularidade, que separam o indivíduo do todo social.

Segundo a narrativa de Fênix em um de nossos encontros, este foi um presente do esposo – a caligrafia dele está presente na primeira folha, em uma dedicatória à esposa. Utilizada com frequência, há também páginas em branco, que sinalizam uma prática intermitente de registro. As datas escritas na parte superior de algumas das páginas, confirmam o uso durante o período de 2015 a 2016. No dia em que me confiou esta materialidade, Fênix indicou que a data manuscrita era mais importante, e não a que está impressa. Por este gesto e também porque em vários momentos a prática de escrita ocupa as

margens das folhas, pode-se compreender que a escrevente fez as adaptações que julgou necessárias para o atendimento a si, aproximando o objeto ao ritmo de sua vida.

Diferente de outros suportes de escrita, os desenhos só apareceram em quatro páginas: três desenhos de plantas de casa, nas páginas de janeiro; um desenho mais complexo, com diversos cenários, alusivo a uma história bíblica (página de 13/09/2015). Este número mais reduzido de desenhos da escrevente, quando comparado a outras materialidades confiadas a esta dissertação, pode ser inferido como uma fase em que as palavras foram o principal “porto seguro” à expressão de si. Destaca-se que, com mais frequência, desenhou pergaminhos para incluir seus manuscritos, e em dois momentos, para “abrigar” algumas frases de textos impressos na própria materialidade: “as devocionais”. Em um número mais representativo que os desenhos, os pergaminhos estão na página com mensagem do editor e nas páginas dos dias 5, 9, 19 de março; 14 de maio; 27 de julho; 11 e 15 de setembro. Pelo fato de que a imagem do pergaminho alude às mensagens sagradas, a iniciativa da escrevente de desenhá-los guarda relação com o comentário de Robledo (2001, p. 218) de que as *escrituras ordinarias* ocorrem com mais frequência primeiramente no ambiente doméstico; em segundo, para os registros de crenças e práticas religiosas; e em terceiro, quanto aos registros das atividades profissionais.

Ao abrir a agenda, vê-se que Fênix utilizou os espaços do interior da capa e da contracapa, espaços não pautados, para acrescentar mensagens bíblicas, de Mateus e de Salmos (indicadas entre aspas). A prática de transgressão ocorreu aqui com frequência, não raro com uso das margens das páginas. Seus dados estão na página “Dados Pessoais”. Em “Minhas Anotações Especiais” registrou, entre outros, um tema presente também na sua Agenda do Educador (2015): “Ministério com Comunidades Negras, Quilombolas e Africanas”. Algumas possibilidades é que este projeto tenha sido um desejo que a acompanhou todo o ano de 2015. Quiçá, antes disso e também depois.

Na página de calendário de 2015, sublinhou uma data específica, 2 de maio e escreveu: “Plano de Ataque!”, tema que volta a aparecer no dia 2 de maio das folhas de “Planejamento 2015”, onde apenas cinco compromissos foram registrados.

Na sequência, uma mensagem impressa: “A alegria de compartilhar”, assinada pelo diretor executivo, que em um, dos quatro parágrafos destaca a proposta desta agenda:

É verdade que a vida moderna trouxe pontos positivos e pontos negativos. Em meio a estes dois extremos, e por entender que as pessoas não podem se distanciar de seus amigos – nem tampouco de seu Criador – nós assumimos o compromisso de ajudá-lo a encontrar-se com Deus a cada dia. (SANTOS, 2015, s/p)

Na mesma página da mensagem acima, no espaço em branco, a caligrafia da escrevente com mensagem de II Tim: 4:5: “[...] sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições [...]”. No verso desta página, um registro que permite pensar o intercâmbio de textos da própria escrevente que, talvez lendo algum suporte de escrita do passado, trouxe para a agenda de 2015 um fato ou compromisso vivido três anos antes: “30/07/2012 Reunião com Missionários da Trans”. É a única referência, o que levanta a dúvida se foi uma lembrança ou um equívoco de datas.

Antes de refletir sobre seus manuscritos nas páginas diárias, transcrevo uma pergunta da mensagem de Salmo (116.11) manuscrita no interior da contracapa: “*Que darei ao Senhor por todos os benefícios para comigo?*”. Embora expresse a palavra “benefício”, este Diário acolheu, em muitos momentos, sentimentos de angústia, insatisfação e tristeza. A escrevente aqui partilhou preocupações com a vida, sua e daqueles com quem se relaciona, citando nomes de parentes e amigos. Orações e pedidos de proteção foram o principal apoio para lidar com estas situações, apresentados àquele em quem tem fé: “Senhor Jesus”, “Senhor meu”, “Deus meu”, “Senhor Deus e meu Salvador”, “Deus e Pai”, “Senhor Deus Todo Poderoso”, “meu Senhor e Salvador Jesus Cristo”, “Senhor Jesus”, “Espírito Santo”.

Nas páginas referentes aos meses de janeiro e fevereiro, predominam os registros de agradecimento, de manifestação de alegria por uma viagem com a família, pelas reuniões e almoços em família, os pedidos de benção e a manifestação de que “os pássaros cantam a paz de Cristo em meu coração” (página do dia 27/02/2015). Nos meses de janeiro e fevereiro ocorreram o maior número de páginas sem registros: dezenove em janeiro e onze em fevereiro. Neste último, quatro páginas apresentam desenhos que se aproximam de rabiscos, lembrando o pouco domínio da caneta, talvez porque realizados por uma criança, talvez o seu neto, cujo nome aparece em páginas seguintes.

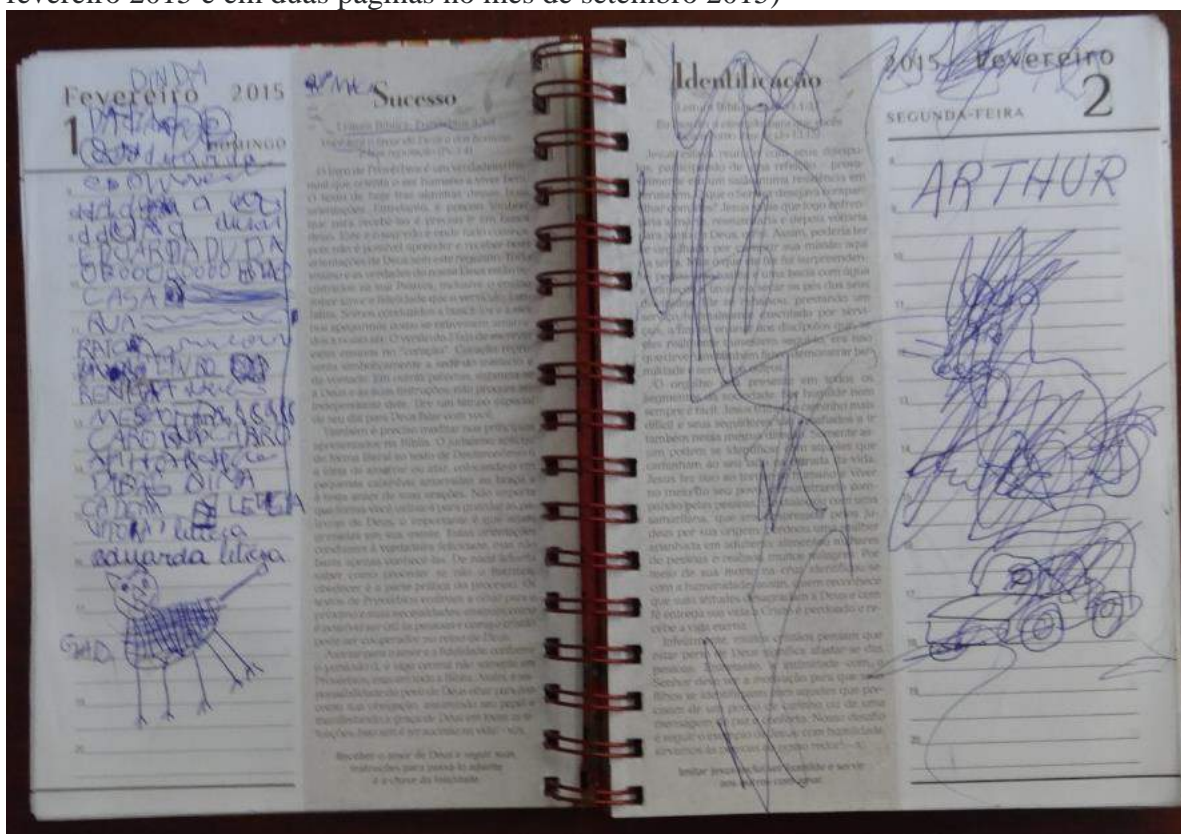
Abaixo, as primeiras imagens, exemplificando o texto acima:

Figura 77 – Capa e contracapa da Agenda Devocional (2015) de Fênix



Fotografia da autora.

Figura 78 – Agenda Devocional (2015) de Fênix - Desenhos infantis (três páginas no mês de fevereiro 2015 e em duas páginas no mês de setembro 2015)



Fotografia da autora.

Na página do último dia de fevereiro, de forma sutil, ocorreram os primeiros registros de angústias e questionamentos:

“Como as coisas estão bem num dia e no outro está tudo atribulado. Eu não preciso entrar em detalhes, porque tu Senhor sabe todas as coisas.” (Fênix, Agenda Devocional, página de 28/02/2015)

Nas páginas dos meses seguintes, foram frequentes os diálogos com Deus, manifestos em pedidos de ajuda e interrogações:

“Que tipo de tristeza é esta que vem a mim de uma hora para outra [?] Me ajude Senhor!” (Fênix, Agenda Devocional, página de 02/03/2015)

“Mas que vida? Senhor, apressa-te em socorrer-me, porque minh'alma está sobremasiado angustiada” (Fênix, Agenda Devocional, página de 06/03/2015)

“Abençoa meu casamento. Abençoa e confirma a obra das minhas mãos. Me mostra a direção a seguir.” (Fênix, Agenda Devocional, página de 07/03/2015)

“Mas cá estou sem saber o que fazer. Quais são os teus planos par a minha vida? Eu não sei. Preciso de respostas.” (Fênix, Agenda Devocional, página de 12/03/2015)

“Abençoa minhas amigas, filha, discípulas, noras, sogra, irmãs e sobrinhas. No mês da Mulher, nos ajude a sermos mulheres sábias e, principalmente, que sejamos tementes a Ti.” (Fênix, Agenda Devocional, página de 16/03/2015)

“Me cure em nome de Jesus!” (Fênix, Agenda Devocional, página de 06/12/2015)

A prática de leitura deixou pistas em diversas páginas em que o texto impresso no suporte, as mensagens devocionais, foram não só lidas como tiveram palavras sublinhadas ou com o acréscimo de palavras, por exemplo “Amém”, “ok”, “sim!”. Tais gestos de interação com o texto impresso ocorreram em cinco páginas no mês de janeiro; seis páginas no mês de fevereiro; vinte e uma páginas no mês de março; vinte e três páginas no mês de abril; vinte e oito páginas no mês de maio; vinte e uma páginas no mês de junho; dezenove páginas no mês de julho; vinte e oito páginas no mês de agosto; quinze páginas no mês de setembro; dez páginas no mês de outubro; quinze páginas no mês de novembro e quinze (também) páginas no mês de dezembro. A observação da frequência de interação com o texto impresso permite

refletir sobre as situações vividas e em que tempo levaram a escrevente à busca de fortalecimento de sua crença religiosa.

As datas de 2016 que aparecem manuscritas na parte superior da página, fora do “ritmo” e organização prevista pelo suporte, ocorreram principalmente nos meses de janeiro, outubro e dezembro. É possível observar, em alguns casos, que a escrevente realizou uma releitura, uma reflexão sobre o que havia registrado no ano de 2015, inclusive sobre os espaços vazios, isto é, o não registro. Um exemplo é a página do dia 16 de outubro. No alto da página, a data 04/02/2016. Nas linhas pautadas, dois tons diferentes de caneta azul: a) o primeiro anuncia “Bom dia Senhor meu e rei meu!” e o segundo registro faz, para si mesma, uma avaliação quanto à “pouca devoção” no ano anterior, concluindo com uma proposta de agir diferente no futuro:

*“Nem mesmo no dia do meu aniversário, eu fiz a devocional!
Aliás, foi assim todo o mês de outubro.
Não entendo como posso me ocupar tanto com tantas coisas e por fim aquelas que deveriam ser mais importantes ficam para trás; como no caso das devocionais.
Espero que neste ano de 2016 o Senhor me conceda o favor de discernir e organizar melhor o meu tempo.
Priorizar o reino de Deus em 2016 é uma boa meta! Amém!
[e no espaço lateral:] Obrigada por mais um ano de vida. Amém.”*
(Fênix, Agenda Devocional, página de 16/10/2015)

A proposta de leitura religiosa como uma proposta de vida já fora registrada na página do dia 02/01/2015: “*Um investimento que vale a pena: Ler a Bíblia todo dia!*”. É frequente nesta materialidade a expressão de pedidos de bênção, e também os agradecimentos por alegrias, como a oportunidade de mais um dia. Mas tais graças não impedem que se veja como uma pessoa que busca crescer mais. Refletir sobre os próprios atos ao fim do dia, como expos Artières (1998), é uma das principais motivações para a prática diarística. A escrita das metas iniciais do ano pode auxiliar no preparo e monitoramento das atitudes cotidianas. Fênix as registrou nas primeiras páginas de janeiro da agenda devocional:

“Plano de Ataque I!

- *Foco na ~~relação conjugal~~, comunhão com o Senhor*
- *Foco na relação Familiar: esposo e filhos.*
- *Foco no Ministério Comunidades Negras, Quilombolas e Africanas!*

Plano de Ataque II:

- *“Foco na reeducação alimentar e exercícios físicos”;*
- *“Foco na saúde mental”*
- *Foco na psicoterapia com a psicóloga...*

- *Marisa K*
- *Foco no trabalho*
- *Foco no mestrado*
- ~~*Foco no Crescimento Espiritual*~~

(Fênix, Agenda Devocional, página do dia 02/01/2015, tachados do original)

De forma geral, é possível afirmar que os temas mais presentes nesta materialidade foram a religião e a escrita de si através do registro das emoções da escrevente. Contrastando com os demais suportes de escrita que participam desta pesquisa, esta agenda foi aquela que recebeu maior número do que podemos designar como confissões, considerando as páginas disponíveis.

“12/01/2016

[...]

Sei que muitos dias deixei de fazer minha devocional.

Eram muitos compromissos. [...]

Perdi a paz, perdi a comunhão contigo. [...]

Não tem como retomar o tempo perdido, Nada pode tomar o lugar de Deus em minha vida.

Me perdoe Senhor, Amém!”

(Fênix, Agenda Devocional, página de 1º/11/2015)

“27/01/2016

[...] *Saber porque todo mês de outubro eu não fiz as devocionais eu não sei.*

Estive envolvida no projeto de conclusão do curso promotoras [legais populares] e no planejamento da semana da consciência negra.

Mas foram dias atribulados.

Agora, como uma forma de me aproximar de ti, faço estas devocionais.

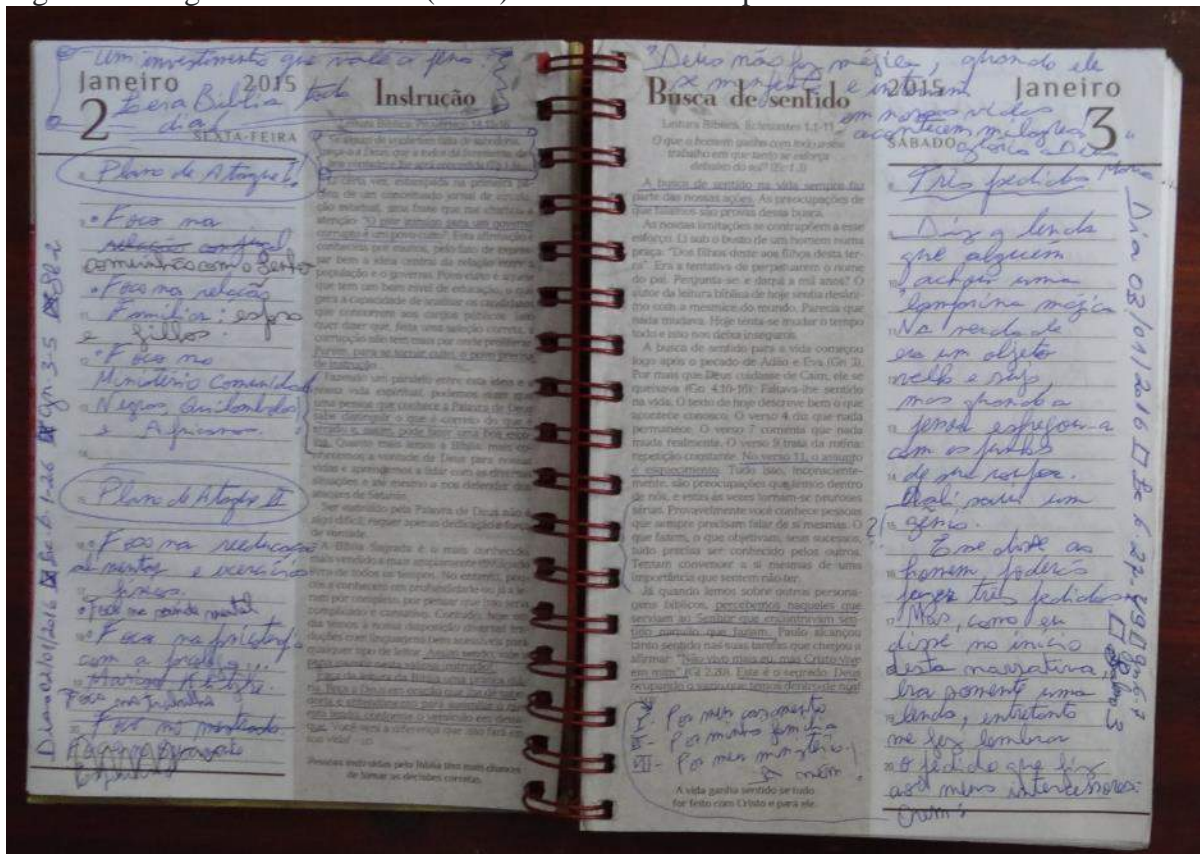
[...]” (Fênix, Agenda Devocional, página de 27/10/2015)

Quando se pergunta, com espanto, como esqueceu de realizar a leitura devocional proposta pela agenda, Fênix sinaliza duas atitudes: a de conservação desta materialidade e a prática de releitura de seus registros. Desta forma, a prática de escrita de si é “*como exploración del yo, autoaprendizaje o automedicina, al punto de convertirse a veces en una droga, en una dependencia inexcusable. De ahí también la conservación del diario como parte de la terapia seguida*” (CASTILLO GÓMEZ, 2000, p. 153). A prática de releitura pode expandir a realização da “exploração de si”, iniciada com no exercício de escrita, e então a conservação da materialidade se torna parte necessária ao processo de autoconhecimento e “autocura”, se não às doenças físicas, às dores emocionais.

Por todo o exposto quanto à contribuição do registro para alcançar uma ação mais elevada sobre si mesmo, e com uma busca determinada de tantas metas, fica difícil

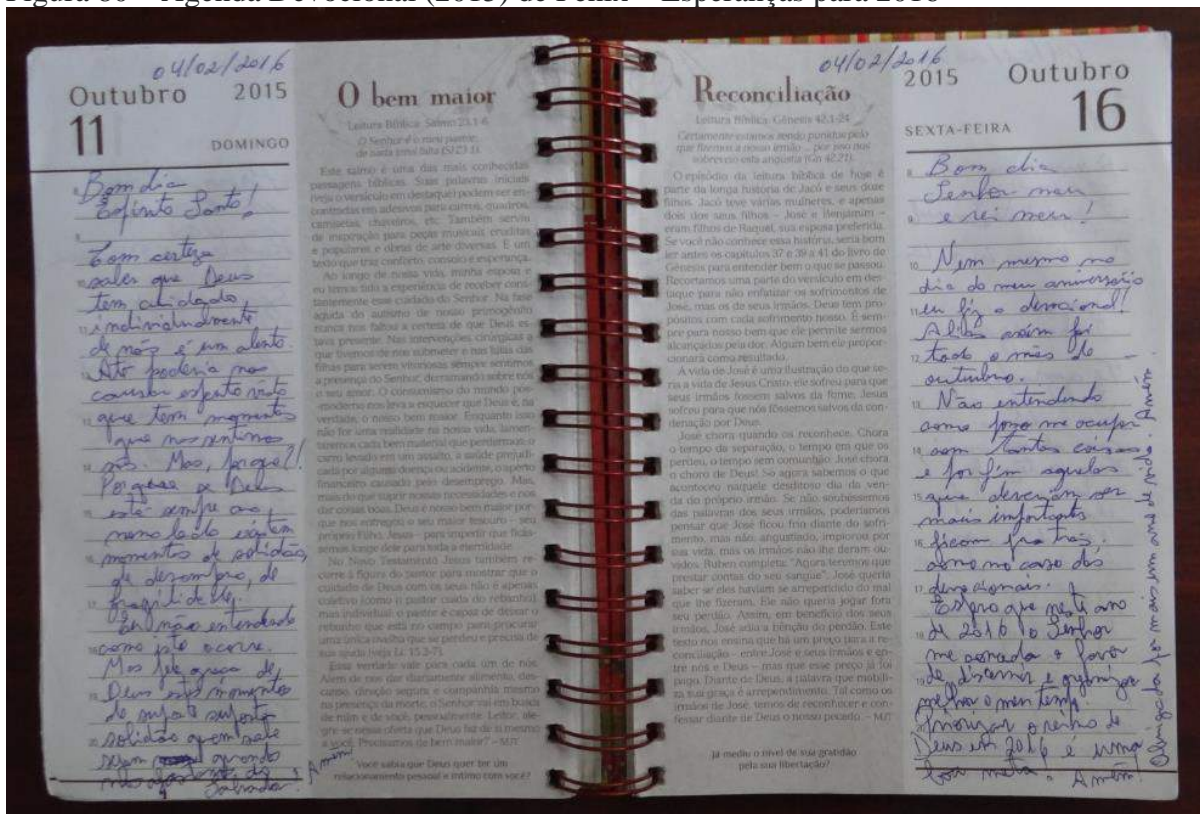
compreender o porquê da existência de páginas sem registros. Foi através da prática de escrita neste diário que Fênix realizou uma autorreflexão e autoconhecimento, essenciais para o planejamento com vistas ao futuro. Os registros em uma agenda datada, tanto pelo impresso como pelo manuscrito, expressam que a escrevente buscou compreender, posteriormente em sua releitura, as motivações e ritmos com que realizou, construiu a sua vida. E esta materialidade significa, em certo sentido, um suporte para lembrar-se da própria história no futuro e assim, reinventar-se.

Figura 79 – Agenda Devocional (2015) de Fênix - Metas para o ano novo



Fotografia da autora.

Figura 80 – Agenda Devocional (2015) de Fênix – Esperanças para 2016



Fotografia da autora.

Caderno “Atrevida”

Este é o último dos suportes em tamanho pequeno. No formato espiral, tem as medidas 14 por 20,2 cm. A contracapa indica que havia 96 folhas no original. Quando do exame na pesquisa, o caderno apresentava-se com oito folhas fixas no suporte e mais catorze, de mesmo material, como anexas. Como nas materialidades anteriormente apresentadas, predominam aqui os registros a caneta, em letra cursiva. O uso de lápis ocorreu em apenas duas linhas. Outra observação é a presença de um desenho: uma borboleta, a mesma figura presente na capa. Os indícios de data estão no interior da capa, versos da primeira e da última folha: 31/10/2011 e 22/11/2011 respectivamente. As páginas não estão numeradas. No interior da capa, existem sinais da prática de leitura bíblica: “*Ler Marcos 2,3 em 30/10/2011*”.

Os temas que estão presentes neste caderno são:

- registro de datas para entrega de trabalhos acadêmicos e “Planos de aula” com a temática “A história da África em sala de aula” – relação com o curso de graduação em Pedagogia;
- reflexões sobre o casamento, menção aos filhos e busca por reflexões a partir dos textos bíblicos. No final de uma destas páginas:

“Mas as pessoas de Deus não são só para a eternidade, elas estão presentes hoje na tua vida” (Fênix, Agenda Atrevida, s/d).

Quanto ao texto das reflexões, a partir da indicação “1ª parte – introdução” até “6ª parte”, é possível afirmar que foi escrito do final (penúltima página) para o começo do caderno, indiciando a transgressão do uso do suporte de escrita destinado ao espaço escolar (SOUZA, 2010). A “6ª parte” tem a maior profusão de manuscritos, ocupando também as margens, os espaços sem pauta. Isso provavelmente ocorreu por não haver mais páginas disponíveis – ao menos esta é a leitura que se pode fazer no tempo presente, sem saber se havia ali outras páginas que vieram a ser suprimidas depois. Quem sabe, houve um gesto de censura prévia antes de entregar à pesquisadora, ou uma supressão que antecede, e então possibilita, “liberar” à pesquisa. Na seção da “4ª parte”, Fênix expressou: “*Estou em oração de graça*”. Esta frase convida a pensar no olhar para si, no tempo que ocorre o registro. Segundo Calligaris (1998, p. 53-54), a partir do texto escrito o indivíduo busca eternizar uma imagem, não só para si, mas na convivência social. Ao mesmo tempo, é através deste escrito que se configura “a modalidade pela qual, naquele momento e lugar, o sujeito moderno consegue se dar um pouco de consistência” (CALLIGARIS, 1998, p. 54-55). Isto é, consegue dar “conteúdo” à própria existência.

Nas quatorze páginas “soltas”, anexas, a escrevente dedicou-se ao registro de contatos de nomes, telefones, e-mails e também lembretes. Em duas páginas indicou no alto: “Contatos quilombos”; e em uma “CONTATOS – Conferência Municipal da Mulher”. Em uma das páginas, escreveu um nome completo ao lado da indicação “retroprojektor (passará em tela)”, fazendo menção aos instrumentos metodológicos e confirmando a suspeita de que os registros referem-se a uma palestra.

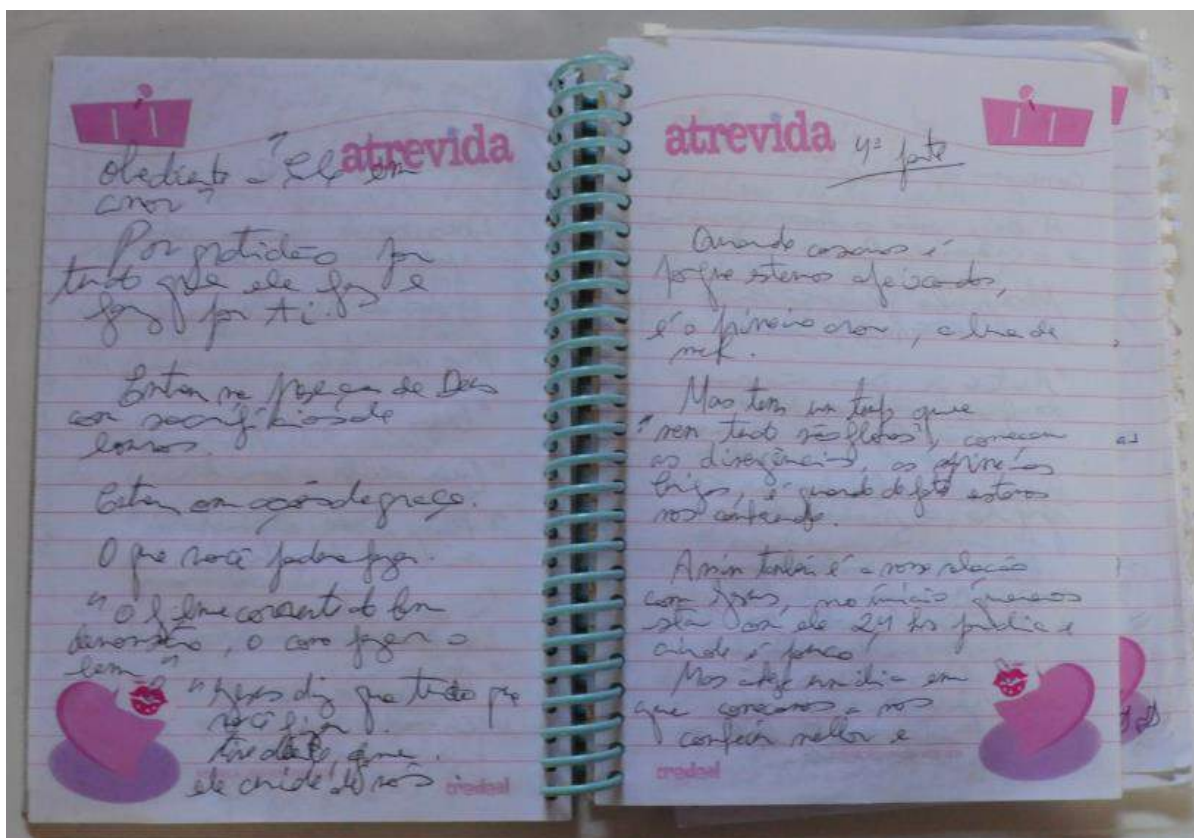
Por fim, não é possível indicar quais anotações vieram primeiro, pois estas folhas não receberam classificação de números ou letras, que permitisse compreender uma sequência. Também não é possível compreender quais foram objeto de seleção, talvez para mostrar a alguém ou para ter guardado em outro suporte. Cabe aqui a observação de que ocultar folhas ou silenciar parte de seus registros é também uma forma de criação, de construir uma narrativa a ser conhecida no futuro. “Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida.” (CALLIGARIS, 1998, p. 49). Pelos registros e pelas supressões, a escrevente está constantemente a inventar-se, e talvez assim, possibilitar a própria (sobre) existência.

Figura 81 – A capa das agendas e um caderno de Fênix – tamanho pequeno



Fotografia da autora.

Figura 82 – Caderno “Atrevida” (2011) de Fênix – “em oração de graça”



Fotografia da autora.

Caderno 1 – Capa com sol e o nome “Jesus...”

Trata-se de um caderno em espiral, capa dura, nas dimensões 20 por 28 cm. Contém sessenta e duas (62) folhas, e sinais de que outras tantas foram suprimidas. Predominam os registros a caneta, cores azul, preta e vermelha. Apesar do campo para registro de data na parte superior de cada página, poucas vezes foi preenchido. As datas, quando escritas, mencionam o ano de 2003. Seis folhas encontram-se dobradas, no interior do caderno, que poderiam ter diferentes objetivos, desde a invisibilidade, não serem mais lidas, até conferir destaque a um conteúdo exclusivo.

A capa tem o desenho de um sol se pondo no horizonte, o nome “Jesus...” na parte superior e uma mensagem de Jó, 10:14-15, na parte inferior. Na contracapa, a indicação de que existem outros quatro modelos desta coleção, com outros textos bíblicos. No interior da capa, a escrevente registrou uma mensagem religiosa, e colocou três outros materiais relacionados à leitura religiosa: um marca-página, uma tabela impressa com o título “Meu Oikós” e dicas de oração, e um bilhete manuscrito onde se lê “Pedro 3:1-12”.

Este caderno foi utilizado especificamente para registro da participação da escrevente em cursos, discussão de projetos, oficinas de preparação (por exemplo, para apadrinhamento, para evangelização), curso de PLP's (Promotoras legais populares, presente também em outros cadernos), reuniões da igreja ou de curso de evangelização (EBD). O tema com texto mais extenso é “Projeto para atuar na comunidade da Igreja Batista Esperança”, que ocupa sete páginas. Nas páginas mais próximas ao final do caderno, um tema, que aparentemente destoa dos anteriores, envolve a palestra “Cuide bem do dinheiro”, e o registro de receitas culinárias, doces e salgadas. Houve também o registro com dicas sobre “montar uma mesa de festa”, e para economizar, sinalizando a presença da instituição Sebrae e de um sítio eletrônico sobre educação financeira – e a internet representava uma novidade em muitas profissões no ano de 2003.

A preocupação com o orçamento pessoal ou doméstico comparece em no mínimo dois momentos, permitindo pensar: a) que as aulas e cursos sobre economia repercutiram na intenção de aplicação prática na vida da escrevente; e b) o espaço de transgressão do uso do caderno, visto que um destes registros de ordem financeira foi relegado às páginas finais. O primeiro destes registros é uma conta matemática para identificar o custo total com “Aniversário Fernanda”. E o segundo, localizado nas páginas mais próximas do final, consiste em anotações sobre o valor das contas de luz e água, em diversos meses – mas que ficou incompleta – e a elaboração de uma tabela para calcular a soma de diversos itens de consumo mensal. Tais registros poderiam ter o objetivo de conhecer o valor das próprias despesas financeiras, organizar o consumo futuro, economizar para algum investimento ou mesmo trabalhar o tema com os filhos.

Observando-se que há registros também de dicas para economizar e de receitas para a fabricação de produtos de limpeza, como água sanitária e amaciante, outras questões podem ser apresentadas. Trata-se de uma família numerosa? Vivem um orçamento familiar mais restrito? Quantas pessoas estão inseridas no mercado de trabalho? Quais as relações familiares? Estas e outras questões são exemplos de como a história da cultura escrita pode conferir pistas sobre o tempo histórico, a versatilidade e os conhecimentos dos diferentes grupos sociais (CASTILLO GÓMEZ, 2018). Segundo Castillo Gómez (2018, p. 20), embora não devemos esquecer que existe muito a ser pesquisado sobre a extensão das práticas de escrita pelas camadas populares durante a Idade Moderna, a pesquisa acadêmica também deve se preocupar que existem poucos estudos acerca da produção escrita de pessoas comuns no tempo presente e, portanto, investigar aqui pode contribuir neste sentido.

Durante tantas atividades, Fênix expressou os aprendizados dos cursos também em desenhos, por exemplo um homem subindo a montanha, uma chave, um olho, barco, uma família para apadrinhamento. Em todos estes exemplos, os desenhos comunicam-se com os manuscritos, configurando assim uma função cognitiva.

Os registros de si quase passam despercebidos entre as anotações minuciosas dos cursos e palestras, cuidadosamente ilustradas pelos desenhos da escrevente. Apesar disso, as práticas de escrita de si podem ser identificadas em:

a) cinco páginas em que a escrevente faz um levantamento de suas atividades no período de 1999 a 2003, com a observação de que não ;e o ano de 2000 o tempo do registrado. Este registro testemunha o exercício de uma história retrospectiva, condição para a produção autobiográfica, afirma Lejeune (2014). Por outro passo, também sinaliza a disposição da escrevente de “olhar pelo retrovisor” e refletir sobre os projetos em que investiu, observar os aprendizados antes de apostar em novas direções. Seja qual foi a intenção de Fênix, a disponibilidade em observar-se é o caminho para o autoconhecimento:

“O ano de 1999 foi um divisor de águas para mim [...] Desafiada em meus limites, que ao mesmo tempo seria a minha força. [...] Que bom! [...].

[...]

** Não tenho registro do ano de 2000” (Fênix, Caderno 1, s/d)*

b) um poema, que pela ausência de aspas e do nome de autor, arrisco dizer que é de autoria de Fênix, que aprecia este tipo de gênero textual e já teve a experiência de publicar um blog pessoal:

*“No Egito, escravo eu fui
sim, oh sim.*

*No Egito escravo eu fui.
do rei faraó.*

*Triste bem triste estava.
meu coração chorava.
assim diz o Senhor. Liberta-me Senhor.*

[...]

(Fênix, Caderno 1, s/d)

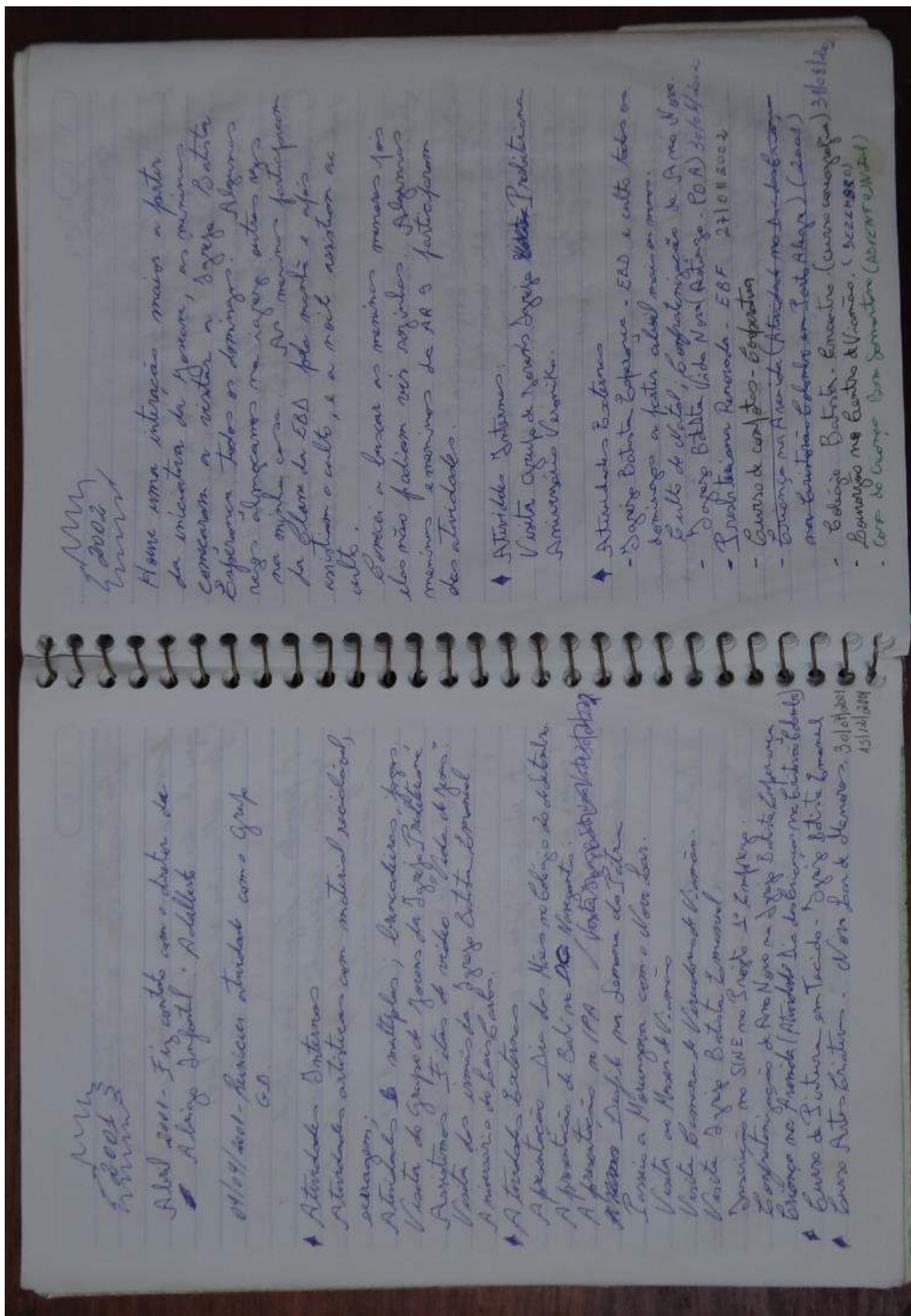
Apresento abaixo algumas imagens que ilustram as observações acima desenvolvidas. Na sequência, prossigo na análise das escritas de Fênix realizadas nos cadernos grandes.

Figura 83 – Conjunto de sete cadernos de Fênix – Capas



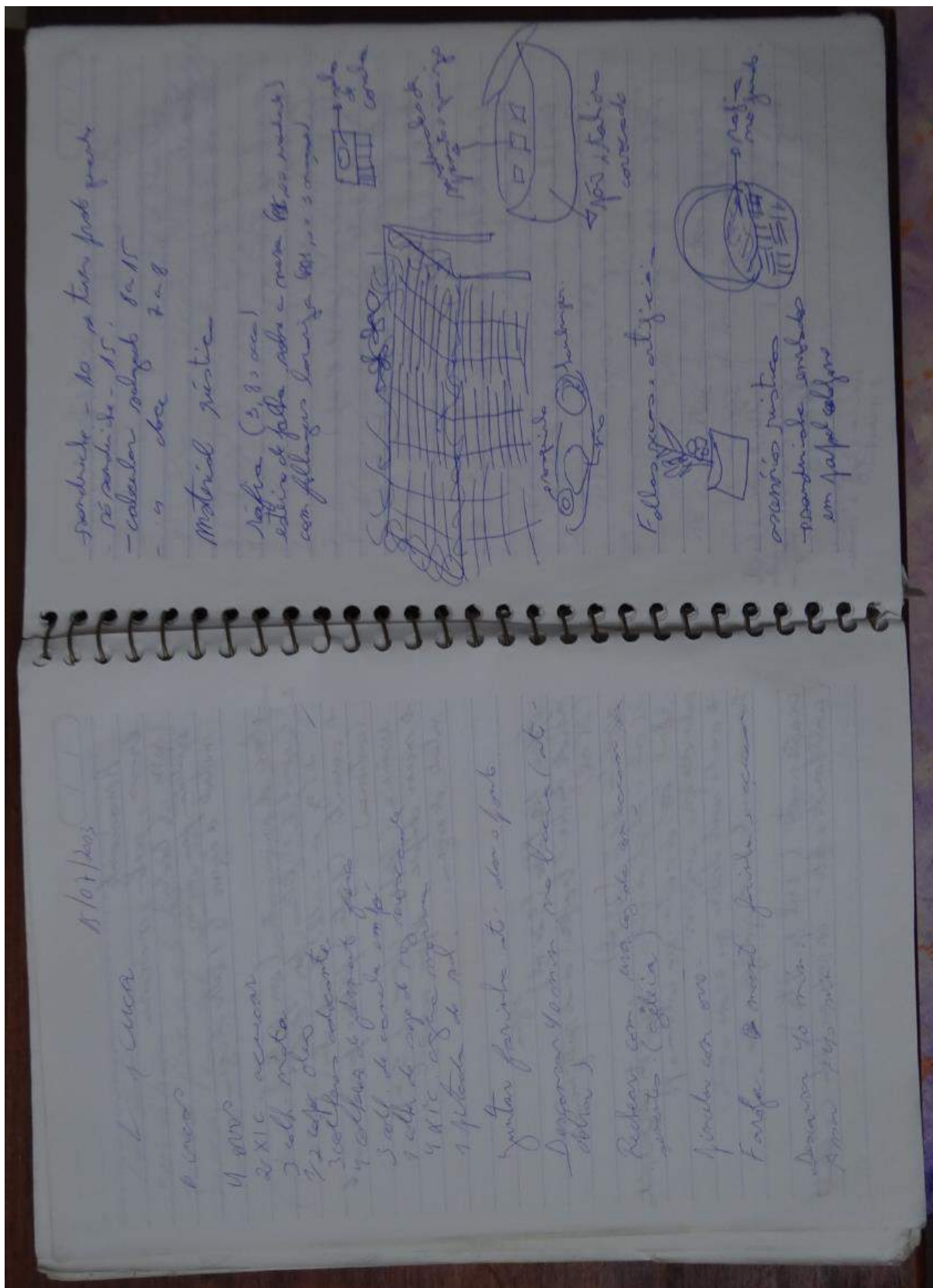
Fotografia da autora.

Figura 84 – Caderno 1 (2003) de Fênix – Retrospectiva 2001 e 2002



Fotografia da autora.

Figura 85 – Caderno 1 (2003) de Fênix – Desenhos e receita de cuca



Fotografia da autora.

Caderno 2 - capa com mesa de DJ

Caderno em espiral, capa dura, medindo 20 por 27,5 cm. A capa traz o desenho de uma mesa de DJ. Na contracapa, o desenho de oito capas que compõe, com esta, uma coleção, com os temas de música e esportes. Contém quarenta e duas (42) folhas, aproximadamente metade da quantidade indicada na contracapa (96). Os registros foram feitos a caneta. Como todos os suportes de escrita de Fênix apresentados até o momento, as folhas não foram numeradas. Apesar de haver campo específico na folha para indicação de data, a única pista de data foi registrada fora deste campo.

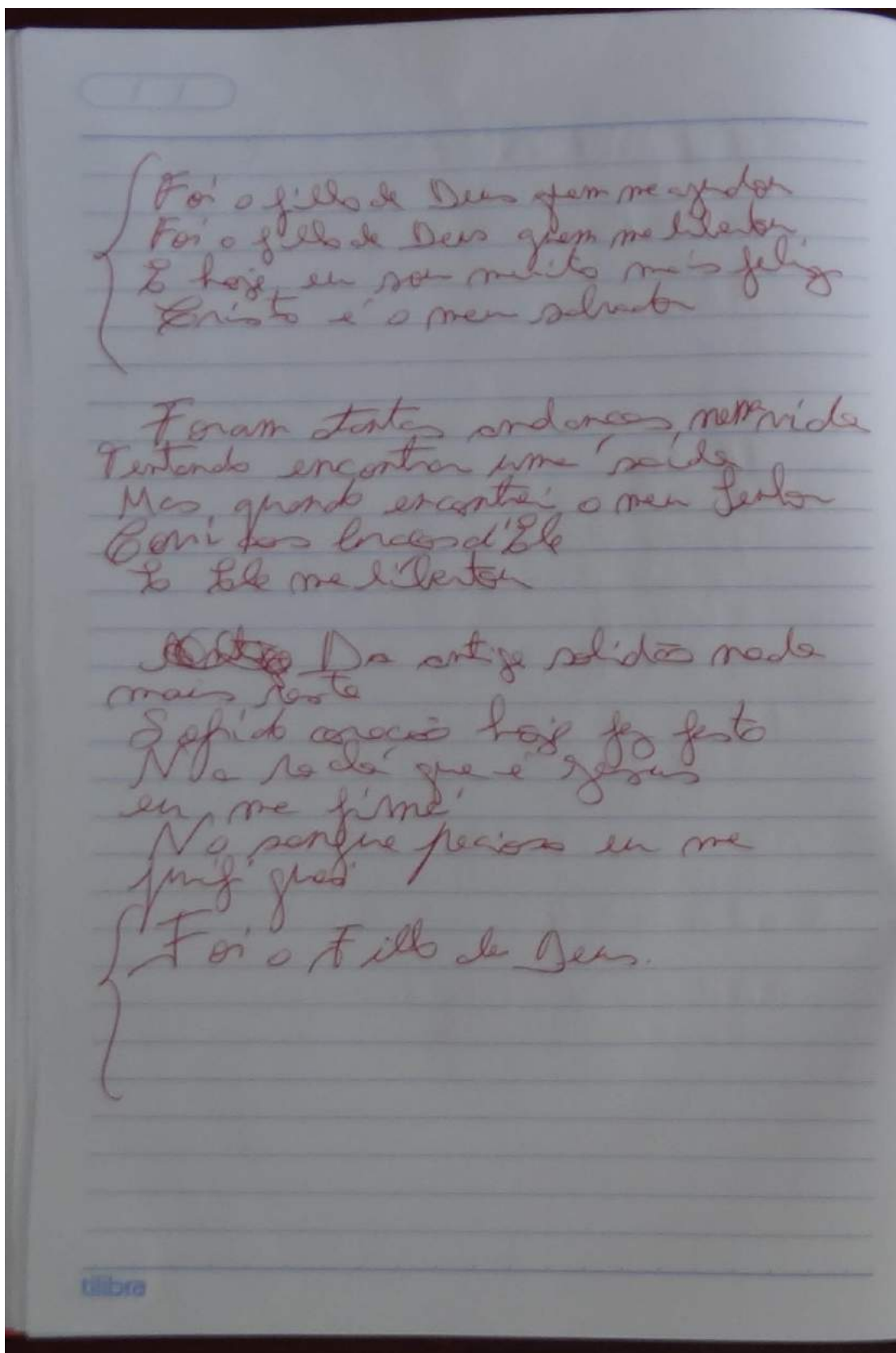
Apenas oito folhas contêm manuscritos: as seis primeiras, uma folha intermediária e a última. Os temas dos registros foram, nesta ordem:

- “Materiais necessários para EBD”, listas de chamada (turma com seis alunos) e o registro de 29 questões voltadas à uma “Gincana Bíblica”;
- Título: “06/12/2018 – Programa Rio Grande Rural – TV Brasil”, onde registrou informações sobre comunidades quilombolas e o trabalho da EMATER / RS;
- no verso da sexta folha, um poema, que talvez seja de sua autoria, pois não está entre aspas, e nem indica outro nome, que é uma prática da escrevente, quando se trata de outra autoria. Observo que este poema foi registrado com caneta de tinta vermelha, a mesma utilizada na anotação da reportagem de RS Rural, o que pode ser uma pista de sua data;
- aproximadamente na metade do caderno, quatro linhas foram preenchidas com o intuito de controle financeiro: “saldo anterior 36,67 / QUIPU / Saldo anterior jan/2018 – 37,88 / Fevereiro - 2017”. Os registros podem sinalizar a preocupação e o interesse da escrevente pela organização financeira;
- a última página contém registros de exercício de contabilidade, com siglas como Preço, CDV, MC, CDF, PE e MSO e a elaboração de uma tabela com estes dados. São números altos e os registros estão a lápis, escolha pouco frequente para seus registros.

Abaixo, apresento parte da transcrição e também a imagem do poema comentado:

“[...] *Da antiga solidão nada mais resta*
Sofrido coração hoje faz festa
Na roda que é Jesus eu me firmei
No sangue precioso eu me purifiquei
Foi o filho de Deus. [...]” (Fênix, Caderno 2, s/d/)

Figura 86 – Caderno 2 (2018) de Fênix - Página com poema



Fotografia da autora

Caderno 3 - Capa de uma menina segurando flores

Caderno em espiral, medindo 20,2 por 28 cm. Na capa, uma menina sentada, com as pernas cruzadas segura flores. Entre os cadernos, é o único cuja capa tem uma imagem relacionada ao feminino. Na contracapa, o título desta coleção da empresa de caderno: GIRL. No interior da capa, o nome da escrevente. Não há página de identificação. O caderno conta com 43 folhas, embora na contracapa encontre-se informação de 96 folhas. Até o momento, a maior parte dos suportes de escrita de Fênix tem demonstrado ser o reaproveitamento de agendas e cadernos utilizados por outros. Em razão dela ter uma filha menina, não seria difícil compreender que as folhas suprimidas são aquelas utilizadas pela menina. Além disso, a inexistência da página de identificação e o registro do nome de Fênix na contracapa pode ser um gesto para tornar seu este suporte de escrita.

Quanto aos temas contemplados nos registros, predominam informações adquiridas em cursos e palestras, registradas com data, título e frases entre aspas. No período de uso deste caderno, encontram-se anotações referentes aos cursos: formação de Promotoras legais populares (PLP's), I Encontro de Mulheres da Região Metropolitana, palestra com representantes do Afro-Sul e THEMIS. Quanto do trabalho de conclusão do curso de PLP's, registrou a vontade de trabalhar o tema "sexualidade e religiosidade - entrevistas com diversos grupos de mulheres". Esta observação sinaliza que as mulheres estão presentes no olhar da escrevente com relativa constância.

Não houve neste caderno o registro de temas religiosos, como passagens bíblicas, frequente nas materialidades antes observadas. O papel e caneta disponíveis, inicialmente para o registro das atividades do curso, propiciaram à escrevente a condição para registrar projetos, experiências concomitantes ao tempo do curso, e também lembranças passadas. Esta forma de escrita propicia, ao leitor do futuro, imaginar alguns ritmos da história de vida da escrevente.

Transcrevo abaixo algumas frases, indicando entre parênteses a página (não numerada, mas "contabilizada" manualmente), o que pode sinalizar o período de tempo em que ocorreu a experiência, em relação aos outros temas que estão no caderno:

- (p. 22) "Entrevista com a Márcia – foi um bate-papo legal!";
- (p. 25) "13/12/00 Faltei aula, motivo: [nome da filha] estava doente";
- (p. 41) "sofri racismo" [tema do curso aqui era o preconceito étnico e racial];
- (p. 48) "Sonho – organizar os trabalhadores informais";
- (p. 50) "trazer catálogo" [alusão ao seu ofício?];
- (p. 50) "IDEIA: marcar oficina de comidas afro";

- (p. 57) “IDEIA – levantar demandas da comunidade”

Este caderno está rico em desenhos, que frequentemente guardam relação com o manuscrito. Os desenhos estão presentes em 26 páginas e podem ser pensados como uma produção escrita, mas também de interação com outras pessoas do grupo de alunas e professoras (es). No espaço onde estão as anotações do curso de PLP’s, a caligrafia de outrem pede passagem. Trata-se de um comentário assinado por “a coordenação”, cujos dizeres são: “Amamos teu caderno, teu espaço de construção. [...] Obs: A propósito, sugerimos que pinte e colore teus desenhos do caderno, eles significam teu interesse e teu comprometimento [...]” (página 15). Assim, a participação no curso propiciou um testemunho de reconhecimento à sua produção escrita.

Observa-se, até o momento, tanto neste caderno como em suas agendas (utilizadas para fins de anotações), que com frequência a escrevente tem o cuidado de utilizar aspas para se referir à frase de outrem. A presença de dois poemas, com o texto sem aspas, permite pensar que se trata de uma produção da escrevente. Um poema apresenta-se entre as palestras sobre justiça e etnia, durante o curso PLP’s. O outro poema, entre as páginas finais do caderno. Ambos não receberam título e parecem ser a produção de um momento e um espaço em que Fênix permitiu-se deixar “fluir” o pensamento durante as aulas. Transcrevo-os abaixo:

<p><i>A justiça não será mais cega. Ela verá por nossos olhos. Ouvirá porque nós estamos no lugar certo para ouvir.</i></p> <p><i>Terá um coração, o sentimento e a delicadeza, a indignação, o amor. Não te admires de eu te dizer: A justiça é uma mulher que se emancipou A criança que foi acolhida. A negra que lutou contra a discriminação e se fez respeitada. A deficiente física que foi restaurada. A mulher que se diz merecedora do amor e do afeto. Tu, justiça, é um pouco de nós e somos nós em tudo. A justiça é o equilíbrio entre o amor e o ódio.</i></p> <p><i>A justiça é mulher amada e satisfeita após o orgasmo na plenitude do amor.</i></p>	<p><i>Mãe antiga, ouço teu canto Mãe antiga, ouço tua risada Mãe antiga, ouço teu pranto</i></p> <p><i>Força da Paz Cresça sempre sempre mais Que reine a paz e acabem as fronteiras</i></p> <p><i>MIR, MIR, MIR (PAZ, TERRA, PAZ) [página 71]</i></p>
--	--

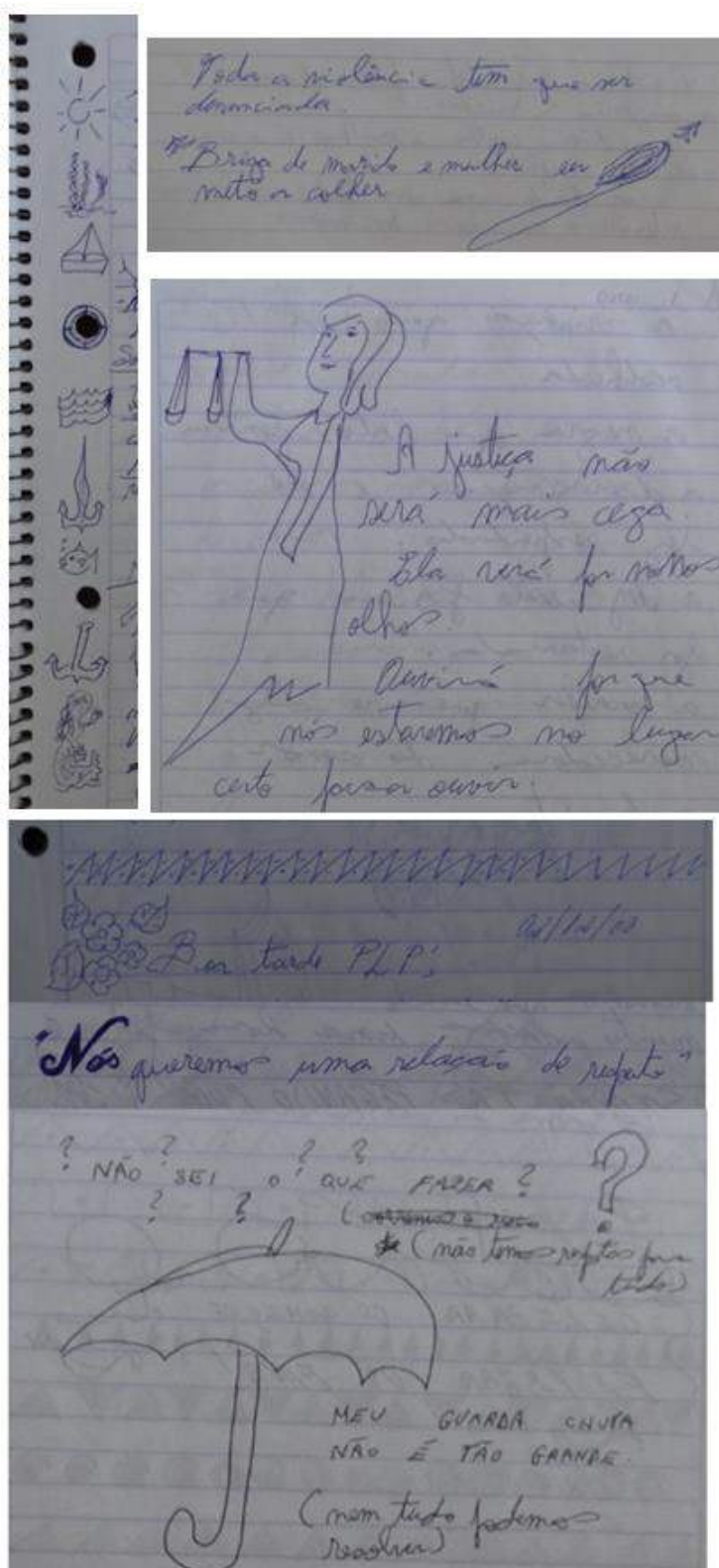
<p><i>São palavras doces. É o aconchego. Justiça não será mais o abismo. Voarás comigo. Agora eu ganhei o mundo. O meu peito se abriu Me lancei num vôo Olhei para o meu ventre Nasceu uma filha Que mamou em meu peito. Sorriu para mim Quando a mãe justiça olhou uma lágrima cair sobre a filha. Tu [rasuras] te chamarás liberdade.</i></p> <p><i>Para saberes que com lágrimas lhe refrescarás. Mas serás alimentada sempre no meu peito. Terás lugar no meu colo. Um dia crescerás. A mãe Justiça estará sempre (junta) presente na essência da filha liberdade Vai filha minha segue o teu caminho és livre. Ficarei aqui, mas tu levarás contigo.</i></p> <p><i>um pouquinho de mim. És livre para todas as coisas que te farão feliz. És livre Vá segues o teu caminho Muitos estão a tua espera. Terás tempo para tudo. Liberdade... [páginas 31 a 36]</i></p>	
---	--

Outras situações de transgressão do uso do caderno foram:

- a presença de desenhos infantis (traços mais simples para a representação de casas, pessoas, árvores, sol, céu) em sete páginas (p. 45, 51, 54, 55, 58, 59, 60), indicando o contato da escrevente com crianças, talvez uma interação com os netos;
- uma página toda ilustrada com símbolos (p. 63), talvez uma forma de representar o encerramento de uma proposta (registro de curso), anunciando novos usos;
- traços soltos e um número de telefone, com uso invertido da folha (última página).

A seguir, uma imagem em que reuni diversos desenhos da escrevente, presentes em diferentes páginas do caderno.

Figura 87 – Caderno 3 (2000) de Fênix - Conjunto de desenhos



Fotografia da autora

No que tange às catorze (14) folhas anexas junto ao caderno 3, os manuscritos versam sobre três temas:

- as aulas sobre escola bíblica dominical (EBD) durante o período (abril, maio 2017 e registros sem data);
- o retiro da Igreja Batista em 30/04/2017;
- cartas-preces a Deus e “Meu diário” em cinco momentos: “março 2017”, 26/03, 10/04, 16/04, 21/04/2017 (aproximadamente 8 páginas).

Transcrevo abaixo excertos de suas cartas-prece:

*“Senhor meu Deus e Pai
nos últimos meses tenho vivenciado muitas situações. São altos e baixos.
Preocupações, angústias, frustrações e anseios [...] Ao mesmo tempo tenho
esperança, sonhos, alegrias e vitórias.
Agora é madrugada e eu te busco. [...]”*
(Fênix, folhas anexas Caderno 3, março/2017)

*“Bom dia Senhor Jesus!
Hoje é Páscoa!
Celebramos a tua vitória sobre a morte! [...]”*
*Que o teu Anjo vá à minha frente!
Eu oro pela vida de [24 nomes] [...]”*
(Fênix, folhas anexas Caderno 3, 16/04/2017)

Nas transcrições acima, a escrevente observa os próprios sentimentos e solicita apoio do amigo em quem confia, Deus. Em outro trecho, celebra e pede proteção a si e aos parentes e amigos. São duas situações distintas, que permitem pensar o exercício de liberdade para compartilhar a dor e também para sorrir. Para Arfuch (2010, p. 145) “o diário cobiça um excedente daquilo que não é dito inteiramente em nenhum outro lugar ou que, assim que é dito, solicita uma forma de salvação”. O registro de Fênix sinaliza a confiança de que escrever [e orar] libera o sentimento, propicia autoconhecimento e permite continuar a viver.

Finalizando as observações deste suporte de escrita, destaco a produção de um espaço para si, num artefato originalmente destinado ao registro de outros, isto é, dos professores dos cursos e palestras. No caderno e nas folhas anexas, a escrita de si foi expressa em desenhos, poemas, cartas-prece e [momentos de um] diário. Seu caderno foi testemunho de uma “alternância das vozes [e] texturas da afetividade” (ARFUCH, 2010, p. 148), para expressão própria e para a interação com outras pessoas... partes de um tempo e de uma história que a compõem.

Caderno 4 – Sem capa

Quando refiro este caderno de Fênix como “sem capa”, trata-se literalmente da apresentação da materialidade. Tem as dimensões 20 x 27,7 cm. É composto por 96 folhas e uma abundância de registros. No interior do caderno, estão anexos dois conjuntos com três folhas cada. A ausência da capa antecipa a probabilidade de que folhas foram suprimidas, o que de fato ocorre. Na contracapa há a informação de que o caderno originalmente contava com 168 folhas, o que permite afirmar a supressão de folhas. Contudo, os registros no interior da contracapa são exclusivos da escrevente, diferente dos cadernos anteriores, onde este era um espaço de registro dos amigos dos filhos.

Predomina o uso da caneta e em alguns momentos os destaques no texto foram realizados com lápis de cor, como uma “paisagem” ao fundo do registro. No alto da página, o campo específico para data foi poucas vezes preenchido, indicando o uso do caderno em 2008, inclusive na indicação de datas para entrega de provas e trabalhos. Após uma observação pormenorizada, identifiquei que se trata de um caderno de registro das aulas do curso livre de Teologia. As disciplinas presentes são: Teologia, Português, Antigo Testamento, Homilética e Atividades de estágio, esta última relacionada à oratória de sermões religiosos. Desde as primeiras páginas que são dadas a ver, a escrevente produziu um espaço para a escrita de si e de confidências ao caderno. Com frequência, estes registros ocorreram junto aos textos de aula.

Em sua forma de registro, destaco: a) a proposição de perguntas, por vezes a si mesma, o que parece uma técnica para “ouvir-se”; e b) a indicação de tarefas a si mesma, com uso do verbo no infinitivo, por exemplo: responder, ler, tarefas com frequência relacionadas ao curso de Teologia, mas não somente.

Neste caderno o exercício de transgressão se apresenta nas primeiras folhas, igualmente nas três folhas antes do encerramento e na contracapa. Nas primeiras folhas, um registro reflexivo, sem data. A motivação de reflexão é a experiência a partir de um curso, a atuação da escrevente que se relaciona com os outros cadernos aqui analisados. Transcrevo abaixo:

*“Certa vez, participei de um curso de direitos humanos [...] Era como que um recado só para mim, afinal de contas, não somos nós evangélicos os representantes de Deus aqui na Terra? Não somos nós [...]? Será?
No fundo tenho minhas dúvidas.”* (Fênix, Caderno 4, s/d)

Nas três folhas antes do encerramento do caderno, os usos foram múltiplos: datas das reuniões na Igreja Palavra Viva, registro de datas de cursos relacionados à igreja, por exemplo Multiplicação de Igrejas e do Encontro de “Missões Estaduais”, Convenção Pioneira do Rio Grande do Sul. Houve ainda pedidos de oração, gesto de caligrafia de outra pessoa, o que permite pensar que a sua atuação religiosa é uma das identidades pelas quais é reconhecida por outras pessoas. Na contracapa, há o desenho e os dizeres sobre “Prevenção a Dengue”, talvez numa proposta de disseminar a informação ou em razão de algum panfleto ou anúncio visto.

Mesmo sendo um caderno de aulas, observo as formas de registro peculiares: desenhos para ilustrar as anotações, destaques ao texto, ora circulando, ora escrevendo em caixa alta e colorindo o “fundo” das palavras. Não usa caneta hidrográfica. No canto inferior de uma das páginas, um adesivo com a mensagem “Salve a natureza”. É o único adesivo ao longo das folhas pautadas, em todas as suas materialidades.

Entre os registros das aulas, onze páginas de anotações sobre um filme. Não registra o título, iniciando por “Los Angeles 1992 incêndio”. Anotação de algumas falas das personagens do filme. E em destaque, a informação: “Baseado nos diários dos alunos da sala 203 da Escola Woodrow Wilson”, o que permite compreender que se trata do filme “Escritores da liberdade”. Outra menção à prática de escrita de diários, apresentada no próprio filme e registrada pela escrevente, é:

➔ *Os diários: escrever passado, presente, futuro... dia-a-dia, músicas, poemas, coisas boas, coisas ruins, qualquer coisa... Mas tem que escrever todos os dias.. Tenham sempre uma caneta, sempre que sentirem a inspiração.* (Fênix, Caderno 4, s/d)

Outros filmes citados ao longo do caderno são recomendações, como: “A cor púrpura”, “A lista de Schindler”, “Marcha para Washington”. Há também o registro sobre uma “Exposição Anne Frank”. O curso de Teologia também foi momento de muitas leituras, por vezes indicadas inclusive como tarefa, como se depreende dos registros: “06/05 - Esboço livro Philip Janey” e “Como fazer um fichamento?”. No interior do caderno, de forma anexa, dois conjuntos (de três folhas cada) de fotocópias de algumas páginas de livro ou revista, com o título “Lições Bíblicas” e as páginas 4 a 9 e 28 a 33, indicados no rodapé.

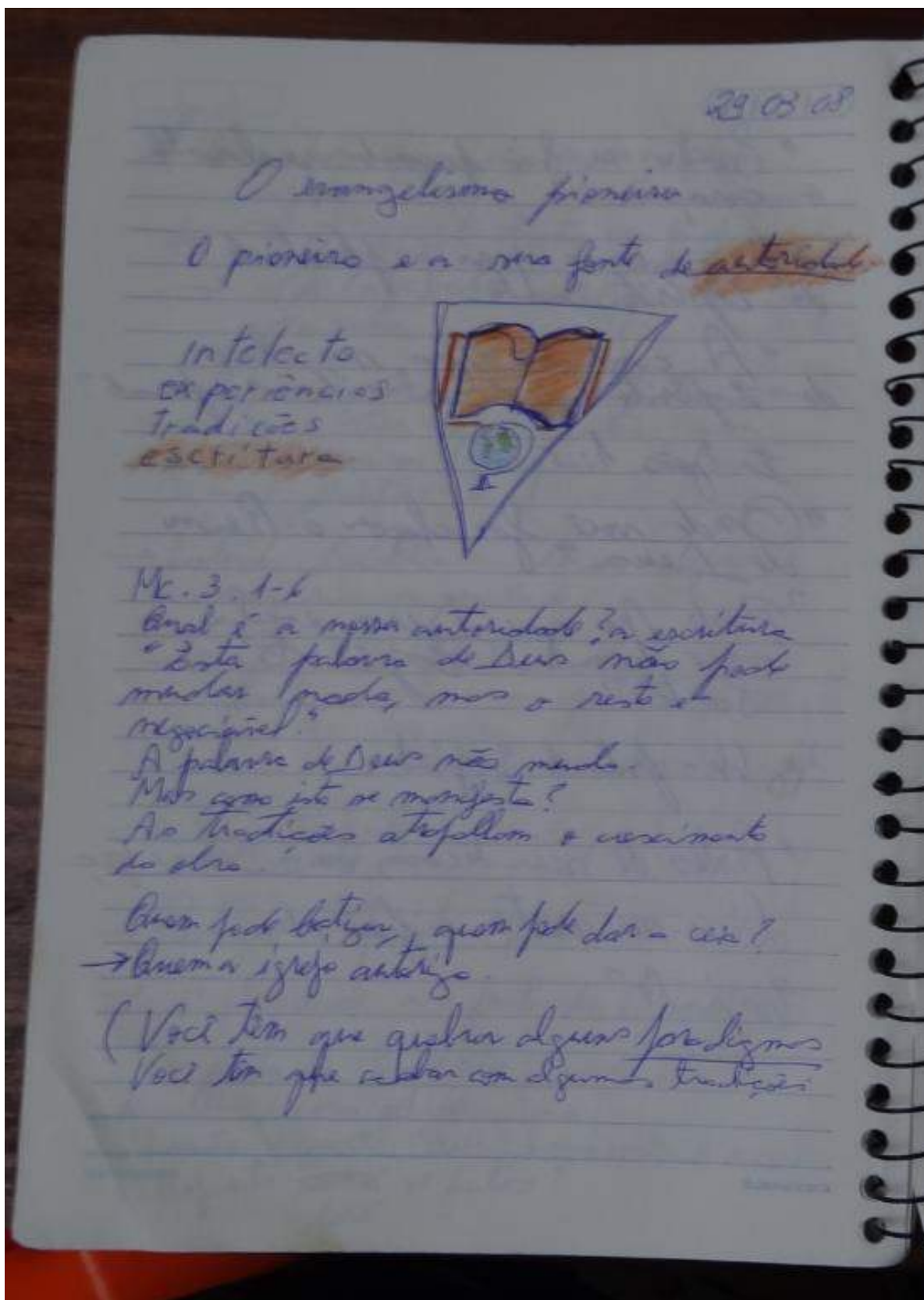
A seguir, imagens de seus desenhos e de uma página escrita:

Figura 88 – Caderno 4 (2008) de Fênix – Conjunto de seis desenhos



Fotografia da autora.

Figura 89 – Caderno 4 (2008) de Fênix – O contexto de um dos desenhos



Fotografia da autora

Caderno 5 – Capa de motocicleta

Caderno de Fênix em espiral, medindo 19,9 por 27,4 cm. Na capa, a imagem de uma motocicleta em fundo preto e roxo. Na contracapa, somente uma palavra: BASIC. No interior da capa, dois adesivos com textos em inglês, que parecem se relacionar a nomes de marcas de artigos masculinos. No interior da contracapa, dois recados destinados a S., um dos filhos de Fênix, além dos números de dois telefones móveis e os dizeres “me chamem no whats”. Não há página de identificação. O caderno está com 78 folhas, embora na contracapa conste a informação de 200 folhas. No caderno estão presentes ainda vinte e duas (22) folhas de caderno “soltas”, cujos símbolos no rodapé indicam ter pertencido a outra materialidade. Os elementos acima permitem inferir que este caderno pertenceu a outro escrevente antes ser utilizado por Fênix.

As datas que comparecem neste caderno permitem inferir o uso no ano de 2017. Vinte e três (23) páginas não apresentam registros. Entre os temas presentes, destacam-se:

- Curso Escola Bíblica Dominical (EBD) - Adultos;
- Cultos de Oração;
- Cultos da Família;
- pedidos de oração;
- palestra sobre ideologia de gênero;
- “EBD Juniores”.

Não identifiquei neste caderno poemas nem frases alusivas aos sentimentos da escrevente. Em poucas páginas encontrei registros de fatos da vida pessoal de Fênix:

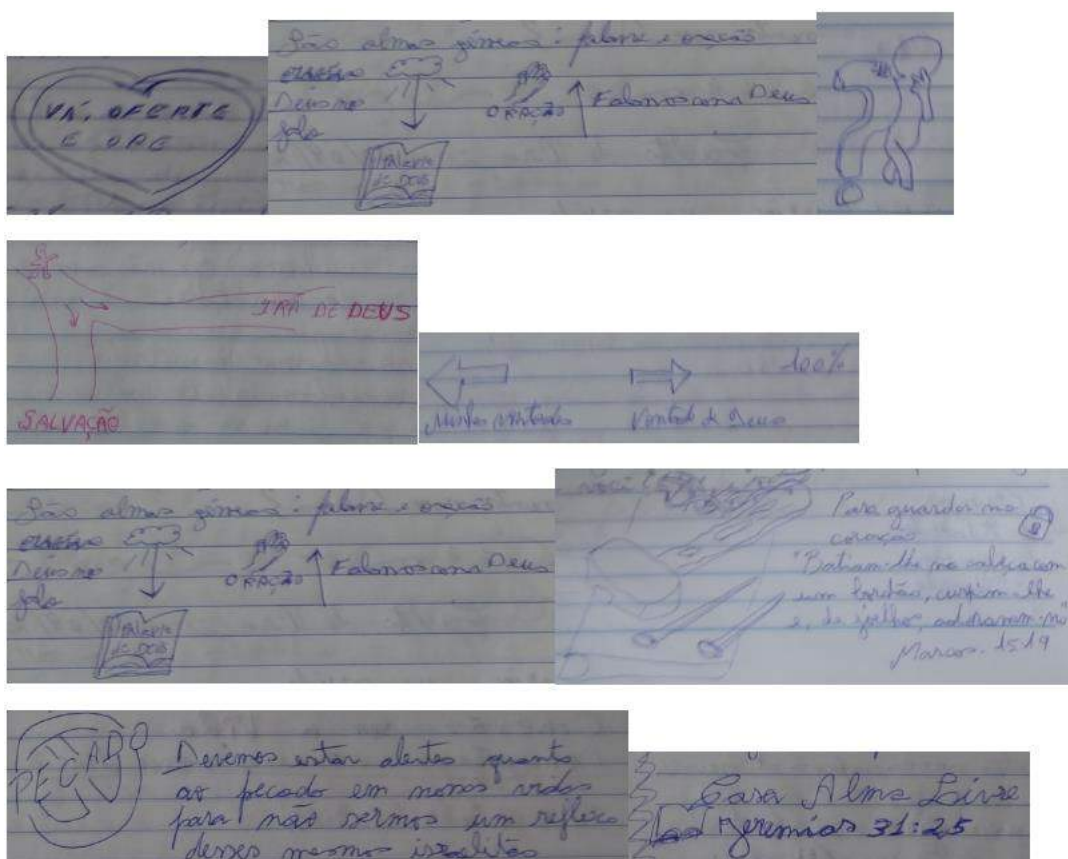
- uma auto-análise, onde faz uma lista sobre onde está investindo tempo, tema que foi solicitado durante uma aula de EBD (ver imagem);
- o registro “jejum terça-feira”;
- quando utiliza uma página da divisão de matérias (impressa no caderno) para anotar informações de valores, data e nove nomes individuais. Para dois nomes, existe a observação “pago”. Como ela trabalha como revendedora de produtos cosméticos, possivelmente o caderno teve o uso de auxiliar de sua vida laboral e financeira;
- um desenho infantil na última página do caderno e a escrita de “te amo vó”.

Este suporte de escrita recebeu registros a lápis, tanto na “seção” EBD Adultos (cinco páginas) como EBD Juniores (duas páginas). Sobre a “seção” EBD Juniores: a)

encontra-se no final do caderno; b) possui um total de catorze páginas, com aulas semanais (quando há indicação de data) no segundo semestre de 2017; c) seus registros ocorrem com o caderno invertido, isto é, faz uso da parte posterior para o começo e com a direção da página invertida; d) com frequência realiza uma lista de chamadas, tendo tido no mínimo um aluno e no máximo três; e) contém planejamento de Fênix, que inicia a aula indicando texto bíblico e dinâmica.

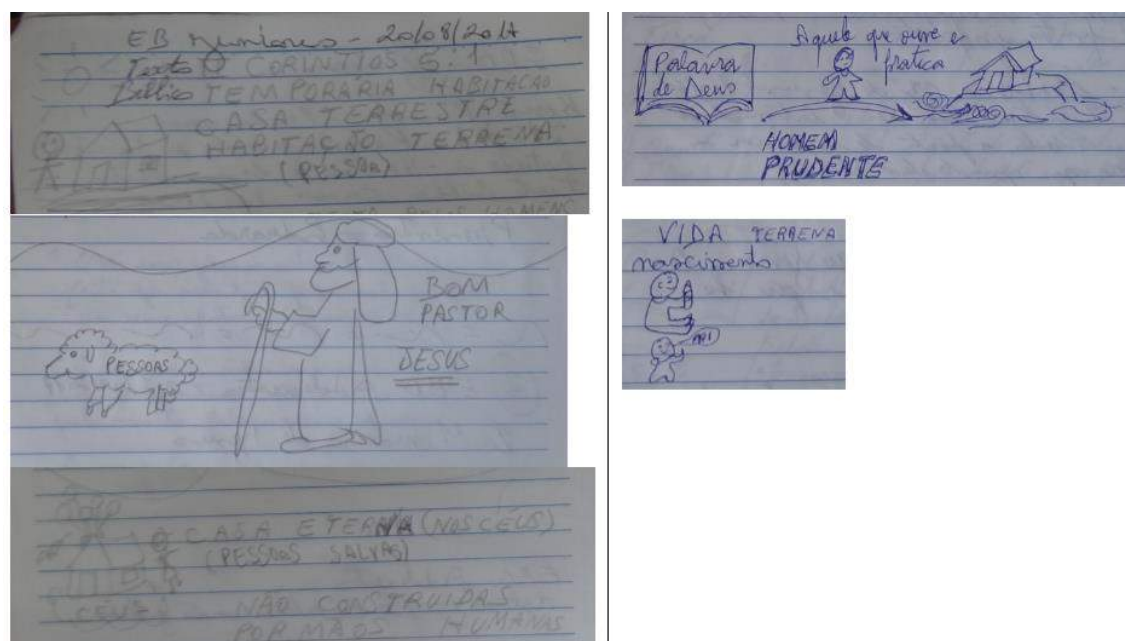
Diversos desenhos acompanham os registros das aulas, tanto da EBD Adulto como aqueles da EBD Juniores (ver alguns em imagens a seguir). É uma característica de sua singularidade. Outras formas de destaques pelas quais a escrevente conferiu realces a excertos do texto foram: a) a elaboração de “quadros” e da figura de “pergaminhos” no entorno dos registros; b) a caligrafia em letra de forma caixa alta; c) a caligrafia ocupando mais de uma linha.

Figura 90 – Caderno 5 (2017) de Fênix – desenhos para EBD Juniores



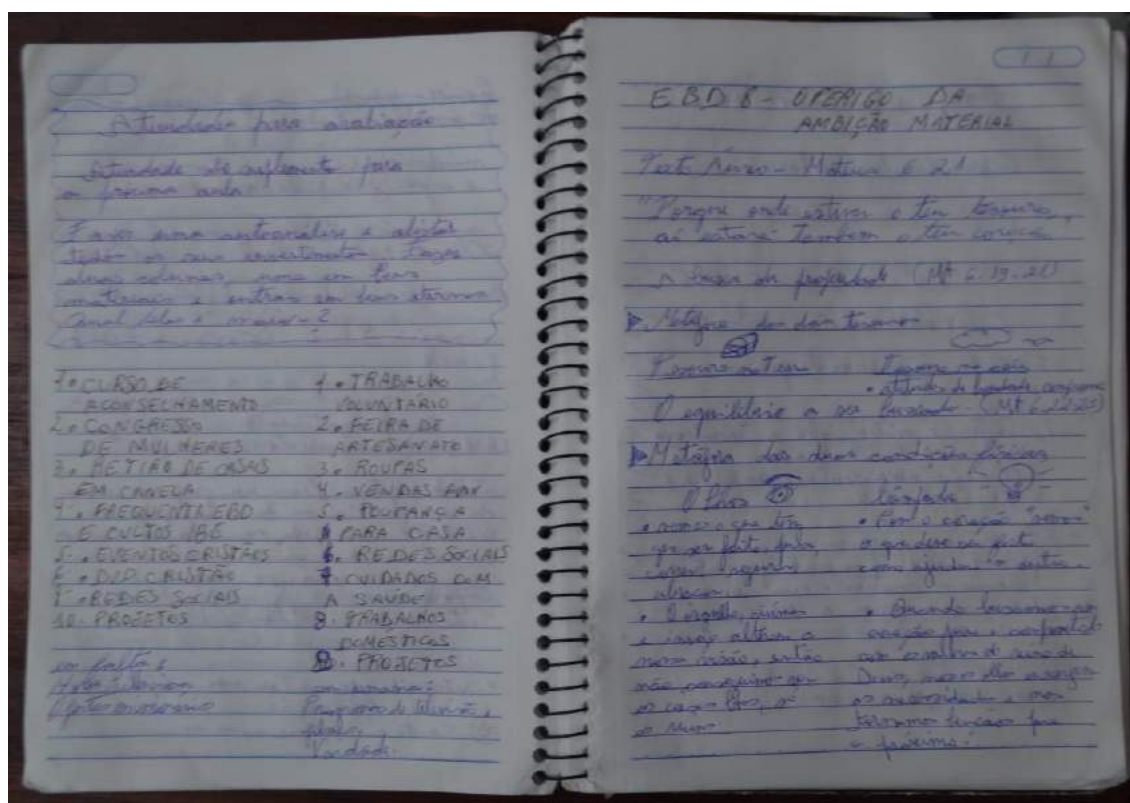
Fotografia da autora.

Figura 91 – Caderno 5 (2017) de Fênix – desenhos durante as aulas de EBD



Fotografia da autora.

Figura 92 – Caderno 5 (2017) de Fênix – Lista de atividades pessoais

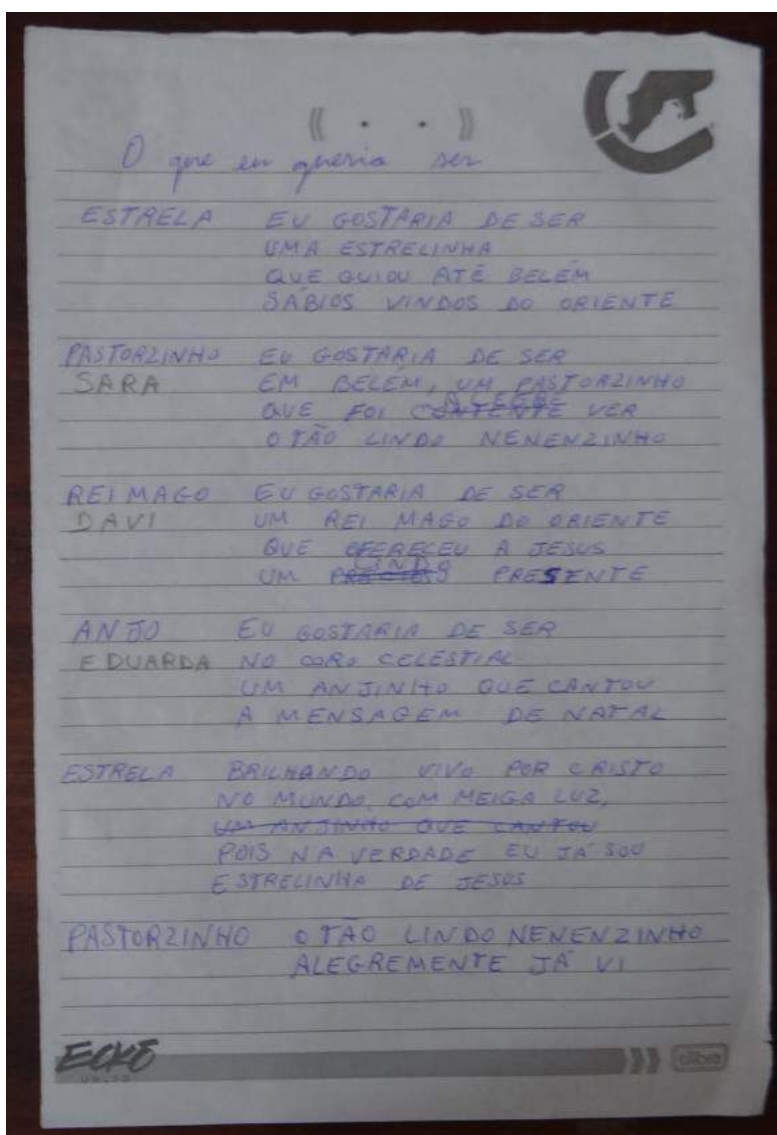


Fotografia da autora

Quanto às vinte e duas (22) folhas “soltas” que se encontram anexas no Caderno 5, é possível dizer que:

- vinte e uma (21) referem-se às atividades de EDB, Culto da Família e Culto de Oração, bastante similares aos registros presentes no caderno 5. O período refere-se a dezembro de 2016 até fevereiro de 2017, indicando aulas semanais;
- uma folha refere-se a uma atividade relacionada a crianças, com o título “O que eu queria ser”. Observa-se que a escrita foi realizada com letra de forma maiúscula. Seleciono esta página para a imagem a seguir:

Figura 93 – Caderno 5 (2017) de Fênix – Atividade com as crianças



Fotografia da autora.

Caderno 6 – Capa vermelha

Este caderno tem a capa dura, em cor vermelha, a ilustração de três dobraduras de pássaros (três cores diferentes) e a marca da gráfica na parte inferior. De dimensões 19,3 x 28 cm, em seu interior apresenta uma página com solicitação de “Dados pessoais”, onde a escrevente preencheu seu nome e endereço completo e informações de nome e telefone do esposo no campo “Emergências”. Além desta, uma página de Calendário permanente, duas páginas destinadas a “Planejamento” e quatro páginas a “Orçamento pessoal”. Nenhuma destas recebeu registros da escrevente. No interior da capa, um adesivo: “Ore pela Coreia do Norte”. No interior da contracapa, a presença da caligrafia de Fênix e o registro do nome de três de seus filhos, com respectivos números de telefone celular. Diferentemente dos cadernos formato grande, anteriormente apresentados, este sinaliza ter sido de Fênix desde o início, pelo registro na página de identificação e no interior da contracapa.

O caderno capa vermelha possui 77 folhas. Não há informação sobre a quantidade de folhas no caderno original, e como não existem rastros, “farpas” de papel, não se pode afirmar que houve supressão de folhas. Em uma folha vê-se que a metade inferior foi suprimida, diversos podem ter sido os motivos, como deixar um bilhete, repassar uma informação e outros que ficam incógnitos à pesquisa.

Não houve numeração das páginas ou folhas. Com frequência foi indicada a data de registro, em campo específico no alto da página, que indica o uso do caderno no período de março a julho de 2015. A materialidade sugere o registro quanto ao dia da semana: “D S T Q Q S S” e, quando assinalado, houve prevalência do “D”, de domingo, o que se relaciona diretamente com o uso.

Os temas que receberam atenção e registro da escrevente neste caderno foram:

- anotações das aulas de EBD – Escola Bíblica Dominical. Desenhos foram realizados acompanhando os temas das aulas. No encerramento das aulas, mais de uma vez, houve o pedido de oração, para si e outros;
- Reunião da AMEV – Associação de Ministros Evangélicos de Viamão;
- anotações de recados, por exemplo: “dia 16 março de 2015: Caminhada de Oração” e “* Promoção Saúde da População Negra – UFRGS – Edição[?]”;
- pedido de oração para familiares e amigos, e também para si;
- registros de si, como: “*não sei qual o trabalho que o Senhor tem para mim no sul do Brasil*”;

- registro de eventos familiares, por exemplo, a comemoração de aniversário de um familiar [e desenho de balões].

Quanto às práticas de escrita no conjunto desse caderno, observa-se:

- o predomínio da letra cursiva;
- o uso da caneta esferográfica, de diferentes cores;
- a ausência de lápis ou canetas hidrográficas;
- a presença de destaque e elaboração de desenhos, especialmente quanto às mensagens bíblicas, com frequência entre aspas e indicando o versículo;
- o registro de “linhas” para diferenciar o registro de diferentes temas na mesma página;
- o “desenho” de quadros para destacar alguma mensagem, como diante da frase: “A nossa família faz parte do nosso chamado”;
- alguns registros com brincadeira, tais como “ligue a imagem à palavra”, relacionando uma interação com criança. Em outras páginas, há o nome do neto; e páginas de rasuras, denotando o uso da caneta por uma criança não alfabetizada.

Antes de reproduzir algumas imagens do caderno 6, destaco:

- a) uma anotação da visita de uma missionária, o que deixa pistas sobre o adesivo no interior da capa, de que talvez seja uma campanha apoiada por sua igreja;
- b) o registro de notas para si, por exemplo, abaixo do nome completo de uma mulher, fez uma seta, e com outra cor de caneta, escreveu: “Quem é ela? Onde a conheci?”, que permitem pensar o gesto de releitura de seus manuscritos e de interlocução consigo mesma;
- c) o uso da última folha do caderno para outros temas, sendo o primeiro registro do caderno de 08/03/2015, “avançou” até o mês de julho/2015, segundo as datas inscritas. Já a última folha recebeu a data de 15/03/2015, o que sinaliza que foi usada simultaneamente ao início dos estudos do caderno, mas para um tema totalmente diverso. As primeiras linhas indicam: “Professora: M. / Criolo”, o que faz pensar numa relação em que Fênix iniciou os estudos de uma outra língua ou dialeto, o crioulo. Tal possibilidade se consolida na confrontação de seus manuscritos em outros cadernos, quando expõe sua interação com imigrantes africanos e a vontade de atuar em projetos para este público. A aula de crioulo solicitou inclusive “Tema de casa” para Fênix, numa página em que as questões foram realizadas por uma caligrafia diferente;
- d) a presença de uma folha sulfite (sem lauda) anexa neste caderno. De um lado, consta uma tabela de segunda-feira a domingo, para inserir compromissos da primeira quinzena de dezembro de 2017. Tal gesto sinaliza, entre outras possibilidades tanto um desejo de organização de suas atividades quanto uma possível ausência de agenda pessoal no ano de

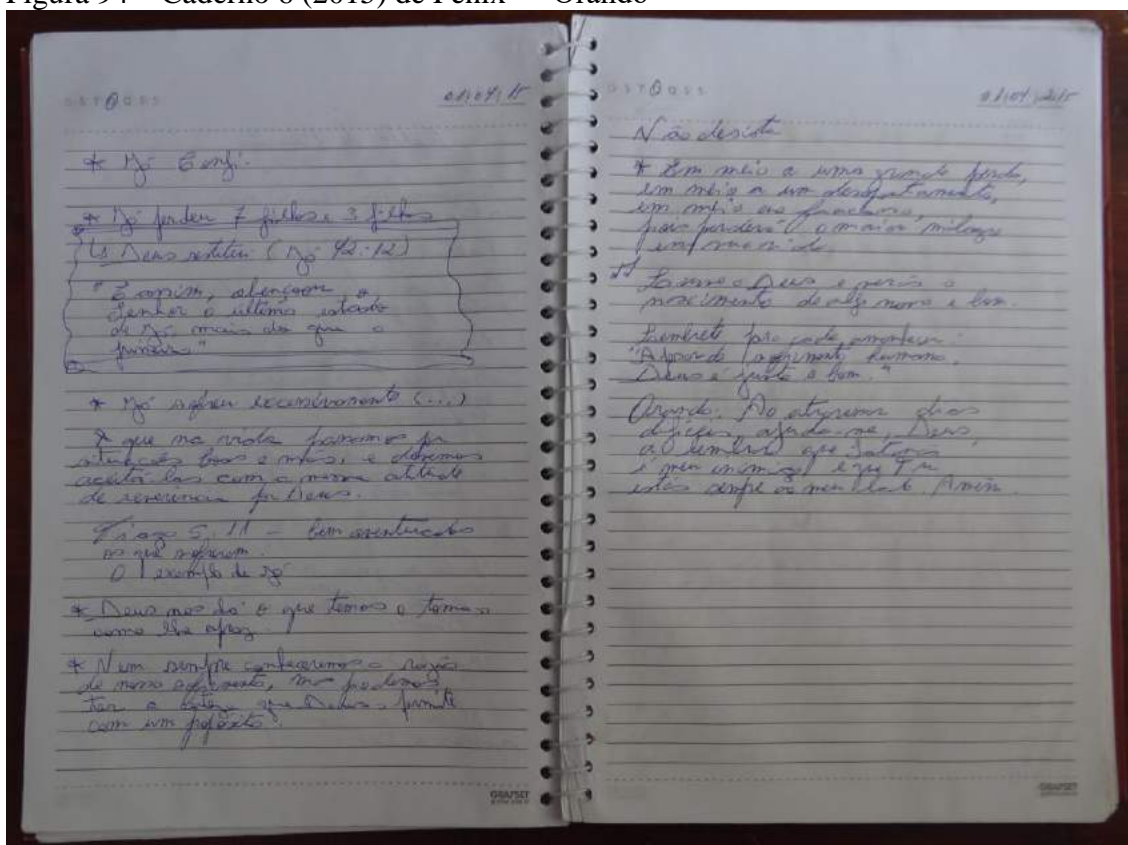
2017. E realmente nenhuma agenda com registros de 2017 foi concedida à pesquisa. No verso, dados impressos de uma consulta agendada em agosto de 2017. No espaço livre de meia página, a presença de uma carta-prece a Deus, com data de 28/11/2017.

Segundo Castillo Gómez (2012), existe uma “tensão subjacente entre as normas que regem o espaço escolar, por parte de professores e professoras, e a possibilidade de transgressão inerente a cada ato de escrita, ou seja, igual a que podemos ver em outras situações (CASTILLO GÓMEZ, 2012, p. 68). Embora o autor se refira ao espaço da escola e mais diretamente a “escritas escolares e infantis”, é possível pensar que o gesto de transgressão da escrita não é exclusivo a esse contexto. Também não é exclusivo a uma materialidade nem limitado ao gênero textual. Acontece com escreventes de todas as idades e no uso de diferentes suportes de escrita. Fênix apresentou, com grande frequência, registros heterogêneos reunidos em uma mesma materialidade. Prevalece a heterogeneidade e é possível pensar alguns exemplos:

- quanto ao gênero: carta-prece, orações, registro de leitura espiritual, registros das aulas, anotações para si, e outros, convivem no mesmo suporte de escrita;
- quanto às datas: há reunião de registros de diferentes tempos;
- quanto à perspectiva de leitores futuros: para si, para interagir com outros participantes do curso, para interagir com crianças, quiçá, para uma pesquisa acadêmica;
- quanto às ferramentas de escrita: lápis, canetas esferográficas, canetas hidrográficas combinam-se, fazendo uma proposta diferenciada.

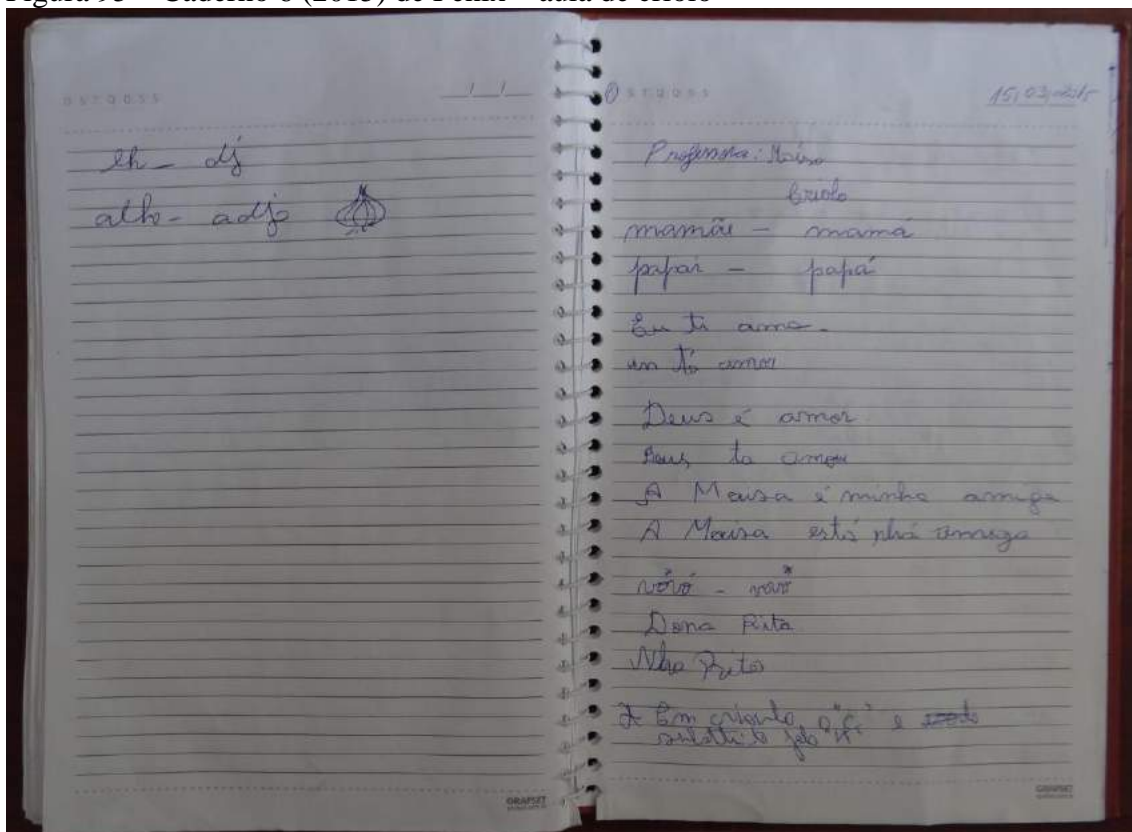
Reproduzo abaixo algumas imagens, visando ilustrar a apresentação realizada sobre esta materialidade.

Figura 94 – Caderno 6 (2015) de Fênix – “Orando”



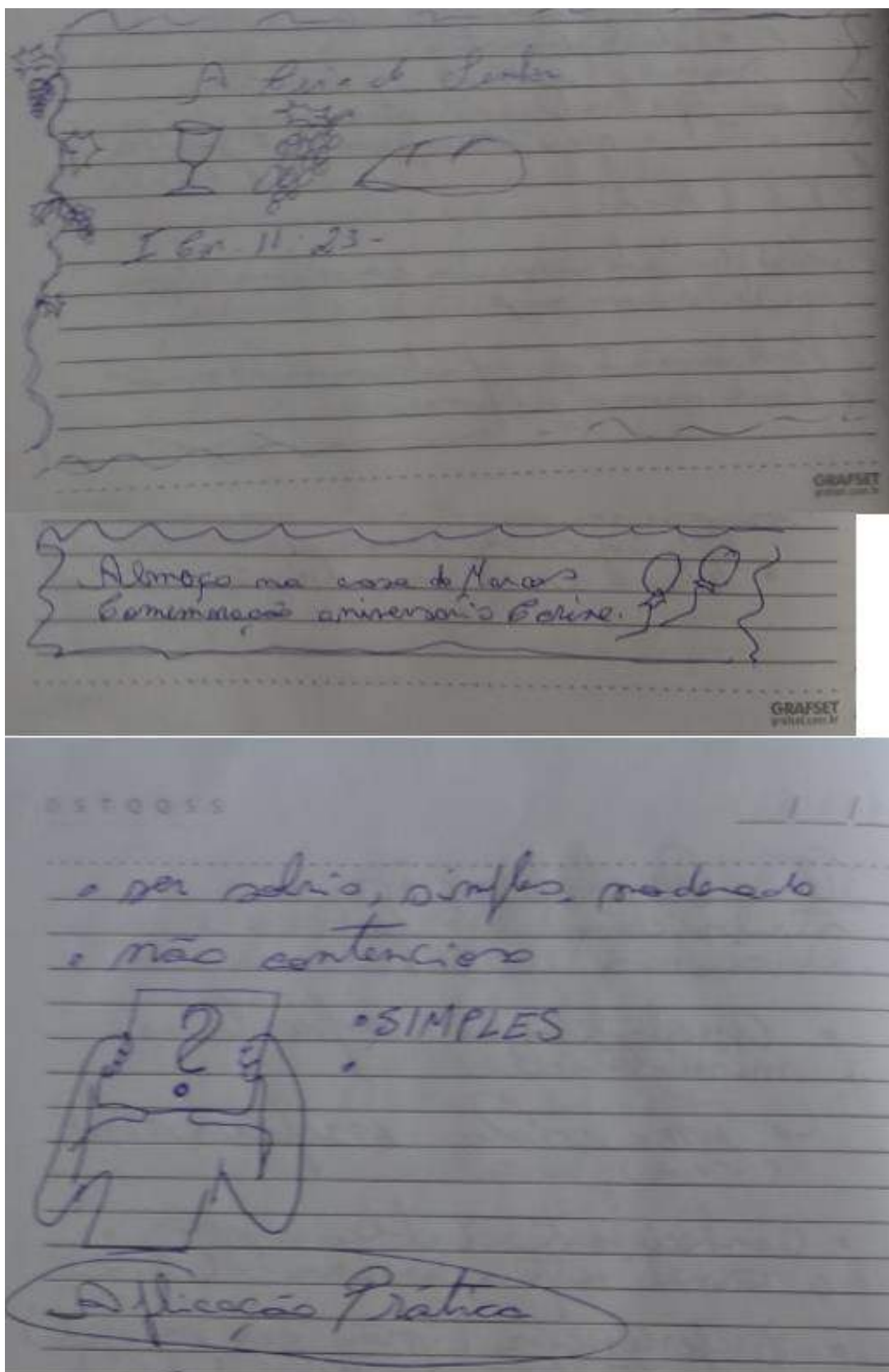
Fotografia da autora.

Figura 95 – Caderno 6 (2015) de Fênix – aula de crioulo



Fotografia da autora.

Figura 96 – Caderno 6 (2015) de Fênix – Desenhos diversos durante as aulas



Fotografia da autora.

Caderno 7 - Capa Style Sports

Reservei a apresentação deste caderno por último porque trata-se da escrita mais autobiográfica de Fênix. Também foi o último artefato que ela me confiou, quando eu não imaginava que a empiria seria incrementada. Ainda nos primeiros passos desta pesquisa, quando buscava as mulheres participantes, a referência a “diários” aparecia para explicar alguns dos suportes que acolhem as práticas de escrita ordinárias. Parecia assustar alguns de meus amigos, quando eu comentava meu projeto de pesquisa. Talvez fosse ambição demais da pesquisadora. E até o momento de defesa do projeto de pesquisa, em outubro de 2018, eu não recebera, em confiança, nenhum “diário”, no sentido usual do termo.

Diários íntimos e autobiografias autobiografias são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Frequentemente, aliás, esses três aspectos se combinam (CALLIGARIS, 1998, p. 43).

Segundo Calligaris (1998), a escrita do diário como uma leitura recapitulativa ou retrospectiva da vida está diretamente atrelada ao nascimento da modernidade no século XVIII. Contudo, prossegue o autor, a produção autobiográfica acompanha a humanidade há muito mais tempo e pode ser encontrada em outras práticas de escrita. Além da autobiografia como “necessidade de confissão, justificação ou de invenção”, há o diário íntimo (*journal*), geralmente afastado dos eventos externos, tem função meditativa e de exame da vida interior. Há o diário (*diary*) enquanto anotações no cotidiano. E por último, o registro de memórias (*memoirs*), dos acontecimentos externos aos indivíduos, como ferramenta de auxílio à tarefa de lembrar (CALLIGARIS, 1998, p. 45-46).

Entre as quatro acepções apresentadas por Calligaris (1998), identiquei que grande parte dos artefatos que compõem a empiria desta dissertação configuram-se como registros de memórias. Apesar dos traços autobiográficos presentes nos registros, a primeira motivação para o uso da caneta ou do lápis parece ser aquele de tornar perene os compromissos de trabalho, uma viagem, eventos de saúde, receitas, leituras religiosas, aprendizados de palestras, participação em cursos... A prática de registro confessional e de forma contínua consta em poucos artefatos. Neste sentido, o próprio suporte da agenda devocional Presente Diário, de Fênix, é convidativo à prática de escrita meditativa, acompanhada das mensagens bíblicas diárias.

O sétimo caderno espiral, grande, dessa mulher, com capa “Style Sports” só foi compreendido por mim como um diário, aquele que guardou as confissões de Fênix, após a

leitura em imersão. Sua capa não faz pensar que seja. Não há página de rosto. Suas dimensões são 20,4 x 27,4 cm. Possui 86 folhas e, destas, 65 não receberam registros. No interior da capa constam dados de e-mails, telefones e registros de horários. No interior da contracapa estão registradas quatro dedicatórias voltadas a J., um dos filhos de Fênix. Traços de que a escrevente iniciou o uso até como forma de reutilização. Isso explicaria também as folhas suprimidas.

Em que momento este caderno se apresentou como ideal para confidenciar a um amigo? Ou, a uma amiga mais precisamente. Por horas dedicou-se a escrever, numa única data: 01/09/2011. As páginas não receberam indicação de número ou outra forma de classificação. Abaixo, transcrevo o início do manuscrito:

“Querida R.

[...]

Tomei a liberdade de lhe enviar mais este e-mail [...] Às vezes faltam palavras para expressar a extensão de nossos sentimentos. [...]

O meu lado racional me condena só de pensar em expor para uma pessoa totalmente estranha questões tão delicadas [...]” (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

As frases acima constam na primeira página de registro. No alto da página, a data: 01/09/2011. Fênix faz referência a um e-mail, passando a ideia de que este não é o primeiro contato entre as duas. Passa a ideia de que faz aqui um rascunho e que depois enviará o e-mail, mas esta compreensão não será discutida aqui, e sim as formas e temas que deseja partilhar.

A aproximação com a igreja e os estudos bíblicos é narrada como acontecimento do final da década de 1980, após o nascimento do primeiro filho, que tinha problemas de bronquite. Em meio ao trabalho de retrospectiva, uma pauta, “um parênteses para dizer” que o marido viera se despedir.

“Em 1997, nos mudamos para a cidade de Viamão. Decisão esta que não foi muito fácil [...]

[...]

Há dez anos pesquisa cultura afro-brasileira e africana, primeiro como resultado de uma visão de um ministério, segundo como um momento que vive a sociedade brasileira de reparações e ações afirmativas em relação aos afrodescendentes” (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

Ao narrar-se como uma pesquisadora da cultura afro-brasileira e africana, a escrevente expressa uma das características pelas quais deseja ser lembrada no futuro. Nesta perspectiva, diferentes temporalidades se entrelaçam: do acontecimento narrado (aproximadamente 2001-2011), do tempo em que foi elaborado o registro (2011) e do tempo

em que acontece esta pesquisa (2019). Antes de ser confiado à pesquisa, é provável que o caderno tenha sido relido pela escrevente, analisada a possibilidade de participar de um texto acadêmico, que terá publicidade. Como explica Thomson (1998), existem condições que atravessam nossas narrativas, pelas quais permitimos conservar algumas histórias sobre nós, e ocultar outras.

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal [...] um segundo sentido, mais psicológico da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. [...]. Construimos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. (THOMSON, 1998, p. 57):

Na condição de seres de linguagem, as narrativas orais e escritas são nossas ferramentas para produzir uma memória pessoal, produção subjetiva que é afetada também pelo contexto enunciativo e por isso, pelo peso institucional da academia, e à realização de uma pesquisa acadêmica, outras memórias podem ser destacadas. Isso pode contribuir na compreensão das materialidades confiadas à pesquisa, e porquê em diferentes momentos, especialmente os últimos. O caderno de músicas de Maria e o caderno “7” de Fênix aqui analisado tem a característica de serem cadernos que elas desejam, talvez mais que os anteriores, que componham parte da memória sobre suas vidas.

Ainda acerca dos temas presentes no caderno 7, vale destacar que após narrar o casamento, o nascimento dos filhos, algumas dificuldades no ambiente de trabalho, Fênix aborda uma doença de saúde, momento em que suas mensagens denotam confiança. Outras experiências narradas estão relacionadas ao enfrentamento do racismo e o desejo de trabalhar este tema na igreja, aspectos que frequentam outros de seus suportes de escrita. Abaixo, transcrevo algumas passagens:

*“Ai estava a prova [que] Deus ainda tinha um propósito para a minha vida. Eu sobrevivia a uma cirurgia de emergência.
[...] Livramento de Deus!
[...] Mais um livramento.
[...] Glória a Deus!”* (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

“Já houve algumas situações de racismo que sofri por integrantes da família dele. Mas um tempo atrás eu não reagi, nem ele me defendia. Agora eles não são loucos de virem com piadas racistas. [...]” (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

“Nunca, nestes 21 anos de convertida, ouvi um pastor batista ou não pregando contra o pecado do RACISMO.” (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

O questionamento às situações vividas apresenta-se como uma característica de Fênix. Por vezes, sem respostas, fica a sensação da dor manifesta. Neste sentido, é oportuna a reflexão de Arfuch (2018) de que a palavra pode ser uma ferramenta de cura e a escuta [leitura] uma forma de hospitalidade. Quem sabe Fênix se dirige à R. com o desejo de ser escutada. Pode ser que não envie a comunicação, como se propõe no começo (o suposto projeto de um e-mail), mas o papel acolhe, sem julgamento, as palavras, questões e sentimentos que deseja exprimir. Neste processo, percebe que seu relato tornou-se autobiográfico:

“R. este aí [é] outro desabafo, tenho para ti, se ainda estás lendo este e-mail autobiográfico. Mas se você não ler até o final, eu te perdôo. Afinal, eu mesma não saberia se o leria..” (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

Além de relatar o passado e os desafios no tempo presente, Fênix apresenta projetos pessoais, desejos de futuro:

“Como seria maravilhoso ter mantenedores para que eu pudesse enfim fazer projetos com as crianças negras, as mulheres negras, os homens negros, os afrodescendentes e africanos que vivem no Brasil.” (FÊNIX, Caderno 7, 2011)

Os tempos das narrativas mesclam-se, permitindo um livre fluxo do pensamento. Neste processo, não há fronteiras fixas e a narrativa tem poder de movimentar as lembranças. Assim, existe uma fragilidade nas declarações do tipo: *“Esqueci, já esqueci de tudo”*. Talvez o desejo de ter esquecido torne as lembranças mais vivas. Afinal, cada um de nós carrega uma memória com o próprio passado (ARFUCH, 2018, p. 36).

As palavras escolhidas para perenizar no papel a sua história estão ancoradas nas possibilidades que existem, no momento da narrativa, de lidar com as experiências que viveu, como explana Thomson (1998). Existem também os limites do tempo. Nas últimas páginas, justificando que *“não tem como continuar”*, Fênix comenta a limitação de dois tipos de tempo: o tempo psicológico – *“corro o risco de ser repetitiva”* – e o tempo cronológico: *“já são 11h40”*. Pensar no tempo do relógio a impele a uma observação final:

*PS Foram 21 folhas escritas [...] Foram cinco horas escrevendo! Espero que tudo isto, mais do que um desabafo, seja a obra do Espírito Santo em minha [vida], a qual espero ansiosamente por uma renovação.
Amém!*

PS: Por incrível que pareça, mesmo sem intenção, fiz meu primeiro jejum parcial.

Ainda que não tenha orado, entregando nas mãos do Senhor, mas foi um tempo de reflexão, por que não dizer, um pedido de socorro, porque sei que nem a R. nem o doutor poderão fazer por mim aquilo que só Deus pode fazer. Por mim.

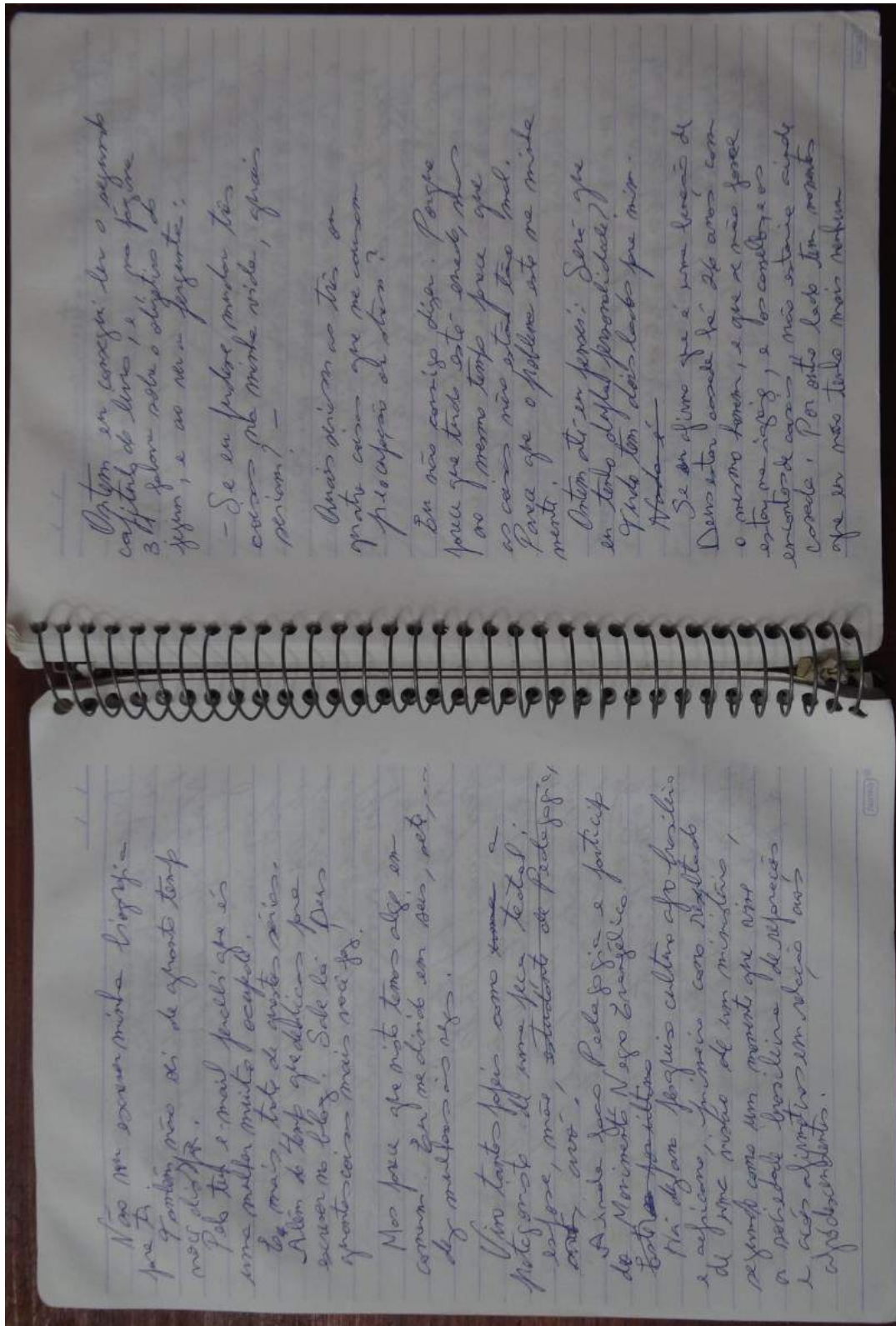
(FÊNIX, Caderno 7, 2011)

Após a apresentação e descrição do conjunto das escritas de Fênix, observo algumas especificidades e regularidades, em especial:

- o predomínio da letra cursiva;
- os registros são realizados majoritariamente a caneta, poucas vezes a lápis;
- realizou desenhos em diferentes e diversos momentos, junto às escritas;
- utilizou também canetas coloridas para suas escritas;
- por vezes, fez uso de lápis colorido para dar destaque a alguma mensagem;
- com frequência, as escritas de si estão entrelaçadas às escritas relacionadas a cursos e palestras;
- as escritas de si ocorreram também através de poemas;
- há uma diversidade de suportes, em boa parte com reaproveitamento de folhas e artefatos cuja proposta inicial é transgredida;
- comparecem em vários registros, menções ou evocações de práticas de leitura da escrevente.

Na reunião das materialidades confiadas à pesquisa, os registros de Fênix, conservam e dão vida às pessoas do seu cotidiano, como também àqueles que compartilharam tempo e espaço em algum momento da vida, como nos cursos, palestras e eventos. Esta multiplicidade de encontros é concebida por Bolívar (2018, p. 18) como uma ação includente, intensamente necessária no mundo pós-moderno, chamado de individualista, egoísta e egocêntrico.

Figura 97 – Caderno 7 (2011) de Fênix – “Não vou escrever minha biografia”



Fotografia da autora.

INGREDIENTES ESCOLHIDOS POR MARIA EMÍLIA

Maria Emília nasceu e reside em Piratini/RS. Tem experiências profissionais diversificadas e trabalhou em fazendas e restaurantes, como cozinheira. Concluiu o ensino médio. É liderança de uma comunidade quilombola no município de Piratini/RS. Nasceu em 1971.

Conhecia Maria Emília de algumas atividades de trabalho, mas não havia ainda desenvolvido um trabalho diretamente com sua comunidade. O primeiro contato sobre o tema da pesquisa foi dia 28 de maio de 2018, por telefone. Quando lhe contei sobre a pesquisa, demonstrou interesse imediato. Relatou que fizera alguns cadernos de poesia quando mais jovem, mas que as mudanças de moradia, após o casamento, não contribuíram para a sua conservação. Colocou-se à disposição para conversar com as demais mulheres da comunidade, uma vez que no sábado seguinte estava agendada reunião mensal de sua Associação Quilombola. Combinamos que eu voltaria a telefonar na semana seguinte, após esta reunião.

Fiz a segunda ligação em 05 de junho de 2018. Maria Emília contou com alegria o debate a partir da pergunta sobre as práticas de escrita como cadernos de receitas, álbuns, cadernos de poesias, cartas, caderno de músicas, caderno de questionários, etc. Relatou que foram evocadas muitas lembranças do passado, dando vida novamente a temas que não pensavam, como as cartas que uma delas trocou com o então namorado, hoje marido; o registro de bilhetes para lembrar de tarefas cotidianas; os cadernos de receitas aprendidos com a mãe; os cadernos de poesias e mesmo os diários. Estes materiais estavam conservados e aptos à participar da pesquisa? Segundo Maria Emília, elas iriam procurar, mas o encontro de discussão já tinha possibilidade maior conhecimento entre si e que “- Valeu a pena ter trazido este tema, porque foi muito gostoso falar sobre essas coisas” (Diário de Pesquisa, 06/05/2018)

Segundo o relato de Maria Emília, as horas partilhadas percorrendo memórias antigas, guardadas, foram agradáveis. Mas poderia não ter sido este o resultado? Guardamos memórias que não desejamos recordar? O poema “Guardar”, de Antonio Cícero (2018), propõe que guardar algo é trazer junto de si, e não deixar sem acesso; que guardamos o que nos é mais caro. Assim, reflito: ao reivindicar a seleção feita pela memória, encontramos também os sentimentos que nos levaram a guardar?

No dia 15 de junho de 2018 fiz novo contato telefônico com Maria Emília, na expectativa de que algumas mulheres que manifestaram sobre as práticas de escrita pudessem confirmar que seus registros estariam conservados, por exemplo as correspondências trocadas na época de namoro, ou os cadernos de receitas. Maria Emília relatou que não obtivera a

resposta de nenhuma delas até aquele momento. Antes de desligar o telefone, comentei com Maria Emília suas palavras durante a última conversa, sobre a satisfação em revisitar o passado e lembrar das práticas de escrita. Acrescentei uma observação sobre a relação do escrevente com os registros, sendo interessante pensar também o porquê não os conservaram. Neste momento – então a terceira conversa específica sobre minha pesquisa – ela acrescentou que trocava cartas com um irmão, que morava em outra cidade, e que era muito difícil estas cartas chegarem, que precisavam combinar um local de comércio para deixar as cartas, por onde o irmão previa passar. Em suas palavras, Maria Emília afirmou: “ - Eram outros tempos, não tinha outro jeito de falar a não ser por carta e a gente fazia; eu vou procurar em casa se ainda tenho alguma, quem sabe eu guardei. E vou perguntar ao meu irmão também”. (Diário de Pesquisa, 06/05/2018).

Apesar de não estar com as cartas em mãos, enquanto conversávamos, esta fala de Maria Emília encontra acolhida na descrição de Lacerda:

Desses papéis, a memória reconstrói lembranças de lugares, de pessoas e de práticas sociais como um velho álbum de família, cujos retratos permitem reconstruir o ontem, o antes de ontem e o antes de antes de ontem. (LACERDA, 2003, p. 27)

Como explana Lacerda, é preciso demorar-se na relação com a memória para poder reencontrar as emoções do “antes de antes de ontem”. Enquanto me explicava, Maria Emília não tinha em mãos a materialidade das cartas, mas a lembrança do gesto ajudou-a a evocar as emoções envolvidas na relação epistolar com o irmão. Evocou também elementos para imaginar as condições de leitura e escrita no passado, no interior do Estado gaúcho, que envolveu não só o espaço privado, mas também as relações dos escreventes com o espaço público. As possibilidades de recebimento das correspondências e a subsequente elaboração de respostas, segundo narrado por Maria Emília, dependeu da circulação das cartas nos espaços da rua, da cidade, dos estabelecimentos comerciais. Nascida em 1971, Maria Emília viveu a recente conquista da inserção feminina e das camadas populares à escolarização.

Inspirada pela possibilidade de encontrar registros escritos de mulheres quilombolas, e já tendo recebido o convite para participar da reunião mensal da Associação Quilombola, estive presencialmente nesta comunidade em dois momentos. A primeira vez, no dia 7 de julho de 2018, sábado, quando levei minha filha. A reunião aconteceria às 14:00 horas e chegamos a tempo de almoçar com parte do grupo. Durante a reunião, me concederam tempo para expor sobre meu interesse de pesquisa. Algumas mulheres manifestaram que tiveram diários, desde a adolescência, outras falaram em cadernos de receitas e em cadernos

de enquetes durante os tempos da escola. Não confirmaram ter mantido esses registros em casa, já que fazia muito tempo, mas manifestaram a intenção de procurar e dar um retorno, através de Maria Emília. Também me convidaram a voltar à comunidade em outros momentos, inclusive para visitar as mulheres em suas casas. Ainda durante a reunião, antes de encerrar, Maria Emília indicou ter um caderno sobre a mesa, e solicitou que eu lesse em voz alta a primeira página [figura 103]:

“Queridos colegas

Como os anos passam muito depressa, os anos passam e nós que vivemos estes dias gostamos de ter algo para lembrar e eu escolhi este, para que daqui a alguns anos eu possa folhear este caderno e sentir a mesma emoção que sinto agora nestes dias.

Quero que vocês me respondam o que perguntar com o coração, para que eu fique conhecendo mais profundo cada um de seus sentimentos.

Antecipadamente agradeço.

[assinatura]

2º de Piratini, 02 de junho de 1985. ” (Maria Emília, Caderno de questionário, 02/06/1985)

Após a leitura, ecoou no salão um som “óoo”, manifestado pelos presentes. O texto contém também assinatura e data: 2 de junho de 1985. Após a leitura, Maria Emília explicou que, já sabendo do meu interesse de pesquisa, se antecipou em buscar em sua casa os cadernos que havia conservado e encontrou este. Pediu para que eu lesse porque, a partir daquele momento, ela me confiava este caderno para a pesquisa. Manifestou ainda que em sua casa havia separado mais alguns cadernos, que eu poderia buscar antes de ir embora. Assim, desde esta data, tive confiados por ela, para esta pesquisa:

- a) um caderno espiral grande: caderno de enquete;
- b) dois cadernos escolares espirais tamanho grande, com registro de receitas culinárias;
- c) um caderno espiral pequeno, com mais algumas receitas e várias folhas em branco.

Na reunião, após me ouvirem atentamente, não houve manifestação de que teriam conservado práticas de escrita. Pareciam tímidas. Antes de me despedir, agradei o espaço, a escuta e solicite que, caso pudessem, observassem os registros realizados no dia a dia, como uma agenda, um caderno de recados, a última página de um livro, entre outros. E avaliassem a possibilidade de emprestar à pesquisa, cujo interesse é conhecer os gestos da escrita cotidiana das mulheres quilombolas. Passei meus números de telefone e Maria Emília se colocou à disposição para reunir em sua casa os cadernos e suportes de escrita da comunidade.

Após a reunião, segui para a casa de Maria Emília, onde ela me confiou seus cadernos. No primeiro manuseio, não encontrei pistas da presença de outras relações que teriam participado de sua história com a cultura escrita. Instigada a pensar sobre essas relações que pudessem ter cultivado a prática da escrita entre os moradores naquela comunidade quilombola, perguntei sobre a existência e conservação de uma possível troca de bilhete, uma agenda telefônica, orações, ou outros registros escritos. Maria Emília pensou um pouco, mas respondeu não ter conhecimento. Antes de ir embora, agradei a ela pela abertura junto a toda comunidade, pela mediação realizada e pela confiança ao me ceder seus documentos.

No período de julho a novembro de 2018 entrei em contato com Maria Emília por telefone, interessada em saber se alguma mulher quilombola havia lhe comentado sobre a minha pesquisa ou entregue mais algum caderno, carta ou outro registro de suas práticas de escrita. Maria Emília respondeu que, até aquele momento, ainda não, mas demonstrou abertura para que eu participasse de outra reunião mensal, quando quisesse. Na conversa de novembro, ela avisou da reunião agendada para dia 1º de dezembro, a última reunião do ano, prevista para balanço geral e que por isso havia possibilidade de ter um número maior de participantes. Dois dias antes, Maria Emília me ligou informando que a reunião fora reprogramada para o dia 15 de dezembro, porque havia muitos temas que precisava organizar para apresentar nesta que seria a reunião de encerramento do ano.

Confirmada a disponibilidade de Maria Emília para que eu fosse à reunião e tendo em vista que no encontro anterior, em julho, o grupo me convidara a voltar, compareci novamente na comunidade no dia 15 de dezembro de 2018. Desta vez fui sozinha, com disponibilidade para dormir mais um dia e voltar no dia seguinte. Cheguei no sábado, mais cedo que o horário da reunião e pude colaborar na organização do espaço do salão comunitário. Neste dia, observei algumas mudanças no espaço. Na parede externa ao salão, havia uma nova pintura, que identificava o nome da comunidade quilombola. Internamente, havia duas mudanças: a presença de um quadro com fotos das famílias da comunidade, a inscrição do nome de duas adolescentes que ingressaram no curso superior em universidade pública com cotas para quilombolas, e algumas mensagens, entre elas: “Ser mulher negra é minha essência e não minha sentença”.

Como não possuo autorização de todos da comunidade para uso de imagens, a intenção foi registrar um pouco dos projetos de reflexão realizados com a comunidade quilombola local, em que estão presentes as práticas de escrita.

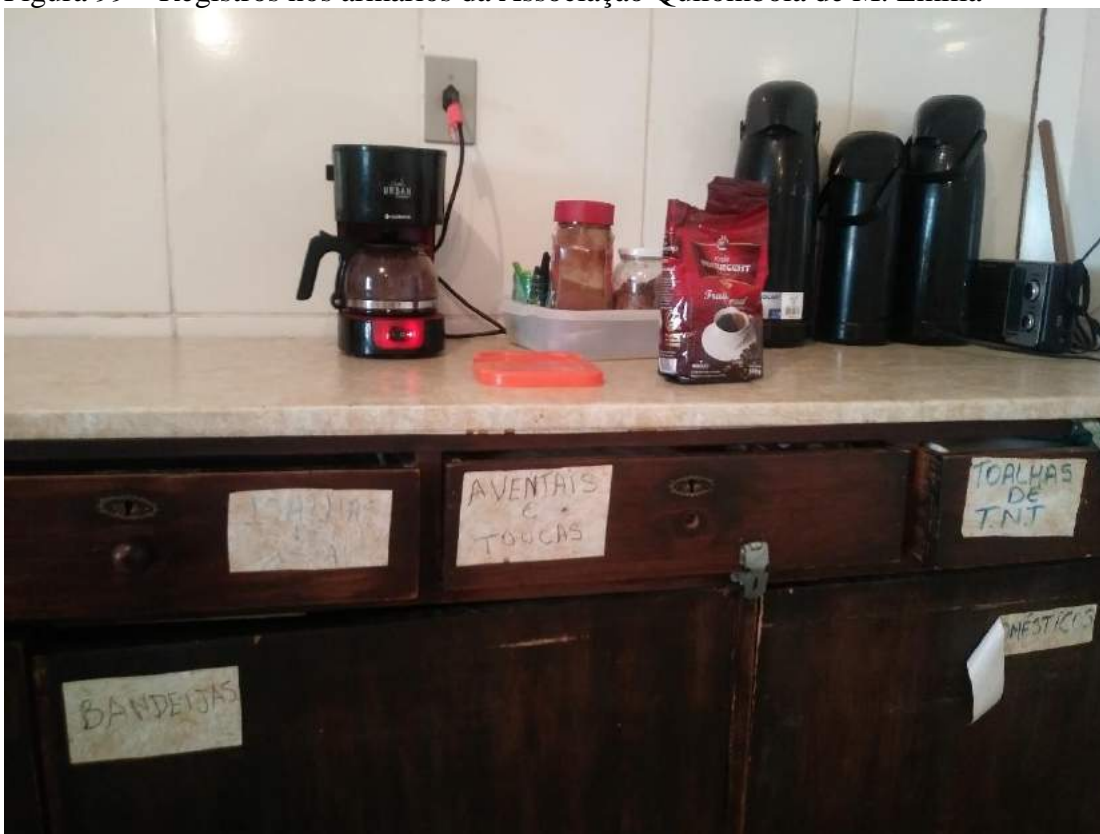
Figura 98 – Painel de atividades no salão da Associação Comunitária Quilombola de pertencimento de Emília, no interior em Piratini/RS



Fotografia da autora.

Os elementos da cultura escrita pautavam outras mudanças no espaço da sede da Associação Quilombola, em comparação ao mês de julho/2018, minha visita anterior. No espaço da cozinha, os armários receberam fitas adesivas e registros manuscritos, como mostram as imagens abaixo:

Figura 99 – Registros nos armários da Associação Quilombola de M. Emília



Fotografia da autora.

Figura 100 – Fitas e escritas nos armários da Associação Quilombola de M. Emília



Fotografia da autora.

As fitas e os registros facilitaram a localização de diversos utensílios domésticos, guardados nos armários da cozinha. Toalhas de TNT, bandejas, aventais, toucas, fichas, alimentos, guardanapos, pratos, talheres e outros itens estavam agora facilmente à vista de qualquer pessoa. Além disso, a identificação dos compartimentos pôde conferir autonomia para que outras pessoas colaborem para a organização do espaço.

Durante a reunião, iniciada por volta das 14h00, mantivemos a dinâmica do encontro anterior, quando antes da reunião eu me apresentei aos que já estavam presentes, e pouco antes de finalizar a reunião Maria Emília me convidou para falar à frente de todos. Iniciei me apresentando, embora grande parte se lembrasse de mim. Embora estivessem presentes homens e mulheres, expliquei que meu interesse residia nas práticas de escrita das mulheres, para problematizar a história da inserção escolar feminina. Como já me conheciam, me senti mais à vontade para falar e desta vez fui mais generosa quanto aos exemplos das materialidades que recebem as práticas de escrita no nosso dia a dia. Citei os cadernos de receitas, de músicas, de poesias, os questionários, os diários, as cartas, as cadernetas de orações, a troca de bilhetes, a agenda de telefones, a caderneta de recados, etc. Destaquei que todas estas materialidades interessavam à pesquisa. Por sua vez, as mulheres também me pareceram mais à vontade para expressar ideias e algumas levantaram a mão querendo falar. Entre aquelas que confirmaram esta relação com a cultura escrita, o maior número de manifestações foi quanto aos cadernos de receitas, prática aprendida especialmente com uma mulher da família, em geral a mãe ou uma tia. Algumas afirmaram que no passado escreveram diários, mas que não os conservaram. Imaginei que poderia ser por timidez, pouca liberdade comigo, ou o desejo de manter para si, de não publicizar no grupo. De toda forma, me mantive à disposição para me procurarem após a reunião, pois eu pousaria ali. Passei meu telefone celular, caso quisessem me chamar depois, fora da reunião. Neste sábado ainda, o esposo de Maria Emília foi levar uma senhora para casa após a reunião, que comentou com ele que procuraria seus cadernos. À noite, uma senhora me ligou e disse que tinha os cadernos de receitas, se eu poderia ir lá no domingo. Eu confirmei que sim. Mas uma hora depois, o telefone tocou, esta senhora argumentou não ter encontrado o que buscava, quem sabe eu deixasse para outro dia. Não recebi outros chamados, nem depois que voltei a Porto Alegre, como imaginei que ocorreria.

As duas mulheres que manifestaram interesse em partilhar com a pesquisa, e mesmo aquelas que durante a reunião expressaram ter tido as práticas de escrita... me deixaram com a sensação de que efetivariam, talvez alguns meses depois, a partilha de seus registros de escrita cotidianos. Sobre esta possível timidez, ou mesmo recusa à pesquisa, é

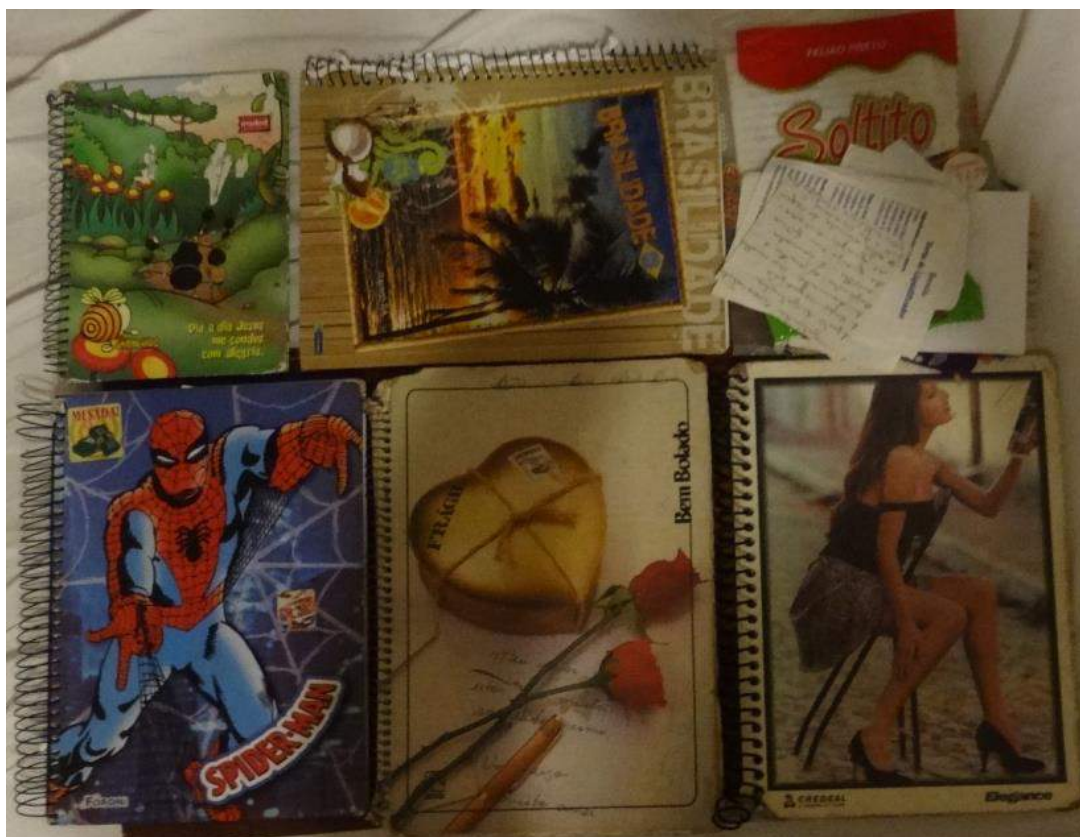
preciso acrescentar outro elemento: o não reconhecimento das práticas de escrita pelos próprios escreventes. Em um artigo sobre as práticas de letramento fora da escola, realizadas por jovens e adultos, Souza (s/d) traz um exemplo sobre isso. A pesquisadora compartilha uma anotação feita no dia 03/12/2009 em seu caderno /diário de campo – que ela nomeia “nota de campo” –, quando registrou seu diálogo com uma participante da pesquisa:

Quando pergunto o que escreve, alega que não escreve. Então apresento o caderno: a carta, o bilhete, as contas, a lista de ingredientes escritos por ela, e me diz: “[...] não considero escrita, porque ninguém consegue ler, muitas vezes, nem eu mesma – falta muita letra [...]” (Nota de Campo, 3/12/2009) (SOUZA, s/d, p. 8-9)

No excerto acima, Souza (s/d) apresenta uma escrevente que nega suas práticas de escrita, mesmo quando compõem uma diversidade delas: cartas, bilhetes, contas, listas. Segundo a autora, a interpretação dada pela escrevente “reitera a perspectiva hegemônica da escrita, tomando-a apenas pelo aspecto lingüístico e negando a comunicação viva entre os sujeitos da linguagem, o extralingüístico. [...]” (SOUZA, s/d, p. 9), os espaços onde expressa também sentimentos, emoções, preocupações, concepções de mundo. (SOUZA, s/d, p. 9).

Voltando à busca pelas práticas de escrita das mulheres na comunidade quilombola de Piratini, somente Maria Emília confiou seus registros de escrita para integrarem a pesquisa. De dezembro de 2018 a dezembro de 2019, mantivemos contato apenas por telefone e aplicativo de *WhatsApp*. Vale registrar que Emília é mais nova do que a idade que propus para o público-alvo da pesquisa, mulheres com mais de sessenta anos. Porém, considero importante valorizar a relação interpessoal desenvolvida e também inventariar suas práticas de escrita. Além disso, ela apresentou registros que envolvem três décadas (1985 – 2011), o que pode nos dizer algo sobre sua relação com a cultura escrita. A seguir, uma imagem do conjunto de seus registros manuscritos: três cadernos grandes, um caderno pequeno e uma “coleção” de páginas “soltas” de receitas, como anexo a um dos cadernos.

Figura 101 – O conjunto dos suportes de escrita de Maria Emília



Fotografia da autora.

Caderno de questionário

O caderno mais antigo de Maria Emília, cedido à pesquisa, é também o único que conserva a ideia de que foi escolhido por ela, enquanto os outros três cadernos espirais grandes passam a ideia de que foram reaproveitados, como será exposto mais adiante. O fato de que Maria Emília não foi a primeira escrevente dos cadernos afasta, em alguma medida, a relação de escolha das capas – exceto para o caso do caderno de questionário.

O caderno de questionário possui espiral, folhas pautadas, tamanho grande. Conta atualmente com 68 folhas, o que deixa pistas sobre a supressão de folhas, apesar deste gesto não estar visível no manuseio. Não há marcas de “fiapos” que costumam permanecer quando as folhas são suprimidas. Até a folha número 42, não há inscrição de número, mas após isso, as folhas foram numeradas de 1 a 32. Desta segunda seção estão ausentes as folhas que teriam recebido os números 5, 10, 14, 16, 17 e 27, e está ausente o número da folha 9. Esta, contudo, pode ser identificada a partir do nome registrado no final, que guarda relação com a resposta número 9 da questão [1] “Como chama-te?”

A primeira folha é uma página de rosto, de apresentação, de abertura, cuidadosamente elaborada pela escrevente. Seguem-se depois quarenta folhas com perguntas / questionário, onde há respostas de 32 pessoas. Na sequência, uma folha onde a escrevente solicita aos amigos que deixem uma mensagem final a ela. Para tanto, reservou uma folha para uso individual dos participantes – daí compreende-se a numeração de 1 a 32. Este gesto indica que houve um planejamento do número de questões, pista corroborada pelo fato de que, na folha que antecede o segundo “convite” para deixarem escrito um soneto ou um pensamento, a escrevente indica a mesma da folha de abertura: 02 de junho de 1985. Com isso, talvez o fato do caderno hoje contar com 74 folhas não seja trivial, nem ao acaso. Pode ser indício de uma intenção da autora para que o caderno contivesse exclusivamente as questões e lembranças escritas para ela.

O “caderno de questionário” corresponde ao que durante o ginásio, no interior de São Paulo, conheci como “caderno de enquête”. O caderno em que Maria Emília realizou sondagens sobre a vida e os sonhos de seus colegas no ano de 1985 está fartamente preenchido, havendo poucas páginas em branco. Não há registros no interior da capa nem da contracapa. A escrevente manifesta sua autoria neste caderno através:

- a) da assinatura realizada nas duas páginas de “convite” à escrita;
- b) das mensagens por ela escrita nas páginas de “convite”;
- c) no preenchimento do caderno enquanto a primeira pessoa a responder as perguntas.

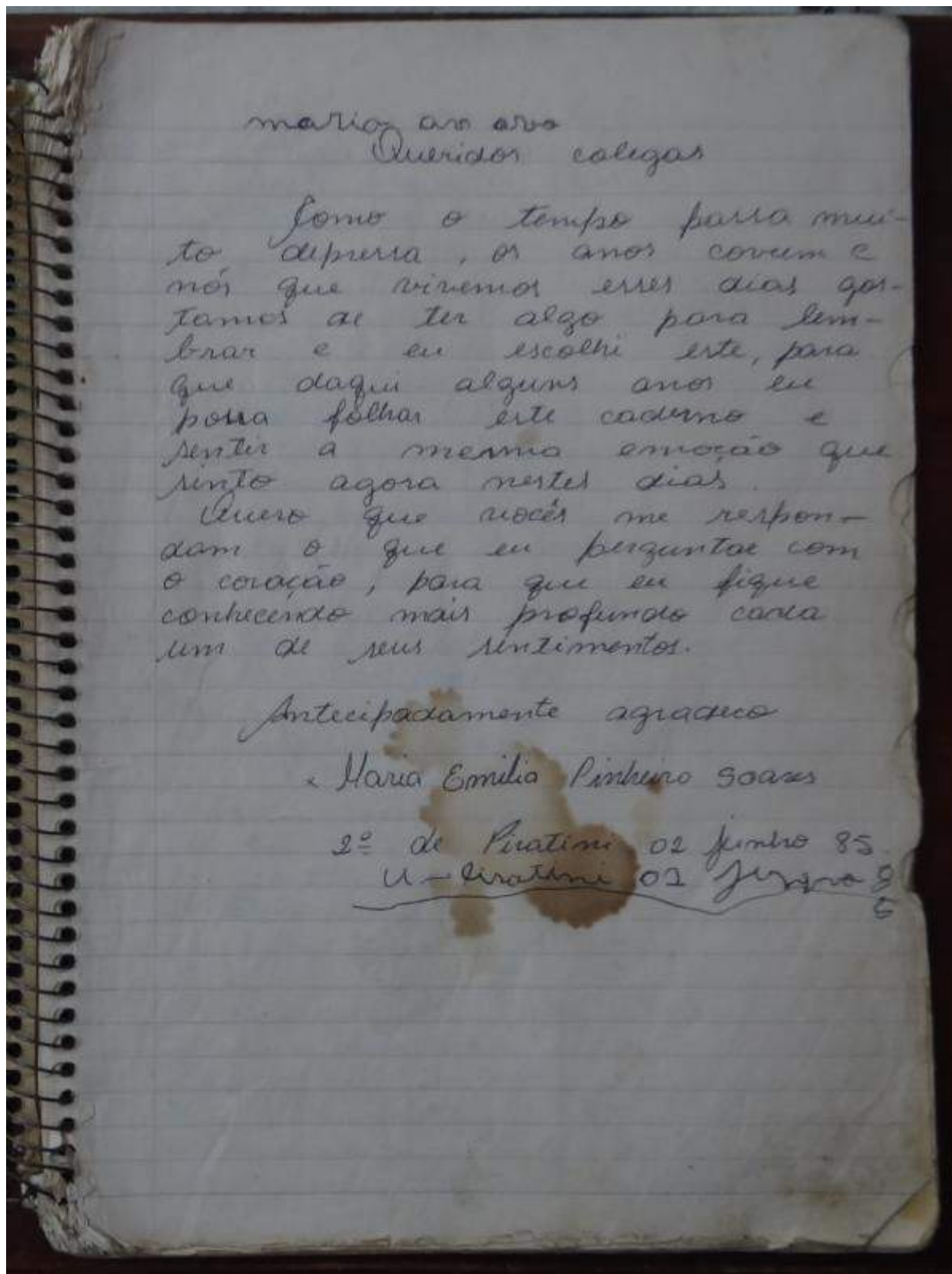
Na página de abertura, Maria Emília expõe um motivo especial para realizar o questionário com os colegas: “*ter algo para lembrar [...] e sentir a mesma emoção que sinto agora*”. Corresponde à mensagem que li em julho de 2018, quando estive na comunidade, falando pela primeira vez da pesquisa. A escrevente alude ao coração para solicitar que este deve guiar as respostas às perguntas propostas. Com delicadeza, aborda os sentimentos e suas palavras se conectam à imagem da capa: um coração com o aviso “frágil”, um bilhete cujas letras expressam “saudades” e rosas para simbolizar carinho e delicadeza. Abaixo, a imagem da capa, da contracapa e ainda a imagem da primeira página do caderno de questionário.

Figura 102 – Caderno questionário (1985) de Marília Emília – Capa e contracapa



Fotografia da autora.

Figura 103 – Caderno questionário (1985) de Maria Emília: Primeira página



Guardado há mais de três décadas, este caderno possibilita diversas inferências acerca das perguntas escolhidas, das pessoas que responderam, das vezes que embrulhou e desembulhou da caixa de mudanças (já casada, mudaram de casas algumas vezes), do crescimento das crianças que deixam seus traços no caderno, especialmente na primeira folha, como a imagem anterior permite ver. É possível que, ao folhear o caderno, outras lembranças venham pousar em seu território da memória.

Na primeira folha do caderno reproduzida na imagem da figura 103, existem traços que destoam da letra da escrevente. Estes traços indicam outros tempos de alfabetização, um nível de escolaridade menor que o da escrevente. Poderia ser a letra de alguma criança, esforçando-se para o aprendizado das primeiras letras. Maria Emília tem um filho, mas também conviveu com outras crianças, tendo trabalhado como babá alguns anos, inclusive após a data registrada de 1985. Estaria o caderno acessível, talvez num momento em que a escrevente estivesse a folheá-lo, como propôs na primeira mensagem?

O caderno foi respondido por 32 pessoas, incluindo a escrevente. Seria este o número total de pessoas de sua turma? Teria o caderno circulado em outros ambientes, entregue a outras pessoas amigas além da escola? O questionário compõe-se de quarenta perguntas, ou trinta e oito perguntas e dois comentários finais, a saber:

- [1] Como chama-te?
- [2] Que idade tens?
- [3] Qual é tua religião?
- [4] Que altura tens?
- [5] Como chamam-se teus pais?
- [6] Quantos irmãos tens?
- [7] Como chamam-se teus irmãos?
- [8] Gostas de música?
- [9] Qual o teu ritmo preferido?
- [10] Qual o teu cantor preferido?
- [11] E de poemas, gostas?
- [12] Tens algum poeta em que destaque nome?
- [13] Quantas cidades conheces?
- [14] Qual a mais bela para você?
- [15] Gostas de assinar questionário?
- [16] Posso fazer perguntas mais íntimas?
- [17] Tens namorado? (a)

- [18] Como se chama?
- [19] Onde o conheceste?
- [20] Onde ele mora? (a)
- [21] Quantos anos tem?
- [22] Em que data ele aniversaria?
- [23] Como chamam-se os pais dele? (a)
- [24] Quantos irmãos ele tem? (a)
- [25] Tens certeza de amar?
- [26] E de ser amada? (o)
- [27] Com que idade tencionas casar?
- [28] Pretendes ter filhos?
- [29] Quantos?
- [30] Onde queres morar?
- [31] Teu amor é ciumento?
- [32] E tu és ciumenta? (o)
- [33] Quando te entes enciumada o que fazes?
- [34] E ele o que faz? (a)
- [35] Diga-me uma data inesquecível?
- [36] Por que a data é inesquecível?
- [37] O que achaste do questionário?
- [38] E da dona dele?
- [39] Desejo para você tudo de bom!
- [40] Um beijo. Tchau.

Acima, acrescentei um número inicial antes de todas as perguntas como um recurso, para facilitar a leitura e a menção a elas ao longo deste texto. No documento físico, como demonstrarão as imagens, não existe numeração das perguntas.

É possível observar a questão de gênero, quando as perguntas contemplam primeiramente uma leitora feminina e depois o leitor masculino (entre parênteses). É o caso das perguntas número 17, 20, 22, 23, 24, 26, 32, 34. Em relação aos nomes que participaram do questionário proposto por Maria Emília, identifiquei 18 femininos e 13 masculinos, sendo considerados femininos os nomes: Ledi, Jaci e Glaci, e neutro o último nome, porque não decifrei.

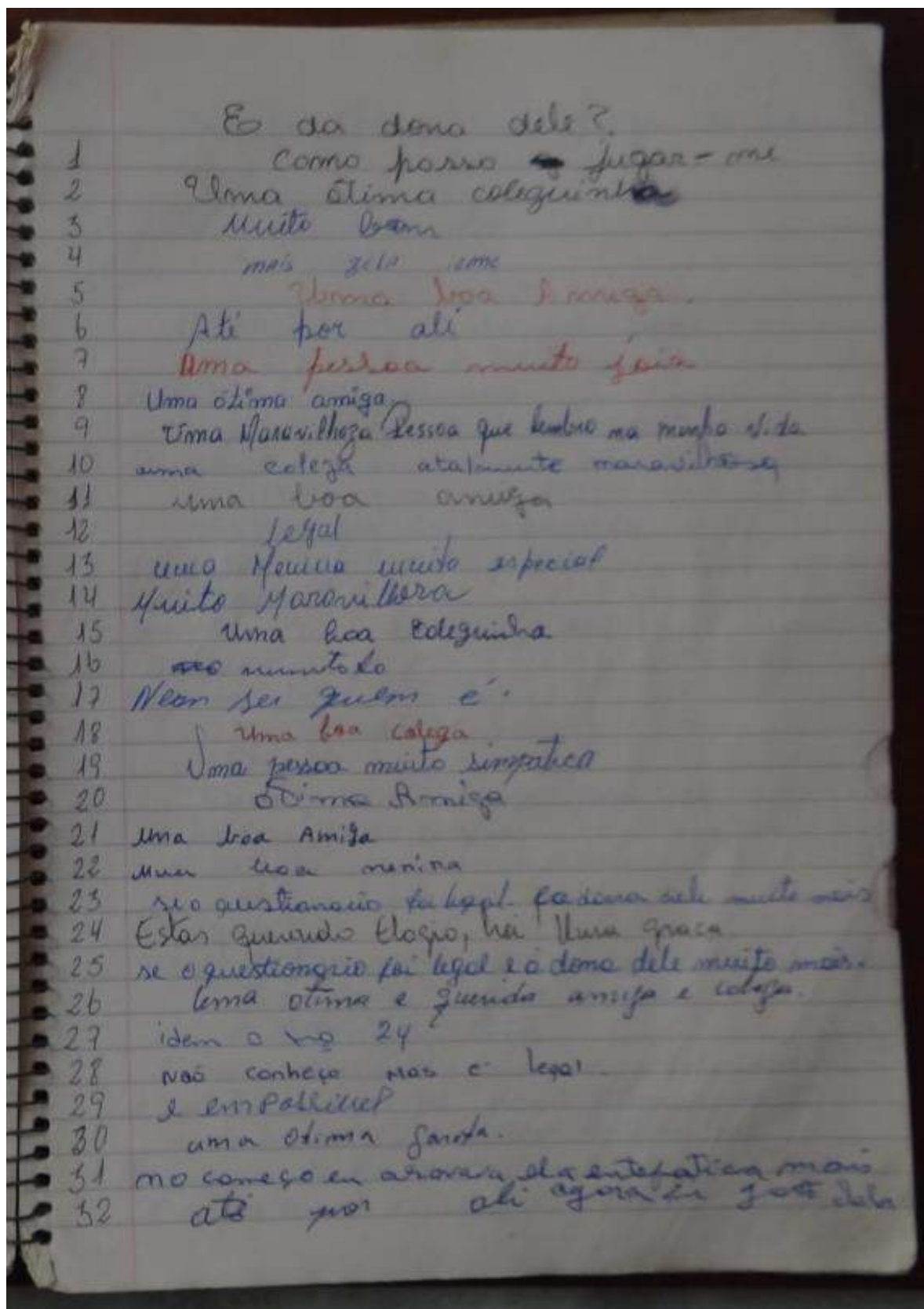
Ao rever seu caderno, Maria Emília poderia lembrar-se de situações vividas com as pessoas que convidou a responderem o caderno, bem como os espaços em que se constituíram estas relações. As perguntas, mas especialmente as respostas, indiciam histórias pessoais de quem participou do caderno: temas familiares, relacionamentos de namoro, gostos, preferências e sonhos para o futuro. As palavras de Cunha (2011) acerca dos álbuns de recordações são expressivas: “Espaço de memória. Expressão de saudades. Refúgio para o exercício da amizade. Lembranças de tempos escolares. [...] Emoções partilhadas” (CUNHA, 2011, p. 348) e poderiam também compor a definição do caderno de questionário de Maria Emília.

Na impossibilidade de comentar todas as questões propostas, destaco algumas:

- a) A pergunta nº 6, sobre o número de irmãos, permite pensar sobre aspectos demográficos da região onde moravam os participantes do questionário, em meados da década de 1980. Entre as respostas, predominam “5 irmãos” e “7 irmãos”, indicando uma localidade bastante povoada e o ambiente com grande número de crianças;
- b) É possível pensar um contraste entre as canções apresentadas no caderno de Maria, e as respostas presentes no caderno de Maria Emília à questão [10] “Qual o teu cantor preferido?”. Se no caderno de músicas de Maria, produzido no começo da década de 1970, o intérprete mais presente foi Roberto Carlos [doze músicas], no caderno de questionário de Maria Emília foi Amado Batista o “campeão” em respostas à pergunta “Qual o teu cantor preferido?”. A alusão a Amado Batista aparece em oito respostas e a Roberto Carlos em três, de um total de 32 respostas. Há diferenças de regiões e também de cronologia de circulação dos cadernos, mas talvez se possa destacar que o interior do Rio Grande do Sul foi um dia conquistado por Amado Batista;
- c) A pergunta nº 38 e a segunda parte do caderno conservam uma semelhança com os antigos álbuns de recordações, no que tange a “prestar homenagem escrita” à proprietária (CUNHA, 2011, p. 347);
- d) por outro lado, a mensagem registrada na primeira folha, a delicadeza com que convida os amigos à escrita, pode ser interpretada como uma homenagem àqueles que participam de sua história.

Abaixo, algumas imagens das páginas encontradas no caderno de questionário:

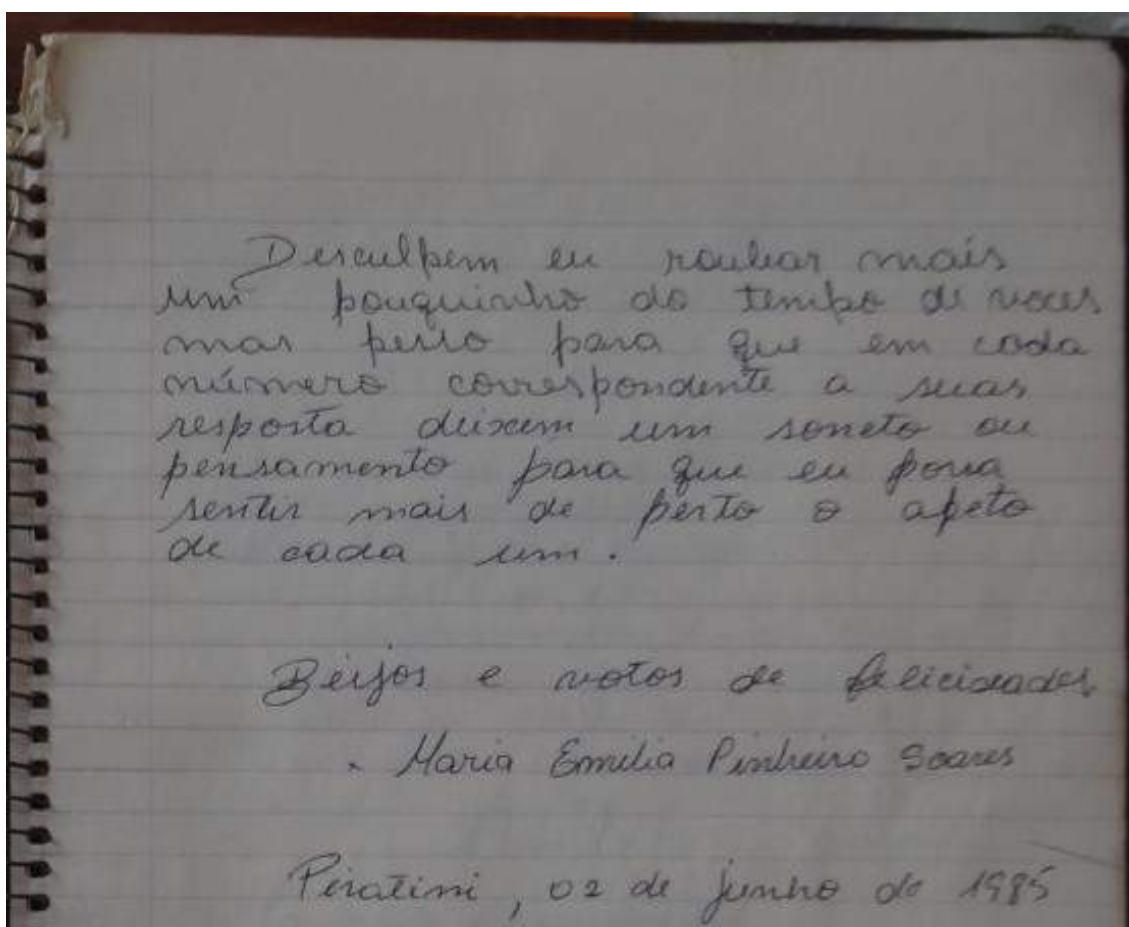
Figura 104 – Caderno questionário (1985) de M. Emília: A imagem de si, pelo outro



Fotografia da autora

As quarenta perguntas foram respondidas pelos trinta e dois participantes, embora se façam presentes alguns “não sei”. Em geral, há poucas rasuras ou reescrita – que inclusive aconteceu com mais frequência na questão sobre o nome do namorado (a). Concluídas as quarenta questões, Maria Emília utilizou a folha seguinte para propor um novo convite: que os amigos registrassem de “*um soneto ou um pensamento para que eu possa sentir mais de perto o afeto de cada um*”.

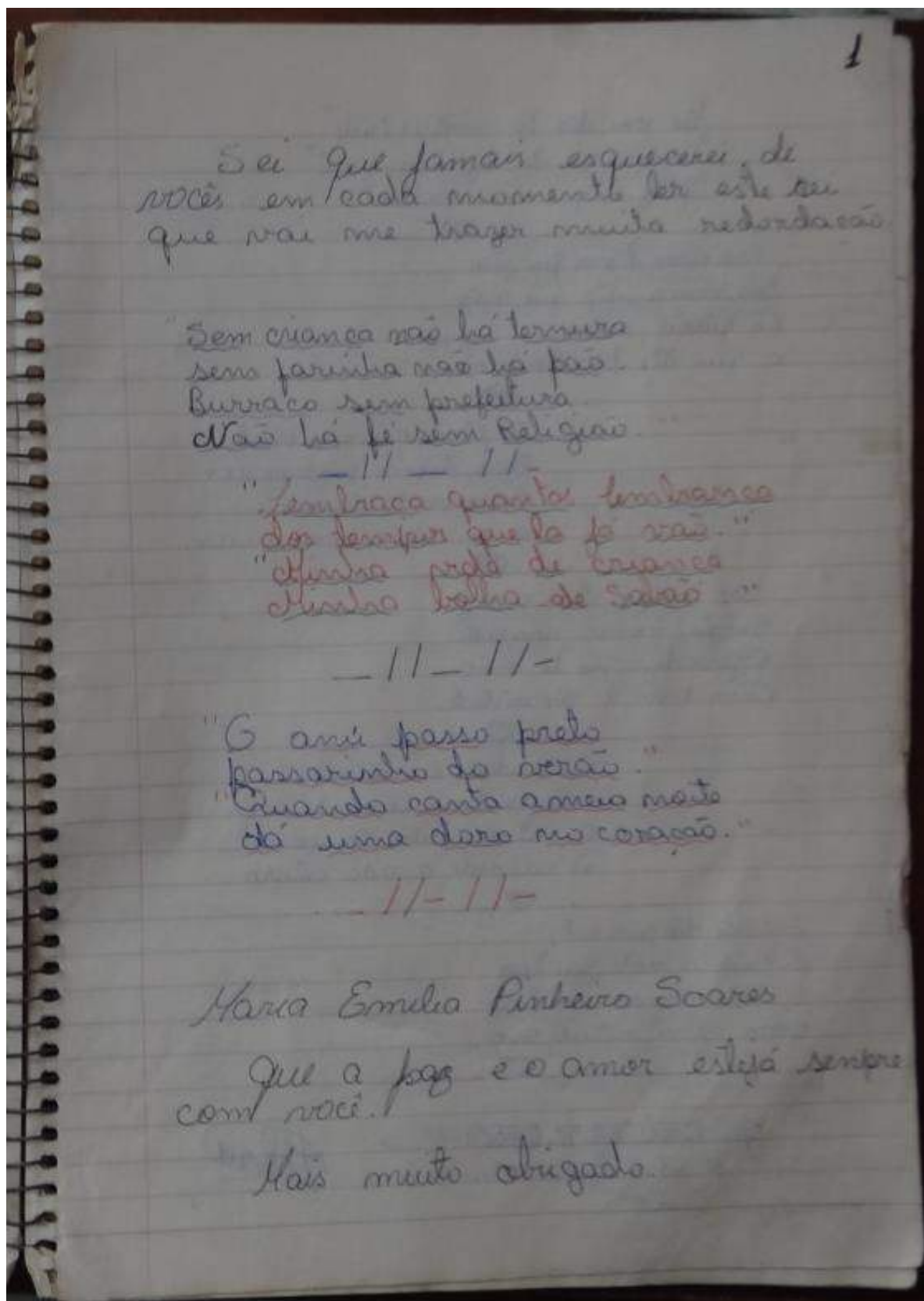
Figura 105 – Caderno questionário (1985) de Maria Emília – Deixe aqui sua mensagem



Fotografia da autora.

Como Maria Emília é a participante número 1 em seu próprio caderno – informação identificada a partir da resposta à pergunta 1, que solicita o nome – ela é a primeira a escrever uma mensagem, na segunda sessão do caderno de questionário. Ali, na folha numerada “1”, Maria Emília escreve como quem espera ser lida, palavras destinadas a seus amigos. Sua mensagem é quase uma segunda homenagem, com expressões como “*jamais esquecerei vocês*” e com novo agradecimento ao final.

Figura 106 – Caderno questionário (1985) de Marília Emília: Sua homenagem aos amigos



Fotografia da autora.

Nas folhas finais, com mais espaço de escrita para cada participante, há maior possibilidade de expressar a criatividade. Em somente três momentos foi utilizado o verso da folha. – o que não tinha acontecido até as páginas de questões. Os amigos de Emília registraram versos de poemas, mas também criaram textos próprios, alguns com rimas. Algumas falhas de ortografia aqui compõem, o que pode ser uma pista para diferentes níveis de escolaridade ou que nem todos frequentavam a escola. São manuscritos que se destinam a uma leitora: a proprietária do caderno. Manuscritos inspirados na relação de cada participante com Maria Emília, cujos laços se misturam para cada um, como expressa o poema “Pensamento”, de Arnaldo Antunes (2019): “pensamento que vem de fora e pensa que vem de dentro”. Houve uma repetição – ou seria a mesma pessoa? – de alguns versos [folhas com números 26 e 30]. Alguns foram econômicos em suas criações, outros (sete) deixaram desenhos ou enfeites como bordas junto aos registros. Alguns pediram desculpas pela letra, o que remete à constatação de Souza (s/d), aqui já abordada, sobre a invisibilidade à própria atuação como escreventes. Para esta autora, é preciso

reconhecer os papéis socioculturais exercidos por essas pessoas [...] [e] ampliar o conceito de letramento, incluindo diferentes práticas sociais de leitura e de escrita desenvolvidas por sujeitos, escolarizados ou não, em diversas esferas da atividade humana. [...] aspectos singulares de usos diversificados e eficientes da escrita em seu cotidiano. [...] para agir em uma sociedade na qual a garantia de direitos e o cumprimento de deveres são atravessados pela escrita (Tinoco, 2008). (SOUZA, s/d, p. 9)

Aqueles que aceitaram o convite de Maria Emília para responder ao caderno de questionário, registram ali suas habilidades de leitura e escrita, bem como expressões do afeto e frases de efeito que estavam em voga naquela região, em meados da década de 1980. Constituem, assim “testemunhos da vida cotidiana e escolar do período em que foram produzidos. [...] o repertório de textos que circulava no período escolar, o hábito de colecionar estes suportes de escrita.” (CUNHA, 2011, p. 350).

Quando Maria Emília guarda o caderno, permite que ali vivam fragmentos das vidas de seus amigos da época, vestígios dos dias com eles partilhados, e sinalizam na escrevente o desejo de ter algo para recordar sobre os dias que viveu. Uma espécie de colecionismo que a acompanha pelo menos desde os 14 anos, idade que tinha em 1985. A escolha da capa, das palavras da primeira página, das questões realizadas, não é mero acaso, mas guarda uma intenção.

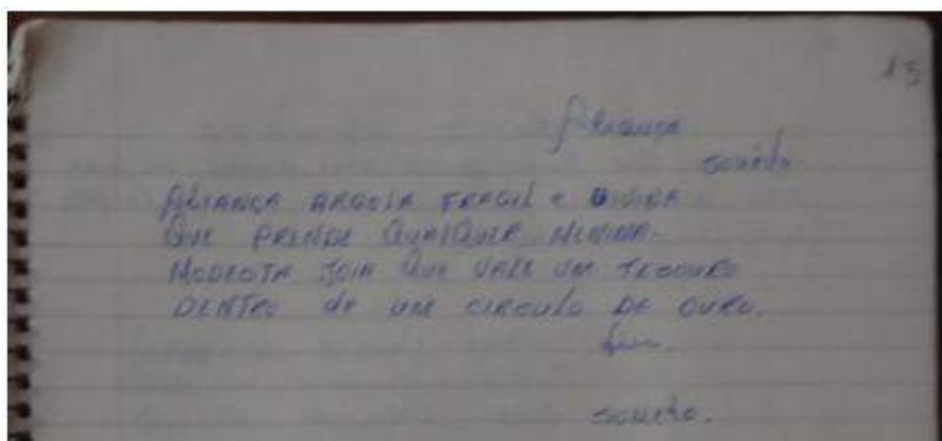
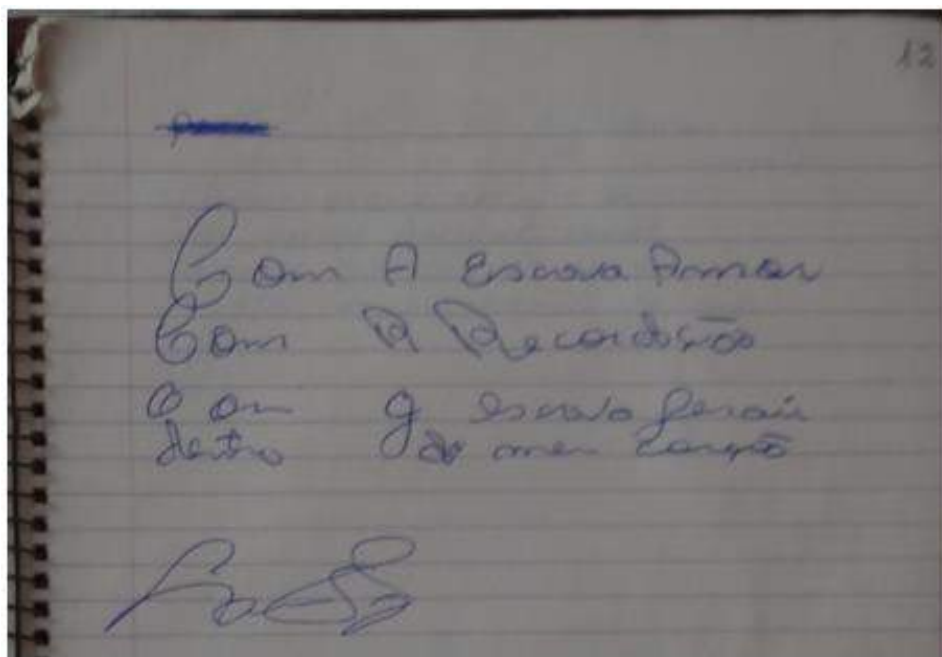
A mensagem registrada ao final, na folha com o nº “1” [figura 106], talvez seja uma cópia, porque foi registrada entre aspas, e bem poderia ser a epígrafe de apresentação desta dissertação:

*“ Lembranças, quantas lembranças
Dos tempos que lá já vão.
Minha vida de criança
Minha bolha de sabão’.”* (Maria Emília, Caderno de questionário)

Antes de fechar o caderno, no verso da folha de nº “32”, há o desenho de uma flor na posição central da página, com o único uso de lápis colorido que comparece no caderno. A princípio, a autoria presumidamente é da escrevente, pois seu nome consta no alto da página.

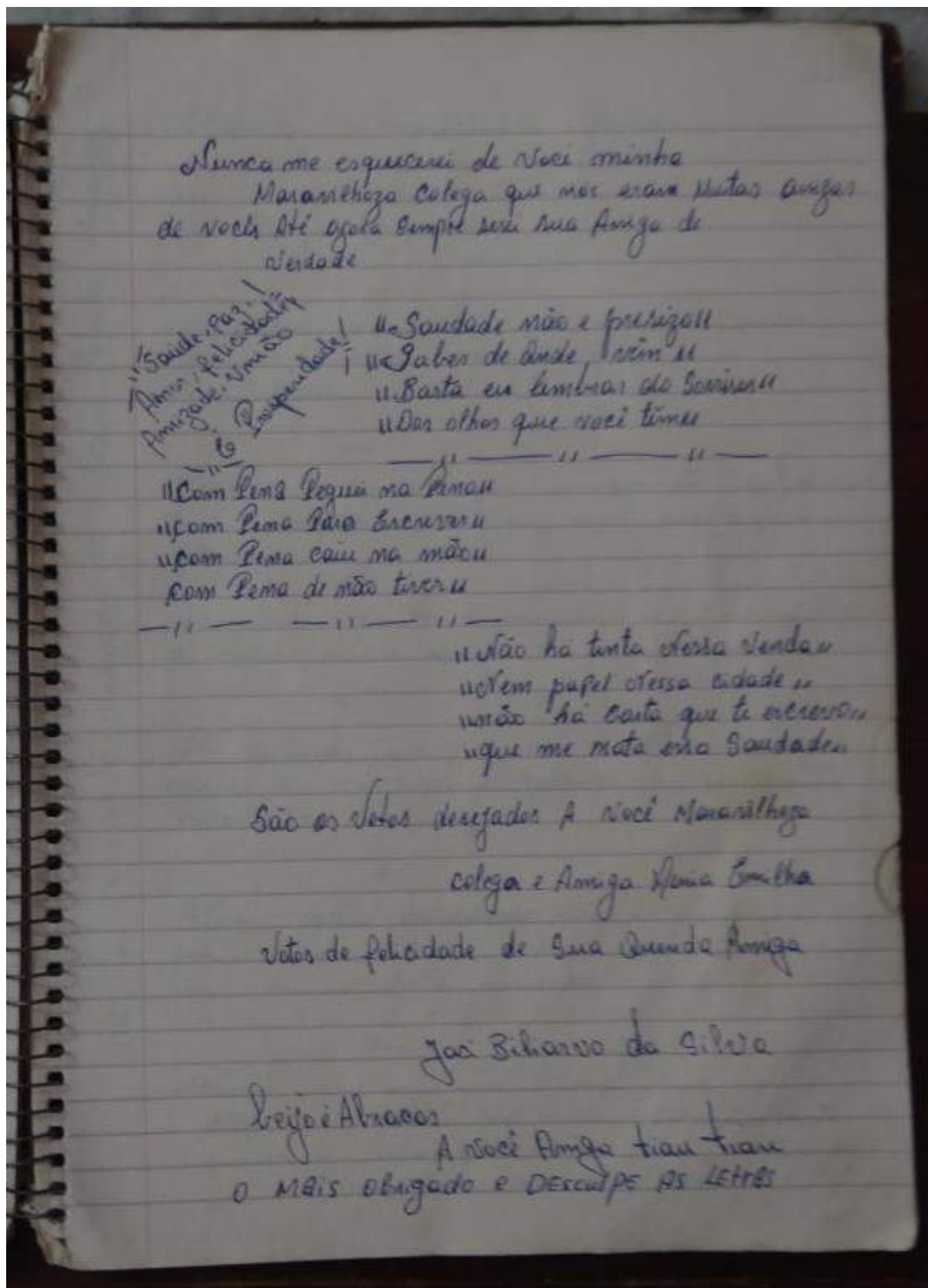
Apresento a seguir algumas imagens dos registros deixados pelos amigos de Maria Emília e também do desenho na última página. Depois, continuo a apresentação de mais três cadernos de Maria Emília.

Figura 107 – Caderno questionário (1985) de M. Emília - Homenagem de amigos fls. 12 e 13



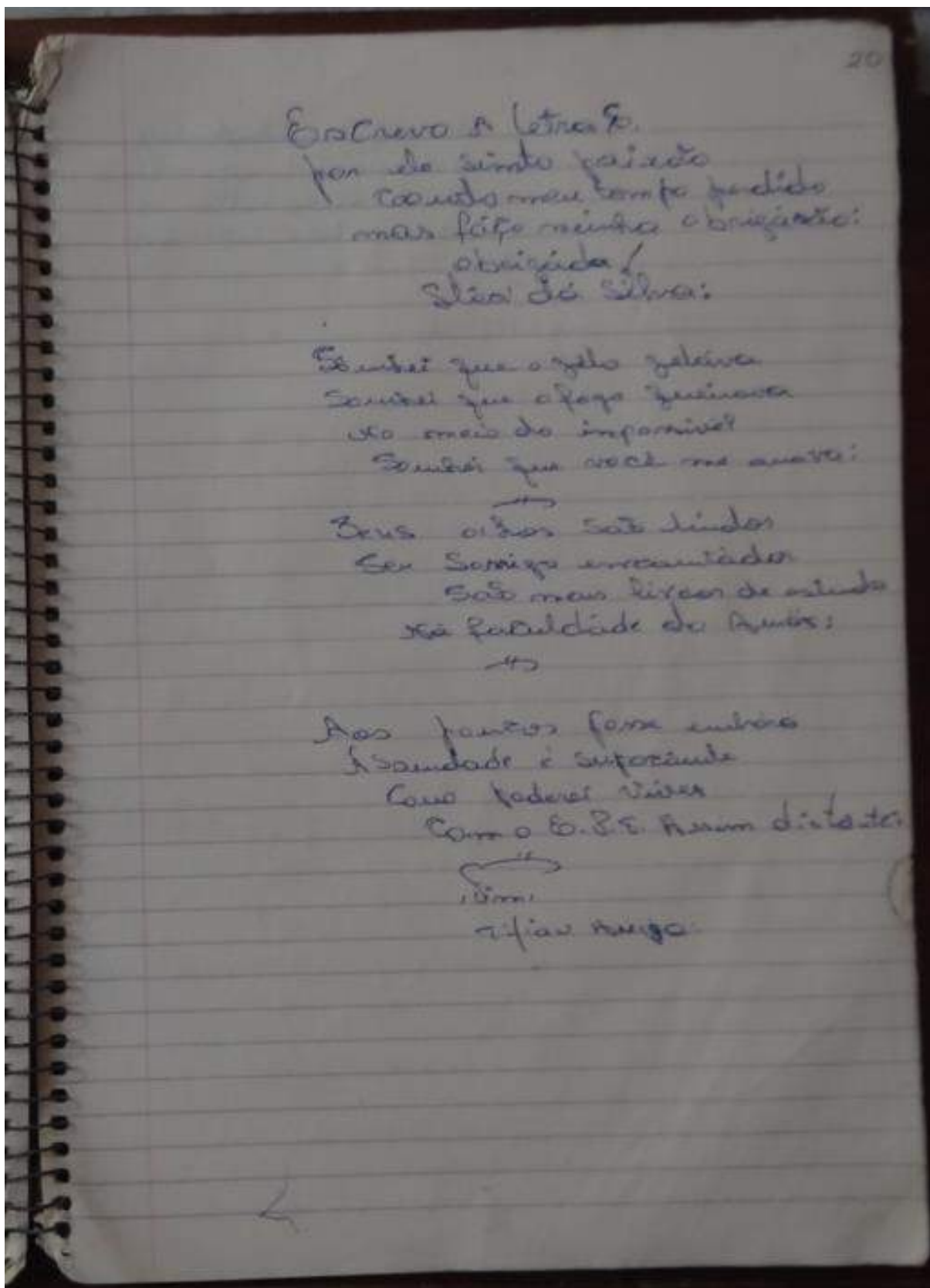
Fotografia da autora.

Figura 108 – Caderno questionário (1985) de M. Emília - Homenagem de amigos, fl. 09



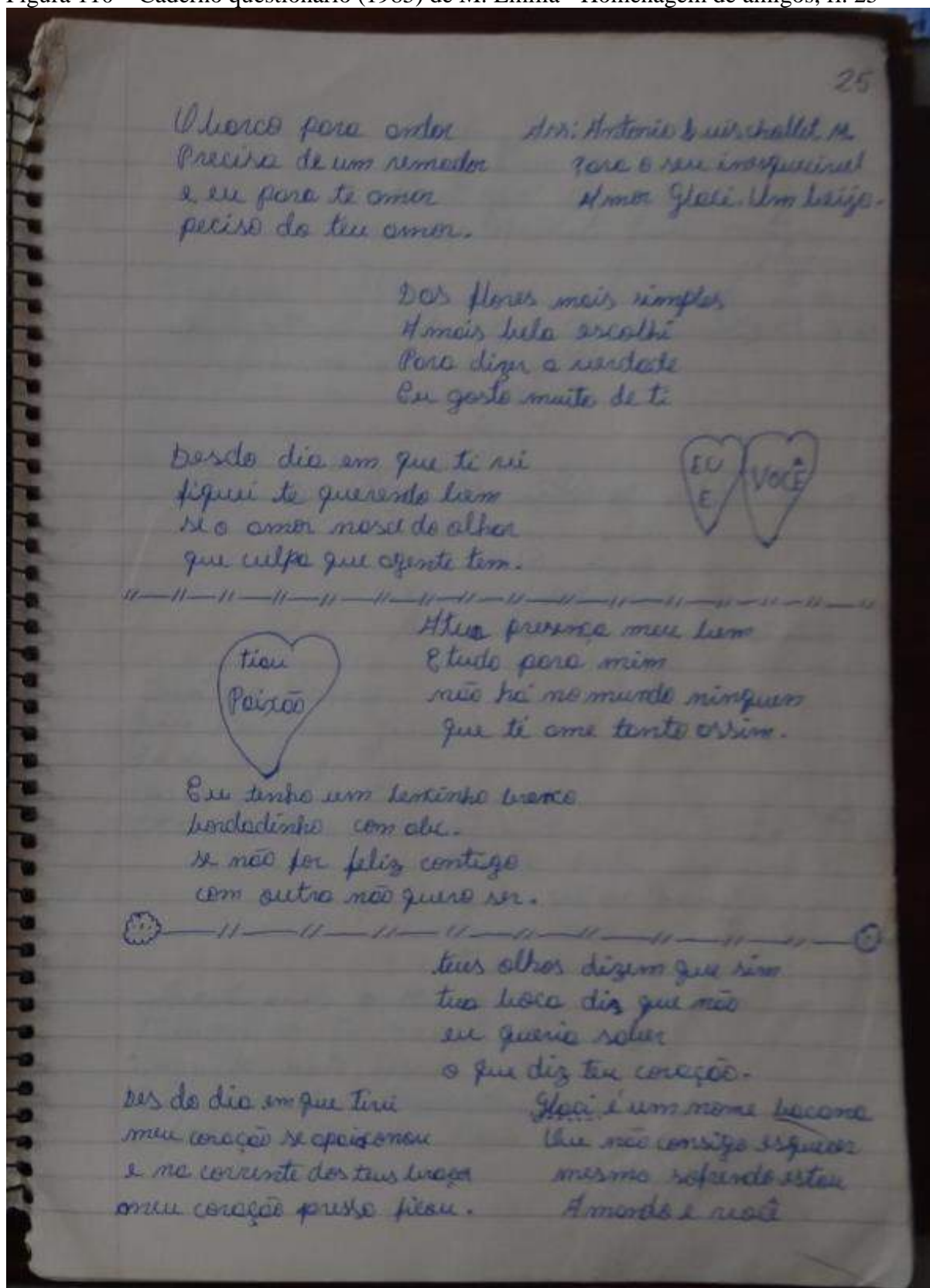
Fotografia da autora.

Figura 109 – Caderno questionário (1985) de M. Emília - Homenagem de amigos, fl. 20



Fotografia da autora.

Figura 110 – Caderno questionário (1985) de M. Emília - Homenagem de amigos, fl. 25



Fotografia da autora.

Figura 111 – Caderno questionário (1985) de M. Emília – Última página



Fotografia da autora.

Caderno de receitas 1 – capa: moça com revista

Trata-se de um caderno utilizado essencialmente para registrar e conservar receitas de culinária. Possui 22 folhas ou 44 páginas. Na contracapa, informações de que foi um caderno de 120 folhas, com medidas de 20 x 28 cm. Não há registros no interior da capa. No interior da contracapa, há letras, números e rabiscos que sinalizam ter pertencido a outra pessoa em processo de alfabetização. Ao longo das páginas não há marcações numéricas nem outra forma de classificação.

Há registros em todas as páginas. Em doze delas, os registros não se relacionam a receitas. Predominam os registros a caneta esferográfica na cor azul. Os títulos das receitas foram escritos de forma centralizada, muitas vezes em caixa alta ou sublinhados. Em dezesseis títulos, houve uso de lápis de cor (vermelho ou amarelo) sobre o escrito, para enfeitar. Nem todas as receitas receberam a instrução “modos de fazer”. Em apenas um dos títulos de receitas não reconheci a letra da escrevente [a imagem consta adiante].

Embora tenha predominado o registro de receitas, o caderno guardou também:

- a) cardápio para a semana (duas páginas);
- b) receita de sucos naturais (uma página);
- c) desenho livre (uma página).

Como vimos em diversos cadernos que compõem o *corpus* empírico desta dissertação, com alguma frequência as escreventes reutilizaram os cadernos de seus filhos. Mas isso não pode ser aqui afirmado com convicção. Apesar de Maria Emília ter um filho, o nome dele só aparece em uma página, junto ao nome da escrevente e mais outros quatro nomes, talvez da família ou amigos. Contudo, a ausência de muitos elementos permite pensar que se trata de um caderno reutilizado, em especial devido à grande quantidade de folhas, que foram suprimidas, bem como à presença de uma folha de identificação e indícios de data, além de nome na capa, interior da capa ou da contracapa.

Das 44 páginas deste caderno de receitas de Maria Emília, em 12 existem outros registros concomitantes, a maioria uma caligrafia de quem está em processo de alfabetização. Em algumas páginas, os desenhos estão ao lado ou se sobrepõem parcialmente à caligrafia de Maria Emília, o que pode sinalizar o uso por criança. Como Maria Emília trabalhou também como cuidadora de crianças, não é difícil imaginar que seja de uma delas, ou de seu próprio

filho, ou mesmo de mais de uma criança. Entre os traços infantis, identifique figuras geométricas, figuras circulares, um “animal” e uma caligrafia insegura.

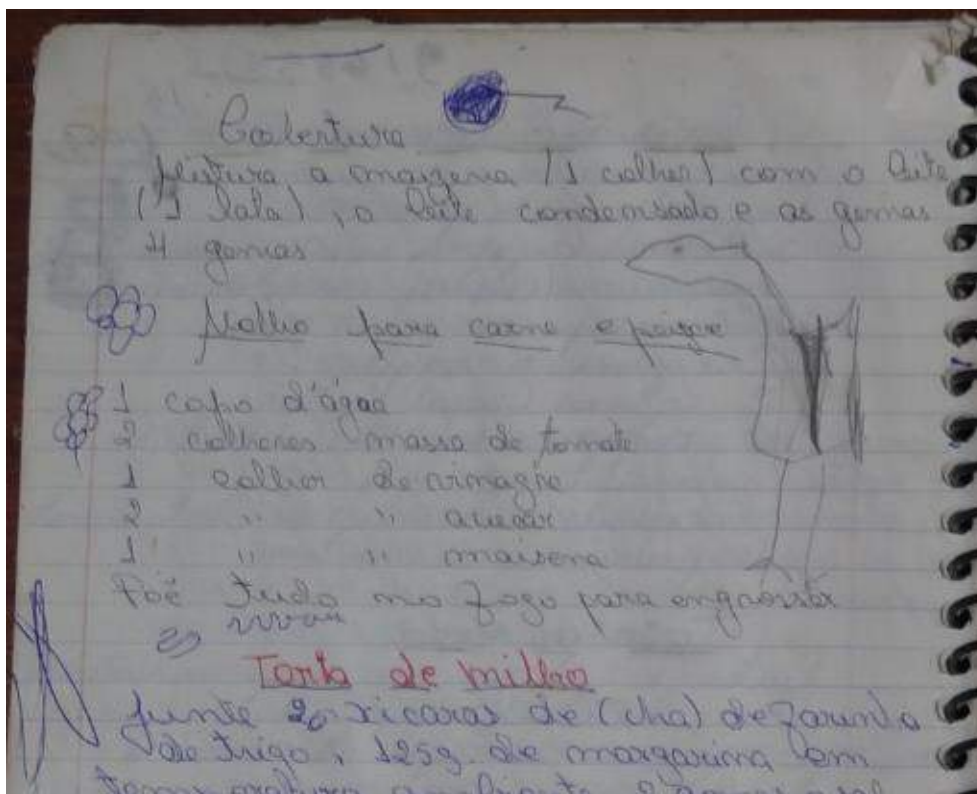
Dentre os 12 registros que não são receitas, um se refere a nomes de Maria Emília, seu filho e outras quatro pessoas, talvez da família ou de amigos.

Três curiosidades podem ser destacadas desse artefato confiado por Maria Emília à pesquisa:

- a) uma página teve a parte superior suprimida, e então o título da receita foi adaptado ao espaço disponível;
- b) uma receita que recebeu um “x” , o que pode indicar a intenção de conferir-lhe um destaque;
- c) uma receita tem um número de telefone celular entre as instruções, o que pode sinalizar que o caderno fora antes utilizado para anotações diversas, por exemplo para anotar um telefone, e que o registro da receita veio posteriormente. Ou ainda, que alguém estava a escrever junto com Maria Emília, no momento que esta registrava a receita. Ou outros alheios à pesquisadora.

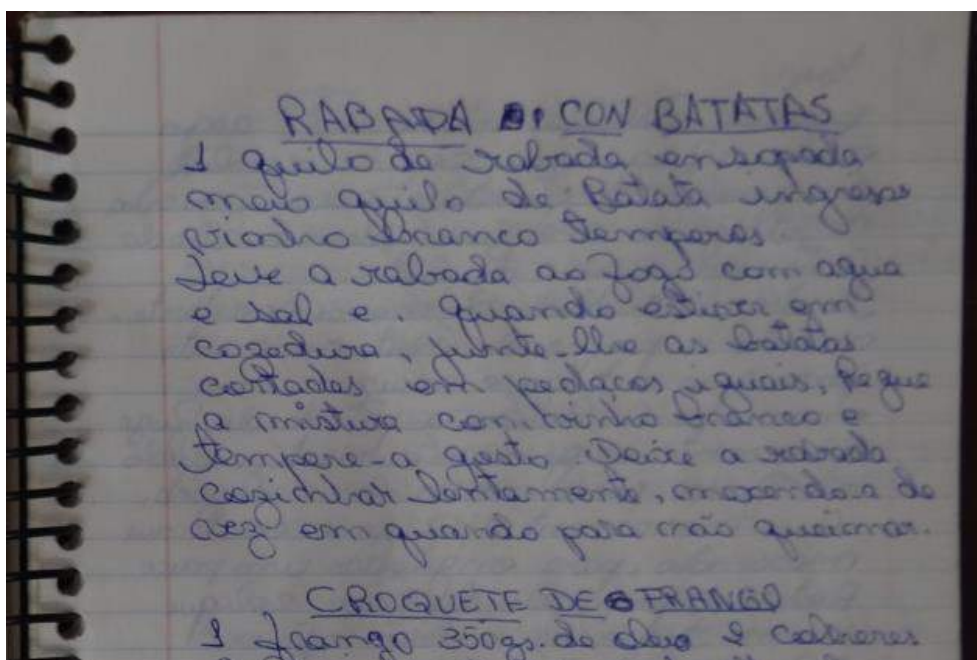
Abaixo, algumas imagens para destacar as observações acima.

Figura 112 – Caderno de receitas 1 (s/d) de Maria Emília – desenhos infantis



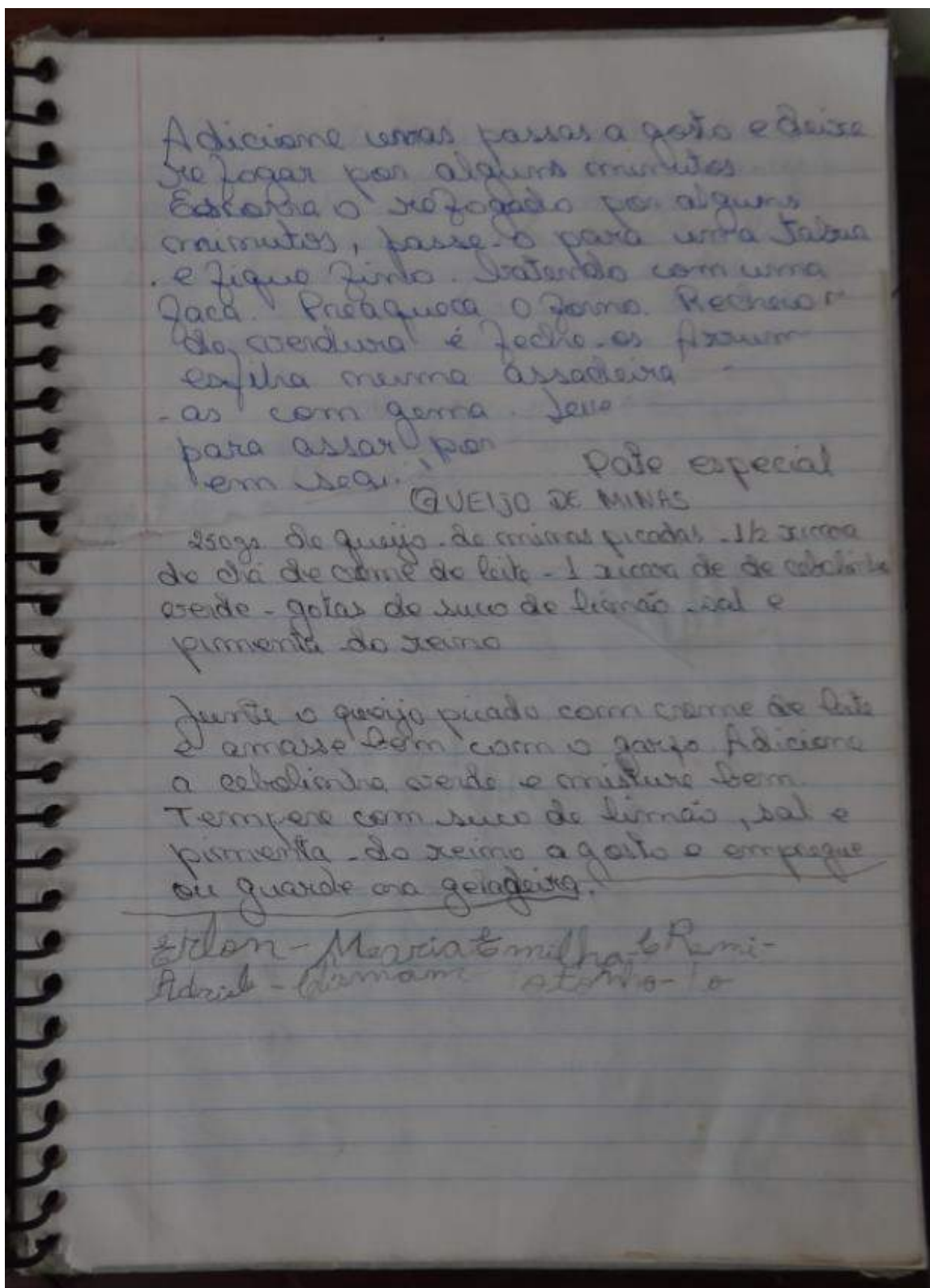
Fotografia da autora.

Figura 113 – Caderno de receitas 1 (s/d) de Maria Emília – outra caligrafia no título



Fotografia da autora.

Figura 114 – Caderno de receitas 1 (s/d) de Maria Emília – espaço adaptado e letra infantil



Fotografia da autora.

Caderno de receitas 2 - capa Homem Aranha

Esta outra materialidade confiada por Maria Emília possui capa com o desenho do personagem Homem Aranha, super-herói em quadrinhos, desenhos animados e também filmes. Suas dimensões são 20 x 27,5 cm. Na contracapa, a informação de que o caderno originalmente possuía 200 folhas. Diferentemente de todos os cadernos que compõem o corpus empírico da dissertação, o espaço com a solicitação de informações pessoais consta no interior da capa: Nome, Endereço, Fone, Matérias e Horários de segunda a sábado. É o único dos cadernos com esta opção. Estes dados foram preenchidos pelo filho de Maria Emília. No interior da contracapa também consta o nome de seu filho, escrito com caneta colorida, e existem muitos desenhos, como um cachorro, um jogador de futebol, a bola de futebol. Estas informações dão pistas de que, antes de ser caderno de receitas, atendeu outras funcionalidades de usos de escrita, provavelmente relacionadas ao espaço escolar.

Quanto ao conteúdo, o caderno possui 83 folhas, das quais:

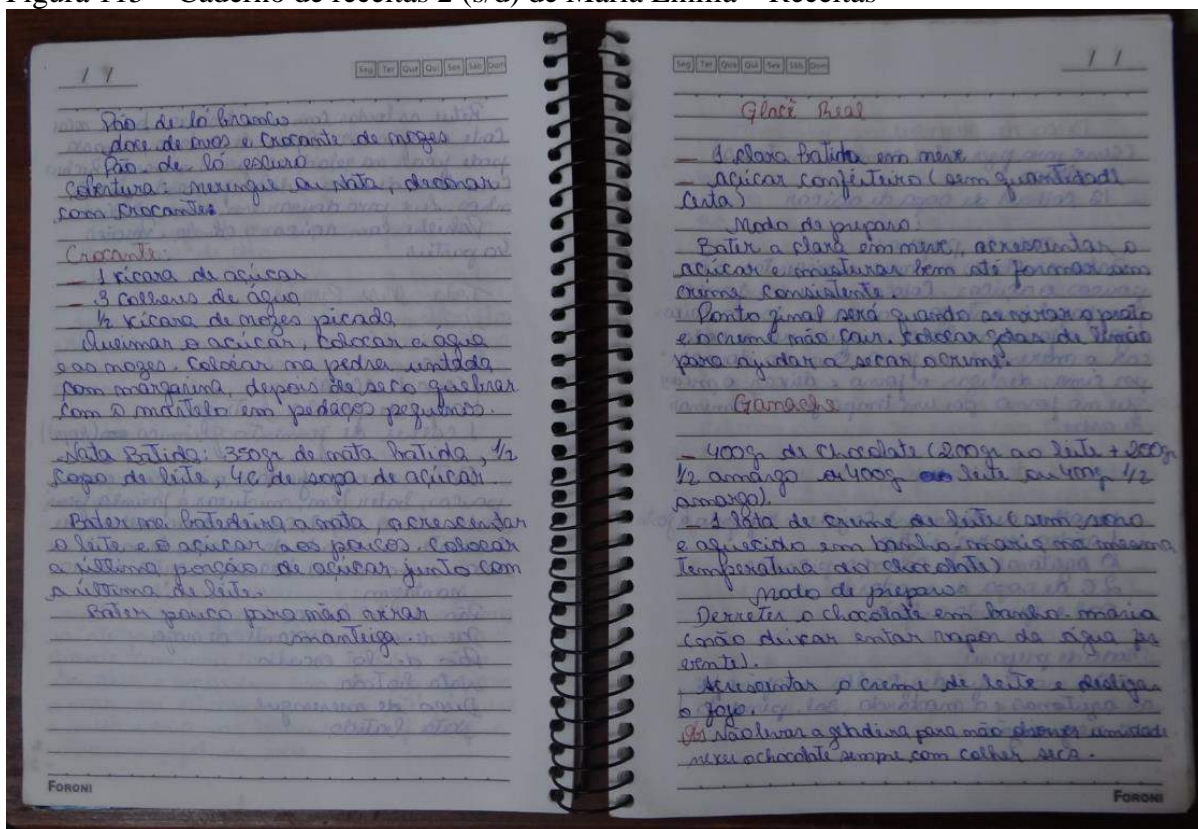
- a) 70 contêm exclusivamente receitas;
- b) 19 não receberam registros;
- c) uma possui informações sobre itens de cozinha (açúcar, balança, comida, geladeira, etc) e uma caligrafia diferente com sete nomes pessoais;
- d) uma contém uma operação matemática;
- e) uma possui uma espécie de resumo ao texto ou livro “Uma pátria que eu tenho”; e
- f) uma possui um rascunho de receita (não concluída).

Na parte superior da folha, há campos específicos para registro da data e para assinalar o dia da semana correspondente. Em nenhuma página estes campos foram preenchidos. As folhas não foram numeradas nem receberam outra forma de classificação. Predominam os registros a caneta cor azul e os títulos das receitas em caneta cor vermelha ou preta, na posição centralizada da folha. Há poucas rasuras e somente um uso de corretivo, o que pode sinalizar que havia uma atenção em cada registro. As receitas correspondem a doces e salgados, pratos ou sobremesas mais elaboradas, mas também balas e biscoitos.

Quanto ao uso do caderno, é interessante observar que na última folha houve o registro inacabado de uma receita. Antes dela, é a folha de divisão de matéria e depois dela, a contracapa. Isso demonstra que todas as demais folhas que ali estiveram presentes, na última divisão do caderno, foram suprimidas. Quiçá, antes das outras, pela transgressão de uso que frequentemente ocorre com a última página do caderno (SOUZA, 2010).

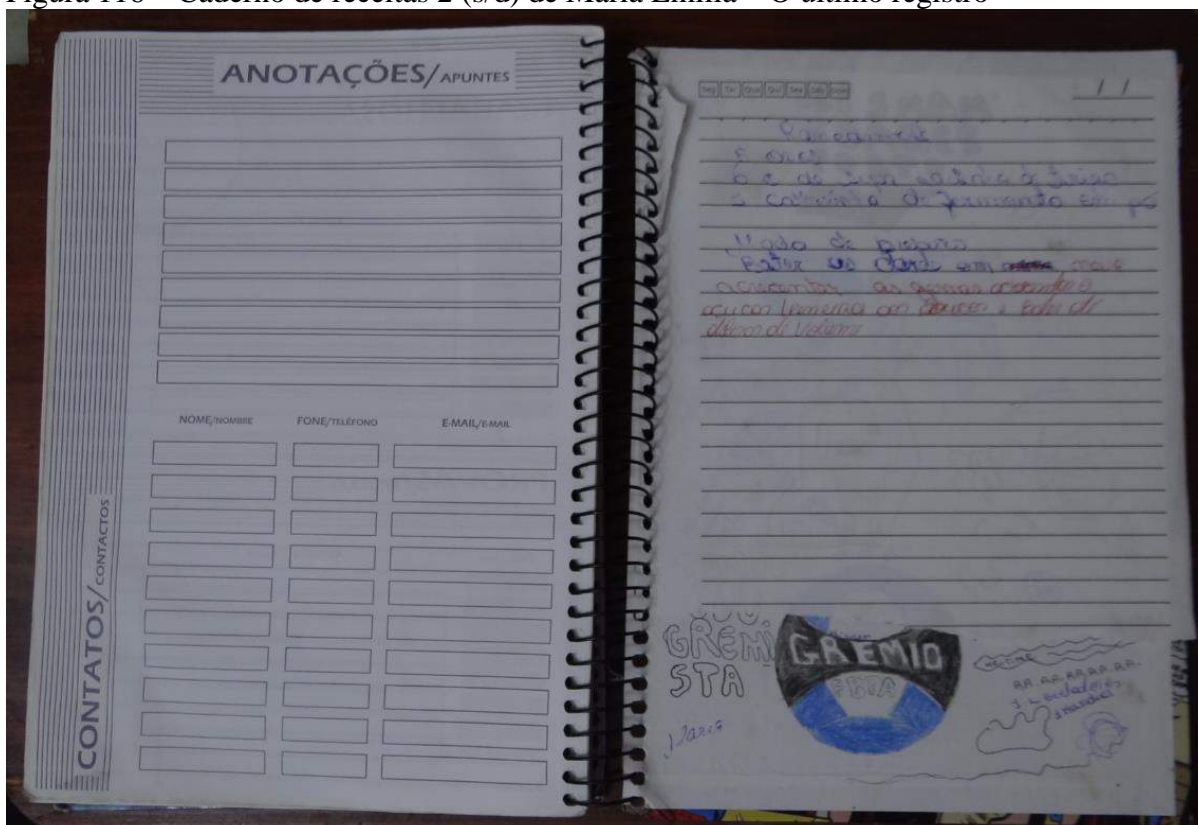
Apresento abaixo duas imagens deste caderno.

Figura 115 – Caderno de receitas 2 (s/d) de Maria Emília – Receitas



Fotografia da autora.

Figura 116 – Caderno de receitas 2 (s/d) de Maria Emília – O último registro



Fotografia da autora.

O caderno de receitas 2 tem uma particularidade. Antes da primeira folha pautada, o suporte apresenta um encarte de plástico, espaço para guardar anotações, registros e outras materialidades selecionadas pelo escrevente. Neste caso, guardam mais outros vinte suportes de escrita. A maioria são pedaços de folhas pautadas, de diferentes tamanhos, mas também há folhas não pautadas, papel de presente, folha inicialmente impressa com dados contábeis e uma folha de calendário, que foram utilizadas no verso.

No caderno os registros ocorreram com caneta esferográfica, num total de 22 receitas. Destas, 5 (cinco) foram “batizadas” com nomes de mulheres: “Bolo tia Nansi [sic]”, “Pudim da D^a Cici”, “Cuca da d^a Ceci”, “Pão de ló da Silvana”, “Receita (Geraldina)”, e uma receita recebeu título e observação de um nome feminino e “Bolo de chocolate - Receita profa Eva”, possivelmente pessoas que participaram das redes de sociabilidades da escrevente. Uma receita contém “Mais você” e o símbolo do coração, logomarca do mesmo. Isto permite pensar que a escrevente assistia ao programa televisivo quando realizou o manuscrito, e testemunha no mínimo três condições: o acesso a este recurso material, a escolha de programas televisivos e o domínio de habilidades para o registro. Duas receitas apresentam um indício de data: 03/01/2006 e 02/07/2007.

A princípio, toda a materialidade aqui apresentada se relaciona à vida laboral de Maria Emília. É possível que a conservação de seus cadernos de receitas tenha sido motivada pelo uso funcional. Mas entre as receitas avulsas que estão anexas neste caderno, no verso de um papel pautado, algo inusitado comparece. Um manuscrito escrito a lápis e com letra de forma:

“Música...

Qual é o sentido do amor sem ter alguém para amar?

Por que vc [sic] me ignorou assim?

Ti [sic] amo garota,

vc [sic] é a inspiração do meu viver, porque sem ti não sei viver.

Sabe o que eu vou fazer? Joga [sic] pro alto e espludir [sic] meu mundo

Porque sem ti não sei viver...”

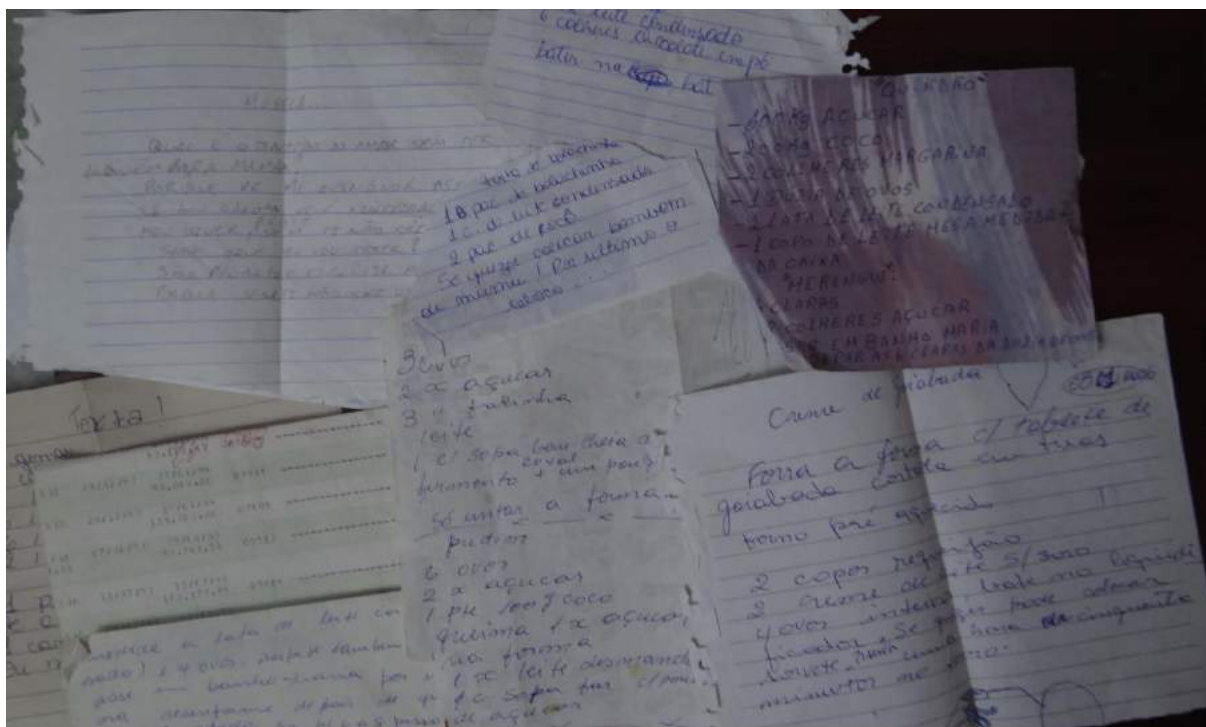
Maria Emília recebeu este bilhete de alguém? Foi escrito para outra pessoa? Quem sabe o pedaço de papel pertencera a seu filho ou alguém próximo e ela o tomou de empréstimo para registrar a receita no verso?

De forma geral, é possível observar que os cadernos e coleção de receitas de Maria Emília não estão, nestes dois cadernos, mesclados com escritas de si. Contudo, neles há

sinais de diferentes relações com a cultura escrita, de que freqüentou a escola, notadamente pelo predomínio de registros a caneta e também pelo uso intencional dos títulos, de forma centralizada.

A seguir, uma imagem das receitas “avulsas” aqui comentadas.

Figura 117 – Caderno de receitas 2 (s/d) de Maria Emília – Algumas receitas “avulsas”



Fotografia da autora.

Caderno de receita 3 - tamanho pequeno

Este caderno contém 29 folhas e tem as medidas 14,5 x 20,5 cm. Originalmente, fora um suporte de escrita com 96 folhas. Portanto, possui hoje aproximadamente um terço do tamanho original. A capa estampa o personagem Smilinguido²², que dissemina valores cristãos, embora nenhum dos registros que são dados a ver por Maria Emília relacionem-se à prática religiosa. No interior da capa encontram-se quatro operações matemáticas e o nome “Fernanda da loja” junto a dois números de telefones fixos, com sete dígitos cada. Este pode ser um indício do tempo do registro, especialmente porque não há a inscrição de data em nenhuma página. No interior da contracapa, vários nomes: o de seu filho C., de Maria Emília (quatro vezes) e de um familiar (mesmo sobrenome). O único nome escrito que está enfeitado é o de C., duas vezes, e que permite pensar ter sido seu este caderno, antes do uso por Maria Emília.

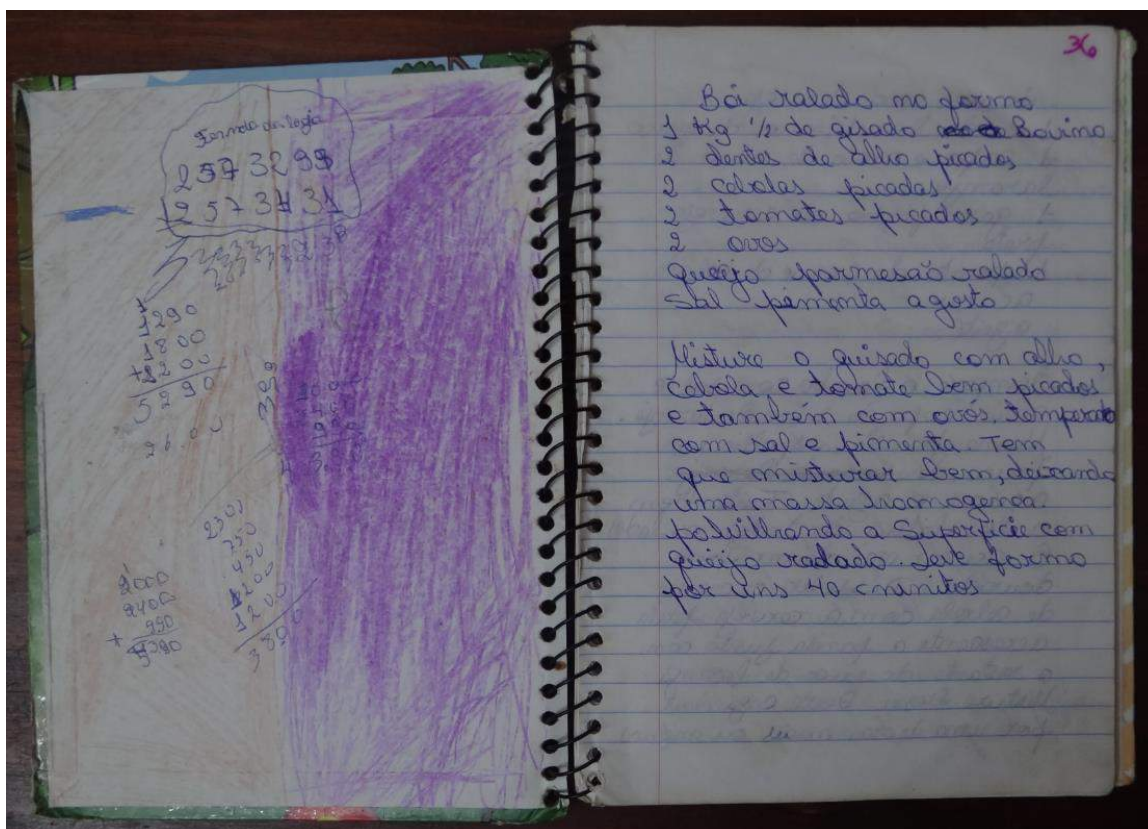
Há pistas de que as folhas foram numeradas em ordem crescente, no canto superior direito da folha. Muitas destas não comparecem mais nesta materialidade, de forma que há um intervalo entre os números que estão demarcados: 36 a 87, e aos que antecederam a estes.

Dentre as 29 folhas ou 58 páginas, onze contêm registros: receitas (nove), operações matemáticas (uma) e uma página contém a relação de quatorze nomes e n^o, e em alguns casos, também valor. As receitas foram registradas sem enfeites ou destaques de outra cor de caneta ou lápis colorido, como ocorreu em outros suportes. Predominam os registros a caneta e os títulos das receitas na posição centralizada da linha. Não há indícios de data.

A seguir, duas imagens que concernem a este caderno e, então, passo ao último material de Maria Emília confiado à pesquisa: uma coleção de receitas, em diferentes suportes de escrita.

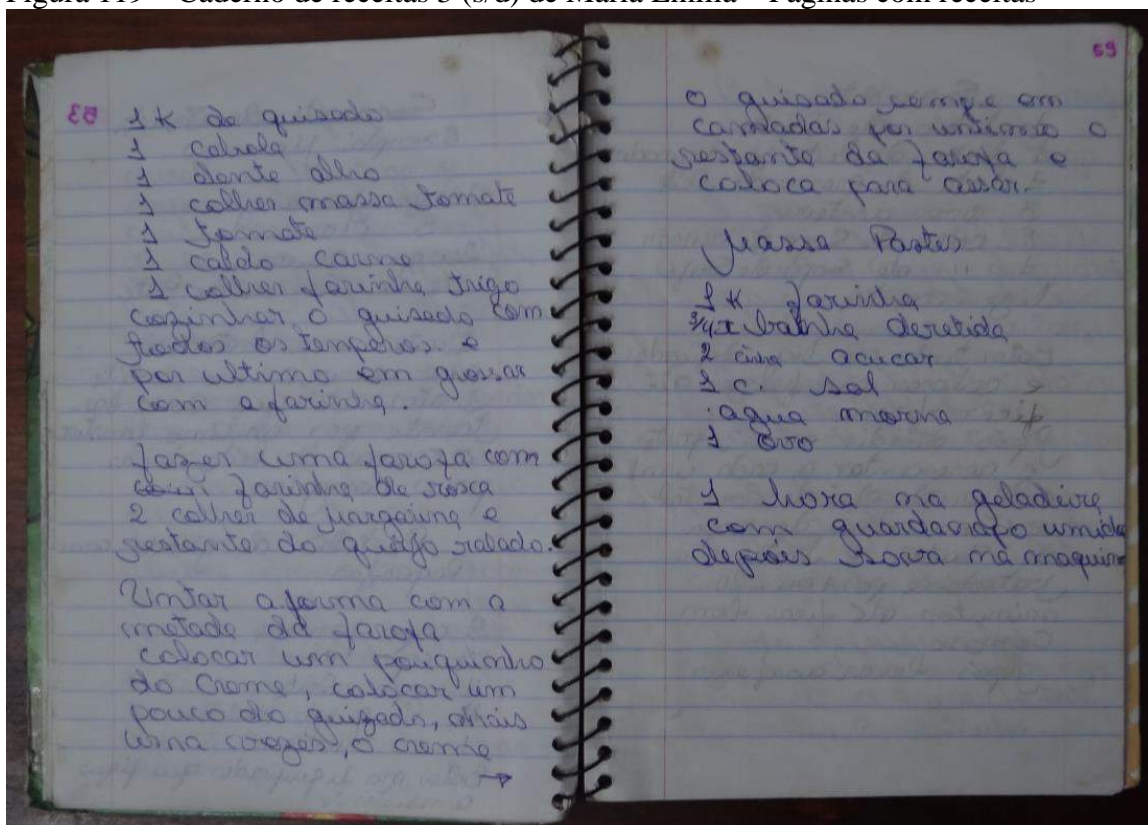
²² Smilinguido é um personagem criado em 1980 e desde 1989 distribuído exclusivamente pela Editora Luz e Vida. Sua vida é retratada em um formigueiro, e ele “[...] interage com seus amigos e com a natureza ressaltando os valores cristãos em todas as suas atividades.” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Smilinguido> - acesso em 26/12/2019)

Figura 118 – Caderno de receitas 3 (s/d) de Maria Emília – Primeira página



Fotografia da autora.

Figura 119 – Caderno de receitas 3 (s/d) de Maria Emília – Páginas com receitas



Fotografia da autora.

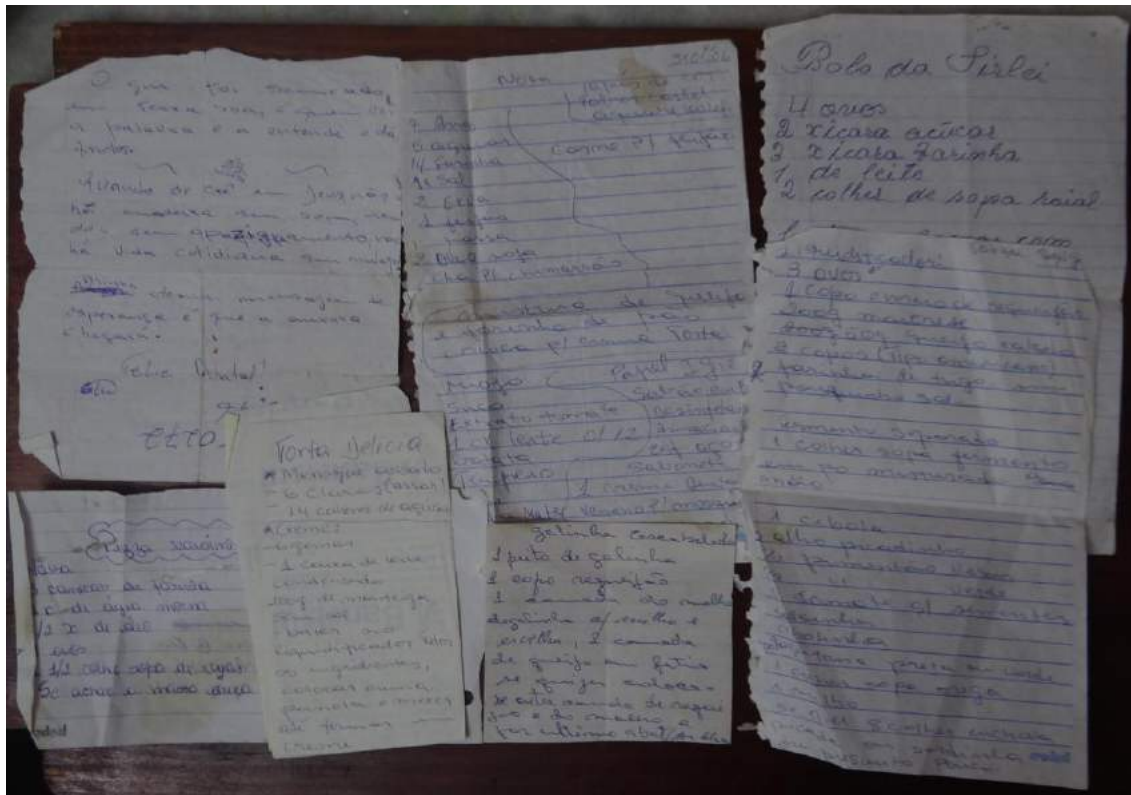
Coleção de receitas de Maria Emília

Descrevo agora a última materialidade de Maria Emília confiada à pesquisa. Nomino aqui de coleção de receitas aquelas que foram entregues guardadas em saco plástico de 1kg de feijão. Aí encontram-se papeis com pauta, sem pauta, receitas manuscritas e impressas em embalagem plástica e de papel, recortes de revistas e jornais e até anotada em um extrato bancário.

Dentre os registros manuscritos, seis receitas e algumas singularidades:

- a) a presença de uma lista de compras de supermercado, com cerca de 30 (trinta) itens;
- b) o registro de ingredientes e preparo de uma torta doce no verso de um extrato bancário;
- c) em caligrafia diferente de Maria Emília, uma receita de peru de Natal e no verso algumas mensagens: “O que foi semeado em Terra boa, é quem ouve a palavra e a entende e dá frutos”; “Quando se crê em Deus, não há madeira sem som, nem dor sem apaziguamento, não há vida cotidiana sem milagre” e “[não compreendi] eterna mensagem de esperança é que a aurora chegará. Feliz Natal! [assinatura]”.

Figura 120 – Coleção de receitas (s/d) de Maria Emília – Manuscritas



Fotografia da autora.

Ao finalizar as observações sobre os registros de Maria Emília, algumas regularidades se apresentam:

- os registros são realizados à caneta;
- identifica-se a recorrência à centralização dos títulos;
- os cadernos de receitas contêm diversas outras caligrafias: letras de crianças, receitas de outras pessoas e bilhetes, indicando que funcionam como cadernos-coletânea de receitas que se somam com o passar do tempo.

Observo, ainda, que não diferem do gênero receita tal qual usualmente utilizamos e que, juntos, esses cadernos não possuem atributos de singularidade que sobrelevem as características canônicas do gênero. Não há transgressões, conteúdos heterogêneos, anotações de escritas de si ou registros de memórias, salvo aquelas referências a títulos de receitas associados a pessoas cujos vínculos podem ser evocados, ou mesmo das próprias receitas que são marcas do tempo, seja pelos eventos ou experiências cotidianas do passado que possibilitam rememorar, seja pelos modos de fazer e ser que ficam registradas no papel.

FRAGMENTOS, LEMBRANÇAS, TRAÇOS DE VIDAS: REFLEXÕES SOBRE AS ESCRITAS

Nas páginas anteriores apresentei reflexões – entre tantas outras possíveis – sobre as práticas de escrita ordinárias de Maria Joaquina, Marilene, Maria, Fênix e Maria Emília. Diferente de trabalhos que analisaram manuscritos produzidos por uma pessoa (BARBOSA, 2015; GODOY, 2005, GRASSI, 2016) ou focados em um gênero textual específico – como diários (CUNHA, 2009), agendas (RAMOS, 2000), cadernos de anotação (TECCHIO, 2012) –, o *corpus* empírico desta dissertação é composto por uma diversidade de suportes materiais que acolheram registros manuscritos de suas escreventes. As cinco mulheres participantes da pesquisa confiaram-me um conjunto variado de gêneros textuais – como cartas, cartões, orações, salmos, crônicas, poesias, preces. Registros manuscritos produzidos em diferentes momentos da vida, em diferentes lugares de moradia ou constituição familiar e condições econômicas, foram conservados ao longo de várias décadas por algumas delas.

O aporte teórico que serviu à análise permite enfatizar a produção realizada pelas mulheres em seu cotidiano como um importante elemento da constituição de suas identidades. As produções suscitam o diálogo consigo e com os pensamentos que as acompanharam em diferentes momentos da vida. E para o campo acadêmico, suas produções instigam questões inusitadas para ampliar o conhecimento histórico, por exemplo sobre o processo de alfabetização das mulheres sem fama, as possibilidades de escolarização no Brasil para as camadas populares, as necessidades sociais e econômicas, a participação das mulheres no mercado de trabalho, os cultos e práticas religiosas, a criação dos filhos, as relações familiares e sociais, seus grupos de pertencimento, entre outros.

Importa lembrar que esta dissertação foi produzida a partir das materialidades selecionadas pelas próprias mulheres à confiança da pesquisadora. Isso não significa a inexistência de outros registros efetuados ao longo do tempo, talvez não conservados ou talvez não partilhados neste momento, por melhores que tenham sido as intenções da pesquisadora.

De forma sucinta, sobre o conjunto da empiria reunida para estudo, foi possível identificar e examinar:

- a) as relações entre as práticas de escrita e as práticas de leitura;
- b) o predomínio do uso de cadernos, que permite uma “continuidade dos pensamentos”;
- c) a prática comum de reutilização de alguns cadernos dos filhos, que indica como os suportes materiais podem ser, ao longo do tempo, reapropriados para diferentes usos;

- d) a relação entre os suportes materiais e as condições econômicas e sociais das escreventes;
- e) as diferentes trajetórias de acesso à educação pelas mulheres negras e quilombolas;
- f) o intento de uma produção de si, experimentada também nas práticas de escrita;
- g) a recorrência de algumas temáticas nos escritos, como a religião, a menção ao Deus cristão e a elementos da cultura afro-brasileira;
- h) uma transformação histórica que acompanha os tempos dos registros relativa ao reconhecimento das religiões de matriz-africana, e que faculta, no tempo em que acontece esta pesquisa, que algumas mulheres tenham se expressado abertamente sobre essas práticas religiosas;
- i) a evidência em uma escrevente de sua percepção acerca de um conflito entre a religião neopentecostal e a não abordagem do tema do racismo na sociedade brasileira.

Os arquivos pessoais das cinco mulheres informantes da pesquisa, quando reunido na casa da pesquisadora, tornou possível pensar sobre os diferentes tempos de produção e dos espaços em que as mulheres realizaram suas práticas de escrita ordinárias. Para Kina, os manuscritos são do tempo presente, pois já está aposentada, morando com a filha primogênita, que contudo, passa o dia trabalhando fora. Marilene, por sua vez, possui manuscritos de diferentes épocas, predominando o período em que residia com os filhos, à época menores de idade. Maria disponibilizou registros de dois momentos: o caderno de músicas da década de 1972, quando residia com os pais “de criação”; e duas agendas com registros do tempo presente, quando reside sozinha. Destaca-se que suas três materialidades “sobrevivem” a diferentes espaços de moradia, pois Maria relatou que já mudou diversas vezes de residência na cidade de Porto Alegre/RS. Ela os conserva e “carrega consigo”, o que denota a atribuição de valor afetivo e identitário que ela atribui aos mesmos. Para Fênix, os cadernos escolares e agendas com registros desde a década de 2000, abarcam um período de vinte anos, e nesse sentido pode-se acompanhar as mudanças de sua configuração familiar, desde os filhos pequenos e em idade escolar até agora, já adultos, com quem partilha tempo também para olhar os netos. Maria Emília, por sua vez, cedeu registros de dois momentos, um caderno questionário de 1985, que indicia seus tempos de escola e a época da adolescência, solteira e sem filhos; e, de outros tempos, os cadernos de receita, com marcas de sua vida adulta, em que se entrevê a presença de crianças e de novos laços sociais.

Os diferentes tempos dos registros escritos anunciam diferentes motivações de escrita para cada uma das mulheres da pesquisa. Maria Joaquina relatou que houve o pedido de um dos netos com vistas à preservação das memórias de vivências da comunidade

quilombola. Para Marilene, Maria e Fênix, as práticas de escrita relacionam-se com frequência significativa com as leituras espirituais, onde buscam conforto para momentos de vida mais turbulentos. Os documentos de Maria Emília relacionam-se diretamente à atividade laboral exercida por mais tempo, como cozinheira.

Embora não haja uma correspondência linear entre escolaridade e escrita, o maior número de produções escritas, assim como o maior volume de escritas autobiográficas, foram apresentadas por Marilene e Fênix, as duas participantes que concluíram o curso superior. Em seus manuscritos predomina a letra cursiva, o uso da caneta, a diversidade de cores de canetas, os símbolos gráficos e desenhos, os parágrafos longos, as citações de outros textos com o recurso das aspas e amplo vocabulário. Mas se as caligrafias e o vocabulário expõem diferentes graus de escolarização, por outro lado, as escreventes mais assíduas que encontrei durante a primeira fase da pesquisa (a elaboração do projeto), foram Kina e Maria, e ambas cursaram apenas os primeiros anos do ensino primário. No conjunto atual, Fênix reúne as duas características: ampla produção escrita autobiográfica e persistência da prática de escrita no tempo presente.

Destaco na pesquisa os dois suportes de escrita que há mais tempo acompanham duas mulheres da pesquisa, testemunhando suas trajetórias de vida: o caderno de músicas de Maria, de 1972, que representa uma espécie de “relicário” das tantas mudanças da escrevente desde a juventude; e o caderno de questionário de Maria Emília, “vivo” há mais de três décadas, que guarda os afetos pelo seu grupo de amigos. A conservação dos manuscritos por cada uma das mulheres sinaliza que ali existe um investimento afetivo e neste ponto compartilho da opinião de Cunha (2009) que este afeto acompanha um “desejo de ‘preservar-se em papel’ para, talvez, salvaguardar-se do esquecimento, conservar o que quase sempre, se extravía na vertigem do tempo” (CUNHA, 2009, p. 263).

Outras observações que podem ser feitas sobre o conjunto da empiria da pesquisa:

- Kina realiza uma escrita autobiográfica que se aproxima de uma história oralizada. Guarda relação com a intenção de narrar o grupo social, o pertencimento a um espaço e a história desse grupo;
- Marilene apresenta o uso da escrita para múltiplos fins: a organização da casa, da vida profissional, da criação dos filhos, mas sem esquecer de um tempo para si, para suas reflexões pessoais e seus registros de inspiração espiritual;
- os registros de Maria, frequentemente iniciados por salmos bíblicos, podem ser uma forma de guardar os elementos que dão sentido a sua vida;

- Fênix permite entrever em suas práticas de escrita a busca por uma produção autobiográfica, traços de sua ocupação do tempo, o exercício de suas identidades como mãe, esposa, avó, frequentadora e colaboradora da igreja;
- os registros de Maria Emília podem representar, primordialmente, um espaço para si, cujas lembranças intercorrentes contribuem para o exercício de reflexão e compreensão sobre os caminhos percorridos.

Acerca da multiplicidade de motivações e do conjunto material produzido por cada uma das mulheres, lembro do termo “escrita fracionada” utilizado por Godoy (2005, p. 23) para caracterizar a escrita de temas diversos que envolvem a vida cotidiana, a vida pública, o trabalho, a vida familiar. Sob esta perspectiva, a escrita fracionada pode ser encontrada nos artefatos de Marilene e Fênix. Nos artefatos de Maria há vestígios de temas diversos, como os salmos, o jejum, o cuidado com a neta, a visita a amigos, a leitura. Mas estes temas não são amplamente expostos. Cabe observar que os registros de Marilene concernem à década de 1990 e os de Fênix aos anos 2000. Ou seja, a prática de escrita as acompanha há mais décadas do que aquelas de Maria, que manifestou ter iniciado a escrita de suas agendas na década de 2010. Nos artefatos de Kina prevalece a produção de memórias do grupo social a que pertence, com função de registrar a história do grupo, como mostrei anteriormente, aspecto que fica aqui reforçado. Maria Emília, excetuando o caderno de questionário, confiou registros predominantemente de cunho informativo ou educativo, ou talvez um conjunto de escritas que contemplam a especificidade de seu trabalho. É preciso observar que Maria Emília está no interior do estado gaúcho, onde a vida tem outro ritmo e é circunstanciada de forma diferente pelo espaço público e as instituições sociais.

Diários funcionaram como uma escuta do dito, do não dito, do silêncio, das zonas de sombra, das fronteiras do dizível e do confessável e inconfessável.

O silêncio para ser rompido precisa de uma escuta. (GODOY, 2005, p. 92)

Dentre as mulheres participantes da pesquisa, Fênix fala abertamente sobre o desejo de ser escutada. Em suas cartas-prece, busca interlocução, expressa seus sentimentos e solicita uma resposta do divino. Em nossas conversas manifestou que “- escrever é libertador [...] é o espaço de escuta que nem sempre a gente tem”. Para Fênix, as mulheres sofrem com o modelo de sociedade vigente, que lhes impõem um silenciamento diário. Daí decorre grande parte da vontade de trabalhar em projetos com mulheres – tema expresso em seus registros. Observo, assim, que deriva dessa vontade uma abundância de registros escritos. Quiçá estes

se configurem em apoio para lidar com as situações que um dia foram traumáticas, no uso da palavra como ferramenta de cura, como expõe Arfuch (2018).

Por fim, evoco uma reflexão de Cunha (2009) sobre sua experiência de pesquisa. Segundo a autora, os registros realizados nos diários femininos: “são verdadeiros rastros de suas mocidades, *escritas ordinárias*, produzidas muitas vezes com a chancela da escola, que instituíram *lugares de memória* e me ajudaram a [...] procurar o que nos forma e ampliar a nossa compreensão da história. (CUNHA, 2009, p. 271, itálicos do original).

Muitos dos gêneros textuais produzidos pelas mulheres participantes da pesquisa recebem a “chancela” da escola: as cartas, as receitas culinárias, o caderno de questionário, as letras de música, os poemas, crônicas e bilhetes, etc. Embora o *corpus* empírico desta dissertação indique uma diversidade de gêneros que possivelmente são inspirados pela forma escolar, vale ressaltar que se fazem acompanhar da transgressão dos usos dos suportes de escrita, pois “extrapolam” o cânone dos cadernos escolares ou da agenda escolar. Se as materialidades são as mesmas, as utilizações são distintas e particulares. Alguns exemplos são contundentes a esse respeito: umas mulheres usaram a agenda como se fosse caderno de anotações, ignorando as regras de próprias ao suporte, como sucessão dos dias, das horas, contenção de um dia em um espaço limitado, como o fez e faz Maria; ultrapassaram assim os compromissos diários, como o registro diarístico realizado na agenda por Marilene, e Maria Emilia fez o aproveitamento do verso de extratos bancários e papéis de contabilidade para o registro de receitas culinárias.

Em outras palavras, esta dissertação contribui com elementos que apontam que ao longo da história da cultura escrita, a apropriação da escrita como competência social foi uma importante tecnologia para a produção de lugares de memória e para a afirmação de si. Negar a alfabetização para grupos culturais específicos foi uma estratégia de poder em diversas sociedades. Por isso a apropriação da escrita pelas mulheres, e especialmente pelas mulheres negras e quilombolas, representa uma importante ferramenta de autonomia para produzirem suas vidas. E a “escrita de si” presente em suas práticas miúdas, tais como as práticas de escrita ordinárias, podem ser vislumbradas como uma produção de suas identidades e vestígios de memórias de suas gerações e grupos de pertencimento, que merecem ocupar espaços que lhes foram negados por séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para as páginas preenchidas até aqui, relembro um pouco do percurso da pesquisa. Nas primeiras buscas para a composição da empiria, foram frequentes a estranheza e desconfiança quanto ao tema. Precisei pensar em minha atuação como pesquisadora, pausar, observar meu conhecimento e fazer novas apropriações. A dedicação à leitura da literatura sobre o tema proporcionou novas miradas e compreensões que repercutiram, pois algumas mulheres foram manifestando confiança para participar. À medida que avançava na observação e análise da empiria, novas perguntas se faziam necessárias. Quanto mais estudava, mais adiante estava o horizonte de apreender toda a literatura sobre o tema.

Os caminhos de análise escolhidos demandaram a renúncia de outros. Faz-se “necessário conviver com a ausência que nenhum cuidado metodológico ou narrativo poderá suprir: o inalcançável do passado, o fato de não poder reconstituir o vivido [pelas mulheres] ou, tampouco, compreendê-lo em sua totalidade” (CORREA, 2019, p. 142). Assim, novas questões são aqui apresentadas e a iniciativa de “concluir” visa abrir possibilidades para que este trabalho de pesquisa interaja e contribua com outros.

Guardado. Trancado. Zelado. O cerimonial da confissão preservado em uma gaveta escondida ou protegido com chave. O ritual da escrita discreta e sigilosa, mantida longe do olhar da família e de outras pessoas. O repositório de lembranças e o território da intimidade. Acontecimentos corriqueiros ou excepcionais, sentimentos contidos, expectativas e desejos secretos. Tudo que tece o cotidiano é passível de ser acolhido pelas folhas em branco do diário íntimo. (GRASSI, 2016, p. 88)

A empiria desta dissertação permite ver que a acolhida às escritas manuscritas das mulheres negras e quilombolas não ocorre apenas em diários íntimos. Suas lembranças, dúvidas, pensamentos e rotinas foram registrados em uma variedade de suportes de escrita: folhas pautadas avulsas; folhas sulfites avulsas; pedaços de papel (extrato bancário; recortes de folhas reutilizadas, etc); folha de calendário; agendas comerciais; agendas pessoais; cadernos brochura pequenos; cadernos espiralados grandes e pequenos; papéis de carta, cartões postais. Estes suportes expõem também o tempo em que foram comercializados, visto que as apropriações destes usos sofrem alterações ao longo da história.

As práticas de escrita ordinárias e a produção de escritas de si por muito tempo foram associadas como uma produção exclusiva das camadas economicamente abastadas, por disporem de condições materiais, conhecimentos e tempo livre, enquanto as camadas populares foram mais tardiamente alfabetizadas e com mais dificuldade poderiam dispor de

tempo e de bens materiais. As pesquisas da história cultural permitem ver que há especificidades no modo como os sujeitos produzem suas vidas, buscando muitas vezes superar os limites da condição econômica e política onde está inserido. Assim, destarte o desigual processo de acesso à escolarização para as camadas populares em nosso país (FERRARO, 2002) e especialmente as dificuldades de acesso à escola para a população negra e quilombola, busquei proporcionar nesta dissertação o encontro com a produção destas camadas sociais, especialmente das mulheres. Compreender como diferentes grupos sociais, culturais e econômicos acessam e utilizam a tecnologia da escrita pode ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento das sociedades (CASTILLO GÓMEZ, 2003a), e a compreensão de nós mesmos.

O *boom* de biografias publicadas e livros pautados nas trocas de correspondências de artistas e pessoas célebres vem atestando que há um saber nas práticas de escrita realizadas no cotidiano. Mas a grande riqueza desta dissertação é demonstrar que, apesar da escassez de pesquisas acadêmicas sobre a produção escrita das mulheres negras e quilombolas, existe uma regularidade em sua produção, constituindo um saber que não se expressa somente de forma oralizada, mas que pode expressar-se também pelas suas próprias materialidades, cores e formas de escrita. Podem essas práticas e seus sujeitos, portanto, ocupar um lugar de autoria e ressignificar os espaços onde estão as memórias de mulheres quilombolas e as vozes da população negra. Garantir a alfabetização é o primeiro passo para que esta importante prática seja exercida pelas mulheres para a reflexão sobre si e a oportunidade de produção de narrativas próprias.

No processo de busca das mulheres negras e quilombolas que aceitassem participar desta pesquisa, busquei desenvolver com elas um relacionamento similar ao que Alessandro Portelli (2016) descreve acerca do trabalho com história oral, qual seja, aquele de uma troca dialógica, a troca de olhares em diversas direções.

Acredito que minha atitude como pesquisadora teve um papel fundamental na confiança e entrega de artefatos com escritas ao longo dos meses. Foi preciso também aceitar que as respostas das mulheres não necessariamente coincidiram com o meu interesse e com os temas que elas, como narradoras/escreventes, desejaram mostrar e tornar público. Coloquei-me, então, disponível a ouvir, a olhar, a recepcionar o que elas desejavam confiar, e assim pude acolher uma diversidade de gêneros textuais e de suportes de escrita. “Por onde iniciar a análise?” foi uma questão que me fiz muitas vezes. Receava decepcionar, fazer perguntas impróprias e mesmo não enxergar as pessoas. Por isso, um dos meus nortes foi o ensinamento de Thomson (1997, p. 74-75): pensar em primeiro lugar na pessoa.

Apesar de não ter gravado em áudio ou vídeo nenhum dos meus encontros com as mulheres, acredito que o tom de voz, a forma de aproximação, a escolha das perguntas, tenham afetado a “troca de olhares” com cada uma, o que culminou no seu aceite à participação nesta pesquisa ou na sua recusa. A persistência da pesquisa constatou como as práticas de escrita ordinárias permitem o exercício de uma produção de si, que acontece não apenas para as camadas da burguesia ou os grupos sociais de maior escolarização. Por diferentes motivos, embora algumas pertencendo a distintas gerações, as mulheres participantes da pesquisa buscaram a “construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro” (RAGO, 2013, p. 53).

À medida que analisava a empiria, com o desafio de refletir sobre o espaço das práticas de escrita ordinárias e das escritas de si enquanto produção de registros auxiliares à memória, outra questão recorrente que me fazia era: “por que as mulheres conservaram estas materialidades e não outras?” Para Ribeiro (1998, p. 36), guardar a melhor recordação para si é a ferramenta mais direta de preservar-se. Isso autoriza afirmar, então, que os registros conservados são aqueles que as escreventes consideram como “a melhor recordação” de suas existências? Os artefatos que produziram e escolheram guardar para preservar-se, para usar a expressão de Ribeiro (1998), poderiam ser outros, mas talvez fossem pautados também na experiência cotidiana, que é, ao mesmo tempo “extraordinariamente presente e evanescente” (RIBEIRO, 1998, p. 40). Neste sentido, as práticas de escrita ordinárias apresentam-se como importantes ferramentas para a reflexão e o registro sobre a própria vida.

Um dos meus objetivos com esta pesquisa foi atenuar a invisibilidade das práticas de escrita ordinárias, espaço onde os sujeitos podem exercer uma produção sobre suas vidas. Em especial, atenuar a invisibilidade da produção feminina, que só no século XX teve reconhecida a sua intelectualidade e potência de criação. E ressaltar a produção das mulheres negras e quilombolas, os temas que as acompanham e lhes pareceu necessário ou interessante registrar. Segundo Saturnino (2005, p. 116), “quando lembramos, estamos definitivamente acrescentando novos entendimentos ao nosso ser”. Ao registrarem suas leituras, pensamentos, preces, sonhos, poemas, relatos de viagens, relatos de atividades do dia, planos para o futuro, narrativas da comunidade, músicas, receitas, entre outros, as mulheres produzem a possibilidade de recordar amanhã. Embora exista um jogo da memória, em que lembrar e esquecer não é de domínio individual (SATURNINO, 2005, p. 115), destaca-se a intenção de produzir um território para si, para lembrar e reinventar sua história. Por isso, narrar-se é também invenção, ficcionalização.

É possível, por fim, afirmar que suas práticas de escrita são também desejos: de escuta, de constrição sobre si mesmas, agradecimentos, preces. Espaços que configuram, de certa forma, uma narrativa de si, da história do grupo social e de seus usos sobre a memória no tempo cotidiano. Ou quem sabe, o espaço onde buscaram coragem para continuar, frente aos desafios da vida ordinária. Após tantos momentos aqui partilhados, lanço ao leitor uma pergunta de Fênix, registrada em um de seus cadernos:

“Quem é que vive hoje no seu coração?” (Fênix, Caderno 5, 17/09/2017)

No meu, existe agora um lugar especial para Kina, Marilene, Maria, Fênix e Maria Emília, que me ensinaram em tantos momentos nos últimos anos: na escuta, na acolhida, na confiança, na paciência, na disponibilidade, na generosidade... e quando eu pensei haver recebido tudo o que era possível, me ensinaram através de seus manuscritos. Palavras que muitas vezes ecoaram dentro de mim, como anunciaram Marilene e Maria em nossos primeiros encontros. Meu eterno, muito obrigada. Desejo que Aquele em quem confiam sua fé, sempre as proteja.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História, São Paulo, 14: 125-136, 1995.

ANTUNES, Arnaldo. Pensamento [poema]. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/91721/> - Acesso em 21/09/2019.

ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: _____. O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. (Auto)biografias, narrativas digitais, história e memória. In: MIGNOT, A. (et all). Atos de Biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes. Curitiba: CRV, 2018.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In. ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Orgs.). História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes [vol. 3]. Tradução Hildegard Feist - São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/chartier-r-org-hisc3b3ria-da-vida-privada-3-da-renascenc3a7a-ao-sc3a9culo-das-luzes.pdf> - Acesso em 12/09/2018.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos. Volume 11, n. 21 (1998) Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061> - Acesso em 05/06/2018.

BARROS, Manoel de. A infância. [poema] Disponível em <https://manualdebarros.blogspot.com/2010/08/prefacio-de-segunda-infancia.html> - Acesso em 10/12/2019.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. (PDF) *História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade*. Maringá, v. 34, n. 2, p. 157-168, July-Dec., 2012. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/269566111_Historia_da_Educacao_no_Brasil_a_escola_publica_no_processo_de_democratizacao_da_sociedade - Acesso em 30/09/2018.

BLÁS, Veronica Sierra. “As Cartas e a Escola” los manuales epistolares para niños en la España del siglo XX. In: Revista História da Educação. Pelotas, vol. 8, nº 16, setembro 2004. p. 59-77.

BOLÍVAR, António. Prefácio. In: MIGNOT, A. (et all). Atos de Biogr@far: narrativas digitais, história, literatura e artes. Curitiba: CRV, 2018.

BRASIL. Lei Federal nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm - Acesso em 20/12/2019.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio de 1985. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/1980-1987/emendaconstitucional-25-15-maio-1985-364956-publicacaooriginal-1-pl.html> - Acesso em 20/12/2019.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm - Acesso em 20/12/2019.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, n. 21, 1998. p. 43-58.

CARDON, Dominique; FABRE, Daniel. Par écrit. Ehninologie des écritures quotidiennes. Disponível em https://www.persee.fr/doc/reso_07517971_1997_num_15_84_3102 - Acesso em 01/11/2019.

CASTILLO GÓMEZ, António. Al otro lado del espejo. Resenha. Boletín de la Unidad de Estudios Biográficos, nº 5, Universitat de Barcelona, 2001. Disponível em <http://revistes.ub.edu/index.php/bueb/article/view/28089/28888> - Acesso em 27/12/2019

CASTILLO GÓMEZ, António. Das mãos ao arquivo. A propósito das escritas das pessoas comuns. Florianópolis: PerCursos, v.4, nº1, julho de 2003. p 223 – 250. (2003a)

CASTILLO GÓMEZ, António. Los manuales epistolares: entre el uso y la representación. In: BLAS, Veronica Sierra. Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945). Gijón (Asturias): Trea, 2003. p. 13 - 25. (2003b)

CASTILLO GÓMEZ, Antonio Castillo. Historia da cultura escrita. Ideas para el debate. Revista Brasileira de História da Educação, nº 5, jan./jun. 2003. p. 93 a 124. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38710/20239> - Acesso em 01/04/2019 (2003c).

CASTILLO GÓMEZ, António. Hojas embetumadas y libros em papel: escritura y memoria personal em la España moderna. Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 10, nº 22, p. 37-65, julho-dez 2004.

CASTILLO GÓMEZ, António Castillo. Entre la pluma y la pared. Una historia social de la escritura em los Siglos de Oro. Madrid: Ediciones Akal, 2006.

CASTILLO GÓMEZ, António. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. Educação. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan-abr 2012.

CASTILLO GÓMEZ, António. Tras la huella escrita de la gente común. IN: _____ (org.) Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española. Sendoa, 2018. [1ª edição março de 2001].

CASTILLO GÓMEZ, António; SAÉZ SANCHEZ, Carlos. Paleografia e historia de la cultura escrita: del signo ao escrito. IN: RIESCO, Ángel (ed.). Introducción a la Paleografía y la Diplomática general. Madrid: Síntesis, 1999. p. 21-31. Disponível em <https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/6784/Paleografia%20Historia.pdf?sequence=1&isAllowed=y> – Acesso em 02/11/2019.

CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre. A leitura: Uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, R. (org.). Práticas da leitura. Introdução à edição brasileira Alcir Pécora. São Paulo: Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Orgs.). História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes [vol. 3]. Tradução Hildegard Feist – São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/chartier-r-orghistc3b3ria-da-vida-privada-3-da-renascenc3a7a-ao-sc3a9culo-das-luzes.pdf> - Acesso em 12/09/2018.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

CÍCERO, Antônio. Guardar [poema]. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/NzYzMDIz/> - Acesso em 30/05/2018.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle (org.). História da vida privada, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CORREA, Denise Waskow. Mulheres e Letras: Práticas de Cultura Escrita na Revista Atenéia (Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 1949-1972). Dissertação [Mestrado em Educação]. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2019. [Orientadora: Profª Dra. Maria Stephanou]

CRUZ, Vanessa de; SIERRA, Verónica. A invenção do cotidiano: reflexiones sobre las escrituras personales en Brasil. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas (13), Abril 2003. P. 141-143. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30538/pdf> - Acesso em 01/05/2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Nas margens do instituído: memória/educação. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (5): 39-46, abr. 99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29994/pdf> - Acesso em 19/12/2018.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C.; CUNHA; M.C., BASTOS, M.H. C. (orgs.) Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. P 159 – 180.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, Escritas do Outro. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 3, n.1, 2007, p. 45 - 62. Disponível em <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455> - Acesso em 22/08/2018.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. p. 251 - 279.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Copiar para homenagear, Guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História e memórias da educação no Brasil – volume III - século XX. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 347 - 362.

DAUBERMANN, Naíra Corrêa. Diário de pesquisa, 2018- 2020.

DAVIS, Natalie Zemon. As mulheres por cima. In: DAVIS, N. Z. Culturas do Povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 23, 2007. p. 100 a 122. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07> - Acesso em 01/10/2019.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a Memória é de Quem? Histórias orais e Modos de Lembrar e Contar. Revista História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (8), setembro/2000. p. 141 – 174.

FABRE, Daniel. Introducción (ao libro Escrituras ordinárias). Revista de Investigación Educativa 6 enero-junio 2008 | ISSN 1870-5308. Traducción de Eréndira Espinosa García.

FARGE, Arlette. Lugares para a História. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

FERRARO, Alceu. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? Educ. Soc. , Campinas, vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e alfabetização no Brasil: tendência secular e questões metodológicas. 2005.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, Roger (org.). História da vida privada - vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. Tradução: Hildegard Feist - São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Documento eletrônico já referido.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si (1983). In: _____. O que é um autor? Lisboa: Veja, Passagens, 1992. p. 129-160.

GODOY, Solange Sampaio. O Avô do tempo: diário de um metereologista 1900-1940. Dissertação [Mestrado em História Social da Cultura] Rio de Janeiro/RJ: PUC-Rio, 2005. [Orientador: Prof. Dr. Ilmar Rohloff de Mattos]

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOODY, Jack. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Lisboa: Edições 70, 1986.

GRASSI, Pamela Cervelin. “Quando nos despedimos, já estava com saudades dele”: amor romântico e casamento nos recônditos femininos (1942-1972, Caxias do Sul/RS). Dissertação [Mestrado em História]. Florianópolis/SC: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2016. [Orientadora: Profª Dra. Maria Teresa Santos Cunha].

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias. A escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 29 – 58.

HUNT, Lynn. Apresentação. In: HUNT, Lynn (org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Tradução Jefferson Luiz Camargo. (Coleção O Homem e a História). 1ª edição fevereiro 1992.

INCRA. Quilombolas. Disponível em <http://www.incra.gov.br/pt/quilombolas.html> - Acesso em 03/10/2019.

JESUS, Nara Regina Dubois de. Clubes negros em Porto Alegre – RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial. Dissertação [Mestrado em Sociologia]. Porto Alegre/RS: UFRGS, 2005. [Orientador: Prof Dr. José Carlos Gomes dos Anjos]

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, A. C.; CUNHA; M.C., BASTOS, M.H. C. (orgs.) Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p 81 - 107.

LACERDA, Lilian de. Álbum de leitura: Memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, n. 19, 1997. p. 1-8.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil (org.) Contexto: São Paulo: 2004.

FÊNIX. Caderno 3, 2000.

FÊNIX. Caderno 1, 2003.

FÊNIX. Agenda escolar, 2008.

FÊNIX. Caderno 4, 2008.

FÊNIX. Caderno Atrevida, 2011.

FÊNIX. Caderno 7, 2011.

FÊNIX. Agenda capa preta, 2012.

FÊNIX. Agenda do Educador, 2015.

FÊNIX, Agenda Presentes Diários Momentos Devocionais, 2015.

FÊNIX. Caderno 6, 2015.

FÊNIX. Caderno 5, 2017.

FÊNIX. Caderno 2, 2018.

MARIA. Caderno de músicas, 1972.

MARIA. Agenda 2015.

MARIA. Agenda 2017.

MARIA EMILIA. Caderno de Questionário, 1985.

MARIA EMILIA. Caderno de receitas 2, s/d.

MARILENE. Caderno Vida I, 1993.

MARILENE. Caderno Vida II, 1993.

MARILENE. Caderno Vida III, 1993.

MARILENE. Caderno IV, 1993-1994.

MARILENE. Caderno V, 1994.

MARILENE. Caderno VI. 1996-1999.

MARQUES, Olavo Ramalho. Entre a avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social]. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6158/000525962.pdf?sequence=1&isAlloved=y> - Acesso em 29/12/2019.

MARTINS, Ana Luiza. *Aí vai meu coração: as cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins*. Rio de Janeiro: Global Editora, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Do navegar e de navegantes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. P. 181-189.

NUNES, Mônica; WANDERER, Fernanda. Escola e as relações étnico-raciais: uma análise sobre enunciações de alunos. *Perspectiva: Florianópolis*, v. 37, n. 1, jan-mar 2019, p. 275-295.

OLIVEIRA, Heron Lisboa de. *Comunidades Remanescentes de Quilombos de Arvinha e Mormaça – processos educativos na manutenção e recuperação do território*. Tese [Doutorado]. São Leopoldo/RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014. [Orientadora: Profa Dra. Edla Eggert].

OLIVEIRA, Tory. Escritores negros buscam espaço em mercado dominado por brancos. *Temática e autores ganharam representatividade em eventos e feiras, mas ainda estão distantes das grandes livrarias*. Revista Carta Capital, publicado online em 03/12/2017. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/escritores-negros-buscam-espaco-em->

[mercado-dominado-por-brancos](#) - Acesso em 30/05/2018.

PERES, Eliane Terezinha. “Tempos de Luz”: Os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915). Dissertação no PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre, 1995. [Orientação da Profa Dra. Guacira Lopes Louro]

PERROT, Michelle. [Comentários iniciais ao capítulo Bastidores]. In: _____ (org.). História da vida privada, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 413-417.

PERROT, Michelle. [Entrevista] por ARAÚJO, Hermetes Reis de. In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História. PUC-SP, n. 10, dezembro/1993. p. 125-138. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12109/8771> - Acesso em 08/10/2018.

PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, M. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

PETRUCCI, Armando. Alfabetismo, escritura, sociedad. Espanha: Gedisa Editorial, 1999.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letras e Voz, 2016.

PRIKLADNICKI, Fábio. [Reportagem] Pesquisa revela perfil dos escritores e personagens da literatura brasileira contemporânea - Estudo da Universidade de Brasília mostra que a maioria dos autores são homens e brancos, que moram no Rio de Janeiro e em São Paulo. Publicada em 24/02/2014. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2013/02/pesquisa-revela-perfildos-escritores-e-personagens-da-literatura-brasileira-contemporanea-4054469.html> - acesso em 03/06/2018.

PRIKLADNICKI, Fábio. [Reportagem] Autora de pesquisa afirma que literatura é elitista. Regina Dalcastagnè fala sobre o perfil dos autores brasileiros. Publicada em 24/02/2013. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/02/autora-de-pesquisaafirma-que-literatura-e-elitista-4054476.html> - Acesso em 10/10/2019.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Querido diário: Agenda é mais moderno. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p 191-201.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Orgs.). História da vida privada. Da Renascença ao Século das Luzes [vol. 3]. Tradução: Hildegard Feist - São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Documento eletrônico já referido.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... . Rio de Janeiro: Revista Estudos históricos, n. 21, 1998. p. 35-42.

RICOEUR, Paul. A história, a memória, o esquecimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROBLEDO, José Ignacio Monteagudo. Escritura popular y etnografía. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (ed.) *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Sendoa, Gráficas Lizarra S.L., [1ª edição: março de 2001]. p. 207-236.

ROCHA, Lilian Rose Marques da [et. al.] (org.). *Sopapo Poético: Pretessência*. Porto Alegre: Libretos, 2016.

ROSA, Chaiane de Medeiros; LOPES, Nataliza, F.M.; CARBELLO, Sandra R.C. Expansão, Democratização e a qualidade da Educação Básica no Brasil. *Poiésis Pedagógica*. Catalão/GO, n.1, 162-179, jan/jun. 2015. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/viewFile/35982/18642> - Acesso em 30/09/2018.

SANTOS, José Carlos dos. A alegria de compartilhar. In: *Presente Diário. Momentos 2015 Devocionais*. São Paulo, 2015.

SATURNINO, Edison Luiz. *Imagem, Memória e Educação: um estudo sobre modos de ver e lembrar*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Educação. UFRGS: Porto Alegre, 2005.

SIERRA BLAS, Veronica. “As Cartas e a Escola”: los manuales epistolares para niños en la España del siglo XX. In: *Revista História da Educação*. Pelotas, vol. 8, nº 16, setembro 2004. p. 59-77.

SILVA, Janice Theodoro da. Memória e esquecimento. *Revista de Divulgação Cultural*, Blumenau, vol. 13, n. 44, p 63-69. Julho-agosto 1990.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: INEP/MEC, 2003. Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/educacao_acoes_afirmativas.pdf - Acesso em 25/04/2019.

SOUZA, Mariana Venafre Pereira de. *Lá, na última página do caderno... Práticas de letramento “não autorizadas”*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. [Monografia do curso de Licenciatura em Pedagogia].

SOUZA, Marta Lima de. *Práticas de letramento escrita de jovens e adultos fora da escola*. S/D. Disponível em: <https://docplayer.com.br/23430802-Praticas-de-letramento-escrita-de-jovens-e-adultosfora-da-escola.html> – Acesso em 17/12/2019

STEPHANOU, Maria. Labirintos de existências narradas: memórias familiares escritas em álbuns de bebê. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; GALLEGO, Rita de Cássia (orgs.). *Espaços, tempos e gerações. Perspectivas (auto) biográficas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 35 – 56.

TECCHIO, Caroline. *Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado (1924-1925)*. Dissertação [Mestrado em História]. Pelotas/RS: Universidade Federal de Pelotas, 2012. [Orientadora: Profa Dra. Márcia Janete Espig]

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória. Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. Proj. História (15), São Paulo, abril 1997.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Memória, patrimonio y educacion*. Revista História da Educação - RHE Porto Alegre v. 15 n. 34 Jan./abr. 2011 p. 31-62.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Las autobiografías, memorias y diarios como fuente históricoeducativa: tipología y uso*. Sarmiento. Nº 3, 1999. ISSN: 1138 – 5863. p. 223-253.

WALTY, Ivete Lara Camargo; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

APÊNDICE A – Quadro-resumo dos manuscritos cedidos à pesquisadora

QUADRO 16 – MANUSCRITOS ANALISADOS

Escrevente	Suporte	Título	Número de folhas
Maria Joaquina (poema)	Folhas sem pauta	Ser e crescer	01
Maria Joaquina (prosa poética)		A pedra e o mar	01
Maria Joaquina (prosa)		Fundamentos da encarnação; finalidades	01
Maria Joaquina (prosa)		Sobre o que está baseado o dogma da Reencarnação	01
Maria Joaquina (Acróstico)		Liberdade	01
Maria Joaquina (poema)		Dúvidas	01
Maria Joaquina (prosa)		Sobre o que está baseado o dogma da reencarnação?; Orai e vigiai; Provas da reencarnação	03
Maria Joaquina (prosa)	Folhas pautadas (agenda 2015)	Chato de galochas	01
		Salvo pelo gongo	01
		Jurar de pés juntos	01
		Bicho de 7 cabeças	01
Maria Joaquina (prosa)	Folhas sulfite A4 (sem pauta) reutilizadas	Culinária	01
		[sem informação]	01
		Crendices	01
		Simpatias	01
		Escalda pé	01
		Crendices	01
		Para doença dos olhos	01
Maria Joaquina (prosa)	Folha sulfite A4 (sem pauta) em que fez uso de um só lado.	Vocabulário muito usado na Costa da Lagoa, pelos antepassados	02
		<u>BRASIL</u>	04

Maria Joaquina (prosa)	Folhas sulfite A4 (sem pauta) reutilizadas	<u>O escuro do futuro</u>	07
		Medo, disciplina, União – amor e liberdade	02
		Conto	03
		Brincadeira de Criança	02
		Logo que saiu a lei que permite os velhos a viajar de graça	01
		<u>O som e o silêncio</u>	06
Maria Joaquina (prosa)	Folhas sulfite A4 (sem pauta) reutilizadas	Quem eu sou?	16
Maria Joaquina (prosa)	Folhas sulfite A4 (sem pauta) reutilizadas	Realização de um sonho	21
Marilene (prosa)	Folha de calendário de bloco de mesa, de tamanho duplo ofício (1980)	[sem informação]	
	Cartas e cartões (1980-1993)	[sem informação]	14 correspondências
	Caderno brochura pequeno (1992- 1999)	Vida I	40
		Vida II	30
		Vida III	38
		[não se aplica]	40
		[não se aplica]	38
	Caderno espiral pequeno	[não se aplica]	80
Agenda (1992)	[não se aplica]	[não se aplica]	
Maria (prosa)	Agenda (2015)	[não se aplica]	[não se aplica]
	Agenda (2017)	[não se aplica]	[não se aplica]
	Caderno de músicas (1972)	[sem informações]	90
Fênix (prosa e poesias)	Agenda escolar 2008	[não se aplica]	117 (mais 9 folhas anexas)
	Agenda com capa preta, 2012	[não se aplica]	60 mais 4 folhas com mapas de todo o mundo.

	Agenda do Educador 2015 – AECBB	[não se aplica]	50
	Agenda 2015 – Presentes Diários – Momentos Devocionais	[não se aplica]	189 (cento e oitenta e nove)
	Caderno Atrevida	[não se aplica]	8 (mais 14 folhas anexas)
	Caderno grande 1 – capa com sol e o nome “Jesus...”	[não se aplica]	62
	Caderno grande 2 – capa com mesa de DJ	[não se aplica]	42
	Caderno grande 3 – capa menina segurando flores	[não se aplica]	43 (mais 14 folhas anexas)
	Caderno grande 4 – sem capa	[não se aplica]	96
	Caderno grande 5 – com moto na capa	[não se aplica]	78 (mais 22 folhas anexas)
	Caderno grande 6 – capa vermelha	[não se aplica]	76
	Caderno grande 7 – capa Style Sports	[não se aplica]	86
Maria Emília (prosa e poesias)	Caderno espiral (grande)	Caderno de questionário (1985)	68
Maria Emília (prosa)	Caderno espiral (grande)	Receitas	22
	Caderno espiral (grande)	Receitas	83 (mais vinte pedaços de papel anexas)
	Caderno espiral (pequeno)	Receitas	29 (mais folhas anexas)

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCACAO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pós-informado)

Após tomar conhecimento dos objetivos e aplicação dos resultados da pesquisa intitulada *Práticas de escrita ordinárias de mulheres negras: memórias e narrativas de si*, cujos responsáveis são Naíra Corrêa Daubermann, aluna de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação da Profa. Dra. Maria Stephanou, eu

_____,
 AUTORIZO a utilização dos depoimentos que concedi durante a realização da pesquisa com a finalidade de produção acadêmica/ científica e artística.

Afirmo aqui que fui consultada quanto ao uso do meu próprio nome ou do anonimato e opto que seja utilizado _____. Meu consentimento é baseado na garantia de que meu nome será preservado, se esta for a minha vontade, e no fato de que a pesquisa não oferece riscos ou prejuízo à minha pessoa. Assim, concordo que: a) fui bem informada sobre os objetivos da pesquisa; b) não receberei qualquer tipo de pagamento nem terei gastos devido à participação na pesquisa; c) os resultados da pesquisa serão divulgados para mim e outros entrevistados; d) os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em livros, artigos científicos, exposições, filmes, seminários, congressos, palestras, workshops, entre outros; e) fui bem informada que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer ônus pessoal.

Assinatura da entrevistada: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

_____, ____ de _____ de _____.

Termo de autorização de uso de imagem

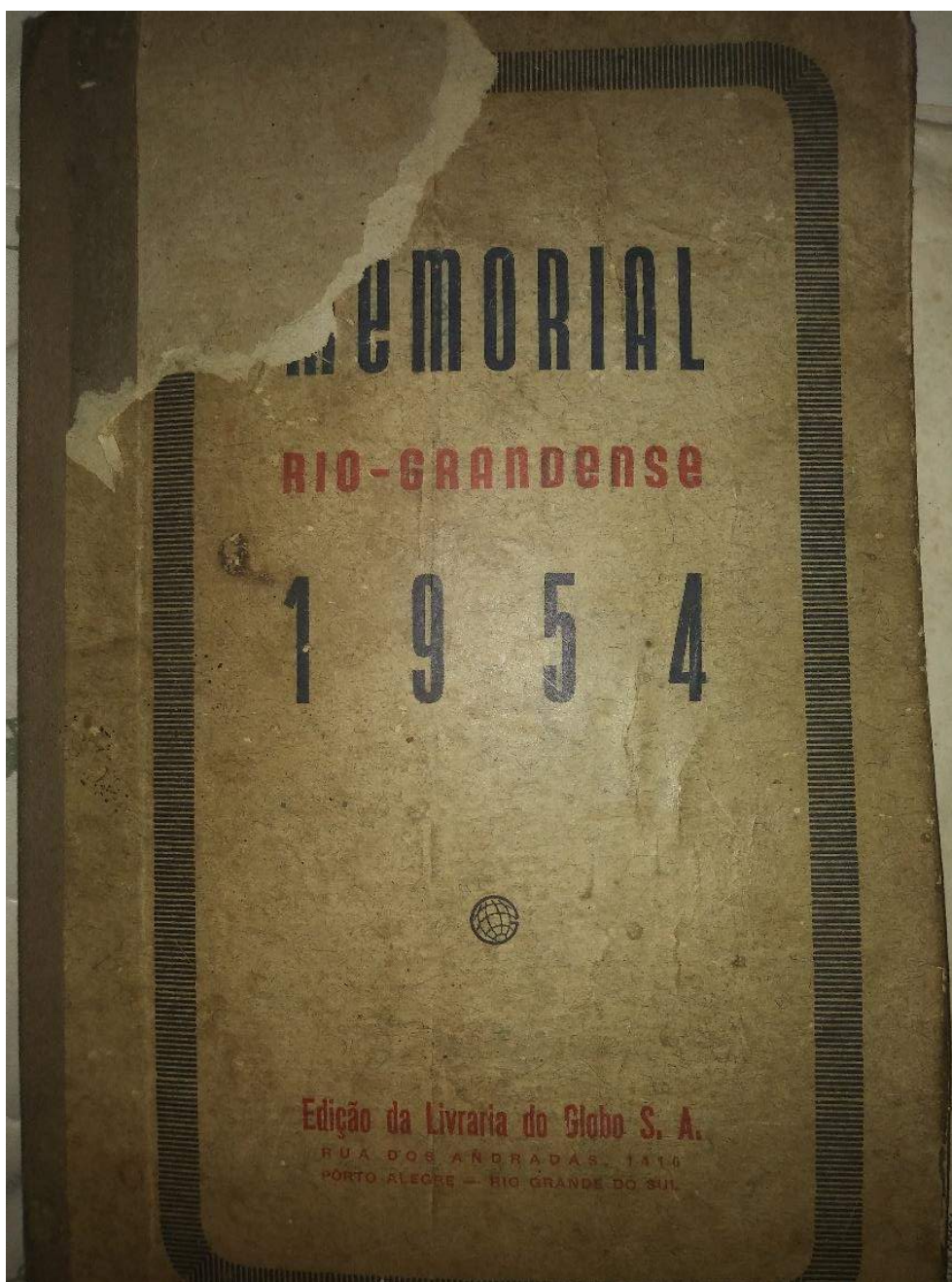
Eu, _____,
 portadora do documento de identidade nº _____, AUTORIZO que a pesquisadora Naíra Corrêa Daubermann, responsável pela pesquisa *Práticas de escrita ordinárias de mulheres negras: memórias e narrativas de si*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, utilize em caráter não exclusivo, sem ônus e sem limitação de tempo, minhas imagens, bem como os registros de minhas práticas de escrita, fornecidas e captadas no processo da pesquisa, com a finalidade de produção acadêmica/científica e artística, que pode gerar livros, artigos científicos, exposições fotográficas e filmes com circulação regional, nacional ou internacional, bem como para sua difusão audiovisual de qualquer natureza, em quaisquer suportes e mídias, em seminários, congressos, palestras, workshops e eventos em instituições de ensino e culturais. Fui informada de que minhas imagens não serão utilizadas, em nenhuma hipótese, contra minha pessoa ou para uso comercial ou qualquer outra utilização não autorizada.

Assinatura: _____

_____, ____ de _____ de _____.

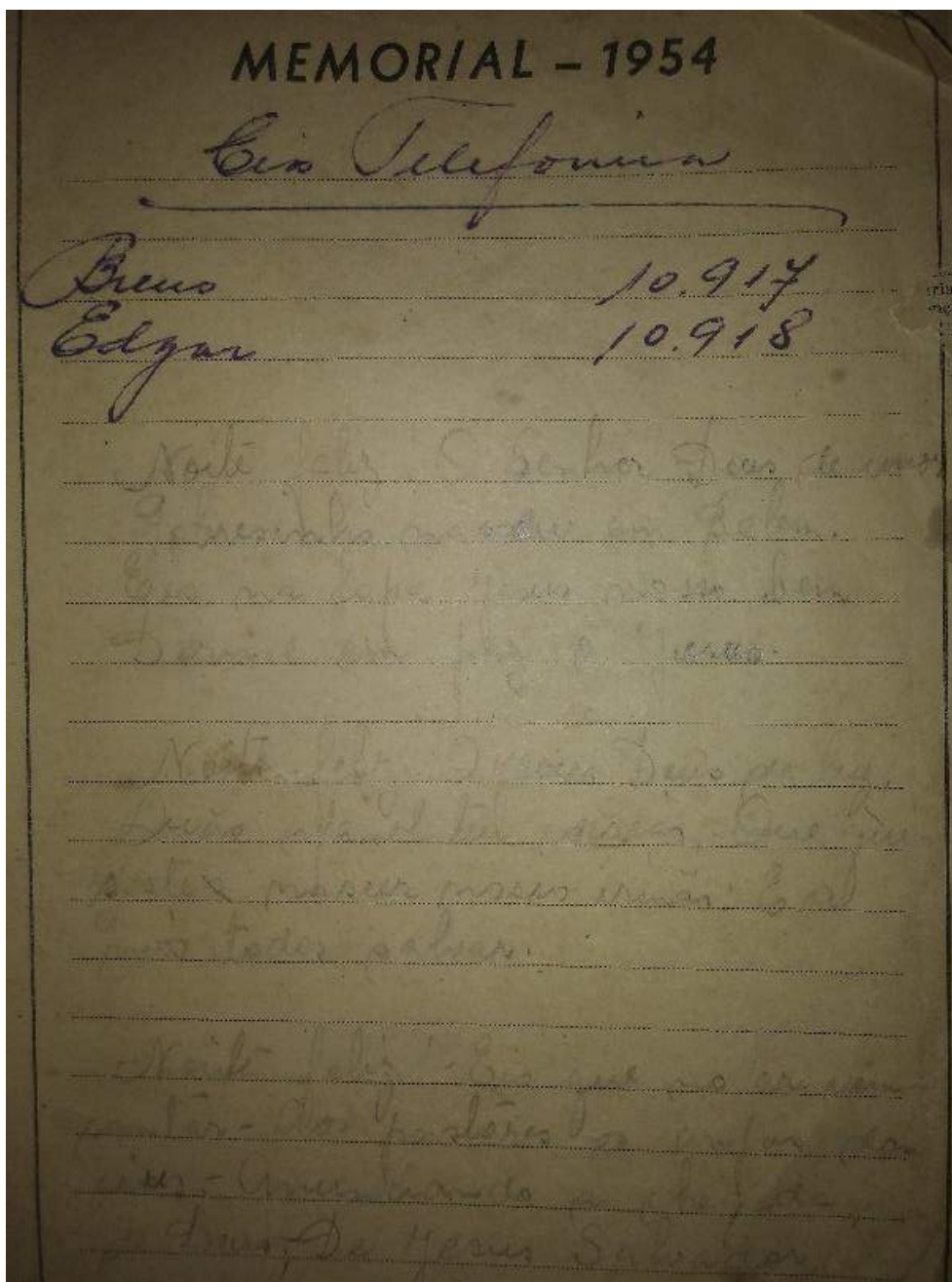
ANEXO B - Registros que não compuseram a empiria

Figura 121 - Capa da agenda de 1954, da mãe de Última



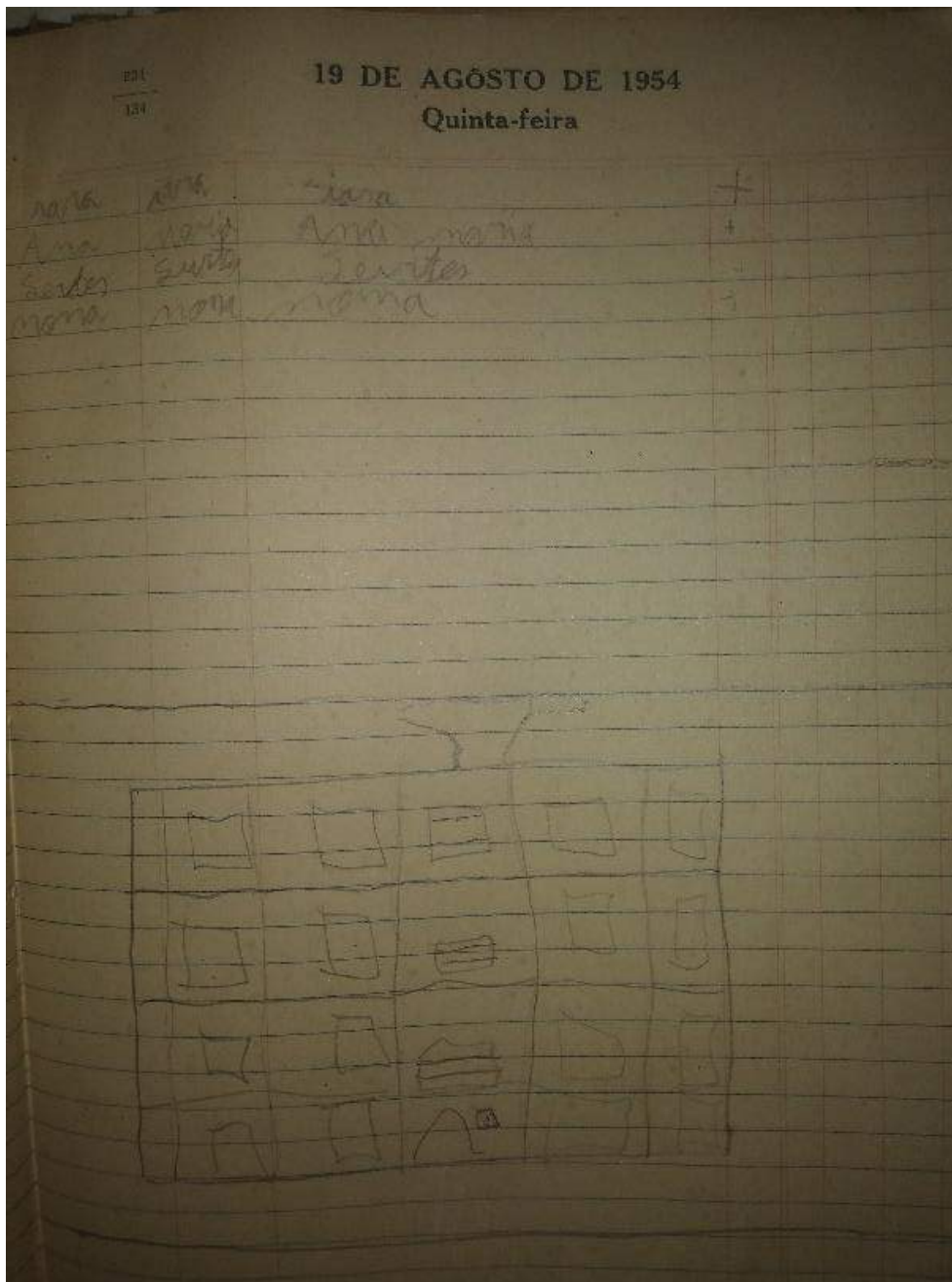
Fotografia da autora

Figura 122 – Anotações no interior da agenda de 1954, da mãe de Úlima



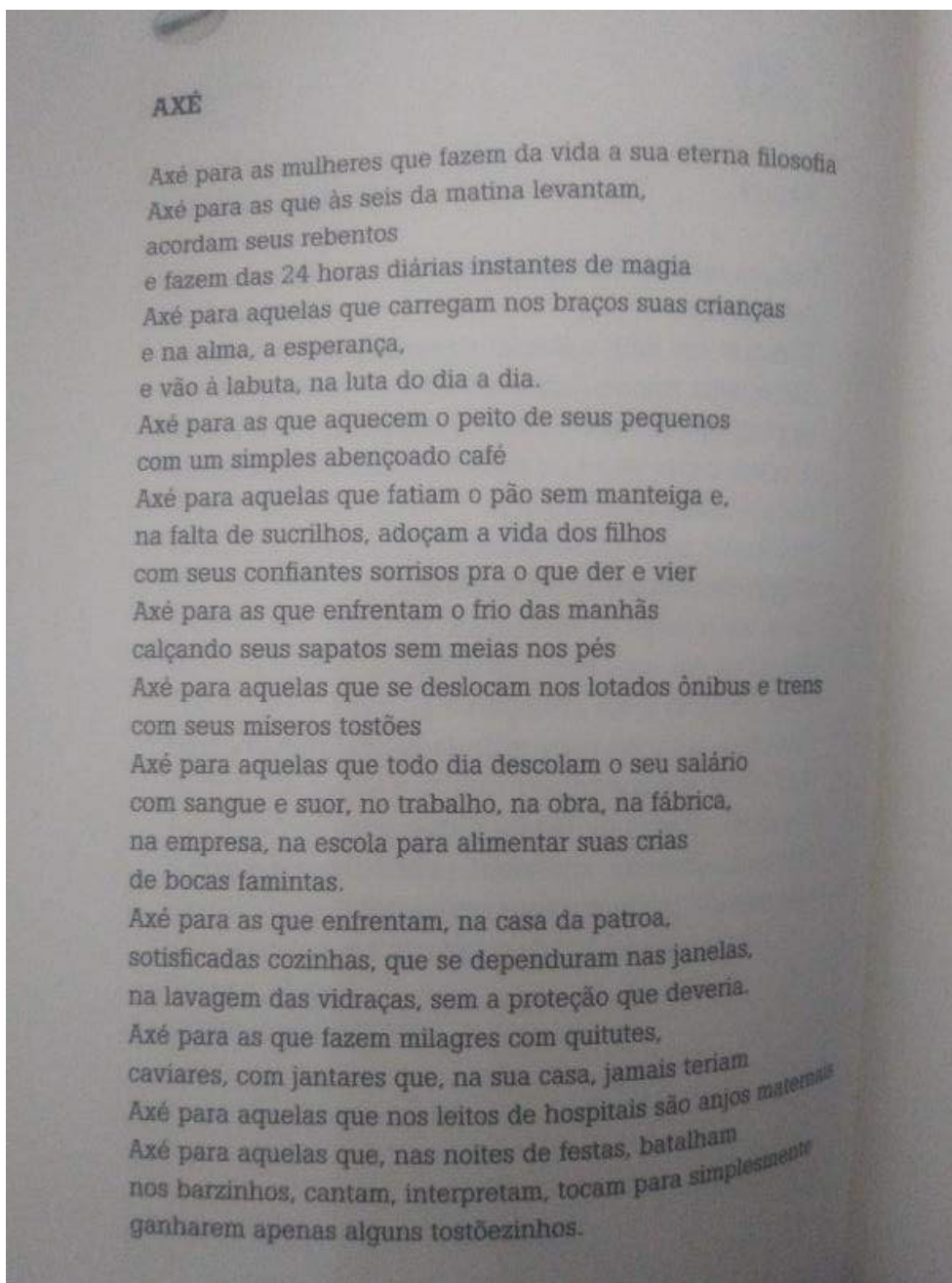
Fotografia da autora

Figura 123 – Outros registros na Agenda de 1954 que pertenceu à mãe de Última



Fotografia da autora

Figura 125 – Excertos da poesia “Axé”, de autora de Carolina (pseudônimo), publicada em Rocha (2016, p. 30)



Fotografia da autora